

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA - PRÓ-REITORIA DE  
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
DOUTORADO EM GEOGRAFIA**

**CLEUSI TERESINHA BOBATO STADLER**

**SEMENTES CRIOULAS “UM SOPRO DE VIDA”: SEMEANDO  
TERRITÓRIOS DA AGROBIODIVERSIDADE, PARTILHANDO SABERES,  
NARRANDO HISTÓRIAS, EM TRÊS COMUNIDADES RURAIS TRADICIONAIS  
DO PARANÁ**

**PONTA GROSSA**

**2022**

**CLEUSI TERESINHA BOBATO STADLER**

**SEMENTES CRIOULAS “UM SOPRO DE VIDA”: SEMEANDO  
TERRITÓRIOS DA AGROBIODIVERSIDADE, PARTILHANDO SABERES,  
NARRANDO HISTÓRIAS, EM TRÊS COMUNIDADES RURAIS TRADICIONAIS  
DO PARANÁ**

Tese apresentada ao Setor de Ciências Exatas e Naturais,  
Departamento de Geociências, Programa de Pós  
Graduação em Geografia, Curso de Doutorado em  
Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Nicolas Floriani

Co-Orientador: Prof. Dr. Antonio Marcio Haliski

**Ponta Grossa**

**2022**

S777 Stadler, Cleusi T. Bobato  
Sementes Crioulas "Um Sopro de Vida": semeando territórios da agrobiodiversidade, partilhando saberes, narrando histórias, em três comunidades rurais tradicionais do Paraná / Cleusi T. Bobato Stadler. Ponta Grossa, 2022.  
319 f.

Tese (Doutorado em Geografia - Área de Concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Nicolas Floriani.

Coorientador: Prof. Dr. Antonio Marcio Haliski.

1. Agrobiodiversidade. 2. Guardiões de sementes crioulas. 3. Práticas tradicionais. 4. Território/territorialidades. 5. Memória. I. Floriani, Nicolas. II. Haliski, Antonio Marcio. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Gestão do Território: Sociedade e Natureza. IV.T.

CDD: 910

**TERMO DE APROVAÇÃO**  
**CLEUSI T. BOBATO STADLER**

**SEMENTES CRIOLAS "UM SOPRO DE VIDA" - SEMEANDO TERRITÓRIOS DA  
AGROBIODIVERSIDADE, PARTILHANDO SABERES, NARRANDO HISTÓRIAS, EM  
TRÊS COMUNIDADES RURAIS TRADICIONAIS DO PARANÁ.**

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Doutorado em Geografia Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:



Dr. Nicolas Floriani (Orientador - UEPG)



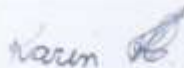
Dr. Nilson Cesar Fraga (UEL)



Dra. Zefa Valdivina Pereira (UFGD)



Dr. Celbo Antonio da Fonseca Rosas (UEPG)



Dra. Karin Linete Hornes (UEPG)

*Aos meus pais Darcy e Delzira Maria, meus exemplos de vida e agricultores de um Faxinal.  
À toda minha família, minha fortaleza.*

*Às Sementes Crioulas e aos meus seres de alma os Guardiões de Sementes.  
Às Comunidades Tradicionais do Paraná.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir aos 54 anos sentir a plenitude e o amor das pessoas que encontrei pelo caminho na escrita desta tese. Sou grata pela terra, sementes, pelo sol, chuva, água, que permite reproduzir as sementes e pela vida me permitir reconstruir memórias e construir conhecimentos todos os dias.

Agradeço às instituições e pessoas que tornaram o meu doutorado possível.

A Universidade Estadual de Ponta Grossa, que considero minha casa, pois ali terminei minha Graduação em História, Especialização e PDE, e agora cursando Graduação em Geografia, EaD, contribuindo para meu crescimento intelectual e como ser humano dentro desta Instituição.

Ao meu orientador Dr. Nicolas Floriani pela orientação e co-Orientador Dr. Antonio Marcio Haliski, que souberam compreender minhas angústias, minha insegurança e com suas palavras de amizade, me levaram ao encontro das leituras necessárias para compreender suas orientações e produzir a escrita desta tese. Com seus conhecimentos e sabedoria técnica vocês realizaram a verdadeira orientação, que é mostrar caminhos, orientar e deixar caminhar os alunos sozinhos em busca do conhecimento e da maturidade. Agradeço a amizade e o exemplo como profissionais, por suas dedicações e comprometimento, por terem confiado e acreditado nessa pesquisa e em mim.

Aos professores do PPGEU/UEPG, técnicos e funcionários pelo esforço para que nós alunos pudéssemos ter um Programa e um ambiente acadêmico de qualidade. A todos os colegas e amigos do PPGEU, do Mestrado ou Doutorado em Geografia, em especial: Carlos Alexandre Rogoski, Lucimara Nabozny, Bruna Santos, Simone, Ricardo, Vanderlei, Renato, Tanize, Fernanda, Telma, Adir Fellipe, Edmar Lucas, Gustavo Bahr, Janaína, Júnior, Marilei, Ingrid, Murilo, pelas trocas de ideias, teorias, conceitos, ou mesmo pelas conversas amigas, saídas a campo e amizades que perduram até hoje.

Ao Grupo de Pesquisa Interconexões e todos os colegas que passaram por este grupo e que me ajudaram muito a compreender a pesquisa, mas especialmente ao Prof. Dr. Nicolas Floriani, pela generosidade, respeito e valorização de meu trabalho como historiadora, pelos trabalhos publicados e em vias de publicação. Pelo compartilhamento de vivências na pesquisa e por ter me proporcionado uma bolsa CNPq no Projeto NEA – Núcleo de Estudos e capacitação sociotécnica de populações tradicionais em Agroecologia nos territórios faxinalenses. Esse projeto foi fundamental para compor parte de minha tese.

Aos amáveis e queridos agricultores, guardiões de plantas, sementes e saberes, que me inspiraram a este estudo, pela coragem, pela luta cotidiana e pela resistência que compartilharam comigo. Agradeço também a acolhida, os pernoites, as prosas, a comida maravilhosa, as mateadas e principalmente o carinho e hospitalidade: Antônio Ostrufk, Aparecida de Fátima Machado Ferreira, Antônio Tibúrcio Maia, Otacília das Chagas, Cacilda Inglês das Chagas Maia, Alcides José Maia, Antônio Pires das Chagas, Maria Tereza Freire Bittencourt, Conceição Vieira Ramos Constant, Claudiomiro Constant, Fermina Rodrigues Costa, Jesuvina Chagas Ferreira, Antônio Silvestre Leite, Maria Janete Ferreira Leite, Paulo Ricardo Leite, Elenita Aparecida Machado de Lima, Arildo Portela Moraes, Delair Portela, Domingas Ferreira da Silva (em memória), Benjamin Marques Vieira, Augusta Marques, Adalberto Ben-Hur, Ena Rosa, Juvenil Rodrigues da Costa, Vanir Rodrigues Santos, Judite Soares, Dilmira Rodrigues, Sandra de Jesus e muitos outros agricultores que gentilmente me cederam sementes crioulas para formar o Banco de Sementes desta pesquisa.

Em especial quero destacar a grande amiga que fiz no Sete Saltos de Baixo, Marli do Rocio Pires das Chagas Ferreira. Sempre me recebeu com muito carinho em sua casa, na sua família. Mulher guerreira, que está sempre na luta pela permanência do faxinal. Nossos corações e almas se cruzaram pela simplicidade e valores.

Agradeço aos professores que participaram da Qualificação da Tese, Prof. Dr. Antonio Marcio Haliski, Prof. Dr. Nilson César Fraga (UEL), Prof. Dra. Elizabeth Yohansen (UEPG), Prof. Dr. Karin Linete Hornes (UEPG), Prof. Dra. Zefa Valdivina Pereira (UFGD).

Agradeço aos professores que participaram da Defesa da Tese, Prof. Dr. Nilson Cesar Fraga (UEL), Prof. Dra. Zefa Valdivina Pereira (UFGD), Prof. Dra. Karin Linete Hornes (UEPG), Prof. Dr. Celbo Antônio da Fonseca Rosas (UEPG), Prof. Dr. Almir Nabozny (UEPG) e Prof. Dr. Antonio Marcio Haliski (IFPR).

Meu agradecimento especial a Renato Kovalki e André Jantara (ASPTA/PR), pelo apoio e colaboração na aquisição de sementes, na minha inclusão como membro do Coletivo Triunfo/PR e RESA/PR, apoio na participação das Feiras Regionais do Paraná e Juti, Mato Grosso do Sul. Agradecendo a Luiza (titi) e Miriane, estendo meu muito obrigado a todas e todos meus amigos que me acompanham no Coletivo Triunfo, turma com esperança e animada, guardiões que nunca desistem da luta e gostam de participar de viagens a Feiras de Sementes.

As amigas Elizabeth Yohansen, Prof. Silvana (IFPR), Maria Janete, que compartilham comigo dos mesmos ideais e sonhos, de conhecimentos e valorização das Comunidades Tradicionais e da natureza. Grandes mulheres as quais me inspiram muito.

Ao Laboratório de História Oral, Cultura e Natureza, Professor Dr. Robson Laverdi e Prof. Dra. Alessandra Carvalho, Prof. Dra. Maralice Maschio e demais professores que me acolheram e me ensinaram essa grande relação entre a História e a Natureza.

Em especial minha filha Tainá que me ajudou com as formatações finais da Tese, ao Professor Altair Fernandes pela revisão ortográfica e do espanhol, a professora Glauciane Opata Camargo pela revisão do inglês.

À minha família que sempre esteve ao meu lado, me perdoem minhas ausências e dedicação excessiva aos estudos e pesquisas, em especial meu esposo, filhos, genros, nora e netos. Também aos meus pais *Darcy e Delzira* que me inspiraram com sua simplicidade e modo de vida faxinalense. A todos meus parentes e amigos (as) que sempre presenciaram minha perseverança e busca pelo conhecimento, obrigada pela força e companheirismo.

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram com minha pesquisa e que não mencionei, peço perdão pela falha da memória, mas deixo o meu agradecimento especial.



***Yryy YDAI (uma SEMENTE)***

*“Que aqueles que semeiam chorando  
façam a colheita com alegria!  
Aqueles que saíram chorando, levando a semente para semear,  
Voltarão cantando, cheios de alegria,  
Trazendo nos braços os feixes da colheita!. ( Sl 126:5-6).*

*"Põe a semente na mão de quem semeia. Põe a semente na mão do semeador.  
Põe a semente na terra e deixa germinar. A semente nasce e cresce.  
Ela vai dar bom fruto e vai saciar".  
ABA(Associação Brasileira de Agroecologia/Rede Sergipana)*

## RESUMO

As comunidades tradicionais sejam elas, faxinalenses, quilombolas, caiçaras, através de seus conhecimentos, suas técnicas produtivas e seu modo de vida, têm sido guardiãs de um dos recursos mais importantes para a alimentação: a agrobiodiversidade. Semear territórios da agrobiodiversidade, partilhar saberes, práticas, é buscar a continuidade da geo-história das comunidades, dos simbolismos, da identidade dos sujeitos, e ações em um mesmo espaço, evidenciando as interfaces entre os conceitos de território/territorialidades e as práticas socioculturais patrimoniais. Justifica-se pesquisar os conhecimentos locais, as práticas dos agricultores com a agrobiodiversidade, pois eles podem nos oferecer importantes chaves para superar a crise ecológica e social causada pela modernização da agricultura, e também pela importância dos sistemas agrícolas tradicionais locais com sementes crioulas, pois estes fornecem grande parte dos conhecimentos e saberes para o desenvolvimento dos sistemas alternativos de produção. Em busca de compreender e analisar as transformações espaciais dos agricultores tradicionais, suas práticas, vivências, saberes, as territorialidades tradicionais são originadas por uma rede de sujeitos, através da agrobiodiversidade, valorização do conhecimento camponês, resistência, confiança, afetividade e rede de sementes. O principal objetivo é analisar as transformações para compreender o modo de vida e socialização em forma de comunidade tradicional, uma análise da trajetória, da manutenção do modo de vida das comunidades tradicionais – faxinalenses, quilombolas, caiçaras - onde os fenômenos, agrobiodiversidade, saberes, práticas, memórias, cultivo das sementes se manifestam em um território como (f)atores capazes de produzir efeitos e combinações que impactam diretamente as relações entre indivíduos, coletivos e territórios. As sementes crioulas são tema de uma ecologia de práticas e saberes, e configuram-se como novos sujeitos de direito por permitir a reprodução das identidades patrimoniais. Através das sementes crioulas, é engendrada uma ecologia de saberes e práticas socioterritoriais, possibilitando às comunidades agenciar suas identidades em redes de sujeitos que buscam construir estratégias de reprodução socioterritoriais alternativas ao desenvolvimento rural. Nesse contexto, a formação de um Banco de Sementes Crioulas e duas Casas de Sementes, representa uma nova estratégia na região dos Campos Gerais e Centro-Sul do Paraná para a revalorização da agrobiodiversidade, pois organizam e conectam esforços para a territorialização desses saberes patrimoniais materializados em variedades de milho, arroz, feijão, abóboras, temperos e árvores nativas. A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa foi a etnográfica, com uma abordagem qualitativa e uso da observação participante, áudio, registro visual (fotografias), e realização de entrevistas livres e semiestruturadas. Os capítulos retratam os saberes e práticas tradicionais dos agricultores como identidade dos territórios, os significados das sementes dos antepassados, as práticas de trabalho dos agricultores que utilizam cultivares crioulas, conservando e melhorando as sementes, a troca de sementes/saberes entre os sujeitos que vivem, criam e transformam a localidade, estabelecendo-se uma rede geográfica de conexões. Uma apresentação das dimensões socioecológicas, socioeconômica, política e cultural da prática social na conservação das sementes crioulas.

**Palavras-chave:** Agrobiodiversidade. Guardiões de Sementes Crioulas. Práticas Tradicionais. Território/Territorialidades. Memória.

## ABSTRACT

Traditional communities, whether from Faxinalenses, Quilombolas, Caiçaras, through their knowledge, their productive techniques and their way of life, have been guardians of one of the most important resources for food: agrobiodiversity. Sowing territories of agrobiodiversity, sharing knowledge, practices, is to seek the continuity of the geo-history of the communities, the symbolisms, the identity of the subjects, and actions in the same space, highlighting the interfaces between the concepts of territory/territorialities and sociocultural practices assets. It is justifiable to research local knowledge, the practices of farmers with agrobiodiversity, as they can offer us important keys to overcome the ecological and social crisis caused by the modernization of agriculture, and also the importance of traditional local agricultural systems with creole seeds, as these provide much of the knowledge and know-how for the development of alternative production systems. Seeking to understand and analyze the spatial transformations of traditional farmers, their practices, experiences, knowledge, traditional territorialities are originated by a network of subjects, through agrobiodiversity, valorization of peasant knowledge, resistance, trust, affection and seed network. The main objective is to analyze the transformations to understand the way of life and socialization in the form of a traditional community, an analysis of the trajectory, of the maintenance of the way of life of the traditional communities - faxinalenses, quilombolas, caiçaras - where the phenomena, agrobiodiversity, knowledge, practices, memories, cultivation of seeds are manifested in a territory as (f)actors capable of producing effects and combinations that directly impact the relationships between individuals, collectives and territories. Creole seeds are the subject of an ecology of practices and knowledge, and are configured as new subjects of law by allowing the reproduction of heritage identities. Through Creole seeds, an ecology of socio-territorial knowledge and practices is engendered, enabling communities to manage their identities in networks of subjects who seek to build socio-territorial reproduction strategies that are alternatives to rural development. In this context, the formation of a Creole Seed Bank and two Seed Houses represents a new strategy in the region of Campos Gerais and Center-South of Paraná for the revaluation of agrobiodiversity, as they organize and connect efforts for the territorialization of this materialized heritage knowledge in varieties of corn, rice, beans, pumpkins, spices and native trees. The methodology used for the development of the research was ethnographic, with a qualitative approach and use of participant observation, audio, visual record (photographs), and conducting free and semi-structured interviews. The chapters portray the traditional knowledge and practices of farmers such as the identity of the territories, the meanings of the ancestors' seeds, the work practices of farmers who use creole cultivars, conserving and improving seeds, the exchange of seeds/knowledge between subjects who live, create and transform the locality, establishing a geographic network of connections. A presentation of the socio-ecological, socio-economic, political and cultural dimensions of social practice in the conservation of creole seeds.

**Keywords:** Agrobiodiversity. Guardians of Creole Seeds. Traditional Practices. Territory/Territorialities. Memory.

## RESUMEN

Las comunidades tradicionales, sean Faxinalenses, Quilombolas, Caiçaras, a través de sus conocimientos, sus técnicas productivas y su modo de vida, han sido guardianes de uno de los recursos más importantes para la alimentación: la agrobiodiversidad. Sembrar territorios de agrobiodiversidad, compartir saberes, prácticas, es buscar la continuidad de la geohistoria de las comunidades, los simbolismos, la identidad de los sujetos y las acciones en un mismo espacio, destacando las interfaces entre los conceptos de territorio/territorialidades y activos de prácticas socioculturales. Es justificable investigar los saberes locales, las prácticas de los agricultores con agrobiodiversidad, ya que pueden ofrecernos claves importantes para superar la crisis ecológica y social provocada por la tecnificación de la agricultura, y también la importancia de los sistemas agrícolas locales tradicionales con semillas criollas, como estos aportan gran parte del conocimiento y saber hacer para el desarrollo de sistemas alternativos de producción. Buscando comprender y analizar las transformaciones espaciales de los agricultores tradicionales, sus prácticas, experiencias, saberes, territorialidades tradicionales son originadas por una red de sujetos, a través de la agrobiodiversidad, valorización del saber campesino, resistencia, confianza, afecto y red de semillas. El objetivo principal es analizar las transformaciones para comprender el modo de vida y la socialización en la forma de una comunidad tradicional, un análisis de la trayectoria, del mantenimiento del modo de vida de las comunidades tradicionales - faxinalenses, quilombolas, caiçaras - donde los fenómenos, agrobiodiversidad, saberes, prácticas, memorias, cultivo de semillas se manifiestan en un territorio como (f)actores capaces de producir efectos y combinaciones que impactan directamente las relaciones entre individuos, colectivos y territorios. Las semillas criollas son objeto de una ecología de prácticas y saberes, y se configuran como nuevos sujetos de derecho al permitir la reproducción de identidades patrimoniales. A través de semillas criollas se engendra una ecología de saberes y prácticas socioterritoriales que permite a las comunidades gestionar sus identidades en redes de sujetos que buscan construir estrategias de reproducción socioterritorial alternativas al desarrollo rural. En este contexto, la formación de un Banco de Semillas Criollas y dos Casas de Semillas representa una nueva estrategia en la región de Campos Gerais y Centro-Sur de Paraná para la revalorización de la agrobiodiversidad, ya que organizan y vinculan esfuerzos para la territorialización de este patrimonio materializado conocimiento en variedades de maíz, arroz, frijol, calabaza, especias y árboles nativos. La metodología utilizada para el desarrollo de la investigación fue etnográfica, con enfoque cualitativo y uso de observación participante, registro sonoro, visual (fotografías), y realización de entrevistas libres y semiestructuradas. Los capítulos retratan los saberes y prácticas tradicionales de los campesinos como la identidad de los territorios, los significados de las semillas de los ancestros, las prácticas de trabajo de los campesinos que utilizan cultivares criollos, la conservación y mejora de semillas, el intercambio de semillas/saberes entre sujetos que vivir, crear y transformar la localidad, estableciendo una red geográfica de conexiones. Una presentación de las dimensiones socioecológicas, socioeconómicas, políticas y culturales de la práctica social en la conservación de semillas criollas.

**Palabras clave:** Agrobiodiversidad. Guardianes de Semillas Criollas. Prácticas Tradicionales. Territorio/Territorialidades. Memoria.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Localização Geográfica das Comunidades de Sete Saltos de Baixo, Sete Saltos de Cima, Palmital dos Pretos, Guaraguaçu, Faxinal dos Galvão/Imbituva.....	19
Figura 2 - Mapa da localização da Comunidade Palmital dos Pretos- Campo Largo/PR .....	48
Figura 3 - Primeira casa onde Elenita morou no Quilombo. Elenita na sua roça de milho e pomar. Local onde malha feijão - caixa de vara. ....	52
Figura 4 - Mapa da localização da Comunidade Faxinalense Sete Saltos de Baixo.....	56
Figura 5 - Antônio Tiburcio Maia, 86 anos. Um dos moradores mais antigos do Faxinal atualmente e guardião de sementes de milho, feijão e abóbora. ....	59
Figura 6 - Antônio Pires das Chagas e Otacilia Pires das Chagas.....	60
Figura 7 - Fritura da carne de porco no Tacho de cobre e Fogão de Lenha. Prática de socar a carne de porco no Pilão com Farinha de Milho para fazer a “Paçoca de Pilão”. Otacilia fazendo Paçoca.....	61
Figura 8 - Altar na casa de Antonio Pires em louvor ao “Divino”. Em torno deste altar fazem suas orações e terços mensais. ....	62
Figura 9 - Casa da Família João Mota.....	62
Figura 10 - Casa antiga (Acervo Cacilda Maia) e atual, pertencente a Lauro de Oliveira Chagas.....	63
Figura 11 - Galdina Inglês das Chagas costurando. Década de 90. ....	63
Figura 12 - Mapa da localização da Comunidade Guaraguaçu (org) Juliano Strachulski, 2018 .....	64
Figura 13 – Rio Guaraguaçu, 2018.....	65
Figura 14 – Fotos de Sambaqui do Guaraguaçu – Conchas, Forno de Caieiras e Ossadas. Ano 2018..	66
Figura 15 – Jornal da Família Sales Bittencourt e Casa onde moravam João Sales e Luzia, desde 1915. Foto de 2018. ....	67
Figura 16 - Fotografia de mulheres fazendo o “Bijú e Farinha” na Casa de Farinha de Guaraguaçu, em frente a casa do Sr. João Sales.....	69
Figura 17 – Mapa da Distribuição das unidades fitogeográficas mais representativas do Estado do Paraná .....	125
Figura 18 - Pés de Erva Mate Nativa, Jesuvina fazendo o soque e secagem da Erva Mate que ela produz. ....	150
Figura 19 - Carijo de Erva Mate, buraco no barranco onde faz o fogo. Esteira onde o calor do fogo sapeca as folhas da erva mate. Arildo com as folhas de erva mate sapecadas. ....	151
Figura 20 - A Semente da Agrobiodiversidade .....	179

Figura 21 – 1. Benjamim com as espigas de milho reproduzidas da semente do Milho Doce da Comunidade Guaraguaçu, recebidos de Conceição Vieira Ramos Constant (64 anos), no ano de 2019, e repassados a Benjamin por Cleusi T. B. Stadler. 2. Arildo Portela em frente a Casa de Sementes Agricultor José Sarnick. ....	182
Figura 22 – Rede da Agrobiodiversidade estabelecida pelo Projeto .....	187
Figura 23 - Primeiras sementes coletadas com os agricultores. Ano 2018. ....	196
Figura 24 - Calendário Agrícola das comunidades em estudo, de seus plantios, de acordo com as estações do ano.....	202
Figura 25 - Calendário Agrícola das comunidades em estudo, de seus plantios, de acordo com os meses do ano de 2021.....	203
Figura 26 - 1. Fermina Rodrigues com sua bainha de feijão Guai (2018). 2. Fermina em sua casa, continuando a plantar o feijão Guai (2022) .....	204
Figura 27 - Proteção construída com lona e galhos por Jesuvina em Faxinal Sete de Baixo para guardar as ramas de mandioca e galhos de erva mate, em seu quintal em 2018 (foto 1) e 2022 (foto 2). No mesmo lugar, continua com as mesmas práticas. Foto 3, Jesuvina com seus feijões “Orelha de padre” ou ervilha torta (2022).....	205
Figura 28 - Casa de Sementes Agricultor José Sarnick. Banner da Casa de Sementes. ....	215
Figura 29 - Plantas cultivadas por Conceição em seu quintal. Plantio em agrofloresta. Novembro de 2018. ....	215
Figura 30 - 1. Acampamento Ana Rosa do Contestado com plantio de milho e olericultura. 2. Assentamento Contestado, com plantio em Agrofloresta .....	219
Figura 31 - Primeira foto plantio de 19 variedades de Feijão no dia 14/09/2019 na Comunidade Palmital dos Pretos. Segunda foto plantio de 06 variedades de feijão em meio a agrofloresta, na comunidade de Sete Saltos de Cima, no dia 30/11/2019. ....	220
Figura 32 - Participação do Banco de Sementes das Comunidades na 17ª Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade e a 3ª Festa dos Guardiões e Guardiãs de Sementes, no município de Rebouças/PR, no ano de 2019.....	221
Figura 33 - Variedades cedidas pelo Sr. Adalberto e reproduzidas em Sete de Cima. ....	221
Figura 34 - Mapa da Rede de Sementes estabelecida pelas Sementes Crioulas coletadas pelo Projeto da Tese: Ponta Grossa, Pontal do Paraná, Curitiba, Castro, Imbituva, Rebouças, Fernandes Pinheiro, Santa Maria do Oeste, Diamante do Oeste, Goioxim, Clevelândia, Papanduva (SC), Maquiné (RS). ....	225
Figura 35 - Diversidade de referenciais para a “boa semente”, de acordo com GRIGOLO (2016) ....	231
Figura 36 - Plantio das sementes crioulas de Feijões e Pipocas na Horta de Delair Portela, no dia 14 de setembro de 2019 e do Milho Tunikata na propriedade do Arildo Portela. ....	252
Figura 37 - Fotos dos feijões e milho crioulos que nasceram após 10 dias do plantio. ....	252
Figura 38 - Pés de Milho Branco, Peskorunto, Amarillo e Pacaray, Peruanos, plantados na propriedade de Sete Saltos de Cima. Ano de 2019.....	254

Figura 39 – 1. Armazenamento na Comunidade Palmital dos Pretos, Sr. Alceu do Pilar. 2. Armazenamento no paiol de Alcides (Tide) em Faxinal Sete Saltos de Baixo. 3. As melhores espigas de milho que serão guardadas para o próximo plantio. 4. Carroça de Alcides, que transporta o milho da roça até o paiol. Ano 2018-2019. ....	255
Figura 40 - 2º. Plantio das Sementes Crioulas em Sete Saltos de Cima. Plantio em agrofloresta. ....	258
Figura 41 – Quintal de Delair Portela onde foi reproduzida as Sementes de Feijão crioulo. Delair segurando somente um pé dos Feijões.....	259
Figura 42 - Reprodução do Feijão Olho de Pomba, Rosinha, Cavalo Vermelho, Cavalo Branco, Cavalo Preto, Mourinho, Mulato, Carioca, Branco, Bolinha. ....	260
Figura 43 - Reprodução de Sementes Crioulas em Palmital dos Pretos. Com apenas 03 sementes de cada variedade, se reproduziu todos esses pacotes de feijões, guardados para o plantio da família. ....	260
Figura 44 - Plantio da semente de feijão Chocolate e Milico na horta da autora. Reprodução das sementes crioulas. 2019.....	260
Figura 45 - Feijão Olho de Pomba Branco reproduzido em Curitiba/PR.....	261
Figura 46 - Plantio de Feijões Crioulos no NEA Faxinal dos Galvão em sistema de Mandala.....	262
Figura 47 - Escritos de Tereza Sales Bitencourt sobre os remédios caseiros retirados de sua agrofloresta. Tereza mostrando seus artesanatos que faz com a semente “Matricalha/olho de tigre” e “Capiá”. Sementes que retira de sua agrofloresta, quintal de sua casa .....	265
Figura 48 - Desmatamento da mata ao redor do Faxinal. Clareiras sendo abertas. Destruição do Ecossistema. Plantação de Pinnus por grandes laminadoras da região. Plantio próximo as nascentes.....	270
Figura 49 – Rede de Sementes estabelecida com o Projeto. ....	273
Figura 50 - Registros do recebimento das sementes, época de plantio das sementes crioulas, por Maria Janete Ferreira Leite no ano de 2021.....	275
Figura 51 - Registros da época e da forma de plantio das sementes crioulas, por Maria Janete Ferreira Leite no ano de 2021/2022. ....	276
Figura 52 - Conhecimentos, saberes, práticas, fotografias, aspectos mais importantes da pesquisa. Ano 2018-2022 .....	281
Figura 53 - Esquema da Dimensão Econômica/Social dos Guardiões de Sementes .....	287

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Sementes acervadas por Comunidades.....	229
Gráfico 2 - Sementes acervadas por Comunidades em números específicos.....	229



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Nomes Científicos e Nomes Populares das Sementes e Plantas. ....	51
Quadro 2 - Relação das espécies vegetais da Floresta com Araucárias utilizadas pelos faxinalenses nas suas práticas cotidianas. ....	128
Quadro 3 – Identificação do Ecossistema da propriedade de Elenita Machado .....	153
Quadro 4 – Agrobiodiversidade na propriedade de Cacilda das Chagas Maia. ....	195
Quadro 5 - Agrobiodiversidade, práticas e saberes – Sementes, plantas e saberes: medicinais ou alimentares em Palmital dos Pretos. ....	199
Quadro 6 - Agrobiodiversidade, práticas e saberes – Sementes, plantas e saberes: medicinais ou alimentares em Palmital dos Pretos. ....	198
Quadro 7 - Práticas Tradicionais e Levantamento de Sementes nas Comunidades. ....	212
Quadro 8 - Variedades Crioulas catalogadas e recolhidas entre os guardiões das Comunidades, com seus nomes científicos. ....	213
Quadro 9 - Sementes acervadas pelo Banco de Sementes e a Rede estabelecida entre as comunidades	222
Quadro 10 - Levantamento das Sementes Crioulas coletadas, reproduzidas e distribuídas. <i>Total de Sementes: 277 variedades. (27/09/2022)</i> .....	233
Quadro 11 - Práticas Produtivas dos Guardiões de Sementes nas Comunidades. ....	244
Quadro 12 - Diferenças entre as Sementes Crioulas, Híbridas e Transgênicas para os agricultores. ..	246
Quadro 13 - Quadro de Plantio de Sementes na Comunidade Palmital dos Pretos. Propriedades de Arildo Portela e Alceu do Pilar .....	248
Quadro 14- Quadro de plantio das Sementes - Bandeja 01 e 02. Temperos, cereais, legumes, ervas medicinais. ....	249
Quadro 15 – Plantio de Sementes.....	257
Quadro 16 - Relação das plantas e tratamento para determinadas doenças. Práticas e Saberes de Tereza F. Bitercourt- Guaraguaçu. ....	266
Quadro 17 - Conflitos e tensões internas e externas nas Comunidades Pesquisadas. ....	269

## LISTA DE SIGLAS

ABRASCO - Associação Brasileira de Saúde Coletiva.  
ABRASEM – Associação Brasileira de Sementes e Mudanças.  
ASAECO – Associação Solidária da Agricultura Ecológica de Ponta Grossa e Região.  
AS-PTA – Associação de Agricultura Familiar e Agroecologia.  
ANT - (*Actor-Network Theory*)- Teoria Ator-Rede.  
CETA - Centro de Estudos e Treinamento em Agroecologia.  
CONASEM - Comissão Nacional de Sementes e Mudanças.  
CESMs - Comissões Estaduais de Sementes e Mudanças.  
CDB - Convenção sobre Diversidade Biológica na ECO-92.  
CONTAG - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura.  
CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.  
ECO-92 - Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento.  
EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.  
FAEAB - Federação das Associações de Engenheiros Agrônomos do Brasil.  
FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura.  
FOM – Floresta Ombrófila Mista.  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.  
INPA – Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia.  
LAPEF - Laboratório dos Povos Eslavos e Faxinalenses.  
OBEDUC - Observatório de Educação.  
OGM - Organismos Geneticamente Modificados.  
MAA - Movimento de Agricultura Alternativa.  
MMA – Ministério do Meio Ambiente.  
PLANASEM – Plano Nacional de Sementes.  
PPGEO – Programa de Pós-Graduação em Geografia.  
PNCs - Plantas Não Convencionais.  
PNPCT - Política Nacional de desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.  
RESA- Rede de Sementes da Agroecologia.  
SAFs – Sistemas de Agro-florestas.  
SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.  
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.  
UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR.  
UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
<b>CAPÍTULO 1. CAMINHANDO PELA GEOGRAFIA e HISTÓRIA - Saberes e práticas tradicionais dos agricultores como identidade dos territórios</b> .....	39
1.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	39
1.1.1 Comunidade Quilombola Palmital dos Pretos – Campo Largo/PR.....	47
1.1.2 Comunidade Faxinalense – Sete Saltos de Baixo/Ponta Grossa/PR .....	55
1.1.3 Comunidade Rural Guaraguaçu – Pontal do Paraná/PR .....	64
1.2 TERRITÓRIO NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS .....	73
<b>CAPÍTULO 2. TERRITORIALIDADE, REDE, IDENTIDADE e MEMÓRIA BIOCULTURAL</b> .....	92
2.1 TERRITORIALIDADE E REDE.....	92
2.2 IDENTIDADE .....	102
2.3 A MEMÓRIA BIOCULTURAL.....	106
<b>CAPÍTULO 3 A BIODIVERSIDADE E AGROBIODIVERSIDADE DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS</b> .....	112
3.1 SEMEANDO AGROBIODIVERSIDADE NA BIODIVERSIDADE BRASILEIRA .....	118
3.2 A MATA ATLÂNTICA E FLORESTA COM ARAUCÁRIAS.....	123
3.3 A FLORESTA COM ARAUCÁRIA – MEMÓRIAS E PRÁTICAS RECRIADAS .....	131
3.4 AGRICULTURA – INTERAÇÃO ENTRE O SER HUMANO E A NATUREZA .....	136
3.5 AGRICULTURA TRADICIONAL: CAMPONESA (CABOCLA), FAMILIAR – UM CONTRAPONTO A AGRICULTURA HEGEMÔNICA CAPITALISTA .....	145
3.6 A AGROBIODIVERSIDADE: UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO .....	172
<b>CAPÍTULO 4. ENTRE ROÇAS E SEMENTES: andanças pelas territorialidades dos camponeses</b> .....	175
4.1 A CONSERVAÇÃO DAS VARIEDADES (SEMENTES) CRIOULAS.....	178
4.2 A SEMENTE CRIOLA: A SEMENTE DOS ANTEPASSADOS.....	188
4.3 SEMEAR E INSEMINAR A TERRA – OS SIGNIFICADOS DA SEMENTE COMO BEM COMUM.....	192
4.4 OS GUARDIÕES DE SEMENTES CRIOULAS, O BANCO E A CASA DE SEMENTES .....	207
4.5 IDENTIFICAÇÃO DOS GUARDIÕES E A REDE DE PESQUISA .....	210
<b>CAPÍTULO 5. SABERES E PRÁTICAS TRADICIONAIS – Plantio e Reprodução das Sementes Crioulas</b> .....	227
5.1 PRÁTICAS PRODUTIVAS E POLÍTICAS DE NATUREZA UTILIZADAS PELOS AGRICULTORES NO PLANTIO DE SEMENTES CRIOULAS .....	232
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	277
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	290
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTÕES</b> .....	306
<b>APÊNDICE B - SELO DE IDENTIFICAÇÃO DAS SEMENTES CRIOULAS DO PROJETO E DE TROCA ENTRE AS COMUNIDADES</b> .....	307
<b>APÊNDICE C – EXEMPLO DE COLETA DE DADOS PELAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS – ANTONIO OSTRUFK</b> .....	308
<b>ANEXO A – FOTOGRAFIAS DAS FONTES ORAIS E MOMENTOS DE PESQUISAS DE CAMPO.</b> .....	315

## INTRODUÇÃO

As comunidades tradicionais, sejam elas, faxinalenses, quilombolas, caiçaras, agricultores, através de seus conhecimentos, suas técnicas produtivas e seu modo de vida, têm sido guardiãs de um dos recursos mais importantes para a alimentação e para a vida: a agrobiodiversidade. Semear territórios da agrobiodiversidade, partilhar saberes, práticas, é buscar a continuidade da geo-história das comunidades, dos simbolismos, da identidade dos sujeitos, e ações em um mesmo espaço. É compreender os sujeitos destas comunidades, em lados opostos da fronteira política, como se organizam num espaço com novas relações sociais, econômicas, culturais, com suas práticas, saberes e sementes crioulas, dando a esse espaço um novo significado, uma re-territorialização.

O estudo da história local, com destaque para o uso da metodologia da história oral sempre esteve em nossa trajetória como professora de História/Geografia e pesquisadora há 35 anos. Neste caminho percorrido aprendemos que a geografia e a história caminham juntas, que fazem parte da narrativa e das experiências de vida dos sujeitos. E essas experiências de vida, saberes, memórias se interligam constituindo os territórios e territorialidade de muitas comunidades tradicionais rurais do interior do Paraná. Enquanto professora de ensino fundamental e médio desenvolvemos projetos que procuravam valorizar a realidade rural de muitos de nossos alunos – faxinalenses e de comunidades negras. Sempre procuramos trabalhar o potencial interdisciplinar dos conteúdos, para desenvolver nos alunos a capacidade de pensar e olhar outras perspectivas das ciências e da produção acadêmica<sup>1</sup>.

Entrando no Doutorado ingressamos no Projeto Interconexões da UEPG/CNPq, o qual nos direcionou para as comunidades que já estavam no Projeto, Comunidade Faxinalense Sete Saltos de Baixo (Ponta Grossa), Comunidade Quilombola Palmital dos Pretos (Campo Largo) e Comunidade Guaraguaçu (Pontal do Paraná), não desconectando da comunidade Faxinal dos Galvão no interior de Imbituva.<sup>2</sup>

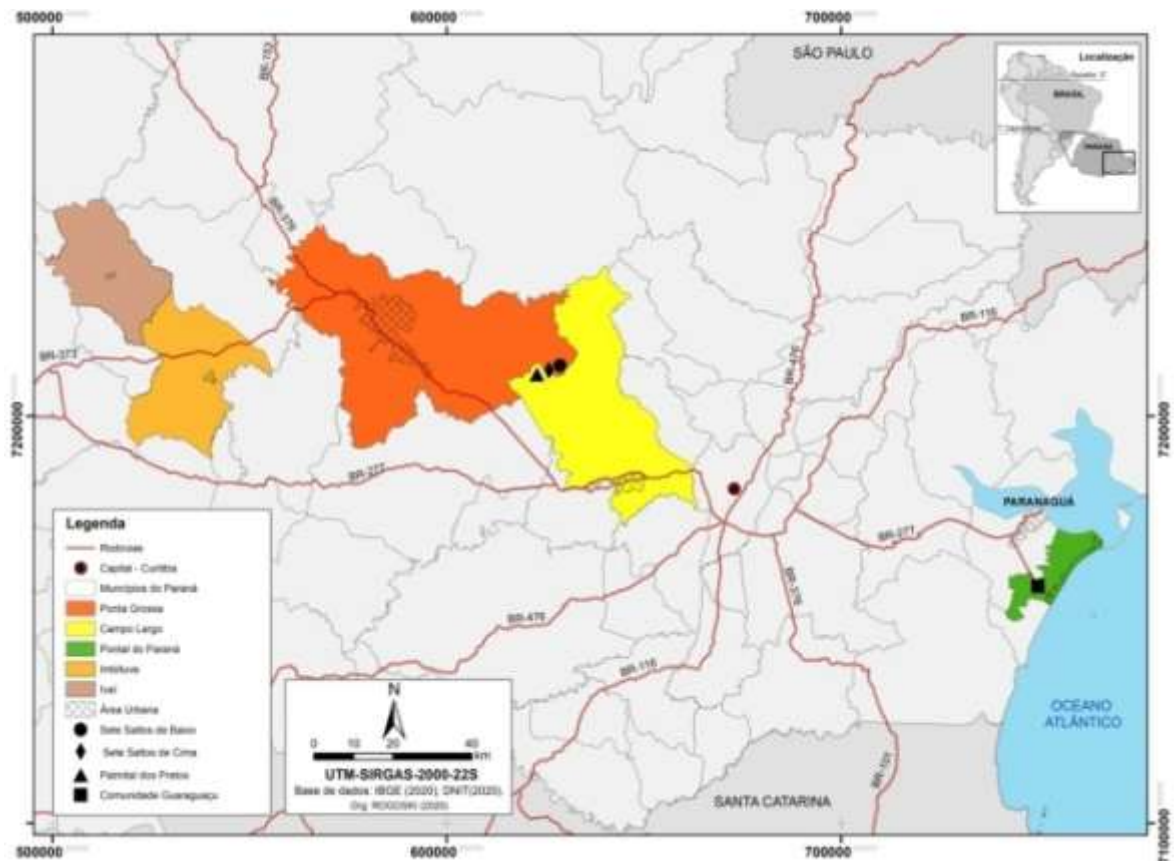
---

<sup>1</sup> O interesse pelo tema das comunidades tradicionais e as sementes crioulas vêm dos encontros, eventos, estudos a campo, realizados no mestrado na disciplina ‘Povos e Comunidades Tradicionais’ e pelo Projeto OBEDUC (Observatório de Educação), UNICENTRO (Universidade Estadual do Centro-Oeste-mpus Irati) e LAPEF (Laboratório dos Povos Eslavos e Faxinalenses). Identificação como os professores da rede pública trabalham o tema faxinais com seus alunos, coordenado pelo Professor José Adilçom Campigoto.

<sup>2</sup> Essa tese foi elaborada através de pesquisa participante no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Linha de Pesquisa ‘Dinâmicas Naturais e Análise Socioambiental’, com o Grupo de Pesquisa ‘Interconexões’, coordenado pelo Prof. Dr. Nicolas Floriani. O Projeto deste grupo foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq-UEPG). Projeto ‘Núcleo de Estudos e Capacitação Sócio-técnica de Populações Tradicionais em Agroecologia nos Territórios Faxinalenses’(CNPq n. 21/2016).

Utilizamos para estudar o espaço geográfico, o recorte da região administrativa das comunidades de acordo com o IBGE, demonstrado na figura 1, das Comunidades de Sete Saltos de Baixo, Sete Saltos de Cima, Palmital dos Pretos, localizadas na região dos Campos Gerais do Paraná, a Comunidade de Guaraguaçu no litoral, em Pontal do Paraná e Faxinal dos Galvão na cidade de Imbituva, Região Centro-Sul do Paraná, onde estão alguns sujeitos guardiões de sementes que detêm práticas e sabedorias tradicionais. Esse recorte da região administrativa não será a base de nossa discussão, utilizamos apenas para mostrar a localização das Comunidades.

FIGURA 1 - Mapa da Localização Geográfica das Comunidades de Sete Saltos de Baixo, Sete Saltos de Cima, Palmital dos Pretos, Guaraguaçu, Faxinal dos Galvão/Imbituva.



Fonte: Carlos Alexandre Rogoski (2020)

O tema das práticas e saberes com as sementes crioulas vem da agrobiodiversidade, que na década de 1990 vem como contra movimento que emerge em resposta ao projeto de modernização do mundo rural, faz uma crítica a agricultura convencional, mobilizando para uma agricultura alternativa, onde as sementes crioulas e as práticas da agricultura tradicional estão presentes. Outro aspecto que motivou esta tese foi poder adentrar em uma parte pouco conhecida do passado de nossa comunidade faxinalense, onde os bisavós, avós, e pais foram

agricultores que viveram em um sistema de faxinal de origem portuguesa, adaptado pelos imigrantes italianos que chegaram ao Brasil entre os anos de 1877 a 1900. Queríamos compreender se as práticas vivenciadas, eram as mesmas desenvolvidas em outras comunidades tradicionais do Paraná, se essas práticas os identificava enquanto comunidades tradicionais. Pois, como afirma Bourdieu (2003, p.55), “o pesquisador pode e deve mobilizar sua experiência, ou seja, seu passado, em todos os seus atos de pesquisa. Mas ele apenas tem o direito de fazê-lo sob a condição de submeter esses retornos do passado a um exame crítico rigoroso”.<sup>3</sup>

Muitas dessas práticas da agricultura constituem e são constituídas da agrobiodiversidade, que de acordo com Santilli (2009, p. 92), “engloba todos os elementos que interagem na produção agrícola, os espaços cultivados [...], as espécies direta ou indiretamente manejadas [...] e a diversidade biológica a eles associadas”, também abriga as variedades de sementes, mudas e raças crioulas. Segundo Beviláqua *et. al* (2014), essas variedades são produzidas por agricultores, podendo ser de origens locais, nacionais ou internacionais, mas que passam por processo de adaptação específica aos ambientes, passando a se chamarem crioulas de determinadas comunidades.

Esta tese vem apresentar a pesquisa acerca do processo de (re)territorialização da agrobiodiversidade na Região dos Campos Gerais e Centro-Sul do Paraná em comunidades rurais tradicionais, e seu principal enfoque situa-se na premissa de que os guardiões de sementes mediante práticas historicamente construídas, detêm referências para a sustentabilidade de seus ambientes e a formação de territórios geográficos econômicos, socioculturais e simbólicos. Em trabalho de Floriani e Carvalho (2017, p. 10), buscamos interpretar a autonomia socioambiental de uma comunidade tradicional a partir da análise conjunta dos atributos, organização social interna e externa (formação de redes) com seu patrimônio biocultural (saberes-fazeres com terras e florestas), através de um estudo etnográfico interdisciplinar.

A cultura faxinalense e quilombola possuem, em sua essência, uma sustentabilidade ambiental potencial (ou latente), própria de cada subsistema, mas interconectadas (terras, floresta e cultura); esta sustentabilidade latente reflete o estado de resiliência do patrimônio biocultural diante dos processos socioeconômicos e tecnológicos incidentes sobre o território da comunidade tradicional. É influenciada positivamente por fatores sociais e políticos

---

<sup>3</sup> BOURDIEU, Pierre. **L’objectivation participante**. *Actes de La Recherche em Sciences Sociales*, n. 150, p.55, 2003.

externos à comunidade: as parcerias com outros sujeitos sociais (poder público e universidade), que, com base em instrumentos legais e em diagnósticos e planos de manejo ecológicos, possam assegurar o direito ao território e ao uso adequado dos bens coletivos, condizentes com a realidade social e ecológica da comunidade. (FLORIANI; CARVALHO, 2017, p. 24)<sup>4</sup>.

As práticas, saberes desses agricultores estabelecem uma região geográfica que extrapola seu lugar, fazendo com que outras comunidades, instituições, enxerguem esta região como um espaço geográfico distinto, com identidade de comunidade tradicional, com suas territorialidades específicas, mas que se integram ao todo regional. A partir dessa integração entre as comunidades, troca de sementes, verifica-se a formação de novas práticas constituintes de uma formação sociocultural, que dão unidade em meio à diversidade regional.

É necessário portanto, explicarmos os termos: comunidade, povos tradicionais, guardiões de sementes, banco de sementes, utilizados nesta pesquisa, para avançarmos na discussão, mas que serão melhor desenvolvidos e discutidos no decorrer dos capítulos.

Comunidade (*Gemeinschaft*), de acordo com Tönnies (1979), é uma forma de organização social, de acordo com as temporalidades, com sentido mais profundo de comunalidade, força da comunidade. Tönnies (1979, p.29), descreve *sociedade* como antiga e comunidade como recente, motivando o predomínio da sociedade sobre o fenômeno social, relegando à *comunidade* a espaços secundários.

Podemos, então, afirmar, que as comunidades se mantêm em combinações diferenciadas, locais com características específicas e ligadas a tradições e saberes dos grupos comunitários, onde seu modo de viver, suas práticas, levam à construção de significados e valores que a fortalecem como comunidade.

Assim, comunidade (rural) consiste na união entre culturas (material e imaterial), estabelecendo-se, principalmente pelo uso da terra, produção em relação com a natureza. Assim, a dimensão simbólica é extremamente rica nos contextos das vivências e práticas das comunidades tradicionais, pois a relação ser humano-ambiente passa por importantes reconhecimentos subjetivos e objetivos, influenciando as construções dos seus significados, bem como as representações sociais dessas comunidades. (GUIMARÃES, 2012).

A discussão sobre o conceito de comunidade, quando relacionado a comunidades tradicionais, leva a questionamentos provenientes das tradições e territorialidades

---

<sup>4</sup> Especificamente no caso das famílias de agricultores apoiados pelo Projeto Interconexões/UEPG na região dos campos gerais e centro-sul, grande esforço tem sido dado à configuração de bancos de sementes, mudas e propágulos crioulos.

historicamente constituídas. Estes termos, comunidades tradicionais, estão contemplados na Política Nacional de desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), pela publicação do Decreto Federal n. 6.040/2007 (BRASIL, 2007), que conceitua comunidade tradicional em seu artigo 3º, incisos I, II e III, conforme descrito no decreto:

Art. 3º Para os fins deste Decreto e do seu Anexo compreende-se por:

I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;

II - Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações;

III - Desenvolvimento Sustentável: o uso equilibrado dos recursos naturais, voltado para a melhoria da qualidade de vida da presente geração, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras.

Assim o termo comunidade tradicional está relacionado ao processo histórico que constitui determinada comunidade, bem como, a sua identidade étnica, seu grupo, que os distingue de outras comunidades, através de sua autodeterminação e autonomia. Podemos considerar então todos os grupos faxinalenses, quilombolas, caiçaras, indígenas, caboclos, que se identificam como tradicionais e que ainda têm em sua composição, práticas e saberes de tradição.

As comunidades faxinalense Sete Saltos de Baixo, quilombola Palmital dos Pretos, podem ser consideradas como tradicionais, conforme os atributos evidenciados por Carlos Rodrigues Brandão<sup>5</sup> e outros autores e têm em sua composição os ‘guardiões de sementes’, já as Comunidades Sete Saltos de Cima, Faxinal dos Galvão se formam como Comunidades Tradicionais, mas se desestruturam como tais na década de 1980, em função das mudanças históricas e geográficas, sendo que os elementos desse passado estão presentes nos modos de vida e nas práticas de usos da natureza. Guaraguaçu possui elementos de uma cultura Caiçara. Não é uma comunidade tradicional por estar na transição do rural para o urbano.

Para Pereira e Dal Soglio (2020, p.22),

O conceito literal de “semente” é a principal estrutura de reprodução e disseminação de muitas plantas. A semente contém o embrião que pode ficar em estado latente por algum tempo e, ao germinar, gerar um novo indivíduo. No entanto, esse significado

---

<sup>5</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia**: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo, Brasiliense, 1986. 173p.



de carregar a vida em latência e de permitir uma nova vida é tão potente que promoveu esse significado para ser sinônimo de reprodução, sendo aplicado a praticamente todas as formas de vida, e mesmo a processos abióticos.

Assim quando nos referimos a sementes na agricultura tradicional, são todas as sementes relacionadas guardadas por gerações para o plantio, reproduções de grãos, plantas, que simbolizam a tradição, costume e práticas de alguns sujeitos das comunidades. Igualmente, quando tratamos de espécies manejadas na agricultura, e suas variedades guardadas entre cinco (5) a dez (10) anos, algumas bem mais, as caracterizamos como “crioulas” ou “sementes crioulas”. “Crioula”, nesse sentido, é o termo usado para designar as sementes de uma determinada espécie que se desenvolveu por várias gerações em uma localidade, apresentando boa adaptação às condições locais e uma uniformidade em suas principais características (PEREIRA; DAL SOGLIO, 2020).

Segundo Pereira (2020, p. 35-36),

Os agricultores que mantêm as variedades crioulas, conhecidos como guardiões, nem sempre possuem a clareza sobre o uso do termo ‘variedade’, frequentemente utilizado pelos técnicos e pesquisadores que atuam com essa temática. A linguagem acadêmica procura estabelecer elementos consensuais sobre os conceitos de variedade ou cultivar crioula, ainda que necessite de amparo normativo para tal. A definição de ‘semente crioula’, no entanto, é ainda mais complexa, pois é quando a *variedade tradicional, nativa ou local está imersa nas dinâmicas da vida dos agricultores, nos costumes, crenças, práticas e conhecimentos*. Assim, quando selecionadas progressivamente pelos agricultores, por meio de seus conhecimentos e práticas tradicionais, e estando imersas na cultura local, as variedades crioulas se tornam as sementes crioulas. Mesmo que não saibam explicar o que entendem por sementes crioulas, os agricultores sabem identificá-las. Isso demonstra o quanto à semente crioula, de fato, é a variedade que está nas mãos e sob a guarda dos agricultores e das agricultoras. (grifo nosso).

O que é ser um guardião de sementes? Guardiões de variedades de plantas cultivadas e conhecimento? São pessoas que guardam as sementes por vários anos – Fermina Rodrigues guarda há 60 anos (Comunidade Palmital dos Pretos) - e têm um profundo respeito pela natureza. Eles preocupam-se com todo o processo da colheita, armazenamento, multiplicação das sementes, para sua própria produção, para partilhar ou comercializar as sementes. Os guardiões são os responsáveis por guardar um patrimônio genético importantíssimo para a humanidade, por meio de variabilidades crioulas, e de técnicas empíricas de cunho sociocultural, mesmo com o avanço da agricultura moderna.

Guardiões de sementes ou variedades de plantas cultivadas e conhecimento é porque trabalham com a agrobiodiversidade e/ou agrofloresta. São agricultores que possuem sementes crioulas de diferentes espécies e variedades e que as multiplicam através do tempo. Alguns agricultores familiares são guardiões de sementes, pois em sua simplicidade,

conhecimento e sensibilidade acabam desenvolvendo práticas e guarda de sementes através das gerações (pais e avós).

A definição de guardiões de sementes nas comunidades pesquisadas foi sendo percebida, no decorrer do trabalho de campo, quando se percebe as variedades que alguns sujeitos destas comunidades tinham em suas casas, guardado por gerações. Essa definição vem da compreensão que manter sementes crioulas está ligada a tradição, que respeita um simbolismo familiar, uma relação de comunidade, uma relação com a produção de alimentos para sua sustentabilidade.

O termo agricultores (as) guardiões (ãs) de sementes crioulas está assim denominado há poucos anos e o mesmo não está perfeitamente delimitados (BEVILAQUA *et al*, 2014). Essa denominação não tem o sentido de proprietário da semente, ele é apenas seu guardador e tem a finalidade de reproduzir essa semente, para que ela não se perca com o tempo em sua originalidade e variedades. Esse guardião não tem o objetivo de gerar o lucro pela venda da semente, mas sim de preservá-la e ter sempre a sua origem não contaminada pelos transgênicos. Muitas sementes de milho, de acordo com esses mesmos guardiões, estão sendo contaminadas pelas sementes geneticamente modificadas em laboratórios e os conhecimentos relacionados às suas práticas e preservação estão sendo perdidas ou apropriadas indevidamente por grandes empresas de produção de sementes. Um exemplo disso é a perda de variedades de milho crioulo, devido ao milho transgênico. Na conservação das sementes puras de milho, houve uma redução de 138 variedades crioulas para 76, entre 1998 e 2010, de acordo com o Grupo Coletivo Triunfo e ASPTA.

O mercado financeiro das sementes é controlado pelas grandes empresas como a Monsanto/Bayer, Pionner, Syngenta (ChemChina), Dow e DuPont, Basf. Elas lideram 65% da venda de sementes no mundo, além da comercialização dos agrotóxicos. Das 94 variedades de plantas transgênicas liberadas, 72 são modificadas para tolerar herbicidas (46 também resistem a insetos). (CNTbio 2020).

Diferentemente do mercado financeiro das sementes que realizam a venda pacotes de sementes e agrotóxicos, que em muitos casos são vendidos de forma casada o que causa uma dependência de tecnologia obrigatória, os guardiões(ãs) de sementes são pessoas com grande experiência, que têm um grande conhecimento das técnicas de cultivo, do solo, época de plantio, instrumentos, ou seja, conservam as práticas e os saberes das comunidades e procuram transferir este conhecimento de forma gratuita, incentivando inclusive a troca de sementes para a melhoria da qualidade e biodiversidade.

No contexto biológico, o termo ‘banco de sementes do solo’ foi utilizado por Roberts (1981) para designar o reservatório viável de sementes atual em uma determinada área de solo. O período de tempo em que as sementes permanecem no banco é determinado por fatores fisiológicos (germinação, dormência e viabilidade) e ambientais (umidade, temperatura, luz, presença de predadores de sementes e patógenos) (GARWOOD, 1989).

Um banco de sementes no sentido sociocultural armazena sementes, de modo a evitar que certas variedades desapareçam. O termo é utilizado com o sentido de armazenamento, depósito, guardar diversas variedades num determinado local com acesso fácil para que os agricultores possam utilizar para a reprodução. Uma reserva do potencial genético acumulado, tendo importante função na manutenção da diversidade genética nas comunidades e populações (BROWN; VENABLE, 1986).

Guardar sementes em um banco de sementes é uma tradição que ajuda a preservar a memória e a identidade local, contribuindo para fortalecer a soberania alimentar. O aprendizado para a montagem do banco de sementes e casa de sementes<sup>6</sup> veio por meio de intercâmbios e trocas de saberes com outros agricultores, no diálogo com as redes de sementes do Estado do Paraná e do Brasil.

Guardar sementes na região dos Campos Gerais e Centro Sul do Paraná, é guardar a semente para preparar a terra, adubá-la e reproduzir. É distribuir a semente, trocar, partilhar, para não perder a variabilidade. É sistematizar, repassar sabedorias, conhecimentos acumulados ao longo do tempo, tornando as trocas entre os guardiões, mais resilientes às mudanças climáticas, sociais e políticas.

Quem guarda a semente é o guardião camponês, aquele que pratica uma agricultura camponesa<sup>7</sup>, de base familiar, com base no proposto por autores como Maria de Nazareth Wanderley (2005), Teodor Shanin (2008), Carlos Rodrigues Brandão (1999), Alexander Chayanov (1985), considerando que o conceito é heterogêneo e abriga diversas categorias

---

<sup>6</sup> As Casas de Sementes são espaços físicos (lugares) criados muitas vezes dentro da própria casa do agricultor, ou num espaço em separado, para guardar as diversas variedades e quantidades de sementes. Elas são arrumadas e armazenadas neste espaço com a finalidade de guardar as variabilidades e plantio na próxima colheita, ou mesmo a troca com os outros agricultores.

<sup>7</sup> O uso generalizado da expressão “agricultura familiar” ou da designação de agricultores como “agricultores familiares”, teve mais destaque nos últimos cinquenta anos. Nos meios acadêmicos a expressão “agricultura familiar” foi consagrada por Wanderley (1994), em obra voltada à comparação da agricultura no Brasil, na França e na Polônia, e por Ricardo Abramovay (1991), em livro confrontando os padrões internacionais de estruturação do campo econômico dedicado à agricultura com o brasileiro. Para um histórico mais completo consultar: GODOI, Emilia Pietrafesa de, MENEZES, Marilda Aparecida de, MARIN, Rosa Acevedo. **Diversidade do campesinato: expressões e categorias**, v.2: estratégias de reprodução social. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF : Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. 331p.

específicas, como agricultura rural, camponesa, cabocla, tradicional, nas comunidades faxinalenses, quilombola.

São diversas as possibilidades de definição conceitual do termo camponês. São diversos os contextos históricos nos quais o campesinato está presente nas sociedades, tanto no campo acadêmico quanto no político. Para os autores citados é importante dialogar em torno de reflexões capazes de demonstrar a forma ou condição camponesa e a variedade de possibilidades de situações sociais.

Estas comunidades camponesas demonstram uma habilidade e flexibilidade para se ajustar a novas condições e encontrar novas formas de se adaptar e ganhar a vida. Em alguns lugares, há comunidades que hoje vivem principalmente do turismo. Há outras, onde ganham a vida com novos métodos de produção e, em outras, ganham a vida por meio da combinação do trabalho camponês e do trabalho não-camponês. O campesinato é marcado pela flexibilidade de adaptação com a finalidade de reproduzir material e culturalmente, o seu modo de vida. Este modo de vida camponês não é tipicamente capitalista, pois não tem como fundamento principal a acumulação, mas sim a ajuda mútua, característica que identifica as comunidades camponesas. O objetivo de reproduzir seu modo de vida, material e cultural, e não o de acumulação, por meio da produção para subsistência e a venda do excedente dessa produção, são qualidades encontradas nos camponeses que sobrevivem às crises e marcam sua identidade.

Antes do período de formação de uma identidade política, o campesinato era reconhecido por “[...] denominações locais próprias conforme a sua história e sua região de origem como: caipira em São Paulo, Minas Gerais e Goiás; caiçara no litoral paulista; colono ou caboclo no sul – dependendo de sua origem, se imigrante ou não” (MARQUES, 2008a). Para Wanderley (2013), a análise da decomposição do campesinato é esvaziada quando se entende o agricultor familiar como um ator social no mundo moderno. É preciso considerar que este tipo de agricultor possui uma determinada capacidade de resistência e adaptação aos novos contextos socioeconômicos. Não se têm aí duas categorias distintas, mas sujeitos diferenciados de uma mesma classe.

Esta especificidade do campesinato de ser um modo de vida decorre da interdependência entre quatro características encontradas em camponeses de diversos contextos de tempos e espaços. Estas características são: “ o cultivo da terra; a unidade de produção familiar; a comunidade de aldeia como unidade básica de organização social e sua posição como classe mais baixa da sociedade (SHANIN apud MARQUES, 2008b, p. 51).

A economia familiar é um elemento essencial para compreendermos quem é o camponês, ela tem suas estruturas, modelos que não desaparecem. A economia camponesa para Shanin, é mais eficiente que economias não camponesas.

[...] Os membros da família e o modelo familiar básico de bem-estar econômico estão envolvidos de forma particular num sistema de uso do trabalho que não é trabalho assalariado, mas trabalho familiar. Daí a sua capacidade para resolver problemas que outros tipos de economia não resolveriam de uma maneira tão eficaz e pouco dispendiosa. (SHANIN, 2008, p. 27).

Para Wanderley (2014), o campesinato é uma forma social de produção, de viver e trabalhar no campo, que tem como um de seus pilares a organização de seu trabalho e as necessidades de sua família, que corresponde a um modo de vida e a uma cultura.

[...] produtores agrícolas, vinculados a famílias e grupos sociais que se relacionam em função da referência ao patrimônio familiar e constroem um modo de vida e uma forma de trabalhar, cujos eixos são constituídos pelos laços familiares e de vizinhança. É a presença desta característica que nos autoriza a considerá-los camponeses, para além das particularidades de cada situação e da conexão (ou superposição) das múltiplas referências identitárias, assumindo que os conceitos de campesinato e agricultura familiar podem ser compreendidos como equivalentes (2014, p. 31).

O camponês familiar nos dias atuais explicita as contradições do processo histórico de formação do território brasileiro. Os camponeses, mesmo presente no mundo contemporâneo, tem suas atividades baseadas em outra lógica de reprodução, que não a capitalista de acumulação ampliada de capital. Sua organização social os diferencia dos outros trabalhadores rurais, utiliza princípios de trabalho, organização da propriedade, buscando uma condição de vida enquanto agricultores familiares que praticam a agrobiodiversidade.

Justifica-se pesquisar os conhecimentos locais, as práticas dos agricultores com a agrobiodiversidade, pois eles podem nos oferecer importantes chaves para superar a independência ecológica e social causada pela modernização da agricultura. E também porque está ocorrendo um processo de destruição das condições de produção destes saberes colocando em risco a sua própria existência. (CUNHA, 1999). Há uma grande importância dos estudos sobre sistemas agrícolas tradicionais ou locais com as sementes crioulas, pois estes fornecem grande parte dos conhecimentos e saberes para o desenvolvimento dos sistemas alternativos de produção. No entanto, no Paraná, somente há pouco tempo os pesquisadores vêm estudando e registrando essas formas de conhecimento, necessitando, por isso, ampliar ainda mais as pesquisas nessa área.

Embora existam outros trabalhos analisando as comunidades tradicionais no Paraná, há uma lacuna de estudos especificamente sobre a agrobiodiversidade. No contexto do desenvolvimento rural, a compreensão dos saberes, práticas com sementes crioulas pode facilitar, entre outros, a elaboração de políticas públicas que estimulem a valorização dos conhecimentos locais e os modos de vida no campo.

Em busca de compreender e analisar as transformações espaciais dos agricultores tradicionais, suas práticas, vivências, saberes, as territorialidades da agrobiodiversidade nas comunidades faxinalense Sete Saltos de Baixo e de Cima, comunidade quilombola Palmital dos Pretos, Guaraguaçu e Faxinal dos Galvão, no interior do Paraná, iniciou-se os estudos conceituais e visitas a campo nestas comunidades, utilizando-se da metodologia da história oral, visto que o espaço geográfico é historicamente produzido.

Dessa forma, o principal objetivo desta tese é analisar as transformações para compreender o modo de vida e socialização em forma de comunidade tradicional; uma análise da trajetória, da manutenção do modo de vida das comunidades tradicionais – faxinalenses e quilombolas - onde os fenômenos, agrobiodiversidade, saberes, práticas, memórias, cultivo das sementes se manifestam em um território como (f)atores capazes de produzir efeitos e combinações que impactam diretamente as relações entre indivíduos, coletivos e territórios.

Os objetivos específicos são: (i) compreender o uso e cultivo das sementes crioulas e sua relação com a agricultura em comunidades tradicionais do Paraná; (ii) compreender de que forma a memória das práticas sociais e da agrobiodiversidade, influenciaram na formação geo-histórica e dinâmica das comunidades tradicionais em estudo; (iii) identificar os agricultores que mantêm práticas tradicionais de produção e de conservação de sementes crioulas, caracterizando os respectivos sistemas de produção; (iv) identificar as práticas do “saber fazer”, o uso dos recursos naturais, as dinâmicas de trabalho familiar e comunitário, conhecimentos técnicos e tradicionais, que determinam muitos saberes cotidianos e de socialização dos agricultores das comunidades em estudo, nas diferentes temporalidades; (v) identificar junto aos agricultores das comunidades as sementes cultiváveis (milho, feijão, arroz, amendoim, plantas frutíferas, hortaliças e medicinais) e os fatores que influenciam as decisões dos agricultores, quanto ao uso de sementes crioulas; (vi) compreender a organização e as estratégias de trabalho dos agricultores tradicionais na luta em defesa das sementes crioulas no território.

Esses objetivos foram intencionados no decorrer do trabalho a campo, ao entender que, a manutenção e a (re)produção das sementes crioulas, tem em sua origem, os saberes e

conhecimentos acumulados, de práticas, apreendidas e transmitidas, em especial, através das gerações familiares. Os guardiões de sementes trazem para a atualidade, particularidades em sua forma de fazer agricultura, um saber acumulado tradicional de como guardar e reproduzir essas sementes crioulas, práticas sócio culturais e valores de seus antepassados, conservados através das gerações.

Por se tratar de uma pesquisa cuja temática é interdisciplinar temos vários aportes. O aporte antropológico, o aporte das ciências naturais (agroecologia e biologia). O aporte teórico geográfico apoiou-se sobre as pesquisas de Claude Raffestin (1993/2009), Marcos Aurélio Saquet (2006, 2007, 2009, 2011, 2013) e Rogério Haesbaert (2004, 2007, 2009, 2014, 2019), em torno da categoria de território e territorialidade, em suas múltiplas dimensões (política, econômica, simbólico cultural, etc.). Portanto, a categoria território é interdisciplinar, mas que tem importantes contribuições da geografia.

Porém, em virtude da complexidade que envolve os estudos territoriais, a intenção não é responder o que é território ou o que é territorialidade, trata-se de discutir em que problemática nos envolvemos ou que questões práticas acionamos a partir da categoria de território e territorialidade academicamente construídos, de acordo com as bases teóricas de Haesbaert (2009), e Saquet (2007), onde se argumenta em favor de uma *geografia histórico-crítica*, na qual a categoria de território é uma construção social. Território, segundo Haesbaert (2009), expressa, via relações de poder espacializadas, práticas sociais efetivamente produzidas.

Para esses autores, que vem ao encontro dessa tese, território é visto sob a perspectiva de categoria de análise à categoria de prática num olhar integrador, ou seja, o território é visto por meio do próprio senso comum dos saberes que os diferentes grupos culturais produzem. O território não é apenas funcional, mas ele também é “expressivo” – expressa-se uma identidade que empodera, através da construção ou delimitação territorial. Mas o território não é uma categoria estanque, isolada, ele dialoga intimamente com outros conceitos para atender a complexidade com que o espaço geográfico é produzido. No entanto, o território expressa, via relações de poder espacializadas, práticas sociais efetivamente produzidas. (HAESBAERT, 2019). Não se trata de um território em sentido absoluto, independente, separável das demais dimensões do social, mas sim como esse poder territorial é praticado. O território não é somente feições físicas, materiais, ele envolve um espaço

culturalmente heterogêneo, múltiplo, na sua diversidade, como os espaços faxinalenses, quilombolas e caiçaras no Paraná<sup>8</sup>.

O território dessas comunidades é (i)material, porém nem sempre reconhecido oficialmente, a concepção que queremos destacar é relativa a um território em forma de territorialidade, onde as sementes crioulas, significam o “aconchego, abrigo, identidade, sobrevivência e muito mais” nos territórios vividos, que garante a sobrevivência mínima dos indivíduos ou grupos sociais “periféricos” ou “tradicionalistas”.

Um dos autores que defende esta abordagem e teoriza sobre ela é o antropólogo colombiano Arturo Escobar (2015). Para ele o território é muito mais que espaço físico, é uma perspectiva denominada “ontológica”, onde o território é esse “ser”, componente indissociável do grupo social. O território é muito mais do que um espaço funcional e envolvido na reprodução socioeconômica de uma classe ou grupo social, ele envolve todo um modo de vida, práticas, que estão na relação com o “meio”, com a “natureza”, ao mesmo tempo que significa, recurso, abrigo, materialidade e simbolismo. (HAESBAERT, 2019). Esse território é também um espaço que envolve a interação entre a sociedade e a natureza. É uma dimensão natural do espaço, onde as forças da natureza determinam as condições de sobrevivência dos seres humanos. Segundo Ruy Moreira<sup>9</sup> (2022), há uma relação natural entre o homem e a natureza, o “ser/estar da natureza e do homem”, um arranjo natural, relação de coopertencimento, natureza e homem vivendo reciprocamente. O homem como um ser da natureza, que a transforma em meio, mas não deixa de ser natural, é um movimento de ressignificação.

O território nas comunidades faxinalenses, quilombolas, caiçaras, não contempla apenas a dimensão das fronteiras, precisa ser visto como algo que identifica sujeitos e ações de um mesmo espaço. Os sujeitos destas comunidades, não estão na mesma fronteira política, mas se organizam num espaço com suas novas relações sociais, econômicas e culturais, produzem seus próprios símbolos. Buscam uma nova integração ao espaço com suas práticas, saberes e sementes crioulas, dando a esse espaço um novo significado. Assim eles evidenciam uma re-territorialização, através da permanência de práticas, da guarda de sementes, da

---

<sup>8</sup> Relação com a concepção “global” de lugar de Doreen Massey (1991), onde a especificidade dos lugares, sob a globalização, se definem pela forma “única” da combinação de elementos ou processos. Estes também podem se reproduzir em vários outros lugares do mundo, porém, se combinam de forma própria em cada lugar – um “lugar-rede”, sem fronteiras claramente delimitadas.

<sup>9</sup> Aula Inaugural do PPGG, no dia 11 de março de 2022. <https://www.youtube.com/watch?v=OErIxcPASW4>



identidade faxinalense, quilombola, caiçara, das suas origens, do ressignificado dado ao seu novo espaço.

Esta tese se refere a concepção de território a partir do seu uso como categoria de prática no contexto de algumas comunidades tradicionais do Paraná, para os quais o território é muito mais que funcional, é “vivido”, uma relação integrada entre sociedade e natureza, vida material e simbólica. Território das sementes crioulas, que simbolizam a existência, ciclos de vida, de plantio, de colheita, mas também territórios de lutas pelo ser, pela garantia de existência desses guardiões das sementes e comunidades tradicionais, enquanto grupos culturalmente distintos, em meios geográficos também específicos.

Para Saquet (2007), o território significa natureza e sociedade, economia, política e cultura; identidades e representações; apropriação, dominação e controle. O território é “produto e condição de ações históricas e multiescalares, com desigualdades, diferenças, ritmos e identidade(s). O território é processual e relacional, (i)material (SAQUET, 2007, p. 73). É espaço de moradia, de produção, de serviços, de mobilidade, de desorganização, de arte, de sonhos, enfim, de vida (objetiva e subjetivamente). (SAQUET, 2006a, p. 83).

O território se diferencia de outras categorias, porque nas comunidades tradicionais, ele é produzido por meio das territorialidades, no processo histórico e social centrado nas relações de poder, nas redes (nós e malhas) e nas identidades (RAFFESTIN, 1993). Os guardiões de sementes produzem territorialidades, porque são resultado de relações econômicas, políticas e culturais compreendidas interna e externamente a cada lugar, consolidando relações de influência, efetivas, simbólicas, conflitos e identidades.

A (re)existência das sementes crioulas e seus guardiões, significa luta em favor da cultura e identidade dos sujeitos, dos seus anseios, necessidades, sejam eles faxinalenses, quilombolas, caiçaras, agricultores rurais. É a resistência de vínculos que se estabelece entre os moradores das comunidades, através das trocas de sementes, conhecimentos, práticas, centrados na mobilização, luta por terra e territórios, por reconhecimento sóciopolítico de seus direitos e de sua soberania alimentar.

Realizando as visitas a campo e observação participante, ocorre uma transformação no decorrer do processo de pesquisa: de pesquisadora transformamo-nos em guardiã de sementes, pois iniciando com amostras de 4 a 5 sementes, o engajamento foi aumentando, passando a fazer parte de Feiras de Sementes Crioulas, estabelecendo trocas com outros guardiões de sementes de outras localidades. Ao entrarmos para a RESA - Rede de Sementes Agroecológicas – e para a Rede de Guardiões de Sementes do Coletivo Triunfo de

Palmeira/PR e outras localidades, passamos a fazer parte de uma rede e de um processo de (re)construção de uma territorialidade, como pesquisadora e guardiã de sementes, mudas e plantas. Atualmente como guardiã de 300 variedades de sementes, além de colaboradora na formação das Casas de Sementes José Sarnick em Sete Saltos de Cima/PG/PR e Casa Joaquim e Juvelina Leite, entre Imbituva e Guamiranga/PR.

## MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

No ano de 2019 até o presente, no âmbito das comunidades tradicionais, optou-se pela proposta de analisar as práticas socioculturais dos guardiões de sementes crioulas. A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa foi a etnográfica, com o uso da observação participante, áudio, registro visual (fotografias), e realização de entrevistas semiestruturadas. Com o roteiro de questões procuramos seguir a trajetória de vida dos guardiões de sementes, procurando entender as relações estabelecidas com as sementes crioulas e suas práticas no transcorrer dos anos.

A metodologia etnográfica dentro da Antropologia vem contribuir para a descrição e o estudo de uma determinada cultura ou povo, sendo, de preferência, sistemática e abrangente, contemplando todos os aspectos, da religião à economia, dos povos que investiga (GOMES, 2013). Lévi-Strauss (1967, p. 14 apud MARCONI; PRESOTTO, 2001, p. 27) diz que a etnografia:

Consiste na observação e análise de grupos humanos considerados em sua particularidade (frequentemente escolhidos, por razões teóricas e práticas, mas que não se prendem de modo algum à natureza da pesquisa, entre aqueles que mais diferem do nosso), e visando à reconstituição, tão fiel quanto possível, da vida de cada um deles.

Assim a etnografia contribui para o conhecimento da cultura dos povos que investiga, realizando a observação, descrição, reconstituição e análise de diferentes populações tradicionais, coletando vasto material de todos os aspectos culturais possíveis de serem observados e descritos, para a compreensão dos povos pesquisados (MARCONI; PRESOTTO, 2001).

Já a 'Etnologia' é a etapa seguinte, após o levantamento de dados e informações feitas na fase da etnografia. Seria a reflexão, ou estudo baseado nos fatos documentados no registro de uma cultura, tendo em vista a apreciação analítica e sua comparação com dados

semelhantes de outras culturas. E, a partir de estudos aprofundados em uma determinada comunidade tradicional, de caráter empírico, evidenciar práticas e culturas, pela comparação entre as diferentes comunidades, remetendo então ao campo da teoria acerca do ser humano (LUZ, 2015).

Para Barrio (2005, p. 21), a etnologia vai além das descrições das diferentes culturas, feitas pela etnografia, com o escopo de, pela comparação entre as diversas etnografias, “analisar as constantes variáveis que se dão entre as sociedades humanas, e estabelecer generalizações e reconstruções da história cultural”.

Enquanto etapa do fazer antropológico, a etnologia insere-se no campo da ciência da cultura, consistindo em, a partir de dados coletados e registrados em uma etnografia, comparar as informações concernentes a diversas culturas e analisá-los e interpretá-los, tendo em vista as semelhanças e diferenças apresentadas, na tentativa de compreender o ser humano em suas inter-relações e relações com o meio ambiente. Procura igualmente o etnólogo ver e analisar o ser humano, tanto enquanto indivíduo, quanto como membro de uma determinada sociedade ou cultura, ao mesmo tempo em que tenta revelar como operam e se modificam. (MARCONI; PRESOTTO, 2001).

Com esse intento o trabalho de campo ultrapassa a dimensão de ser uma observação despida de preconceitos de uma comunidade estranha à do pesquisador, mas constitui-se igualmente em uma imersão necessária para compreender a maneira de ser do grupo estudado, de coletar informações por observação de situações existentes na prática. O trabalho de campo certifica a cientificidade à investigação da pesquisa, através da observação empírica de seu objeto.

Segundo as autoras Marconi e Presotto (2001) através da observação participante o pesquisador tem a chance de viver entre a comunidade estudada, podendo assim fazer parte de suas conversas, ritos e atividades e observar o conjunto de manifestações de caráter ideológico e material desta comunidade, para a compreensão da cultura estudada. As técnicas associadas à observação participante seriam o registro sistemático das atividades e práticas observadas, tanto por meio do diário de campo do pesquisador, quanto de fichas, fotografias, gravações, filmes e demais meios disponíveis (MARCONI; PRESOTTO, 2001).

Quanto à abordagem, esta pesquisa se constituiu como uma pesquisa qualitativa, preocupando-se mais com o aprofundamento da compreensão do conhecimento local, do que com a representatividade numérica. Nos seus procedimentos, pode ser caracterizada como um estudo de campo, pois foi desenvolvida por meio da observação participante (direta) das atividades e entrevistas com os guardiões de sementes, para captar as explicações,

interpretações, significados do que ocorre com eles nas comunidades. O vivenciar, o participar, possibilitou entender e considerar a necessidade do reconhecimento dos guardiões de sementes e o que elas nos dizem enquanto modos de vida camponesa familiar.

A definição de guardião foi sendo percebida, no decorrer do trabalho de campo, ao entender que, o uso, a manutenção e a (re) produção de sementes crioulas, tem em sua origem, o conhecimento acumulado, um saber fazer, apreendido e transmitido, pelas gerações. Os guardiões atuais trazem particularidades em suas práticas de fazer a agricultura. Eles acreditam no potencial das sementes crioulas, a quem atribuem uma importância fundamental que leva a mantê-las em reprodução, em estreita relação com a comida.

A metodologia foi separada em duas etapas: a primeira compreende a identificação dos agricultores guardiões de sementes, envolvendo o mapeamento destes; a segunda compreende o inventário da agrobiodiversidade com o levantamento das sementes crioulas existentes em cada comunidade, com o respectivo registro, a partir de uma seleção participativa e com a reprodução destas sementes, de interesse da comunidade e dos agricultores.

Com o inventário foi possível a organização de uma amostragem de sementes crioulas, recolhidas e catalogadas nas comunidades com os guardiões destas sementes, apoiando para a melhoria da agrobiodiversidade nestas comunidades, bem como, realizaram-se cursos preparatórios e ampliação do Banco de Sementes, criação de meios virtuais (Blogs) de divulgação da pesquisa e dos resultados de saídas a campo<sup>10</sup>.

Foram realizadas entrevistas livres e semiestruturadas para identificar as práticas cotidianas dos agricultores com relação ao modo de vida, tradições, formas de plantio, técnicas utilizadas na agrobiodiversidade. Nessa pesquisa a história oral tem papel muito importante como metodologia de análise das memórias, carregadas de subjetividade, dos sujeitos envolvidos no processo histórico do objeto de estudo. A história oral é uma

---

<sup>10</sup> <https://gpinterconexoes2.blogspot.com/>. Núcleo de Estudos e Capacitação Sócio-técnica em Agroecologia nos territórios Faxinalenses. NEA, coordenado pelo Grupo de Pesquisa Interconexões (UEPG), conta com o financiamento do CNPq e a colaboração de diversas entidades que se somam à ação: CASLA, COODESAFI, UEPG, IFPR-Irati, IEEP, ASAECO, Prefeitura Municipal de Imbaú, NEA - Juçara (UFPR-Litoral), IFPR-Paranaguá, MADE-UFPR.

<http://terrasagroecologicas.blogspot.com/>. DAS TERRITORIALIDADES TRADICIONAIS ÀS TERRITORIALIZAÇÕES DA AGROECOLOGIA. Deste Projeto fazem parte os seguintes parceiros institucionais: Grupo de Pesquisa Interconexões (UEPG), Proex (UEPG), Casa Latino Americana, (CASLA), Ministério Público do Paraná (CAOPMA), Instituto Ambiental do Paraná (IAP), Tribunal de Justiça do Trabalho (TJT-PR), os Programas de Pós-GRaduação em Geografia (PPGEO-UEPG) Meio Ambiente e Desenvolvimento (MADE-UFPR), Instituto Federal do Paraná (Campus Paranaguá).

ferramenta de pesquisa utilizada para evidenciar a importância das narrativas que os sujeitos nos oferecem. Portelli (2000, p. 125), se refere à história oral como ciência e arte, pois é uma metodologia construída de modo aberto, livre e criativo, constituindo-se em um exercício democrático da palavra. “É uma relação entre a pessoa entrevistada e a que entrevista (diálogo), entre o presente sobre o qual se fala e o passado do qual se fala (memória)”.

A partir da pesquisa foi possível produzir: históricos das comunidades e suas diferenciações; um levantamento das práticas que reforçam os sujeitos como guardiões de sementes crioulas; e a forte relação que têm com a natureza.

Com essa metodologia foi possível detectar os agricultores que realizam a prática da agrobiodiversidade. Na Comunidade Faxinal de Sete Saltos de Baixo, quatro guardiões: sendo o mais velho com 86 anos, que deixa a herdeiros sua prática, uma filha também identificada. Na Comunidade de Sete Saltos de Cima foram identificados três guardiões de sementes. Na Comunidade Quilombola de Palmital dos Pretos, onde ainda estão em formação o Sistema de Agrofloresta – SAFs e o de Agroecologia foram identificados quatro guardiões: tendo o mais velho 65 e o mais novo 25 anos.

Em Guaraguaçu três guardiões de semente, com idade entre 46 a 65 anos. No quintal de suas casas, cultivam variedades de sementes, entre as quais: café, quiabo, capiá-rosário ou conta-rosário, banana, cará, milho, mandioca, graviola, amendoim, abacaxi, abacaxi pérola, caju, cará roxo, cará branco, ora-pronóbolis, pimentão, pimenta vermelha, maracujá, entre tantas outras plantas. Todas essas práticas e plantas estarão classificadas e detalhadas no capítulo três.

Da mesma forma que se detectou os guardiões de sementes, também foram realizados um levantamento das organizações formais e não formais, movimentos sociais, instituições públicas, encontros e feiras de promoção do uso de sementes crioulas. Foram sistematizadas as atribuições das diferentes instituições, possibilitando identificar aquelas envolvidas com trabalhos de pesquisa, manutenção, resgate, organização de eventos, beneficiamento ou qualquer trabalho ligado diretamente a comunidades de agricultores que ainda utilizam sementes crioulas. A sistematização das informações permitiu a identificação dos atores e processos que fazem parte desta rede de relações.

Para fins de registro foram utilizados máquina fotográfica, diário de campo, ficha de entrevista semiestruturada (apêndice C) e gravador de áudio. Realizaram-se coletas de sementes (como amostragem). Com cada guardião (ã) foi realizada conversas livres e entrevista semiestruturada, com o objetivo de coletar informações a respeito dos saberes,

dificuldades e estratégias locais para manutenção das variedades crioulas. Outros procedimentos complementares se constituíram de caminhadas na horta da propriedade, ou nas agroflorestas, coletando as variedades de sementes existentes nestes locais.

Em cada conversa informal ou entrevista semiestruturada (Apêndice C), as narrativas escutadas dos guardiões ou de seus familiares, refere-se a fatos de vidas cotidianas de trabalho de uma época, que ajudam compreender suas histórias e o momento atual em cada tempo e espaço.

As entrevistas foram gravadas e transcritas em texto, narrativas, mantendo-se fiel ao conteúdo coletado (foram feitas apenas algumas correções ortográficas). As gravações originais estão preservadas em áudios salvos em pastas arquivadas no google drive e pendrives, para pesquisas futuras. As conversas informais com os agricultores foram todas realizadas nas suas casas e propriedades. Nestas oportunidades foram observadas as condições da propriedade, a forma de manejo da plantação e coletadas amostras de sementes crioulas. Antes do início das conversas e entrevistas o(a) agricultor(a) assinava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde lhe era informado os objetivos da pesquisa e suas implicações (Apêndice C). Além do roteiro da entrevista, foi utilizado o gravador de áudio, com o consentimento explícito do agricultor. Todos os entrevistados autorizaram a utilização das falas, das imagens, do seu nome original para fins acadêmicos, manifestando que não queriam que usasse pseudônimos, mas seu nome original, como forma de valorização de sua identidade enquanto guardiões de sementes.

Os principais temas abordados nas entrevistas buscaram informações, principalmente, sobre as principais práticas agrícolas na propriedade, as sementes que produziam e as que continuam produzindo. Registros fotográficos também foram realizados no momento das entrevistas, com foco principalmente nos atores, no seu ambiente doméstico, nas ferramentas utilizadas nas suas propriedades, nos seus manejos de hortas e agricultura.

Durante todo o trabalho de campo e pesquisa foi utilizado o diário de campo e o preenchimento de tabelas. As anotações, realizadas durante as visitas ou entrevistas com os guardiões, ou eventos relacionados aos mesmos, foram devidamente anotadas, com impressões, descrições de fatos, observações, detalhes, e também questões metodológicas. Ao longo da redação dos capítulos da tese, as consultas ao diário de campo e as tabelas foram valiosas para sanar alguma dúvida ou agregar algum elemento novo ao texto.

As anotações e entrevistas foram realizadas durante os dias que eu ficava nas comunidades, muitas vezes uma semana toda, três a quatro dias, conversando com as pessoas

das comunidades, conseguindo sua afeição, afinidade, e dessa forma me identificava com suas memórias e práticas, pois também era uma filha e neta de agricultores tradicionais. Nossas lembranças se complementavam, na relação com a natureza, nas percepções e interpretações das práticas e forma de vida cotidiana, nas subjetividades vivenciadas e herdadas. Mas como pesquisadora, era necessário através de uma abordagem etnometodológica, fazer a análise com a hermenêutica (análise de narrativas), fenomenologia (percepção e representações) e práticas (cotidianas) envolvendo a relação dos sujeitos da pesquisa com o território/territorialidade.

Na intenção de oferecer as reflexões necessárias ao que se pretende, essa tese está dividida em quatro capítulos, na “Introdução”, apresentamos os elementos necessários à compreensão do desenvolvimento da pesquisa, demonstrando a importância e a relevância do tema. Também constam os objetivos, o método e os procedimentos metodológicos.

No primeiro capítulo “Caminhando pela Geografia e História - saberes e práticas tradicionais dos agricultores como identidade dos territórios”, apresentamos a caracterização das áreas de estudo, a formação geo-histórica das comunidades. Desenvolvemos uma análise das concepções de Território das Comunidades Tradicionais e dos aspectos relacionados com os saberes e as práticas tradicionais, utilizadas pelos agricultores, camponeses que melhoram e cultivam sementes crioulas.

O segundo capítulo “Territorialidade, Redes, Identidade e Memória Biocultural”, traz o enfoque na identidade com seu território material/imaterial, a memória biocultural de suas territorialidades e a territorialidade das sementes crioulas embutida em relações sociais, construída socialmente.

O terceiro capítulo “A Biodiversidade e Agrobiodiversidade das Comunidades Tradicionais” é uma apresentação do desenvolvimento da agrobiodiversidade, as primeiras sementes plantadas no mundo e o papel da natureza neste processo. Também o levantamento das espécies arbóreas das comunidades em estudo, as memórias e práticas recriadas dos agricultores com a Floresta de Araucária na região paranaense, a interação entre o ser humano e natureza na agricultura dos povos tradicionais: camponesa (cabocla), familiar, como um contraponto a agricultura hegemônica capitalista.

No quarto capítulo “Entre Roças e Sementes: andanças pelas territorialidades dos camponeses” está a discussão acerca da conservação da agrobiodiversidade a partir da conservação das variedades (sementes) crioulas, a cosmologia e os significados das sementes dos antepassados - os atores humanos/não humanos, as práticas de trabalho dos agricultores

que utilizam cultivares crioulas, conservando e melhorando suas sementes. A troca de sementes/saberes com outras localidades, estabelecendo-se uma rede geográfica de conexões.

O quinto capítulo “ Saberes e Práticas Tradicionais: Plantio e Reprodução das Sementes Crioulas”, o mais denso e significativo, apresenta-se a conservação das variedades crioulas como prática espontânea dos guardiões da agrobiodiversidade, uma prática carregada de memória tradicional. As práticas produtivas e políticas da natureza na formação identitária dos guardiões de sementes. Uma apresentação das dimensões socioecológicas, socioeconômica, política e cultural da prática social na conservação das sementes crioulas.



# CAPÍTULO 1

## CAMINHANDO PELA GEOGRAFIA e HISTÓRIA

### Saberes e práticas tradicionais dos agricultores como identidade dos territórios

*“A Geografia é a História no espaço do mesmo modo que a História é a Geografia no tempo”  
(ÉLISÉ RECLUS).*

#### 1.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Os Campos Gerais correspondem a uma região geográfica a oeste da Escarpa Devoniana do Estado do Paraná, localizada no sul do Brasil, no “Segundo Planalto” paranaense. Considera-se Campos Gerais a extensão entre o rio Itararé, divisa com São Paulo no município de Sengés e o Rio Negro, divisa com Santa Catarina no município de Rio Negro. A oeste a região se estende até onde imperam os campos. É uma região caracterizada pela ocorrência de extensos campos limpos (estepe de gramíneas baixas), capões isolados de mata e matas em faixas ao longo de rios e córregos, que refletem a estrutura geológica e a natureza das rochas, responsáveis por solos rasos e arenosos.

Muito antes da colonização europeia, os Campos Gerais eram frequentados por populações indígenas diversas. Povos Tupi, Jê, Guarani, Xetá, Kaingang, e muitos outros. Estudos mostram a incidência de carvão presente em sedimentos lacustres há cerca de 3.000 anos AP (antes do presente), (ROCHA; NETO, 2007). Os vestígios destas populações estão presentes em diversos sítios arqueológicos da região, em pinturas rupestres, bem como nos sedimentos, artesanato e práticas culturais, como no caso, dos indígenas presentes na Comunidade de Guaraguaçu.

Os componentes das paisagens dos campos e ecossistemas associados proporcionaram recursos a esses primeiros habitantes regionais. Os capões de mato, campos, várzeas dos rios, proporcionaram a caça. A pesca era ampla nos rios, principalmente nos rios Tibagi, Iapó e seus afluentes. Nos capões e matas nativas tiravam fibras, resinas, pigmentos, lenha, madeira. Diversas espécies de frutas nativas faziam parte da dieta alimentar destes primeiros habitantes dos Campos Gerais, como pitanga, guabiroba, araçá, jaborcaba, o “coquinho” do Jerivá, o “pinhão” fruto da araucária.

O contato dos europeus com os indígenas (grupos Jê e Tupi), ocorreu no início do século XVI, com as expedições espanholas, a formação dos primeiros caminhos portugueses e espanhóis que cruzavam a região e a Bacia do Rio Tibagi, em busca de metais, escravos e de

uma rota rumo as Minas de Potosí, na Bolívia/Peru. Abriram os caminhos e estradas como, Caminho do Peabiru, Caminho da Graciosa, Caminho de Itupava e Caminho do Viamão. Vários exploradores passaram por esta região dos Campos Gerais, mas o principal deles, foi Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, em 1541 que cruzou o Paraná de leste a oeste, passando pelo então Caminho do Peabiru.

Foram as expedições espanholas e portuguesas responsáveis pela montagem das Reduções Jesuítas, sendo a principal delas, a Ciudad Real del Guayrá em 1557, na foz do Rio Piquiri. A partir desta, diversas reduções jesuíticas foram estabelecidas ao longo dos vales dos rios principais, sendo o rio Tibagi seu limite oriental, onde estabeleceram entre quatro a seis reduções. Porém, de maneira trágica, as expedições dos bandeirantes portugueses, tinham nas reduções, uma maneira mais fácil de conseguir escravos. Poderiam conseguir aprisionar entre 150 a 200 índios atacando as reduções. Como os indígenas já estavam aldeados e acostumados ao trabalho, era mais fácil aprisioná-los e vendê-los por alto valor na Capitania de São Vicente em São Paulo. Assim, até o final do século XVII todas as reduções haviam sido destruídas e as populações indígenas dispersadas. Alguns foram para o sul formar juntamente com padres jesuítas, os Sete Povos das Missões, e outros foram recuperar seus antigos territórios (BALHANA *et al.* 1969).

No final do século XVII, a descoberta do ouro no litoral paranaense e nos vales do rio Iguaçu e Açungui, promoveu a ocupação destas regiões. Neste contexto, caracteriza-se a Comunidade de Guaraguaçu, em Pontal do Paraná.

Para a manutenção da atividade mineradora, desenvolveram-se as atividades agrícolas e de criação de gado. Como a atividade mineradora no Paraná foi de curta duração, os mineradores dirigiram-se as minas descobertas em Mato Grosso e Minas Gerais. Os paranaenses passaram a viver da agricultura de subsistência e da criação de gado, com a formação das fazendas de criação e os faxinais, de onde extraem a madeira da araucária, a erva-mate, e criam seus porcos de raça moura, à solta nos criadouros.

Muitas das identidades históricas e culturais desta região vêm do século XVIII, devido aos pastos naturais, de invernadas com boa água e relevo suave, que acabou sendo rota do tropeirismo do sul do Brasil. As tropas de muares e gado de abate provenientes do Rio Grande do Sul dirigiam-se aos mercados de São Paulo e Minas Gerais e passavam por esta

região, sendo Ponta Grossa seu ponto de entroncamento com outros caminhos. Entrosavam-se os Caminhos de Viamão e a Estrada da Mata<sup>11</sup>.

Era um comércio intenso e rico, principalmente porque em Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais, não havia produção agrícola e nem criação de gado, já que eram ricos em mineração, sendo assim, dependiam de outros estados para o seu abastecimento. Isso impulsiona no Sul, a criação de fazendas de criação que suprisse as necessidades alimentícias e de transporte – principalmente de mulas. As tropas que vinham do Sul – Viamão e Vacaria de São Pedro do Rio Grande – faziam seu pouso em Curitiba e nos Campos Gerais. O motivo: o território ficava bem no meio do trajeto.

O Paraná teve um grande impulso nessa época, já que surgiu um negócio rentável – as invernadas – que eram as pastagens para o gado se recuperar da viagem até seguir adiante. Isso faz com que surjam grandes fazendas na região.

Sobretudo, um dos grandes motivos do favorecimento ao tropeirismo foi às paisagens naturais dos planaltos paranaenses, os quais possuíam excelentes áreas naturais de pastagem e clima dos planaltos paranaenses, fazendo dessa forma propiciar a pecuária. Pelos caminhos do tropeirismo foram aparecendo povoados como a Vila do Príncipe (Lapa), Jaguariaíva, Ponta Grossa, Castro, Palmeira, Tibagi, Guarapuava, Pouso do Cupim (Imbituva), Palmas e muitos outros.

Em geral, a vida das famílias nas fazendas era simples, tudo o que lhes era necessário produziam, desenvolveram, portanto, algumas culturas agrícolas. Existiam trabalhando nas propriedades escravos e agregados (eram livres, mas deviam obediência ao dono da fazenda). Um dos mais importantes costumes era o rodeio, prática esta estendida aos sistemas de faxinais como forma de diversão.

Além da criação bovina, existiam burros e mulas para o transporte de cargas, sendo que o comércio de mulas durou de 1731 a 1870, quando começam a surgir as estradas de ferro e os muares começam a perder o valor. Por volta de 1730 teve início o tráfego maciço de animais do extremo-sul para as regiões do centro. Manadas numerosas de cavalo, burros e mulas saíram das planícies platinas com destino à Feira de Sorocaba, onde eram negociadas e seguiam até seu destino final (as últimas Feiras em Sorocaba aconteceram entre 1870 a 1880).

Foi em 1730 que Cristovão Pereira de Abreu levou a São Paulo oitocentas cabeças de mulas e retornou ao sul para refazer a viagem em 1732 com três mil cavalos. O negócio

---

<sup>11</sup> STADLER, Cleusi T. Bobato. *Imbituva e suas Histórias*. São Leopoldo, Oikos, 2019.

rendia bons lucros e alguns paulistas dirigiam-se ao sul para montar fazendas de criação e domesticação do gado muar já existente.

Coube ao Coronel Cristovão Pereira de Abreu a abertura de um caminho, em 1730, chamado Estrada Real ou Caminho de Viamão, que passava por Santo Antonio da Patrulha, São Francisco de Paula, Campos de Vacaria, Campos de Lages, Campos Gerais(Lapa, Castro, Imbituva, Ponta Grossa, etc.), Itararé e Sorocaba, onde as tropas eram vendidas. Esse caminho encurtava as distâncias, além de ser mais seguro e de acesso mais fácil. Desde então, a intensificação das tropas foi cada vez maior, visto que na região das minas gerais era necessário um meio de transporte rústico, forte o suficiente para carregar mercadorias e caminhar pelos caminhos tortuosos. Nessa região, não havia mulas, os animais mais indicados para essa tarefa (STADLER, 2019).

Ainda no século XVIII, muitas famílias de imigrantes europeus, portugueses e espanhóis, junto com “caboclos” da região, foram responsáveis por criarem o sistema de Faxinais, o qual foi expandido para os poloneses, alemães e italianos que chegaram aos Campos Gerais no século XIX.

Nos Campos Gerais, pequenas propriedades se estabeleceram perto dos povoados ou a beira dos caminhos onde dedicavam-se a prestação de serviços como mão de obra nas atividades do tropeirismo e produção de alimentos. Essa produção agrícola era desenvolvida com base nas técnicas apreendidas com os indígenas, como a coivara, com a derrubada e queima da floresta, plantio por três ou quatro anos e pousio para a regeneração da floresta. Essas técnicas foram também desenvolvidas pelos caboclos camponeses que se estabeleceram nos faxinais, no interior das matas de araucária.

No século XIX (1850/1890), os campos naturais da região tornaram-se muito disputados, e a coroa portuguesa começou a expedir cartas de sesmarias em favor de homens a ela fiéis e de prestígio político local. Nos Campos Gerais, os fazendeiros passaram a exercer o domínio político, sob a forma de oligarquias (PINHEIRO MACHADO, 1968). Esses homens e suas famílias possuíam muitos escravos negros, que mais tarde saíram destas fazendas e deram origem a formação de Comunidades Quilombolas.

Nas últimas décadas do século XIX, a deteriorização dos negócios do tropeirismo e invernadas começam a aparecer com a perca dos negócios em São Paulo e Rio de Janeiro pela implantação das primeiras ferrovias. Como a maioria da população estava concentrada no litoral, nos Campos de Curitiba, Campos Gerais e Campos de Guarapuava, a maior parte das

terras paranenses ainda encontrava-se, segundo o governo da Província, desabitada, pois não consideravam o caboclo camponês, como proprietário de terras.

A maior parte do território estava então desabitada, constituindo o “sertão paranaense”. Correntes de imigração foram estimuladas para a formação de colônias camponesas voltadas para a produção de alimentos e, a partir de 1877, chegaram à região os primeiros imigrantes, os alemães do Volga, que foram distribuídos em colônias, pelos campos de Ponta Grossa, Palmeira e Lapa. Com o fracasso das tentativas iniciais de colonização generalizou-se a opinião de que os Campos Gerais, em função da baixa fertilidade natural das terras, não comportavam outra atividade além da tradicional exploração pecuária (PINHEIRO MACHADO, 1968).

Muitos imigrantes entrosaram-se na economia regional dos Campos Gerais de outras formas. Alguns grupos em contato com os caboclos camponeses, incorporaram práticas dos “Sistemas de Faxinais”, passaram a extrair a erva-mate, produzir alimentos agrícolas, além de implementar práticas trazidas de suas regiões de origem. Compraram terras e constituíram suas propriedades. Entraram para o ramo do comércio de erva mate e de produtos agrícolas.

Para Cicilian Luiza Löwen Sahr (2008), os faxinais do Brasil representam uma antiga formação sócioespacial agrícola que possui uma história e uma cultura própria. Para a mesma autora, os faxinais no século XVIII se originaram nos matos do interior paranaense, onde havia floresta de Araucária, principalmente na Região Centro-Sul e Campos Gerais. Quando chegam os colonos imigrantes, nos séculos XIX e XX, eles assimilam o modo de vida dos caboclos, dando origem a comunidades de faxinais de ucranianos, poloneses, italianos e alemães (STADLER; SCHORNER, 2014).

Os imigrantes europeus (portugueses, espanhóis, poloneses, ucranianos, italianos e alemães), muito contribuíram para a formação de pequenas propriedades, para a extração da atividade ervateira, no final do século XIX e, juntamente com a pecuária, a madeira e a produção agrícola, imprimiram uma nova realidade ao sistema econômico-social da época.

O que pode identificar as Comunidades Faxinalenses, segundo Sahr<sup>12</sup>, são alguns elementos como: a prática da agricultura de subsistência, da pecuária e do extrativismo; a partilha das terras para criar sendo de uso comum; a forte convivência e integração com o meio ambiente através da conservação da biodiversidade e de culturas de extrativismo. Acrescentam-se ainda sua história e cultura próprias, suas tradições e seus costumes, bem como sua vivência comunitária.

O faxinal é o local onde se criam os animais à solta e de modo coletivo e onde se extraem a erva-mate e os pinhões em época de colheita, sendo que a área agricultável é fora

---

<sup>12</sup> LÖWEN SAHR, Cicilian Luiza. Os mundos faxinalenses da Floresta com araucária do Paraná: racionalidades duais em comunidades tradicionais. *Terr@Plural*, Ponta Grossa, 2 (2): 213-226, jul./dez., 2008.

da área do criadouro comum. Por criadouro se entende o local ou o modo de criar os animais de forma comunitária.

Segundo Chang (1988)<sup>13</sup>, era essa área reservada para a “criação de animais domésticos, tanto para o trabalho, quanto para o consumo próprio, na técnica ‘à solta’ em criadouros comuns, destacando-se os equinos, suínos, caprinos e aves domésticas”, que se tornava a característica fundamental de união das famílias em torno desse sistema.

O cercamento das áreas do criadouro comum ocorria pelo fato de a erva-mate estar localizada nesses locais e, sendo a criação de suínos e o manejo da erva-mate as bases econômicas dessas comunidades, no mesmo espaço dos ervais era possível a criação de animais à solta, uma vez que não estragavam a erva e alimentavam-se quase que somente dos frutos da mata, em especial o pinhão, diminuindo os custos da criação<sup>14</sup>. As cercas eram construídas para impedir que o gado que era criado solto invadisse as áreas de plantação ou de cultura. Elas eram construídas coletivamente e separavam o faxinal em duas partes: a área de agricultura e o criadouro comum.

Porém, segundo Carvalho (1984), um dos primeiros a se dedicar ao estudo dos faxinais:

[...] no passado o faxinal se referia ao mato denso ou grosso, ou seja, a área de vegetação mais cerrada, se comparada com outras áreas às quais se denominava de mato ralo. No faxinal ocorria a presença das espécies florestais, pinheiro (araucária) e erva mate, além de apresentar razoáveis condições de pastagem natural. O faxinal era preservado para as práticas extrativistas da madeira (pinho) e da erva mate, além de servir de espaço para a criação extensiva e semi-extensiva de animais. As derrubadas de mato para a formação de lavouras eram realizadas em áreas onde se observava a presença do mato ralo, no qual não se verificava a ocorrência, ao menos intensiva, das espécies florestais acima assinaladas (CARVALHO, 1984, p. 14-15).

Assim, faxinal é a terminologia dada à vegetação típica das matas densas com espécies florestais de araucária, erva-mate e pastagem natural, que propicia a criação extensiva. Já o “sistema faxinal” é uma forma de organização econômica em que há um aproveitamento econômico integrado da mata às áreas circunvizinhas. Uma forma comunitária específica de produção rural da região centro-sul do Paraná, na qual se utiliza a terra de forma coletiva para a criação de animais e o uso da mata e extração da erva-mate.

---

<sup>13</sup> CHANG, Man Yu. *Sistema Faxinal* – uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná. Londrina: Fundação Instituto Agrônomo do Paraná/Boletim Técnico 22 do IAPAR, março de 1988.

<sup>14</sup> ZUBACZ, Maria de Lurdes Rasinski. Faxinais em Ivaí: de uma organização camponesa a comunitária às origens da periferia. *VOLUME I – Secretaria de Estado da Educação do Paraná*. [www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/2007](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/2007).

As terras agrícolas (terras de plantar) normalmente estão situadas perto dos criadouros comuns, separadas pelas cercas, mas localizadas em áreas de relevo ondulado ou fortemente ondulado, caracterizadas pela existência de solos rasos, mais férteis pela existência de arenitos cálcicos. De acordo com Gubert Filho (1987), uma das explicações para a separação entre as terras de cultivo do criadouro comum era essa fertilidade natural do solo.

Segundo esta concepção, os solos mais rasos e predominantes nas áreas com relevo ondulado a forte ondulado, principalmente os solos derivados de diabásico, teriam, pela própria gênese, maior fertilidade natural, se comparados aos solos com elevada acidez e pobres em elementos nutritivos predominantes nas áreas de relevo suave ondulado e plano. Além disso, era sobre os solos mais profundos que se desenvolvia de forma mais abundante a maioria das espécies de importância econômica, notadamente a araucária e a erva-mate (GUBERT FILHO, 1987, p. 32-33).

Nas terras de plantar que ficavam próximas ao criadouro comum, o percurso era feito a pé e a produção era transportada nos lombos de cavalos, burros ou nas carroças. Segundo Zubacz (2007), a relação harmoniosa com a natureza levou os faxinalenses ao uso comunal da terra.

Nesse sistema havia uma relação relativamente harmoniosa entre o homem e a natureza, pois a produção da erva-mate não requer o corte das árvores. Da mata dos pinhais era utilizada a madeira para a construção das casas e das cercas. Separar as áreas de pastagem e as áreas de cultivo era uma das alternativas para economizar recursos materiais e humanos e também para o aproveitamento das águas disponíveis no Faxinal. Talvez essa situação somada ao aproveitamento das áreas de erva mate, levou ao o uso comunal da terra [...] (ZUBACZ, 2007, p. 12).

Nas áreas de cultivo, os principais produtos cultivados eram o milho e o feijão, mas também o arroz, trigo, cevada, batata-inglesa, mandioca para o consumo próprio e da comunidade. Os trabalhos nas áreas de cultivo eram manuais e realizados pela própria família ou com a ajuda da comunidade, utilizando-se apenas de adubo natural (excremento dos animais). Os instrumentos utilizados eram a enxada, facões, machados e arados de tração animal.

Era o porco que fornecia carne e banha. Essa carne era conservada em banha durante meses, chamada “carne de lata”, porque era conservada em latas. O porco era criado de forma simples e sem muitos gastos. Ficava solto no criadouro e alimentava-se principalmente daquilo que a natureza oferecia, como as frutas silvestres (jerivá -*Syagrus romanzoffiana* L., graviola - *Annona muricata* L., Cereja - *Prunus cerasus* L., pinhão - *Araucaria brasiliana* A. Rich. ,

jabuticaba – *Plinia cauliflora* Mart. K., guabiroba - *Campomanesia xanthocarpa* (Mart.) O. Berg, araçá – *Psidium* L.), as raízes e as minhocas e também colaborava com a limpeza dos faxinais, já que pastavam toda a gramínea rasteira, eliminando o trabalho das roçadas nos faxinais. A venda do porco era realizada principalmente em cidades próximas, e o dinheiro da venda do porco era investido em produtos que não existiam nos faxinais, como sal, açúcar, tecidos, ferramentas, etc.

A partir da década de 1970, o Sistema de Faxinais começou a entrar em choque com a modernização. Os porcos e a erva-mate já passaram a ser transportados por caminhões. No caso da Região dos Campos Gerais e Centro-Sul do Paraná, chega um número expressivo de migrantes gaúchos, atraídos pelo baixo preço da terra, com o intuito de plantar soja. Dessa forma, ocorreu um grande interesse capitalista no plantio da soja, que necessitava de imensas áreas de terra desmatada. Por causa do plantio de soja também ocorre à infiltração dos equipamentos e insumos químicos utilizados pelas multinacionais deste ramo. Isso provocou um efeito catastrófico sobre o Sistema Faxinal.

De acordo com Zubacz (2007), outros fatores que também contribuíram para desestruturar o Sistema Faxinal, foram à instalação de madeireiras, e a retração do mercado da erva-mate. Com a atividade madeireira diminui a ocorrência do pinhão que era a principal fonte natural de alimentação dos porcos. Também a derrubada das árvores provocou estragos nos ervais. Dessa forma foi preciso aumentar as áreas de plantação de milho para completar a alimentação dos porcos e aumentar as áreas de plantio de feijão para recuperar as perdas com a venda da erva-mate.

Com a introdução do cultivo da soja e de sistemas agrícolas tendo por base o uso intensivo de capital, subsidiados pelas políticas de crédito rural, os Campos Gerais, foram transformados em áreas de intenso cultivo. Os campos nativos, fragmentados, ficaram isolados em tamanhos diversos na porção oriental ao longo do reverso da Escarpa Devoniana. Áreas de baixa predisposição agrícola, muito íngrimes, com solos arenosos e rasos, são as últimas superfícies de campos nativos da Região dos Campos Gerais. (ROCHA; NETO, 2007).

As sementes crioulas fazem parte do patrimônio material e imaterial (com as práticas de manejo e cultivo) de diversos povos tradicionais, que ao longo dos tempos vêm conservando, resgatando, selecionando e valorizando variedades, mantendo a agrobiodiversidade adaptada a cada região.



São os sistemas locais e tradicionais, chamados de “informais”, manejados e controlados pelos próprios agricultores familiares, que na produção, multiplicação, distribuição, melhoramento, e conservação produzem suas próprias sementes crioulas, consideradas como parte de um patrimônio genético e cultural de faxinalenses, quilombolas, fundamentais para a conservação da agrobiodiversidade. É esse sistema que encontramos na região dos Campos Gerais do Paraná, em Comunidades como Sete Saltos de Cima e de Baixo, Ponta Grossa/PR e Comunidade Quilombola Palmital dos Pretos, Distrito de Três Córregos-Campo Largo/PR.

A Comunidade Quilombola Palmital dos Pretos, Comunidade Faxinal Sete Saltos, são reconhecidas como Tradicionais, porém a Comunidade Guaraguaçu, apenas alguns sujeitos serão apresentados no contexto, pois a comunidade como um todo não é uma comunidade tradicional caiçara, porém têm elementos que a constituem como rural e com características e identidade caiçara. Já a comunidade de Faxinal dos Galvão, em sua essência foi uma comunidade tradicional faxinalense, se constituindo atualmente como rural, com práticas e características existentes de antigos faxinais. Também não será abordada a comunidade como um todo, apenas a história de vida e as práticas agroecológicas de alguns sujeitos desta comunidade, os guardiões de sementes.

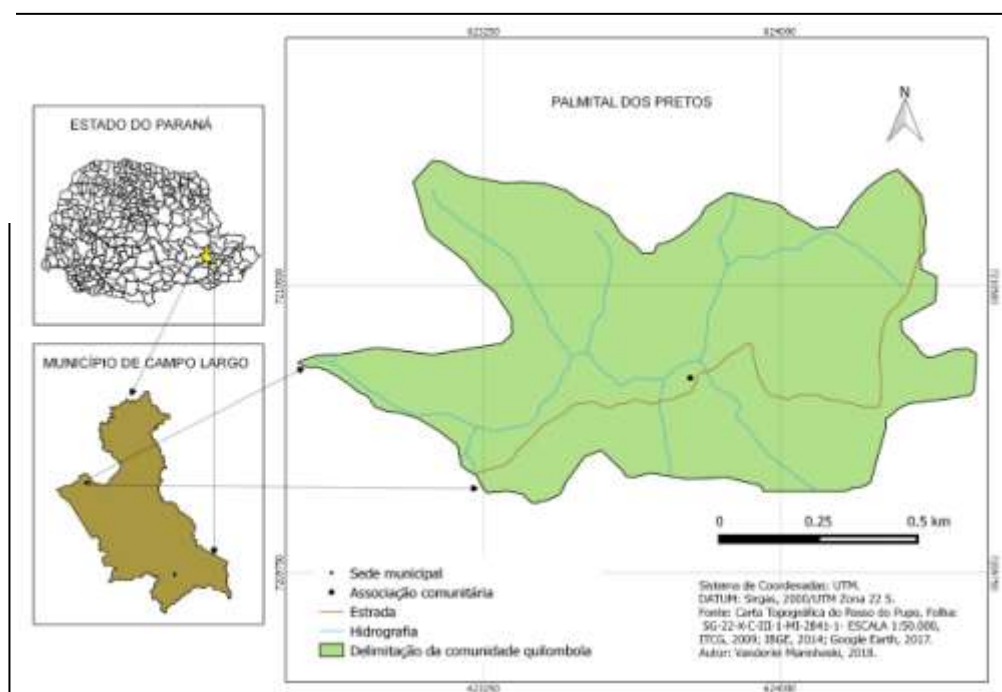
#### 1.1.1 Comunidade Quilombola Palmital dos Pretos – Campo Largo/PR

O Quilombo dos Palmares na Bahia foi o maior símbolo de resistência contra a escravidão na época do Brasil Colônia. Palmares, apesar de ter sido o mais importante quilombo em termos de desenvolvimento, extensão e população, não foi o único. No Paraná também se formaram vários quilombos ou comunidades negras rurais, que existem até hoje. As terras onde residem esses afro-descendentes possuem origens diversas. Tanto podem ser fazendas abandonadas, doações feitas a ex-escravos, pagamento por serviços prestados ao governo, ou, até mesmo, terras compradas por negros forros.

A Comunidade Palmital dos Pretos, com localização na Figura 02, tem 250 anos de formação, teria começado a se formar antes mesmo da assinatura da Lei Áurea. Com a fuga dos escravos das fazendas dos imigrantes europeus de 1850 a 1950 que se localizavam na estrada do Cerne e região de Palmeiras. Os escravos procuravam um local seguro para se instalar e acabaram encontrando esta região situada a 83 quilômetros do centro de Campo Largo, divisa com o Faxinal Sete Saltos de Ponta Grossa. Formados por famílias negras em

sua maioria, oriundas de várias regiões do Estado, a Comunidade de Palmital permaneceu por séculos desconhecido do Poder Público, pois seus moradores não tinham o reconhecimento das terras e nem documentos pessoais. Em 2013 contava com 32 famílias quilombolas, aproximadamente 150 habitantes, de acordo com os pesquisadores do Grupo Clóvis Moura.

FIGURA 2 - Mapa da localização da Comunidade Palmital dos Pretos- Campo Largo/PR



Fonte: Elaboração Vanderlei Marinheski, 2018. Projeto Interconexões.

Para Clarindo e Floriani (2014) a formação desta comunidade está relacionada a formação socioespacial dos Campos Gerais:

Os remanescentes quilombolas de Palmital dos Pretos surgem de um processo histórico de formação socioespacial da região dos campos gerais, que tem como especificidade a apropriação de espaços marginais aos grandes latifúndios dedicados à exploração extensiva de gado e a exploração da erva-mate, coexistindo com uma população de caboclos e imigrantes europeus na formação de sistemas voltados à pequena agricultura. Da coexistência de categorias sociais ligadas a produção camponesa emergem os grupos remanescentes de quilombolas que carregam aspectos socioculturais herdados do hibridismo entre os descendentes de negros, indígenas, faxinalenses e agricultores familiares de origem europeia. (CLARINDO; FLORIANI, 2014, p. 424).

Em imersão a campo na comunidade podemos perceber esse hibridismo entre os descendentes de negros, indígenas, faxinalenses e agricultores de origem europeia, pois temos famílias de negros casados com descendentes de imigrantes italianos e alemães.

Atualmente os membros da comunidade são quase todos parentes, pertencem a uma mesma família. Nos últimos 100 anos, entretanto, eles foram perdendo aos poucos, o domínio das terras na região, os proprietários ao redor foram chegando e ocupando o espaço, formando fazendas e/ou propriedades particulares com interesses diversos.

A Comunidade Quilombola Palmital dos Pretos localizado na Zona Rural do Distrito de Três Córregos, Município de Campo Largo, com acesso pela histórica Estrada do Cerne - estrada de chão - tem esse nome em referência a grande quantidade de palmito (*Cordyline spectabilis* Kunth & Bouché, nome popular: *uvarana*, *capim-de-anta*). Essa espécie de Palmito é muito comum na região<sup>15</sup>.

Os moradores mais antigos relatam que a Comunidade se formou de famílias negras vindas de várias regiões do Paraná, principalmente de regiões que, no passado, fizeram parte dos Caminhos das Tropas e próximas a garimpos e minas de ouro. Algumas famílias são originárias da Comunidade Remanescente de Quilombo do Sutil, em Ponta Grossa, como os Srs. Brasília e Librano José de Deus e da Fazenda Santa Cruz, Ponta Grossa, como a família Ferreira Pinto, e outras famílias migraram das comunidades de Pugas e Bolo Grande, no Município de Palmeiras. Algumas pessoas mais antigas na comunidade, contam que alguns foram “apanhados no mato”, como negros fugitivos ou mestiços, e que as famílias estão há mais ou menos 200 anos sobre a terra.

Essas famílias procuram manter os padrões de produção utilizados por seus antepassados, baseados principalmente no cooperativismo e na prática de uma economia de subsistência. Os principais produtos cultivados são o milho, feijão e a mandioca, da qual se extrai a farinha feita de forma artesanal, arroz e vários tipos de frutas e legumes. Pratica-se, também, a criação de animais, como porcos, galinhas, cabeças de gado, cavalos. O trabalho na roça nos últimos anos, em sua maioria está sendo realizado pelas mulheres, pois os homens se deslocam para trabalhar nas fazendas que estão ao redor da Comunidade.

Para Clarindo e Floriani (2014),

Atualmente, na comunidade de Palmital os chefes das famílias, com pouca ou nenhuma terra para plantar, acabam tendo que trabalhar em empresas madeireiras da região. As mulheres tomam conta da casa e do trabalho agrícola (aquelas que

---

<sup>15</sup> Arvoreta perenifolia pioneira heliófita. Sua altura atinge até 10 m e seu diâmetro 25 cm. Baga subglobosa. São comestíveis (LORENZI, 2008). Espécie de ampla distribuição na Floresta Ombrófila Mista. Usada como espécie ornamental, e produz um palmito comestível em forma de compotas ou cosido de carne, não matando a espécie é retirado o palmito somente na copa com isso a espécie rebrota e continua seu crescimento produzindo novo palmito, de sabor agradável. LORENZI, H. **Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**, vol. 3,1. Ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2009. 384 p.

dispõem de terra) e algumas produzem pães e biscoitos na cozinha comunitária, cuja produção circula apenas na própria comunidade. Os negros, como integrantes de um segmento desvalorizado e desqualificado, ficam a mercê da sazonalidade das ofertas de trabalho nos setores em expansão na construção civil, como bóias-frias, safristas ou posseiros, e principalmente na economia informal. (CLARINDO; FLORIANI, 2014, p. 428).

Existe nas áreas próximas a Comunidade Palmital, empresas que exercem as atividades de plantio de pinus (*pinus elliottii*), eucalipto (*eucalyptus*) e a criação de gado. Os trabalhadores do Palmital dos Pretos muitas vezes trabalham para estas empresas. Geralmente, eles ficam durante a semana em alojamentos oferecidos por estas empresas e voltam para casa nos finais de semana. Outros trabalham como diaristas no campo.

O território da comunidade está organizado em pequenas áreas de terras, nas quais poucas famílias trabalham a agricultura, sendo que algumas estão formando SAFs, agroflorestas, como alternativa para permanecerem na terra e recuperarem muitas áreas degradadas. Identificamos na pesquisa, que muitas famílias da comunidade quilombola por terem pequenas áreas de terra, os jovens buscam outras formas de subsistência fora da comunidade, principalmente na área urbana.

Três pessoas que guardam sementes se destacam na Comunidade: Elenita Aparecida Machado de Lima – 57 anos, Alceu do Pilar – 50 anos e Arildo Portela de Moraes – 25 anos. Elenita é a líder comunitária e Arildo, filho do Alceu que está construindo uma história de vivência em agrofloresta e agroecologia.

*Elenita*, filha de Antônio C. Pinto Machado e Maria, casada com Pedro Lima, moravam no terreno que era do Antônio e Tereza. Esse casal adquiriu 32 litros<sup>16</sup> de terra e ali criou sua família. Lá construíram a casa próxima a nascente de água e essa casa era bem ao fundo de onde está a casa da Elenita atualmente (Figura 03). Antônio teve dois filhos que morreram muito jovens, um com 32 anos e o outro com 23 anos. O casal Antônio e Tereza nas terras quilombolas construíram *valas*<sup>17</sup> para a criação dos animais (no estilo dos *faxinais*), as casas para os filhos, plantação de milho e feijão, *horta comunitária*, usavam a taquara<sup>18</sup> para fazer as cercas. Plantaram árvores frutíferas. Tinham uma roça de milho, feijão

---

<sup>16</sup> Equivale a 2 alqueires de terra. 15 litros de terra equivalem a 1 alqueire de terra, no conhecimento empírico de Elenita.

<sup>17</sup> Valos(as), são grandes aberturas na terra, conhecidas como valetas, onde é aberta largamente para impedir a passagem de animais ou inimigos. Muito utilizados também entre os Faxinalenses.

<sup>18</sup> Taquara é a denominação comum a várias espécies de gramíneas nativas da América do Sul, a maioria com caules ocos e segmentados em gomos, em cujas intersecções se prendem as folhas. É um vocábulo originário do do termo tupi ta'kwar. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bambuso%C3%ADdeas>.

onde atualmente está a capoeira e onde hoje é a casa da Elenita. Eles tinham um paió na metade do caminho, onde faziam a comida para quem estava na roça fazendo o plantio.

Atualmente as terras da Elenita são produzidas por ela, têm uma área total de 3 ½ alqueires, sendo que a área agrícola é de 1 alqueire. Apenas ela trabalha neste plantio, pois seu esposo Sr. Pedro e seu filho João trabalham fora do Quilombo, em fazendas próximas. E suas outras duas filhas moram em Campo Largo. Ela nos conta que quando chegaram às terras era mato fechado, que foram entrando e fazendo suas roças e casas, mas que colocou em prática muitos conhecimentos de seus avós e pais na terra. Fez muita trança de cestos, farinha na mão (sururuca), canjica na cinza, guizá de alho, torra de farinha de milho. Utilizou: monjolo de pé para fazer bijú, quirera torrada; peneira, pilão de madeira, forno de barro.

Ela planta em suas terras com sementes crioulas (Figura 3a ), as que guarda por alguns anos que vieram de seus pais, outras que foi adquirindo e trocando com outros vizinhos e amigos: plantas medicinais para chás e remédios, frutíferas, feijão e milho (Quadro 1).

QUADRO 1 - Nomes Científicos e Nomes Populares das Sementes e Plantas.

(continua)

<b>Nome Popular</b>	<b>Classificação Científica</b>
Abacate	<i>Persea americana Mill.</i>
Abóbora	<i>Cucurbita L.</i>
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis L.</i>
Abobrinha	<i>Cucurbita pepo L.</i>
Alface	<i>Lactuca sativa L.</i>
Alho Poró	<i>Allium porrum L.</i>
Ameixa Amarela	<i>Prunus domestica L.</i>
Amendoim	<i>Arachis hypogaea L.</i>
Amora Silvestre	<i>Rubus subg rubus L.</i>
Arruda	<i>Ruta graveolens L.</i>
Banana	<i>Musa sp L.</i>
Batata Doce	<i>Ipomoea batatas (L.) Lam.</i>
Capim Limão	<i>Cymbopogon citratus (DC.) Stapf</i>
Cebola	<i>Allium cepa L.</i>
Couve	<i>Brassica oleracea L.</i>
Erva Doce	<i>Pimpinella anisum L.</i>
Erva Cidreira	<i>Melissa officinalis L.</i>
Feijão Preto Comum	<i>Phaseolus vulgaris L.</i>
Gincobiloba	<i>Ginkgo biloba L.</i>
Guaco	<i>Mikania glomerata Spreng.</i>
Hortelã Preta	<i>Mentha piperita L.</i>
Laranja	<i>Citrus × sinensis Macfad.</i>
Lima	<i>Citrus limettioides(Christm.) Swingle.</i>
Limão	<i>Citrus × limonia Osbeck.</i>

QUADRO 1 - Nomes Científicos e Nomes Populares das Sementes e Plantas.

(conclusão)

Maçanilha	<i>Matricaria recutita L.</i>
Melissa	<i>Melissa officinalis L.</i>
Milho	<i>Zea mays L.</i>
Mandioca	<i>Manihot esculenta Crantz.</i>
Mexerica	<i>Citrus reticulata Blanco L.</i>
Pepino	<i>Cucumis sativus L.</i>
Pêssego	<i>Prunus persica L.</i>
Pêssego Nectarina	<i>Prunus persica var. nucipersica. L.</i>
Pera	<i>Pyrus. L.</i>
Pimenteira	<i>Lepidium campestre. L.</i>
Pitanga	<i>Eugenia uniflora. L.</i>
Ponkan	<i>Citrus reticulata Blanco L.</i>
Uva Preta	<i>Vitis vinifera L.</i>

Fontes: Cartilha de Sementes. Sementes Crioulas. Casa da Semente de Mandirituba/PR. AOPA - Associação para o Desenvolvimento da Agroecologia. Janeiro de 2022. <https://hortodidatico.ufsc.br>

A figura 3b nos mostra a territorialidade, caixa de vara para malhar feijão, um espaço construído por Elenita, onde planta suas sementes crioulas e mantém as práticas de seus pais e avós, adaptadas as condições de solo e clima que têm na atualidade.

FIGURA 3 - Primeira casa onde Elenita morou no Quilombo. 3. A. Elenita na sua roça de milho e pomar. 3. B. Local onde malha feijão - caixa de vara.



3A



3 B

Fonte: A autora (2018)

*Alceu do Pilar – 50 anos.* Nasceu no Faxinal Sete Saltos. Se criou no Imbuia, Rincão dos Deodatos. Há 5 anos trabalha em Fazendas. Não tinham terrenos, moravam e trabalhavam

em terras arrendadas do Nelson de Ponta Grossa. Moraram lá na década de 1970/80 até 1992. Ele não pagava nada para eles, mas concedia o terreno para plantarem e morarem no lugar. Na época de seus pais *todas as terras do Quilombo eram rodeadas por Valas. Era um Faxinal, onde os animais-porcos e gado- eram criados a solta. Todos os moradores ajudavam nos puxirões para manter essas valas.* Essas valas estão ainda em volta do Quilombo atualmente.

Chegou a Comunidade Quilombola Palmital dos Pretos onde comprou o terreno em 1993, hoje é reconhecida como terras de Quilombo, mas segundo ele, não dá pra fazer roça, não têm como sobreviver, a não ser trabalhando em outras propriedades. Existia muito mato fechado e capoeirão (onde a terra não é boa para o cultivo). Planta somente no quintal. Não tem terras de cultivo. As terras são fracas para o plantio, quando têm a presença de samambaias e aleluia. E as terras boas quando tem bastante aroeira, couvetinga e xaxim. As tábuas da sua primeira casa ganhou na Fazenda onde trabalha. Fazenda Santa Cruz/Rio Bonito. Trabalhou(a) em Fazendas de Gado/Pinnus.

Em sua primeira morada no Faxinal, plantava em uma terra arrendada, nunca tiveram terrenos. Em 1½ alqueire plantavam feijão, pepino, milho, mandioca, arroz. O arroz limpava no Madeus Brandizi (Colônia Santa Cruz). O Feijão malhava na caixa de vara. Sua maior colheita foi de 12 sacos de feijão. Os tipos de feijão que plantavam: feijão tibagi – tipo chumbo/redondo, feijão Iapar – arbusto/preto, feijão manteiguinho - cipó/preto, feijão zebrinha – cipó curto – branco/preto, feijão rosinha – cipó – rosa/miúdo. Os tipos de Milho: milho mexicano – alto- espiga comprida – branco, milho híbrido – médio – 2 espigas – amarelo, milho tólifoco – alto- ½ espigas – vermelho comprido, milho maizena – médio – uma espiga – branco. (bom para pães e bolos). Tipos de Arroz (*Oryza sativa L.*): arroz amarelão – amarelo, arroz agulhinha – ponta semente. A Mandioca tinha dois tipos: vassourinha – branca e aipim – amarela. A Batata-doce tinha roxa de cipó e vassourinha – árvore – branca. Abóbora – butijo – para doces. Moganga – branca e amarela.

Com o milho se fazia a quirera. Pinducava no monjolo, tirava. (comiam com arroz), depois demoitava na água – 8 dias na água e depois tirava a massa. Quando jovem fazia a erva-mate no monjolo também. Sapeca e socava com o pé. Tomavam chimarrão. Quanto aos animais, tinha porco, cavalo, galinha, cabrito, soltos no mato/ capoeira, como no sistema de criadouro comum.

Nas suas terras atualmente no quilombo com sua família plantam no quintal - couve, repolho, cebola, alho, couve-flor, batata-doce, chuchu, rúcula, brócoli, laranja, araçá, mexerica, limão, amora, pitanga, guavirova, uva japão, pêssego - e utilizam as ervas

medicinais no uso de chás e remédios - erva-doce, maçanilha, hortelã-preta e branca, melissa, capim-limão, coentro, rosário (faz defumação contra mau-olhado. A mãe fazia rosário para oração). Delair sua esposa têm a receita de cura de “bichas de criança”: Broto de Hortelã com 9 folhas. Sapeca na chapa e esfrega na mão; coloca 1 colher de mel e amassa tudo. Passa nos pulsos das crianças e sola do pé.

*Domingas Ferreira da Silva* – 94 anos. Ela não se constitui como uma guardiã de sementes, mas se destaca pela memória que têm das práticas agrícolas, das sementes que plantavam e da sabedoria dos benzimentos e religiosidade, bem como, da formação territorial da comunidade quilombola, sendo a mais antiga moradora deste lugar.

Nasceu no Quilombo de Palmital. Casou-se com Pedro Ferreira da Silva e teve 7 filhos – 4 homens e 3 mulheres. No tempo de seus pais começaram com roça de milho e feijão juntos. Roça de “Toco”, queimando a capoeira. Morava com os pais em casa de madeira de chão batido, na qual o fogão era de barro, chamado de “Taipa”. Comiam feijão, arroz, carne de porco e banha de lata. Só compravam fora sal e açúcar. Iam a pé para a cidade com “Cargueiro”, o ginete (o pai) e os bois de “Cangalha” que iam à frente. O filho mais velho ia de matrinheiro na frente. Eram 03 dias de viagem até Ponta Grossa, Campo Largo ou Palmeira.

No Quilombo eram poucas famílias, ela nos diz: “eram ralas as casas dos morador” – os Moreiras e Santa Cruz, por isso o lugar era chamado de Santa Cruz. Trabalhavam na lavoura, faziam queimadas, roçavam capoeira, faziam cerca, “plantavam no toco que daí não era arado, plantavam na queimada, plantava milho e feijão, e dava bem.” (Domingas). Na colheita, colhiam primeiro o feijão que amadurecia antes e depois ficavam esperando para colher o milho. Trabalhavam os pais e os filhos. Andavam todos de pé no chão, roupas surradas. Faziam farinha de monjolo. Tinham sementes todas crioulas.

Aprendeu a sua primeira oração do pai-nosso com os pais e padrinhos. E daí em diante tornou-se Benzedeira. Fez e ainda faz muitas orações. Foi por muito tempo “Recomendadora de Quaresma”. Amanheciam nas Igrejas cantando e rezando. Segundo a crença deles, não podiam nem pegar na faca, nem pisavam com força no chão. Batiam as “Matracas” (eram um instrumentos de madeira de três tabuinhas, que batiam no ferro) e faziam a encomendação das almas na Cruz. Uma de suas rezas de canto: *“Bendito louvado seja, bendito sejais levado, e divino sacramento, divino sacramentado, [...] nossa senhora [...] pedindo e rogando pra Deus e santo Joaquim”*. Faziam os pedidos ao pé da cruz e ali rezavam na Quaresma.



Foi benzedeira de crianças com orações, fazia o pedido por meio da reza de um pai-nosso e ave-maria, contra lombriga, febre, susto. Faziam segundo ela: “ [...] *um pedido e oferecia para Sagrado Morte e Paixão (Nosso Senhor Jesus Cristo) e as três pessoas da Santíssima Trindade, que dê aquela força pra curar aquela criança e as lombriga num ataque, susto não ataque, durma bem, se alimente bem, é muito bão*”. Só benzi com oração, de outros tipos de jeito, não. Benzia com galhinhos de alecrim, de arruda, erva-de-santa-maria. Fazia benzimento de cortar a lombriga, para derrubar.

Fazia muito Chá de Remédios: hortelã com açúcar e 5 pingos de vinagre, para as bichas, lombrigas não atacar. Chá de artemija com cachaça para cólica de mulher, para mulher de dieta (recaída). Chá de arruda – 3 galhos e toma para dormir, calmante, para a memória. Dor de estômago – emplasto – bate bem batido a gema do ovo, moer grão da mostarda – põe a pasta no umbigo.

Aproveitou muito os bailes na comunidade, que ia até as 09horas do dia seguinte, eram os “Puxirão de Carpida”. Segundo ela dançaram muito xote e vanerão. Faziam as Carpidas em troca do Baile. Dançavam com os “Tamancos de Madeira”, as moças dançavam em troca de uma garrafinha de refrigerante, dançavam duas músicas, “xote da laranjeira”, as “rancheiras”<sup>19</sup>. O Xote da Laranjeira - “[...] essa mania de *casamento, quem quiser casar comigo, não me engane tanto tempo*”. (Domingas cantou). Elenita canta “A Rosa Branca” – “*Conheço uma rosa branca, por ela me apaixonei, por ela tenho sofrido meu bem, por ela me apaixonei*”. O canto da Semana Santa, da Recomendação na Cruz, “*Hoje é quinta-feira santa, sexta-feira das Paixão, sábado da aleluia meu Jesus, domingo da Ressurreição*”. Participavam mulheres e homens.

A maior fonte de riqueza dessas comunidades, como de Palmital dos Pretos, é o etnoconhecimento, a vivência popular, principalmente dos mais velhos, em relação a agrobiodiversidade, as sementes, ervas e plantas medicinais, pois constitui um legado passado de pai pra filho há muitas gerações.

### 1.1.2 Comunidade Faxinalense – Sete Saltos de Baixo/Ponta Grossa/PR

Com a pesquisa participativa que realizamos nos estudos a campo, pudemos observar que são as práticas histórico/sociais e religiosas que ainda consolidam o modo de vida dos

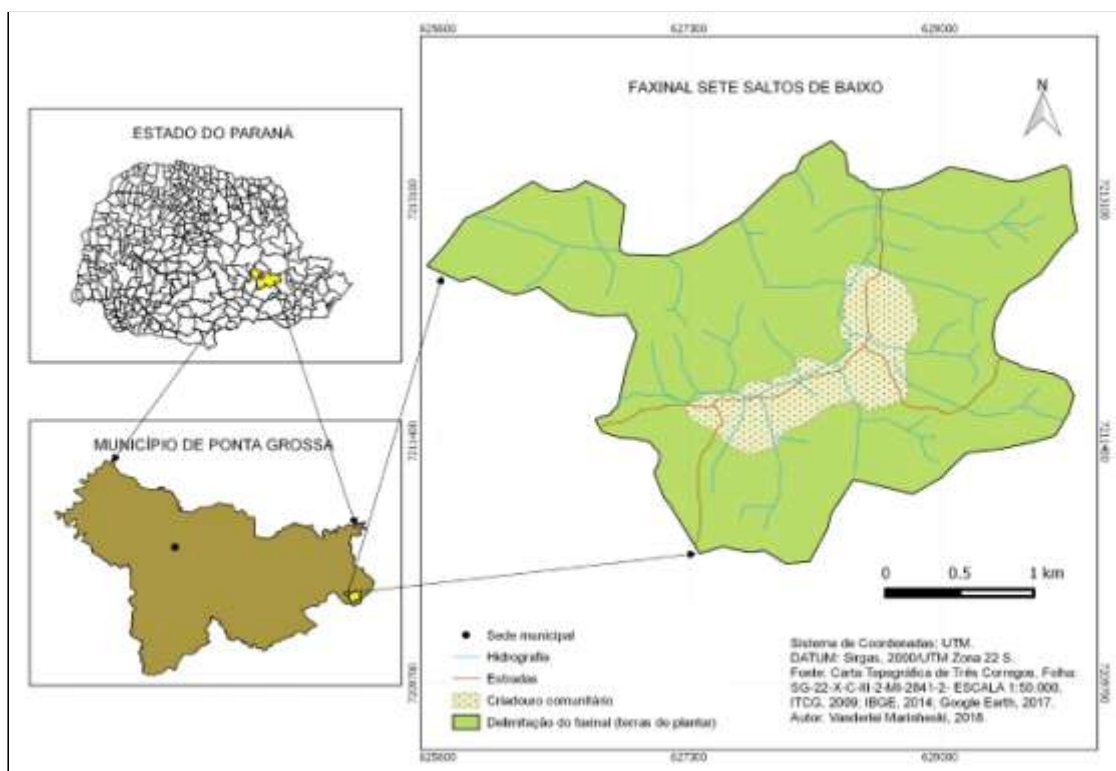
---

<sup>19</sup> Nas comunidades caiçaras essas danças são chamadas de Fandango.

camponeses faxinalenses, mesmo enfrentando conflitos sociais e ambientais. São os laços de solidariedade e sua ligação com a terra no criadouro comum, por meio do trabalho e dos puxirões, que mantêm vivos sua história e sua cultura.

O Faxinal Sete Saltos de Baixo está localizado no Distrito de Itaiacoca a 60 km do centro de Ponta Grossa – PR e faz divisa com o município de Campo Largo (Figura 4). Tem uma área de 3.817 ha. Situa-se na bacia hidrográfica do Rio Sete Saltos, no Primeiro Planalto Paranaense. O referido Faxinal ocupa 26% da área da bacia (992 ha), sendo 106 ha representados pelo criadouro comunitário, com florestas, várzeas, edificações e estradas, e 890 ha pela área de plantar. Quanto ao uso da terra na bacia onde se insere o Faxinal, quase 58% da área se encontra coberta por florestas. (MORO; LIMA, 2012).

FIGURA 4 - Mapa da localização da Comunidade Faxinalense Sete Saltos de Baixo



Fonte: Elaboração Vanderlei Marinheski, 2018. Projeto Interconexões.

Segundo Pereira (2002), a parte oriental do município está organizada por três bacias: do Rio Conceição, do Rio Sete Saltos e do Rio Caçador. Esta região possui a mais forte cultura faxinalense do município. Sete Saltos de Baixo, é o único dentro do município de Ponta Grossa que continua com todos os seus elementos tradicionais e físicos (criadouro

comum) funcionando. Das comunidades do Rio Caçador muitos saíram e se dirigiram para Sete Saltos de Baixo. Como eram faxinais antigos, possuíam as mesmas características. Mesmo entrando muitos proprietários particulares nestas regiões, estas comunidades mantêm as tradições caboclas e agricultura familiar de subsistência.

O Faxinal Sete Saltos de Baixo conta com aproximadamente 57 famílias, 190 pessoas que ali moram e 7 chácaras, totalizando 64 residências. São em torno de 48 proprietários e 15 arrendatários.

No Faxinal Sete Saltos de Baixo temos muitos elementos tradicionais marcantes. Encontramos nele ainda preservados três elementos que são: o Criadouro Coletivo ou Potreiro, Terras de Plantar e as Cercas e Valos. O criadouro comum conta com uma área de aproximadamente 200 alqueires, mas já contou com cerca de 250 alqueires (LÖWEN SAHR; IEGELSKI, 2003). As propriedades dentro deste criadouro são privadas, o que não impede o seu uso comum. No potreiro são criados mulas, bois, cabritos, porcos crioulos, galinhas. As moradias também se localizam dentro do criadouro comum.

As terras de plantar deste Faxinal localizam-se também nas partes mais altas e acidentadas do terreno, áreas de cultivo, de roças, onde se faz a plantação. Nestas áreas são principalmente cultivados produtos como o feijão e o milho para subsistência. O feijão serve principalmente para o consumo das famílias, e o milho para a complementação da dieta dos animais. Algumas poucas famílias cultivam ainda batata e mandioca em quantidades menores.

As cercas e os valos servem de separação entre o criadouro comunitário e as terras de plantar. Precisam de constante manutenção para garantir que os animais não invadam as plantações e as estraguem. A “restinga” é uma faixa de 15 metros de mata, que se deixa entre as cercas e as terras de plantar e serve para impedir os animais de passar para o outro lado. As estadas são fechadas com porteiras e mata-burros que servem para impedir a passagem dos animais.

Segundo os atuais moradores a história do Faxinal se inicia com duas famílias no início do século XX, década de 20/30: Família Francisco Timóteo Ferreira (os Mota) e a Família Ferreira de Freitas (os Maia). Francisco Timóteo Ferreira comprou as terras de antigos posseiros vindos de Guarapuava. Eram 218 alqueires de terra, em todo o Faxinal. Os posseiros eram os irmãos José Frederico de Freitas, Nicolau Frederico de Freitas, Dedeus de Freitas. Quando adquiriu os 218 alqueires de terras Francisco Timóteo Ferreira desejava fazer o criadouro comum para criar os animais a solta. Para que isso acontecesse teria que ter a ajuda dos vizinhos na construção dos “valos” necessários para os animais não fugirem do

criadouro. Seus vizinhos eram Neuralindo, Paulindo, Linfonso e Ferraz. Os vizinhos no início não queriam ajudar, mas Francisco começou a fazer os valos e as cercas sozinho, então os vizinhos vendo sua iniciativa, passaram a ajudá-lo. E com isso, deu início aos puxirões uma das práticas preservadas até hoje, para manter as cercas e os valos do criadouro comum.

Podemos perceber a presença marcante do elemento caboclo na região. Esses descendem, em sua grande maioria, diretamente dos bandeirantes paulistas e da mestiçagem entre europeus, índios e tupi-guaranis (LAVORATTI, 1998, p. 70). Os caboclos são resultados da mistura entre europeus e índios, mas é possível encontrar brancos de olhos claros, descendentes diretos de europeus (italianos, alemães ou poloneses). Há os negros que são resultados da introdução de mão de obra escrava e da presença próxima a Comunidade Quilombola Palmital dos Pretos.

João Mota, um dos mais antigos moradores do Faxinal morreu com 94 anos, em Janeiro de 2018. Ele nasceu e cresceu no Faxinal Sete Saltos de Baixo, filho de Francisco Timóteo Ferreira, comprou terras de posseiros na década de 1920, e que também requereram terras do Estado na década de 1970, efetuando o pagamento mensalmente via Guia de Recolhimento da Fundação Instituto de Terras e Cartografia (ITC). Através de entrevista concedida a Ms. Marilei de Fátima Ferreira Gonçalves, em sua Dissertação no ano de 2016, o Senhor João Mota relatou que começaram a fazer os Vedos<sup>20</sup> demarcando as terras do Faxinal Sete Saltos de Baixo legalmente, no período de 1945, a pedido do poder público. Ele foi indicado pelo prefeito de Ponta Grossa da época para ser o Inspetor do movimento da demarcação das terras do Faxinal, para regularizar a situação do Faxinal e suas propriedades.

A Comissão local do Faxinal em 2018 mantém os trabalhos por meio de Puxirões para a manutenção dos Vedos e Cercas no Criadouro Comum.

O neto de Francisco Timóteo Ferreira e filho de Antônio Mota, João Maria Ferreira, morador do Faxinal até hoje nos contou que seu avô comprou 218 alqueires de terras no Faxinal, fazia 09 a 10 alqueires de roça de toco, plantando só milho e feijão, com sementes crioulas. Plantava para subsistência e o que sobrava comercializava nas cidades vizinhas.

Antônio Tiburcio Maia, 86 anos, veio para o Faxinal de Sete Saltos quando ainda era criança, na década de 30/40. O pai comprou algumas terras. Tinha só mato no faxinal. Veio só com sua mãe Benedita Maia. Tudo era mato, foram abrindo os caminhos para vir pra 7 Saltos. Fazia picadas no meio do mato. No Faxinal já estavam a família de Francisco Timóteo Ferreira (os Mota). Ele conta que tinham um gado pequeno, mas depois vendeu.

---

<sup>20</sup> Vedos, são as cercas que limitam fisicamente os faxinais.

*O que mais fazia era criação de Porcos. Plantava uns 30 a 40 alqueires para comercialização de milho, feijão, abóbora, amendoim, e usava só semente crioula - de paió. Ainda utilizo essas sementes crioulas, mas atualmente planto somente para consumo próprio. Utilizavam para o plantio destas sementes o arado puxado a cavalos e a carpideira. Plantavam dentro e fora do criadouro, porque às vezes o terreno era pouco.*

A prática mais forte que Antônio Tibúrcio (Figura 5) mantém é a religiosidade, que vêm da mãe com as festas do Divino e Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora Aparecida. Essas festas ocorrem em um altar construído dentro da casa. A imagem de Nossa Senhora da Conceição a qual sua mãe também fazia rezas, ele mantém neste altar.

FIGURA 5 - Antônio Tiburcio Maia, 86 anos. Um dos moradores mais antigos do Faxinal atualmente e guardião de sementes de milho, feijão e abóbora.



Fonte: A autora (2018)

O casal Antônio Pires das Chagas, 66 anos (nasceu no Faxinal Conceição) e Otacilia Pires das Chagas, 62 anos (Figura 6), filha de Antônio Tiburcio Maia (nasceu em Sete Saltos de Baixo), moradores há mais de 40 anos no Faxinal, contam que deram esse nome Faxinal de Sete Saltos devido ao fato de existirem 7 cachoeiras no local. Por isso existe a diferença entre o Sete Saltos de Baixo e Sete Saltos de Cima.

Antônio Pires nasceu e cresceu no Faxinal Conceição e trabalhava com o pai que criava 60 a 70 porcos. No criadouro Comum tinha muito pinheiro cujo fruto, o pinhão, alimentava os porcos. Muito tempo depois, na década de 70, esses pinheiros foram sendo extraídos, desmataram, para vender a pessoas de Curitiba que compravam madeira. Quando chegaram ao Faxinal a terra era muito produtiva. Fizeram um Tratado de Comodato com

Antônio Rodrigues Ferreira. Adquiriram 19 alqueires de terra (no Criadouro), mais 14 alqueires (nas terras de plantar).

FIGURA 6 - Antônio Pires das Chagas e Otacilia Pires das Chagas.



Acervo de Renato Pereira (2018). Projeto Interconexões.

A dedicação maior de Antônio Pires foi para o plantio de milho, feijão que plantavam na roça, fora do criadouro comum, nas terras de plantar. O feijão era plantado junto com o milho (consórcio), pois suas bainhas subiam no milho. Roçava com foice manualmente. Plantava geralmente em agosto/setembro e colhia em dezembro. Era para subsistência, mas o que sobrava vendiam. O milho plantava agosto/setembro e colhia em 6 a 7 meses. Era só para subsistência e trato dos animais. No início moíam farinha e faziam o fubá de milho. Tinham monjolo para moer a farinha. No criadouro tinha cinco monjolos. Socava três alqueires de milho e fazia farinha de milho e o fubá.

No início para o plantio em suas terras de plantar não usavam adubo, faziam a Queimada e a Roça de Toco. Usavam a tração animal, com arado de lâmina de metal. A Capoeira para se regenerar era com 8 a 10 anos. Tinha que ter terreno (bastante para revezamento). Plantavam feijão, batata, criavam gado. Tiravam para subsistência e o que sobrava, vendia pra Ponta Grossa, inclusive os porcos, para poder comprar mais terras. Otacília tinha um pedaço de terra fora do valo para plantar amendoim, abóbora, pepino, mandioca, bata-doce. Trocavam sementes crioulas com seus vizinhos e parentes.

Todos os moradores do Faxinal, nas décadas de 60/70, faziam o que chamavam de reunião para o trabalho (era o mesmo que puxirão ou mutirão).

Na alimentação se destaca a Paçoca de Farinha que aprenderam com os pais. A carne de porco era frita na sua própria banha e guardada na “banha de lata”, de onde era tirada a carne para socar no pilão manual com farinha de biju (milho) (Figura 7). Também faziam o

virado de feijão com farinha de mandioca. Com o milho que era torrado, tiravam como se fosse um café, mas era só uma água escura, pois não usavam o café.

FIGURA 7 - Fritura da carne de porco no Tacho de cobre e Fogão de Lenha. Prática de socar a carne de porco no Pilão com Farinha de Milho para fazer a “Paçoca de Pilão”. Otacilia fazendo Paçoca.



Fonte: A autora (2018)

Os moradores deste Faxinal estão diretamente ligados ao trabalho com a roça e com os animais. Em quase todas as casas, é comum a família se reunir logo de manhã em torno do fogão de lenha para tomar o mate, seguido pelo café-da-manhã. Depois o homem sai para o trabalho na lavoura e as mulheres ficam o trabalho de casa e trato dos animais. É em torno fogão de lenha e do chimarrão que as conversas evoluem e os causos e contos dos “tempos antigos<sup>21</sup>” são transmitidos pelos avôs e pais aos filhos e netos.

No Faxinal de Sete Saltos de Baixo a religiosidade e a fé é muito forte entre as famílias (Figura 8), estão estritamente ligadas à conduta moral das pessoas. Os encontros semanais realizados na capela são bastante comuns entre os moradores das comunidades. Lá são realizadas as missas ou rezas de terços e novenas. Na Família de Antônio Pires eles rezam um terço todo mês com toda a família reunida. Cada família tem no interior de sua casa um altar erigido a seu santo devoto e realizam festas em louvor a diversos santos como sinal de adoração.

---

<sup>21</sup> As histórias das suas famílias, o que viveram em seu cotidiano, suas práticas, sinais de sua grande experiência de vida nos faxinais. É o que mantêm a identidade enquanto grupo tradicional.



FIGURA 8 - Altar na casa de Antonio Pires em louvor ao “Divino”. Em torno deste altar fazem suas orações e terços mensais.



Fonte: A autora (2018)

Duas famílias que são descendentes de um dos primeiros moradores do Faxinal, Família Ferreira de Freitas (os Maia), realizam as festas religiosas em intenção de um santo padroeiro. Eles cultivam essa prática religiosa como uma tradição. A família de Alcides (Tide) Maia e de Antônio Pires das Chagas (Antônio Bernardo), genro de Antônio Tiburcio Maia. A família Maia faz a festa todo ano no dia 12 de outubro em intenção de Nossa Senhora Aparecida, e a família Bernardo dia 28 de outubro, em intenção de São Simão.

Antônio ainda nos relata que muitas coisas não existem mais no faxinal, por exemplo, o monjolo e os moinhos para a fabricação de fubá e quirera. E as casas do início do faxinal são muito poucas as que resistiram ao tempo. As primeiras eram bem simples, de madeira e não resistiram ao tempo.

FIGURA 9 - Casa da Família João Mota.



Fonte: GONÇALVES, 2017.



Fonte: A autora (2018)

A maioria das casas eram de madeira, com estilo próprio, muitas vezes de influência européia, duas janelas na frente, uma porta, telhado alto, pertenciam a João Mota e a Neco



Lopes (Figura 9). A única casa que ainda existe é a de Antônio Mota (Figura 10). As demais foram demolidas. As de madeira que ainda resistem, podemos observar abaixo, mas já sofreram algumas transformações de seus proprietários.

FIGURA 10 - Casa antiga (Acervo Cacilda Maia) e atual, pertencente a Lauro de Oliveira Chagas.



Fonte: A autora (2018)

O meio físico e natural mais o sujeito histórico local com suas vivências e práticas, constitui uma riqueza cultural típica do Faxinal Sete Saltos de Baixo, expresso nas manifestações culturais e costumes no espaço, tornando o lugar/vivido como único dentro do contexto dos faxinais no município de Ponta Grossa.

Cacilda Inglês das Chagas Maia, moradora do Faxinal desde que nasceu é *guardiã de sementes crioulas*. Neta de João Francisco de Oliveira e filha de Lauro de Oliveira Chagas. Casada com Alcides Maia que é filho de Antônio Tiburcio Maia. Podemos perceber que Cacilda é descendente natural ou por casamento das três primeiras famílias do Faxinal. Ela guarda sementes crioulas e tem no seu cotidiano muitas das práticas vivenciadas no Faxinal.

Galdina Inglês das Chagas (mãe de Cacilda), era guardiã de sementes, costureira e benzedeira (Figura 11). Utilizava as plantas medicinais para dar remédios a quem precisasse. Cacilda aprendeu com sua mãe a arte da costura, de guardar as sementes crioulas e objetos antigos da casa antiga de seus pais, bem como a religiosidade com a tradição de fazer o altar em sua casa e a festa a Nossa Senhora Aparecida no dia 12 de outubro.

FIGURA 11 - Galdina Inglês das Chagas costurando. Década de 90.

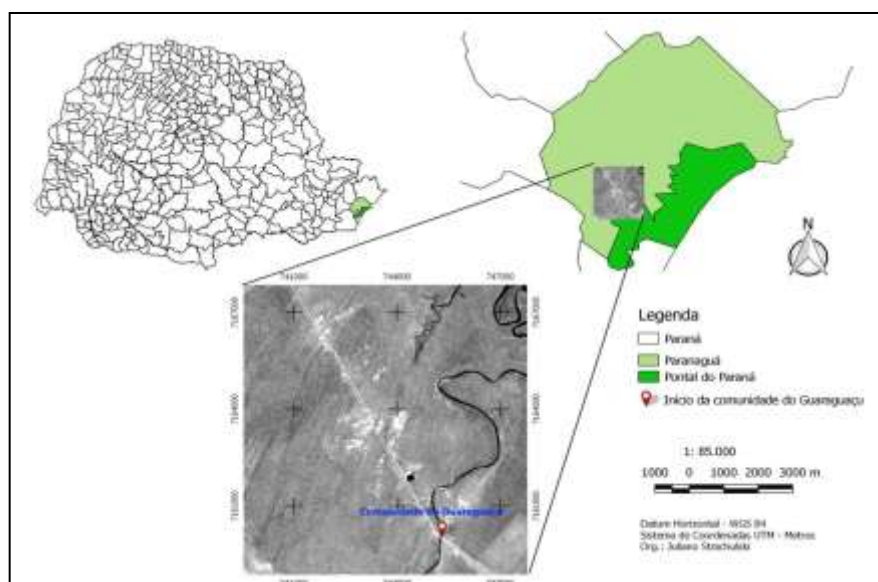


Fonte: Acervo de Cacilda I. das Chagas Maia.

### 1.1.3 Comunidade Rural Guaraguaçu – Pontal do Paraná/PR

Guaraguaçu é uma comunidade rural, com características de comunidade caiçara, porém não é considerada como uma comunidade tradicional. Está localizada no espaço urbano, município de Pontal do Paraná, na PR-407, entre Praia de Leste e Paranaguá (Figura 12). É abastecida pelo Rio Guaraguaçu.

FIGURA 12 - Mapa da localização da Comunidade Guaraguaçu (org) Juliano Strachulski, 2018



Fonte: *Revista Mundi Sociais e Humanidades*. Curitiba, PR, v.4, n.2, 64, ago./dez., 2019

Essa Comunidade possui características rurais dentro de um espaço urbano, as praias de Pontal do Paraná. O termo caiçara designa a comunidade tradicional, fruto da miscigenação entre indígenas e colonizadores europeus, que viviam em contato íntimo com a natureza. Ela tem sua origem e cultura relacionada à pesca, agricultura, ao rio Guaraguaçu e grupos indígenas (Guarani M'byà), bem como migrantes portugueses e de outras etnias.

A comunidade se formou as margens do rio Guaraguaçu aproximadamente há cerca de 150 anos. Seus primeiros habitantes utilizavam o rio como fonte de subsídio, pois dali retirava o alimento e também era pelo rio que transportavam suas plantações e comercializavam seus produtos na feira em Paranaguá.

O termo *caiçara* vem do Tupi-guarani, formado pela junção de duas palavras – *caá* = *mato* e *içara* = *armadilha*. Os Tupis-guaranis chamavam “*caá i çara*” a “cerca” de proteção colocada em volta da aldeia ou a cerca de pau-a-pique colocada ao redor das plantações para

evitar a entrada de animais. Mas também podia ser os galhos fincados na beira da água como cercos de pesca. Somente mais tarde o nome caiçara passou a ser dado ao rancho que abrigava as canoas e os instrumentos de pesca na beira do rio ou praia<sup>22</sup>.

O autor Diegues (2004, p. 9), considera a cultura caiçara como parte da “contribuição étnico-cultural dos indígenas, dos colonizadores europeus e, em menor grau, dos africanos”. Já para Willems<sup>23</sup>, o que caracteriza a cultura caiçara é a associação entre pesca e agricultura, a importância do “complexo farinha de mandioca”, a reciprocidade na vida cotidiana, as relações sociais individualizadas em um grupo maior, os mutirões, e outras características que o distingue da cultura caipira ou cabocla. A cultura caiçara desenvolveu um conjunto de práticas cotidianas materiais e imateriais ligadas ao mesmo tempo a terra e ao rio.

Durante muito tempo esta comunidade de Guaraguaçu viveu relativamente isolada dos centros urbanos e de outras comunidades. Dessa forma desenvolveu seu modo de vida e cultura local própria, muito original e específica a uma única área geográfica (ladeando o rio Guaraguaçu- Figura13).

FIGURA 13 – Rio Guaraguaçu, 2018



Fonte: A autora.

As Comunidades Caiçaras desenvolveram uma cultura e economia particular, pois foram moldadas pela adaptação à floresta tropical dos Tupis-Guaranis. Inclusive estão ligadas a vivência dos “Sambaquis”<sup>24</sup>. Os Caiçaras viviam basicamente da relação do rio e da mata. Do extrativismo e pesca artesanal não predatória. Durante muito tempo, a economia dos caiçaras esteve ligada entre uma economia de sobrevivência e troca indígena. Tinham a produção destinada ao

<sup>22</sup> <https://www.icmbio.gov.br>

<sup>23</sup> WILLEMS, Emilio apud DIEGUES, Antonio Carlos Sant’anna. **A Mudança como Modelo: O caso da Cultura Caiçara e a Urbanização**. In: DIEGUES, A.C. (org.). Enciclopédia Caiçara – volume 1: O olhar do pesquisador.– São Paulo: Hucitec: NUPAUB: CEC / USP, 2004. P.22.

<sup>24</sup> Os sambaquis são também conhecidos como concheiros, depósitos de cascas de ostras, conchas e restos de artefatos deixados pelos homens pré-históricos e indígenas brasileiros. São encontrados, principalmente, em regiões litorâneas do Brasil. Nos sambaquis, junto com as conchas e ostras, é muito comum os arqueólogos encontrarem ferramentas, armas, restos de utensílios domésticos de cerâmica e até ossos humanos.

consumo familiar, mas também contribuía para a economia regional, comercializando a produção excedente para adquirir produtos e serviços que não produziam como ferramentas, material de construção, sal, roupas, etc.

[...] a partir de 1926 com a construção Estrada do Mar, ligando o litoral e o restante do Paraná, foram surgindo várias outras vilas próximas à orla marítima, como Caiobá e Matinhos, Vila Balneária e Pontal. A partir daí a comunidade foi forçada a se deslocar e ficar mais próxima do rio e da estrada, pois com o maior fluxo de pessoas transitando pelas redondezas, teoricamente, o comércio também aumentaria (FERNANDES, 1947, p.23).

Em Guaraguaçu se encontra o Sítio Sambaqui (Figura 14) que guarda a história da comunidade sambaquiba há 4.200 anos. É formado por conchas e detritos deixados por eles e onde eram enterrados os mortos. Há também neste local o Forno de Caieiras, equipamento antigamente utilizado para queimar conchas e detritos e produzir a cal utilizada nas construções do município de Paranaguá.

FIGURA 14 – Fotos de Sambaqui do Guaraguaçu – Conchas, Forno de Caieiras e Ossadas. Ano 2018.



Fonte: A autora.

A comunidade Guaraguaçu é marcada pela diversidade étnica, cultural, social, entre outras. Eles podem ser caracterizados pela mistura de grupos caiçaras, indígenas (Guaranibyá) emigrantes, cada qual com sua cultura, costumes, seu imaginário e suas representações coletivas, riquezas que não podem ser esquecidas.

É importante destacar que nesta Comunidade temos sujeitos chaves para o reconhecimento da História da Comunidade. Como, por exemplo, a História da Família Sales Bittencourt. Essa história da família nos foi contada por Maria Tereza Freire Bittencourt, 54 anos de idade, moradora de Guaraguaçu desde o nascimento.

FIGURA 15 – Jornal<sup>25</sup> da Família Sales Bittencourt e Casa onde moravam João Sales e Luzia, desde 1915. Foto de 2018.



Fonte: A autora.

Segundo o jornal<sup>26</sup> (Figura 15) de posse da família, de Tereza Freire Bittencourt, filha do João Sales e Luzia, todos os filhos deles nasceram em Guaraguaçu, na casa da foto (Figura 15) pelas mãos da avó que era parteira.

A primeira estrada de Guaraguaçu, segundo João Sales (in memórian), foi aberta em 1922 e ficou de chão batido por muito tempo. Foi revestida de areia preta e de cascalho retirado dos sambaquis. Somente em 1965 que chegou o asfalto. O João Sales trabalhou nas obras da ponte e relata que a ponte era um mata-burro, uma prancha de madeira, um pontilhão, não tinha manilhas, e por isso, quando as águas do rio subiam passavam por cima da ponte.

Luzia (in memórian) narrou ao jornal que ajudou na criação da escola e no ensino de Guaraguaçu. Segundo ela o primeiro comerciante Henrique Francisco das Neves foi também o primeiro professor, que tomou a iniciativa de ensinar as crianças da comunidade a ler e escrever. Comprou os livros e na sua própria casa iniciou a escola de Guaraguaçu, em 1946. Somente entre 02 a 03 anos mais tarde ganhou uma escola do governo. A primeira professora oficial foi Idalvina e a segunda foi Hedila.

<sup>25</sup> JORNAL de Guaraguaçu. *Reportagens Históricas da Família Salles Bittencourt*, 01/06/2001.

<sup>26</sup> Três irmãs, Maria, Clemência e Constância, moradoras do Cambará, casaram-se com três irmãos: respectivamente, João, Lacerda e Odorico Sales Bittencourt, filhos de imigrantes franceses que se instalaram no Parati, em Guaratuba. João e Maria Sales vieram para o Guaraguaçu, onde tiveram nove filhos. Destes Luiz, 79 anos, José, 88 e João 86, formam hoje a memória viva sobre a história das antigas praias de Paranaguá. João Sales Bittencourt, 31 anos na época, casou-se em 1946, Dona Luzia, 14 anos. Hoje o casal possui uma família formada por sete filhos, sendo eles Celso, Francisca, Alfredo, Odete, Rosa, João Carlos e Maria Tereza. Possuem também 16 netos e sete bisnetos. Eles ainda mantêm em atividade a velha Casa de Farinha construída em 1915 pelo pai de João Sales, ao lado da casa onde moram, em uma figueira de mais de um século de idade. Da mesma forma são mantidas as lembranças de um tempo em que neste canto da Mata Atlântica o homem convivia pacificamente com a natureza. (Jornal, 2001).



Uma das histórias trágicas de Guaraguaçu é o fato dos “Sambaquis” virarem cal para a construção das estradas na localidade. O João Sales contava que: “A gente era que nem índio andando descalço, livre por aí”. Ele conviveu com alguns remanescentes indígenas que ainda viviam na região. Foi o suposto desenvolvimento das cidades próximas as praias que expulsou os remanescentes indígenas e destruiu uma herança e cultura deixada pelos povos dos Sambaquis<sup>27</sup>.

Ainda de acordo com a narrativa do João Sales, havia vários Sambaquis na região, como: o Sambaqui do 15, que tinha mais de 15 metros, outro na Barra do Rio São João possuía 02 metros e na entrada do Rio do Maciel, havia um enorme, com 21 metros de altura<sup>28</sup>, de cujo topo, aparecia a torre da Igreja Matriz de Paranaguá. Deste último Sambaqui, uma empresa de asfalto tirou toneladas de conchas e cascas de ostras que eram queimadas em forno e transformadas em cal. Foram encontrados neste local, ossos humanos, de baleia, mas estão em museus do Paraná.

Maria Tereza filha do casal, conta que iam a pé de Guaraguaçu até Paranaguá, apenas para trocar ou comprar os alimentos e mercadorias que faltavam. Mas segundo ela:

*[...] o pai plantava “arroz, feijão, abacaxi, plantavam do outro lado do rio [...] os lugares altos era para o plantio da mandioca e do abacaxi, na terra baixa, lama, era semeado o arroz, aí não precisava molhar. Era 1000 e poucos pés meu pai colhia, de abacaxi. Era verão [...] Quando minha mãe queria fazer bijú puva, sabe, fazia bijú de gato, que era na folha de banana, fazia a goma com a farinha, o sal e botava na folha de banana, e quando ela queria fazer o biju puva, ela fazia na cuscuzera [...] pegava a mandioca com casca e tudo, trazia aqui no rio e enterrava na lama, aquela mandioca ficava meio podre, não lembro quanto dias ficava ali. Quando ficava meio podre, lavava e ralava. Nós era meio índio [...] (D. Maria Tereza, 2018).*

Tereza narra às práticas econômicas (Figura 16), religiosas, culturais e principalmente das ervas medicinais. Ela conhece inúmeras variedades de plantas e os usos a que devem ser destinadas. Também narra as histórias que o povo contava, fazendo parte da cultura popular de Guaraguaçu.

Entre as Práticas Culturais existentes no Guaraguaçu, de acordo com as narrativas, estão às religiosas e festivas. Sujeitos entrevistados relatam que a vida no início de sua

---

<sup>27</sup> Estes amontoados de conchas e esqueletos de peixes (resíduos de alimentos), e até mesmo esqueletos de humanos, (que se constituem em importante referencial arqueológico e histórico sobre os costumes das tribos que habitavam o litoral antes da colonização européia), foram transformados em cascalho ou cal para servir de base para o asfalto colocado nas estradas (inclusive a que corta o rio Guaraguaçu). (Jornal de Guaraguaçu 01/06/2001).

<sup>28</sup> Até hoje é o maior do Estado do Paraná.

formação, nas margens do rio Guaraguaçu era uma festa. Todas as terças e sábados era realizado o Fandango, festa típica do litoral paranaense, em que os participantes dançam (batendo tamancos de madeira), ao som de um tambor e duas violas de sete cordas, feitas de madeira. As tochas de fogo eram a forma de chamar o povo para os fandangos, quanto para avisar da festa do Bom Jesus do Iguape, que acontecia todos os anos no dia 06 de agosto, na Igreja de Madeira, depois de rezarem a novena ao Menino Jesus do Iguape.

Segundo os moradores eles tornavam-se anfitriões em Guaraguaçu para receber os festeiros de outras localidades, e assim os recebiam em suas casas, ou ficavam em barracas, mas a alimentação que era o feijão com carne seca. Estas festas foram terminando após a chegada dos evangélicos na comunidade. A maioria do povo foi desistindo das festas e a imagem do Menino Jesus do Iguape foi transferida para a Igreja de Ponta do Maciel por José Lopes. Segundo Tereza, “... depois que o povo foi deixando a beira do rio e indo para a beira da estrada, tudo vai mudando em Guaraguaçu”.

É uma mistura de sentimentos e subjetividade que vemos na fala de Tereza, pois os deslocamentos geográficos vão mudando as relações de pertencimento e identidade com o território.

FIGURA 16 - Fotografia de mulheres fazendo o “Bijú e Farinha” na Casa de Farinha de Guaraguaçu, em frente a casa de João Sales.



Fonte: Acervo da Comunidade Guaraguaçu.

As práticas culturais tornam-se uma marca da história do povo caiçara. A sobrevivência deste povo no início de sua formação dependia da agricultura, extrativismo vegetal e caça. A população local usava o que plantava e coletava para a alimentação, abrigo, comércio, locomoção, artesanato e fabricação de móveis e instrumentos.

Com a taquara se fazia o *cóvo*, o cercado e as arapucas, os quais amarravam com o cipó, também usado para o artesanato juntamente com a fibra. A fabricação de canoas era feita com tronco de árvores, que ficaram conhecidas como “canoa de um pau só” e a madeira que mais se usava era a do Guanandi (*Calophyllum brasiliense* Cambess), árvore dura e durável, de tronco retilíneo, típica da região. Para a pesca

utilizavam árvores diferentes, maiores e mais resistentes como a Canela (*Ocotea pulchella*) ou o *Guapuruvu* (*Schizolobium parahyba*) consideradas melhores para a adaptação do motor de popa. O restante da árvore que sobrava era utilizada como lenha para alimentar os fogões domésticos e na indústria artesanal de farinha enquanto a extração de palmito tinha por fim tanto a alimentação de subsistência quanto o comércio (LANGOWISKI, V. B., 1973).

De acordo com as narrativas de alguns membros, percebem-se as mudanças ocorridas na comunidade. Uma das mudanças bastante forte foi à comercialização dos produtos. Os moradores começaram a montar bancas na beira da estrada para vender o que produziam, desde os alimentos extraídos na natureza, como o abacaxi, a banana, o palmito e a farinha até o artesanato que vinham comercializando com Paranaguá. Como este comércio torna-se viável para os moradores da Comunidade, outros caiçaras foram montando pontos de comércio. Ocorre uma transformação também na agricultura onde passam a produzir os alimentos de maior saída no comércio, por exemplo, o plantio do abacaxi, produto bastante consumido pelos turistas durante o verão. Outro produto que ganhou destaque no comércio local com a vinda dos turistas para o litoral foi o palmito, abundante na região e bem aceito pelos consumidores. Algum tempo depois começam a chegar à comunidade os grandes grileiros, que compram as terras dos caiçaras para explorar os recursos locais. Isso prejudica o uso equilibrado dos recursos agroflorestais na comunidade, pois seus espaços de cultivo tornam-se cada vez menores. Esses grileiros passam a explorar cada vez mais o palmito, abundante na região.

Com a criação de UCs, os órgãos ambientais atuantes na região passaram a realizar um intenso monitoramento e controle das atividades extrativistas realizadas pela comunidade a fim de minimizar seus impactos sobre meio ambiente. A derrubada de florestas para as roças passou a ser proibida, assim como a caça. A extração de recursos florestais também foi restringida, principalmente a extração do palmito, a única fonte de renda das famílias. A partir daí o caiçara se lançava ao extrativismo clandestino. Vários moradores responderam criminalmente por suas atividades clandestinas e se viram subitamente colocados no banco dos réus, mesmo sendo uma das vítimas (GONÇALVES, 2007).

Grande parte da Cultura dos Caiçaras da região foram se perdendo com o tempo com a realização de outras atividades. Muitas práticas de fundamental importância para esta Comunidade de Guaraguaçu ficou no esquecimento, como o fandango, o trançado do cipó para a confecção do artesanato, os rituais religiosos, a confecção de canoas, o uso das plantas medicinais, os remédios caseiros, etc.

Atualmente a Comunidade está em transformação, pois há uma movimentação em torno do reconhecimento e valorização da Comunidade Guaraguaçu, com suas práticas



culturais e econômicas. Cerca de 300 moradores, vivem na comunidade e a maioria passou a ter outra finalidade, o Ecoturismo, a prática da Agroecologia (Agrofloresta) e o resgate de práticas com o cultivo de sementes crioulas, uso de plantas medicinais e cuidados com o Meio Ambiente no espaço onde vivem.

Dentre as principais atrações do Ecoturismo estão: o Sambaqui do Guaraguaçu , forno secular Caieira, o Rio Guaraguaçu , Estrada Ecológica, os Guarani M'byà e o Café Caiçara da Conceição.

Em Guaraguaçu encontramos três pessoas que trabalham com a agrobiodiversidade e/ou agrofloresta. Elas possuem sementes nativas do Guaraguaçu de diferentes espécies e que as multiplicam através do tempo. Maria Tereza Freire Bitencourt – 54 anos, Conceição Vieira Ramos Constante – 64 anos e Claudomiro Constante – 44 anos. Com eles encontramos sementes nativas de árvores, temperos, feijão, mandioca, frutas, que estão relacionadas à estratégia de conservação de recursos básicos para sua alimentação e para as agroflorestas. Eles vêm desenvolvendo há algum tempo a função de guardadores e multiplicadores destas sementes, sem nem mesmo perceber sua importância cultural e social.

Para Conceição, o “*rio era a vida da comunidade*”, tudo girava em torno dele, desde sua formação até a prática da agricultura. Desta forma, uma das práticas alimentares que estão reproduzindo no Café Caiçara da Conceição, que os caracteriza como caiçaras é o Prato da “Cambira”<sup>29</sup>. Através do peixe , o prato da cambira faz a mediação do passado com o presente, está na memória dos moradores da região, faz parte de seu cotidiano cultural, de um conjunto de práticas materiais e imateriais ligadas ao mesmo tempo a terra e ao mar. Para Willems (2002), o que caracteriza a cultura caiçara é a associação entre pesca e agricultura, a importância do “complexo farinha de mandioca”, a reciprocidade na vida cotidiana, as relações sociais individualizadas em um grupo maior, os mutirões, e outras características que o distingue da cultura caipira ou cabocla.

Em sua grandiosidade de ser humano e com seus conhecimentos vernaculares, Conceição Vieira Ramos Constante nos diz que “... *o caiçara pode viver da pesca, da caça, das plantas, do cultivo...*”. Com essas sábias palavras, percebemos que os moradores ao respeitarem a natureza sobrevivem e se adaptam em todos os lugares. Ela tornou-se uma grande guardiã de conhecimentos, história, práticas e sementes, tornando-se uma protagonista

---

<sup>29</sup> A Cambira é feita com o peixe seco, que era à base da alimentação do caiçara na região, acompanhado por farinha de mandioca e banana.

da História do Guaraguaçu com seu café Caiçara, onde produz e comercializa alimentos de base agroecológica.

Com seus conhecimentos medicinais Tereza Freire Bitencourt vai nos conduzindo a sua agrofloresta e ali com todo respeito a natureza, vai mostrando os pés de plantas medicinais, relatando e explicando para quais moléstias elas podem ser utilizadas. Todos esses conhecimentos ela também escreve, para não esquecer, pois segunda ela, “... *Não podemos esquecer de nenhuma planta, pois todas são importantes para nossa saúde*”. Esses conhecimentos, apreendidos com sua mãe, ela utiliza hoje para si própria e na comunidade.

Tereza faz questão de afirmar: “*Sou nativa, minha avó era mestiça a bugre e meu avô era francês. Meu pai dizia que eu tinha um espírito do mato, era um bicho do mato, por causa do meu cabelo negro comprido*”. Essa relação com a natureza e os saberes que constituiu ao longo de sua vida está intimamente ligado aos conhecimentos das plantas e árvores da mata atlântica, das práticas culturais vivenciadas por sua família cotidianamente.

Podemos perceber através da caracterização das comunidades que os valores e práticas tradicionais estão em contínua relação com a natureza. Claro que ocorreram muitas mudanças e transformações nas paisagens e na cultura dessas comunidades, devido a lógica da expansão do capitalismo mundial, que exigiu a integração das áreas rurais na economia de mercado, a substituição de trabalho pelo capital e o aumento da produtividade, visando abastecer não só uma crescente população urbana, mas também a industrialização e modernidade em plena ascensão.

Essa tendência atingiu sua máxima expressão com a consolidação do modelo de agricultura industrializada representada pela chamada Revolução Verde, que será tratada no capítulo seguinte, com a territorialização da agricultura da biodiversidade originária dos índios até a agricultura tradicional em tempos de modernização do espaço rural paranaense.

No contexto do mundo globalizado, onde as mudanças ocorrem em um ritmo cada vez mais acelerado, temos a necessidade de estar em constante (re) pensar e (re) construção de um arcabouço teórico-metodológico que dê conta dessa dinâmica mundial e o (re) conhecimento de muitas pesquisas que nos envolvem enquanto cientistas e sujeitos sociais concretos em nossas comunidades.

A América Latina tem um caráter estratégico geográfico na atual ordem mundial com relação a sua diversidade biológica, agrônômica, com suas especificidades culturais/históricas, onde diversas regiões dos Andes, da Amazônia, mais especificamente neste estudo,

algumas regiões do Paraná, estão em disputa pela apropriação das terras e principalmente pelo reconhecimento dos patrimônios territorializados das comunidades tradicionais.

O advento de novas reflexões sobre questões ambientais, socioculturais, se apresenta com os movimentos sociais expressos pelos indígenas, quilombolas, faxinalenses, caboclos, cuja reivindicação maior é a defesa de sua memória biocultural, suas práticas, crenças, saberes e territórios. Nestas disputas, muitas comunidades estão passando por processos de modernização do mundo rural, onde problemas de ordem ambiental e social complexos acabam contribuindo para a desestruturação completa de suas antigas organizações sócio territoriais, de acordo com a apresentação de Floriani; Barrera-Bassols (2016), *Saberes, Práticas e Paisagens Rurais da America Latina* que define e contextualiza as territorialidades tradicionais camponesas de regiões latinas americanas.

Nessa perspectiva, o propósito de privilegiar as territorialidades nas relações de produção no campo, há de se considerar toda uma construção geo-histórica, sendo imprescindível compreender o processo de territorialização a partir de amplas e complexas condicionantes, que vão desde a interferência do capitalismo no desenvolvimento da agricultura, até as relações socioculturais e patrimônios materiais e imateriais das comunidades tradicionais.

## 1.2 TERRITÓRIO NAS COMUNIDADES TRADICIONAIS

Esta seção de capítulo tem como propósito discutir a produção do conhecimento científico acerca da agrobiodiversidade de territórios das comunidades tradicionais paranaenses numa perspectiva geo-histórica e cultural, evidenciando as interfaces entre os conceitos de território/territorialidades e as práticas socioculturais patrimoniais. Pretende-se fazer uma interlocução entre o conceito de território/territorialidades e a relação com as práticas dos sujeitos que constroem o espaço rural das comunidades tradicionais do estado do Paraná- Faxinal de Sete Saltos, em Ponta Grossa, Quilombola Palmital dos Pretos, em Campo Largo, Guaraguaçu em Pontal do Paraná, na relação com o Faxinal dos Galvão em Imbituva, no tocante à agrobiodiversidade, mais especificamente às sementes crioulas. Apresento uma breve discussão das interfaces dos saberes tradicionais com o acervo de sementes crioulas, apontando elementos de aprendizagem e socialização dos saberes, sob o domínio dos agricultores.

Estão presentes nestas reflexões a relação das práticas tradicionais na agricultura com a formação de seus territórios materiais e imateriais, bem como as situações que contribuem para o processo de reterritorialização destas práticas e saberes como instrumentos que agregam valor ambiental, cultural e social das culturas crioulas desses agricultores.

Muitas das Comunidades Tradicionais, como os faxinalenses, quilombolas, estão ainda para ser (re)interpretadas e (re)significadas. A formação socioespacial dessas comunidades ocorre no contexto de processos históricos marcadas por rupturas e descontinuidades, estreitas relações entre o espaço físico – a natureza – com a mata de araucária, os ervais nativos e as atividades humanas o que caracteriza a cultura dessas populações rurais. Essas relações acabam por transformar e construir paisagens associadas a regiões do Paraná Tradicional<sup>30</sup> e suas Comunidades.

Se entendermos o espaço enquanto a esfera da multiplicidade, o reino das trajetórias múltiplas, como nos propõe Massey (2008), onde ele não pode nunca ser fechado, onde sempre haverá resultados não previstos, relações, elementos de acaso, imaginações, significados, processos, práticas materiais efetivas, então, é preciso instituir uma abertura de diálogo com outros saberes, outras narrativas, que contextualizem a territorialidade das comunidades tradicionais. Um repensar científico com base em uma mentalidade aberta às subjetividades e práticas dos indivíduos, um olhar sobre o outro e sobre a natureza, sob o ângulo da agrobiodiversidade, nas memórias, práticas e saberes, dando voz aos diversos sujeitos e suas territorialidades geo-históricas.

A sociedade tradicional e/ou comunidade tradicional, de acordo com Brandão (2009)<sup>31</sup>, não surge para nós como oposta a sociedades modernas, a cidade, ao mundo urbano. São sociedades que ocupam territórios, socializam restritamente a natureza, relacionam-se com outros grupos. Podem ser comunidades quilombolas, faxinalenses na região dos Campos Gerais do Paraná que possuem formas peculiares apropriadas (mais do que própria deles) de um modo de vida e de uma cultura. Eles praticam em sua maioria uma religião cristã católica, têm receitas apropriadas como o feijão e arroz e outros produtos

---

<sup>30</sup> De acordo com a Historiografia Paranaense, Ruy Wachowicz, (2002), podemos dividir a ocupação do estado em três áreas histórico-culturais: a primeira com o *Paraná Tradicional*, século XVII, com a procura do ouro, século XVIII com o latifúndio campeiro dos Campos Gerais, com base na criação e no comércio do gado. E, mais tarde, no século XIX, nas atividades extrativas e no comércio exportador de erva-mate e da madeira; a segunda área seria do Paraná moderno, já no século XX, sendo a do Norte, com a agricultura tropical do café mais diretamente ligada a São Paulo. E a terceira área, após meados da década de 1950, a do Sudoeste e Oeste, dos criadores de suínos e plantadores de cereais, ficou a princípio mais intimamente ligada ao Rio Grande do Sul.

<sup>31</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Comunidade Tradicional**. Relatório final do Projeto Tempos e espaços nas comunidades rurais do Alto e Médio São Francisco – Minas Gerais. Uberlândia: UFU, 2009.

trocados com outras comunidades ou adquiridos nos mercados das cidades próximas. Uma das características básicas da comunidade tradicional é a presença do outro em suas vidas, seja do individual (pai, mãe, padrinho, compadre) ou do institucional (conselho de comunidade, associações de moradores), os quais representam suas identidades.

Para Brandão (2009, p. 350), de que “comunidade tradicional” estamos tratando aqui? [...] Wolf e outros pesquisadores pioneiros do “tradicional” e/ou “popular” no “complexo”, tendem a identificar tais comunidades com o mundo rural.

Se analisarmos em uma linha do tempo histórico, as comunidades tradicionais seriam as que já estavam no território (indígenas e caboclos), antes do século XVI ao XVIII, antes dos portugueses, espanhóis, africanos, alemães, italianos chegarem ali e se estabelecerem. No caso dos faxinalenses e quilombolas desta pesquisa, eles chegaram no território mais tarde, no século XIX, adaptando-se a estes espaços já constituídos pelos portugueses e caboclos. Mas são comunidades de camponeses tradicionais, de acordo com a história ou a memória do tempo que “estão e vivem ali” e se enquadram dentro da categoria estabelecida por Brandão,

- a) São herdeiras de povoadores ancestrais reconhecidos, de tal maneira que os dados de origem da geração fundadora estão estabelecidos como registro (não raro documentos pessoais ou cartoriais de fundação de lugar ou doação de terras) e cuja linha de sucessão de modo geral pode ser traçada até a presente geração;
- b) A geração atual é ou se reconhece, desde um tempo passado, mas ainda presente na vida dos mais velhos ou na memória ativa de seus filhos, como fundadora original do lugar em que vive e da comunidade que constituiu;
- c) Uma leva de povoadores chega a um lugar e estabelece ali, em termos de uma “atualidade presente” uma comunidade com características culturais e identitárias que a aproximam de comunidades tradicionais mais antigas ou mesmo ancestrais. Muda-se, neste caso, um lugar atual de vida, mas não um modo antecedente de vida. (BRANDÃO, 2009, p. 352-353).

De acordo com essas dimensões de Brandão, a comunidade tradicional, seja ela formada por aqueles que ali já viviam há algum tempo ou os que chegaram depois, respondem pelo domínio da natureza, é uma explicação do lugar-humano, um “espaço-de-vida quando ali se vive, quando ali se chega” (2009, p.353).

Uma comunidade tradicional, anterior ou contemporânea, pode ser uma guardiã de tradições do passado, mas também pode fazer frente ao capital, ao mercado, ao poder exterior, principalmente por “representar uma forma ativa e presente de resistência à quebra de um reduto inter-humano de relações ainda centradas mais em pessoas e redes de reciprocidade de/entre sujeitos-atores através de produto de trabalho, do que em coisas e trocas de mercadorias através de pessoas, tornadas elas próprias, seres-objetos” (2009, p.353).

Muitas comunidades contemporâneas na ânsia de serem ouvidas e reconhecidas como tradicionais, passaram a cobrar seus direitos do poder público, fazer parcerias com universidades, para salvaguardar seus territórios patrimoniais e seus patrimônios culturais imateriais, como é o caso das comunidades em estudo, através das sementes crioulas e suas práticas agrícolas, pois estas inserem-se em regiões econômicas periféricas, onde podem coletar produtos da natureza (erva-mate, mel, sementes), assim como, se constituem agentes de sustentabilidade do meio ambiente, com a agroecologia.

Mas segundo Cunha (2009, p. 289), as comunidades tradicionais não estão mais fora da economia central, nem simplesmente na periferia deste sistema. “As populações tradicionais e suas organizações [...] tornaram-se parceiras de instituições centrais como as Nações Unidas, o Banco Mundial e as poderosas ONGs do primeiro mundo”<sup>32</sup>. Sendo assim, mesmo com esse novo olhar para o presente das comunidades tradicionais, em regiões de fronteira, de expansão expropriadora do agronegócio, do ambientalismo, essas comunidades reapresentam-se como representantes dos direitos ancestrais, direitos estes que antes os desqualificava, como mestiços, quilombolas, faxinalenses, camponeses pobres.

Diante da dificuldade de encontrar um consenso sobre o que é a comunidade *tradicional*, concordamos com Brandão quando escreve que ela segue sendo vista de acordo com o momento histórico a que se propõe, sua expropriação ou sua mudança, não deixando de valorizá-la como cultura híbrida de vários povos, sejam eles, quilombolas, faxinalenses, caiçaras, camponeses rurais.

*A comunidade tradicional*, sua cultura, seu modo de vida, suas pessoas, foram e seguem sendo o que a cada momento da história se enuncia a seu respeito. Resquício do passado de nossas culturas mais autênticas a ser preservado; produtora da maior parte dos bens-de-mesa de nossas refeições diárias; lugar do atraso e entrave do progresso e, mais recentemente, exemplo de harmonia com a natureza e de desenvolvimento sustentável. (BRANDÃO, 2009, p. 355).

Em trabalhos de Diegues e Arruda (2001), que vem ao encontro das proposições de Brandão e da pesquisa em questão, podemos caracterizar as comunidades tradicionais através de indicadores, com relação a tradicionalidade, sustentabilidade, agrobiodiversidade, saberes e práticas.

---

<sup>32</sup> CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspás**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2009.

- \* pela dependência da relação de simbiose entre a natureza, os ciclos e os recursos naturais com os quais se constrói um modo de vida;
- \* *pelo conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos, que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transferido por oralidade de geração em geração;*
- \* pela noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente;
- \* pela moradia e ocupação do território por várias gerações, ainda que alguns membros possam ter-se deslocado para os centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados;
- \* pela importância das atividades de subsistência, ainda que a produção de mercadorias possa ser mais ou menos desenvolvida, o que implicaria uma relação com o mercado; \* pela reduzida acumulação de capital;
- \* pela importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco e compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais;
- \* pela importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, pesca e atividades extrativistas;
- \* pela tecnologia utilizada, que é relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente; há uma reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor e sua família dominam todo o processo até o produto final;
- \* pelo fraco poder político, que em geral reside nos grupos de poder dos centros urbanos; e \* pela auto-identificação ou identificação por outros de pertencer a uma cultura distinta ( DIEGUES; ARRUDA, 2001, p. 59, grifo nosso)<sup>33</sup>.

De acordo com as proposições acima, nesta pesquisa de tese, queremos priorizar como comunidade tradicional a questão da ocupação ancestral histórica das comunidades faxinalenses e quilombolas, bem como o manejo do meio ambiente, as formas patrimoniais de saberes e práticas de tal manejo, a dimensão identitária com relação as sementes crioulas.

O que qualifica essas comunidades faxinalenses e quilombolas como tradicionais é o trabalho coletivo de socialização da natureza, transformando-a em um lugar habitável e produtivo, onde realizam seus trabalhos e vivem suas vidas qualitativamente, onde resistem as muitas pressões socioculturais impostas por outros grupos e por meio de suas memórias, transformam padrões de cultura, modo de vida, em luta, sofrimento e resistência.

### 1.2.1 TERRITÓRIO

O pensamento “decolonial” de Walter Mignolo (2003) nos traz o mundo através de uma perspectiva geo-histórica, identificando a produção do conhecimento pelo viés não apenas da epistemologia totalitária européia, mas também a partir da decolonialidade, outras vozes de outros sujeitos sociais. Fazer ciência a partir dos que foram tirados os “direitos de fala”, produzir outro paradigma científico e social, onde estejam presentes as territorialidades,

---

<sup>33</sup> DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, Rinaldo S. V. (orgs.) **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

o conhecimento de negros, mulheres, comunidades rurais (tradicionais), os saberes, a prática da agricultura com os envolvidos no processo produtivo.

Evidentemente que no mundo globalizado, a vantagem em relação aos saberes, muitas vezes é apenas do científico, que dispõe de mecanismos ao seu desenvolvimento e ocupação dos espaços. No que diz respeito aos saberes tradicionais nem sempre conseguem espaços semelhantes. O problema está na aceitação da importância dos saberes tradicionais na construção do desenvolvimento da humanidade, pois a hegemonia do conhecimento científico sempre foi branca e europeia, sendo que os demais saberes são ignorados e desprezados, como é o caso dos saberes indígena, negro, que inquestionavelmente contribuíram na produção agrícola e na cultura alimentar da população brasileira.

A supremacia do conhecimento científico é contestada cada vez mais por pesquisadores que desenvolvem argumentos contra-hegemônicos em relação à validade dos saberes tradicionais, as práticas e saberes como representações de seu território, como marcas de histórias, lutas e resistências de suas culturas.

Segundo Lander (2005, p. 21), “a busca de alternativas à conformação profundamente excludente e desigual do mundo moderno exige um esforço de desconstrução do caráter universal e natural da sociedade capitalista-liberal”. Para o autor é necessário fazer um trabalho de desconstrução dos ideais hegemônicos capitalistas, construído pelo branco europeu, a partir da negação das culturas, das línguas, práticas e saberes dos povos tradicionais, que se traduzem em suas marcas no território.

Nesta perspectiva torna-se fundamental a discussão em torno do conceito de territorialidade, em suas múltiplas dimensões (política, econômica, simbólico cultural, etc.). Porém, em virtude da complexidade que envolve os estudos territoriais, a intenção não é responder o que é território ou o que é territorialidade, trata-se de discutir em que problemática nos envolvemos ou que questões práticas acionamos a partir da categoria de território e territorialidade academicamente construídos, de acordo com as bases teóricas de Haesbaert (2009), e Saquet (2007), onde se argumenta em favor de uma *geografia histórico-crítica*, na qual o conceito de território é uma construção social.

O território, conforme Dematteis (1970) é uma construção social, com desigualdades (entre *níveis* territoriais, que variam do local ao planetário), com características naturais (clima, solo...) e relações *horizontais* (entre as pessoas, produção, circulação...) e *verticais* (clima, tipos de culturas, distribuição do habitat etc.), isto é, significa uma *complexa* combinação de certas *relações territoriais*. (SAQUET, 2007, p. 60).



Se o território é produto do processo de apropriação e domínio social, como defende Saquet (2007, p. 57), “centrado e emanado *na e da* territorialidade cotidiana dos indivíduos, em diferentes centralidades, temporalidades e territorialidades”, é no acontecer da vida cotidiana das Comunidades Tradicionais que se concretiza a territorialidade, nas mudanças sociais e naturais que ocorrem com os “sujeitos” na reorganização do território. Se o território está nas relações sócio espaciais, então, pode ser considerado enquanto um espaço modificado pelo trabalho, objetivado por relações sociais, de poder e dominação, consolidando as territorialidades, a partir das diferentes atividades cotidianas. Para Raffestin (1993), um dos pioneiros na abordagem territorial, todos os atores de uma sociedade produzem território e territorialidades.

Do Estado ao indivíduo, passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontram-se atores sintagmáticos que 'produzem o território. (...) Em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem 'territórios'. (RAFFESTIN, 1993, p.152).

Apesar de Raffestin (1993) tecer uma análise de base mais econômica e política do território, este reconhece a complementaridade entre as dimensões da economia, política e cultura. Para ele, o espaço é a base para a formulação do território, ou seja, o espaço existe antes do território. O território é produzido então pelas relações que os agentes sociais mantêm entre si e com a natureza. O território seria um produto dos atores sociais. São eles que produzem o território, partindo do espaço. “Ao se apropriar de um espaço concreta ou abstratamente, o ator ‘territorializa’ o espaço” (RAFFESTIN, 1993, p.143). O território é então um espaço modificado pelo trabalho e por relações de poder, é objetivado por relações sociais, de poder e dominação, o que implica a cristalização de uma territorialidade, ou de territorialidades, no espaço, a partir das diferentes atividades cotidianas.

Para Saquet (2010) na medida em que Raffestin concebe o espaço como pré-existente ao território, o autor reduz o entendimento do espaço à natureza-superfície, recursos naturais. Mas também, Saquet, destaca que o espaço [...] tem um valor de uso e um valor de troca, distintos significados e é elemento constituinte do território, pois eles são indissociáveis” (SAQUET, 2010, p. 77).

Saquet (2006), também traz a multidimensionalidade da abordagem de Raffestin em relação ao *sistema territorial*, como fruto das relações entre a dinâmica política, econômica e cultural, que se constituem em *malhas* (conjunto de pontos e ligações/conexões entre diferentes agentes sociais), *nós* (pontos de encontro de relações sociais) e *redes* (ligações entre dois ou mais agentes sociais). "A dimensão de uma malha nunca é - ou quase nunca -

aleatória, pois cristaliza todo um conjunto de fatores, dos quais uns são físicos, outros humanos: econômicos, políticos, sociais e/ou culturais" (RAFFESTIN, 1993, p.155).

Saquet (2010), conclui de acordo com o pensamento de Raffestin (1993), que território e territorialidade, são imanentes à vida em sociedade. Apesar de estarem sempre presentes, os elementos e fatores constituintes do território podem ser diferentes de uma sociedade para outra. O que muda e/ou permanece, para cada período e/ou momento e lugar, é o arranjo social, espacial e territorial.

O homem vive relações sociais, a construção do território, interações e relações de poder; diferentes atividades cotidianas, que se assentam na construção de malhas, nós e redes. A territorialidade se manifesta em distintas escalas espaciais e sociais e varia no tempo. [...] as relações de poder são um componente indispensável na efetivação de um território: "O campo da relação é um campo de poder que organiza os elementos e as configurações. [...] E são estas relações que cristalizam o território e as territorialidades: O território [...] é a cena do poder e o lugar de todas as relações [...] O território é um lugar de relações a partir da apropriação e produção do espaço geográfico". (RAFFESTIN, 1993, p.53-58).

Portanto, o território em Raffestin, pode se analisado a partir das relações de poder, mas também como palco de ligações efetivas e de identidade entre um grupo social com seu espaço, as relações sociais entre sujeitos, e entre estes, com seu lugar de vida, tanto econômica, política e culturalmente. Neste sentido, nos reportamos as comunidades tradicionais e os guardiões de sementes, que associam a construção material do território como abrigo e base de recursos, com uma profunda identificação, que carrega o espaço de referentes simbólicos fundamentais à manutenção de sua cultura.

Nesta abordagem mais ampla de território e não apenas no sentido de apropriação social do espaço, como sinônimo de propriedade, de área, de limite administrativo, o "território é uma construção histórica e, portanto, social, a partir das relações de poder (concreto e simbólico) que envolvem, concomitantemente, sociedade e espaço geográfico". (HAESBAERT; LIMONAD, 2007, p. 42).

Saquet (2009, p. 81), porém, destaca que o espaço corresponde ao ambiente natural e organizado pelas sociedades, enquanto o território é fruto da dinâmica socioespacial, pois se concretiza na apropriação social do ambiente, nas ações históricas, no ambiente construído, onde há relações mútuas e singulares. Sem espaço não há território, eles não estão separados, pois os homens agem no território, espaço (natural e social) de seu habitar, para produzir,

viver (objetiva e subjetivamente). O território pode ser compreendido, como produto de interações recíprocas, no âmbito das relações que acontecem entre a sociedade e a natureza.

Estudar as sementes crioulas nas práticas sociais das comunidades tradicionais é estudar os fenômenos e processos do real, do cotidiano, na construção histórica e multiescalar do território. Os guardiões de sementes abordam a construção social de um território e suas práticas sociais constituem as territorialidades desses sujeitos. Através das diferentes atividades cotidianas com as sementes crioulas, armazenamento, alimentação, religiosidade, técnicas de plantio, distribuição, se cristalizam as territorialidades dos agricultores no espaço, como produto de práticas e relações sociais das comunidades rurais e destas com agentes das cidades, historicamente condicionado e caracterizado econômica, política e culturalmente, em *tramas* socioespaciais, de acordo com Dematteis (1964). É entender o espaço dessas comunidades, enquanto um produto histórico, uma organização espacial, onde a ação humana modela a superfície da terra.

Para Souza (2013, p. 38), “como descrever e compreender a organização espacial de faxinalenses ou de quilombolas sem tomar em consideração o papel de feições da “natureza primeira”? Para ele, a relação do homem com a natureza sempre é mediada pela cultura e história. Então, essa “natureza primeira”, que corresponde aos ambientes naturais dessas comunidades, como os rios, florestas, solo, devem ser levados em conta e estudados com métodos e técnicas inerentes às ciências naturais, mas também não podemos descartar sua “natureza segunda” que abrange a materialidade transformada pela sociedade, os campos de cultivo, a construção das casas e espaços sociais e culturais.

As práticas culturais, imateriais, o etnoconhecimento, dialoga com o espaço material, físico. Assim dentro de uma perspectiva de Milton Santos (2002), temos que olhar para o espaço enquanto resultado de uma organização espacial. Portanto, para que as Comunidades Tradicionais funcionem elas têm que estar relacionadas a uma organização espacial. Elas produzem uma organização espacial. Essa organização é condição para reprodução das mesmas relações sociais. Quando pensamos a organização das comunidades tradicionais, percebemos que ela é reflexo do trabalho cotidiano dos sujeitos destas comunidades, mas também é condição para a reprodução das mesmas relações sociais. Podemos dizer então que toda *vivência social é uma vivência espacial*. As vivências e práticas dos sujeitos faxinalenses, quilombolas são vivências espaciais, se constituem no espaço físico/material, mas também imaterial, suas subjetividades.

Para os sujeitos faxinalenses, quilombolas, seus espaços são dotados de uma carga simbólica, de significados, um *espaço vivido*: vivido, claro, pelos que lá moram ou trabalham quotidianamente. (SOUZA, 2013). Para os agricultores que guardam as sementes nas comunidades tradicionais, seu espaço material pode se modificar, sem que o território/territorialidade tenha se modificado, ou seja, os faxinalenses, quilombolas, podem estar ou/não no mesmo espaço físico, mas podem ter as mesmas práticas e saberes de guarda e plantio de sementes crioulas, a maneira de fazer farinha no monjolo, o puxirão com festa e baile. Para eles existe uma afetividade, um sentido do viver, pertencer aquele território, como um resultado de processos sociais e ambientais interconectados.

É nessa busca de pertencimento ao território, das territorialidades das sementes crioulas e suas práticas tradicionais que vamos buscar a concepção de território de Haesbaert (2014). “Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político” [...] de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação”. Territórios enquanto movimento, conquista, com o sentido de pertencimento, uso e vivência em um recorte do espaço e que na atualidade se expressam mais em rede, com a compressão do espaço pelo tempo. O ir e vir cotidiano das sementes crioulas, as trocas entre as comunidades cria territórios de movimentos, articulados em redes. O território produzido nas tramas materiais e imateriais do cotidiano social, na vivência e na identidade das pessoas.

Esse território então seria múltiplo, complexo, contínuo, enquanto espaço-tempo vivido, um território, que vai da “dominação político-econômica mais concreta e funcional à apropriação mais subjetiva e/ou cultural-simbólica”. (HAESBAERT, 2004, 95-96). O território imaterial então é o espaço das experiências vividas, espaços apropriados por meio de práticas e saberes que lhes garantem certa identidade sociocultural. As relações entre as pessoas e delas com a natureza, estão cheias de sentimentos e simbolismos, como podemos perceber na fala de Conceição<sup>34</sup> (64 anos) na Comunidade de Guaraguaçu, Pontal do Paraná:

*[...] quando tinha na mata, fruta ou hortaliça era picada, podia comer, porque não morria [...] comiam palmito da mata, água do chão. [...] nossa casinha era de sapê, nossa cobertura era de juta<sup>35</sup>,*

---

<sup>34</sup> Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler por Conceição Vieira Ramos Constante, 64 anos, no dia 28/11/2018, na Comunidade de Guaraguaçu, Pontal do Paraná/PR. 01h02min33seg. Projeto de Doutorado em Geografia da UEPG/PR.

<sup>35</sup> Juta: A juta é uma planta herbácea (*Corchorus capsularis*) de família das Tiliáceas, originária da Índia e largamente cultivada, para a obtenção de fibras têxteis com as quais se fabrica o tecido do mesmo nome. Para obter uma boa fibra, cujo comprimento médio é de 3,20m haste e caules devem ser cortados logo que a flor murcha. A juta é usada na

*travessero de macela do campo. [...] era viver na simplicidade. [...] Você vivia o teu mundo, você tinha o teu conhecimento, era gostoso, nós vivia na simplicidade [...] Nós era um povo indígena que morava na beira do rio [...] Meu avô, dizia que tinha o pai do mato, e quando nós entrasse no mato, pra uma cobra não picar nós, pra uma árvore não cair em cima de nossa cabeça, pra que nós não se perdesse, era pra pedir licença, licença pra natureza. Ele conversava com a natureza, meu pai era um deles. Eu via ele batendo a boca assim, aí eu perguntava, o que o senhor ta conversando, ele dizia, tô conversando com a natureza [...].*

Essa narrativa nos traz todo um simbolismo, uma identidade com o território, no seu aspecto funcional e também no aspecto “simbólico” como parte integrante da realidade cotidiana que se manifesta nos territórios, como defende Haesbaert (2004a). Partindo desse princípio este autor reitera que:

(...) todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, funcional e simbólico, pois as relações de poder têm no espaço um componente indissociável tanto na realização de “funções” quanto na produção de “significados”. O território é “funcional” a começar pelo papel enquanto recurso, desde sua relação com os chamados “recursos naturais” (HAESBAERT, 2004a, p. 23).

Esse mesmo autor nos afirma que devemos distinguir os territórios com aqueles que constroem e/ou controlam os mesmos, sejam eles indivíduos, grupos sociais, instituições, etc. Faz-se necessário reconhecer que “os objetivos do controle social através de sua territorialização variam conforme a sociedade ou cultura, o grupo e, muitas vezes, com o próprio indivíduo” (HAESBAERT, 2007a, p. 22).

Na concepção da construção ou controle de um território, sejam pelos indivíduos ou grupos, não podemos deixar de lado sua relação com a própria natureza. As florestas, rios, solos, plantas, sementes, são elementos presentes no território como instrumentos de poder, como defendia Raffestin (1993), mas os próprios sujeitos e a natureza, estão constantemente ligados a uma rede social de elementos (materiais e imateriais), eles agem mutuamente, interferem e influenciam o comportamento um do outro, com a diferença que a natureza pode ser ajustada pelos sujeitos de acordo com a sua necessidade.

Os conhecimentos que os sujeitos das comunidades tradicionais possuem da natureza e sua biodiversidade, vem da experiência e do engajamento deles com uma série de

---

produção de telas, cordas, oleados, lonas, sacos, forração de tapetes, cortinas, entretelas. Essa fibra era utilizada também para cobrir as casas dos caiçaras. Fonte: <https://portalamazonia.com/amazonia-az>.

organismos com os quais eles compartilham um espaço comum de existência. Estes sujeitos ao compartilhar este espaço, constroem uma territorialidade de respeito a esses organismos vivos, como plantas, animais, componentes abióticos (solo, água, relevo, floresta), na construção das paisagens. Não é possível tratar essa natureza, simplesmente como recursos – objetos que estão à disposição do uso humano, mas é preciso pensar e tratar enquanto natureza, os quais são necessários ter sua autorização para realizações das atividades cotidianas do homem. Nessa natureza estão as “plantas mestres das sementes crioulas”, os solos onde se cultivam estas sementes, as florestas onde podemos reconstruir os SAFs<sup>36</sup>, a água dos rios utilizáveis para o plantio, etc.

Esse respeito pelos sujeitos da natureza pode-se verificar também na concepção expressa por Maria Tereza Freire Bittencourt<sup>37</sup> (54 anos), da Comunidade Guaraguaçu, quando ela sabe, todos os nomes, a tipologia, os usos das plantas que estão em seu quintal e na mata ao redor de sua casa. Ela expressa todo seu conhecimento através de um território de pertencimento aquele espaço. Caminha por entre as plantas, conversa com elas, como seres vivos que produzem uma territorialidade. Em sua narrativa, podemos conhecer algumas dessas territorialidades através de suas práticas cotidianas:

*[...] eles costumavam tomar banhos de ervas, misturavam muitas plantas e flores.[...]Aí nasceu o capim. Desse aí que faziam esteira. Nós não tinha colchão, ou era de capim, ou era desse aí o colchão. Ai botava ela pra secar, mas tem a lua certa, eu não lembro se era a nova ou minguante[...]quando minha mãe queria fazer o biju puva, ela enterrava na lama, até ficar meio podre, ralava e usava a mandioca podre[...] nós era igual índio[...]Esse é pé de guampê, esse é de cedro, aquele é pé de ipê-amarelo, esse é figueira mata-pau (ela vem e suga, mata). [...] tem pé de ameixa, de abacate [...] esse é guanxuma, eles fazem pra fortalecer o cabelo, esse é guiné, a turma*

---

<sup>36</sup> SAFs – Sistemas de Agro-florestas. Sistemas produtivos que podem se basear na sucessão ecológica, análogos aos ecossistemas naturais, em que árvores exóticas ou nativas são consorciadas com culturas agrícolas, trepadeiras, forrageiras, arbustivas, de acordo com um arranjo espacial e temporal pré estabelecido, com alta diversidade de espécies e interações entre elas. Em geral, nos SAFs são realizados plantios de sementes e/ou de mudas. Os recursos e o retorno da produção são gerados permanentemente e em diversos estratos. SAFs otimizam o uso da terra, conciliando a preservação ambiental com a produção de alimentos, conservando o solo e diminuindo a pressão pelo uso da terra para a produção agrícola. Podem ser utilizados para restaurar florestas e recuperar áreas degradadas. Fonte: Portal Embrapa. <https://www.embrapa.br/codigo-florestal>. Consulta em 25/06/2019.

<sup>37</sup> Entrevista concedida a Cleusi T. Bobato Stadler por Maria Tereza Freire Bittencourt, 54 anos, no dia 02/08/2018, na Comunidade de Guaraguaçu, Pontal do Paraná/PR. Fala D. Tereza, 19min47seg. Projeto de Doutorado em Geografia da UEPG/PR.

*diz que é pra infecção, outros costumavam enfeitar a porta pra tirar mau-olhado[...]aquele é um pé de amora, a turma usava pra menopausa, diz que é bom pra calourão[...]tem citronela pra espantar pernilongo[...]aqui tem a penisilina[...] o eucalipto, faz inalação pra bronquite, macela para o estômago e fazer travesseiro[...] aqui tem a mão-de-Deus, para diabetes, ferve e toma o chá, abaixa a glicemia[...]. (Maria Tereza).*

Com todo esse conhecimento medicinal da natureza, como não reconhecer que a floresta é considerada como “cultural”, que é outro “sujeito” de transformação social nas comunidades tradicionais? E assim como as ervas medicinais, temos as sementes crioulas, que para essas comunidades representam as suas vivências nas territorialidades da agrobiodiversidade.

O território passa a ser considerado como espaço de identidade, identificação, lugar de mediação entre os homens, a natureza e a cultura. Ele possui significado biológico, econômico, social, político, cultural, que passa a ser simbólico, afetivo, identitário, de memória e pode ser inscrito no universo das representações e dos valores.

Saquet (2007, p. 122), destaca a produção do território imaterial sob as forças econômicas, políticas e culturais, a importância da natureza e um caminho para se elaborar e atuar no desenvolvimento de comunidades locais, ligando estas comunidades, tanto no nível interno quanto externo a elas. A abordagem (i)material do território, centrada na relação espaço-tempo, na noção de espaço construído socialmente, tanto objetiva como subjetivamente, é explicitado por Saquet, “como produto das relações sociedade-natureza e condição para a reprodução social; *campo* de forças que envolvem obras e relações sociais (econômicas-políticas-culturais), historicamente determinadas” (SAQUET, 2007, p. 127).

O território (i) material dos guardiões de sementes das comunidades tradicionais são múltiplos e sobrepostos, determinados pelas forças do local e por forças ligadas às dinâmicas econômica, política, e cultural. A história desses guardiões é a história dessas comunidades. Isto quer dizer que, o processo de apropriação do território por estes guardiões pode ser compreendido na relação espaço-tempo, no controle político, na apropriação simbólico-identitária e afetiva, na dinâmica econômica e no processo de reprodução da dominação social. Esse território está centrado no processo histórico de cada comunidade, das permanências e mudanças ocorridas nestas comunidades e de seu entorno, conjugadas ao tempo coexistente (lento e rápido, e a multiescalaridade), presentes em nossa vida diária.

Cada território, independentemente de sua extensão/tamanho/escala, deve ser estudada tentativa de apreensão de suas singularidades, de seus tempos e territórios e de suas articulações externas, a partir da dinâmica no nível da unidade produtiva e de vida em que se dão as territorialidades e temporalidades, a cristalização das relações do homem com suas naturezas interior e exterior e com o seu *ser outro*. Somente o estudo do movimento e das contradições, no tempo e no espaço, permite-nos conhecer a especificidade de cada lugar, espaço, território. (Saquet, 2003 [2002], p.220-21).

A abordagem relacional, processual da formação do território (i)material pelos guardiões das comunidades tradicionais reconhece os aspectos da relação sociedade-natureza, as descontinuidades nos aspectos sociais, econômicos, culturais, a imaterialidade de suas ações enquanto sujeitos de uma vida cotidiana, do território vivido.

O território (i)material das comunidades faxinalenses, quilombolas e caiçaras não contempla apenas a dimensão das fronteiras, precisa ser visto como algo que identifica sujeitos e ações de um mesmo espaço. Os sujeitos<sup>38</sup> destas comunidades, não estão na mesma fronteira política, mas se organizam num espaço com suas novas relações sociais, econômicas e culturais, produzem seus próprios símbolos. Buscam uma nova integração ao espaço com suas práticas, saberes e sementes crioulas, dando a esse espaço um novo significado. Assim eles evidenciam uma re-territorialização, através da permanência de práticas, da guarda de sementes, da identidade faxinalense, quilombola, caiçara, das suas origens, do ressignificado dado ao seu novo espaço.

Essa reterritorialização se efetiva através da formação do território produzido no espaço-tempo pelo exercício do poder dessas comunidades tradicionais – faxinalenses, quilombolas e caiçaras, e uma abordagem múltipla e relacional do território, de acordo com Souza (2001): “o território significa a materialidade que sustenta a vida, determina as práticas espaciais e influencia os processos identificatórios; um campo de forças, relações de poder

---

<sup>38</sup> O sujeito a que nos referimos vêm da perspectiva do pensamento crítico na fundamentação da compreensão dos processos de desenvolvimento da pessoa e da subjetividade. Vem da “noção de sujeito” do início da modernidade construída em meio a um conjunto de concepções nas quais o *eu* de René Descartes (1596-1650) é visto como consciente de si e da sua capacidade de pensar. O homem é capaz de produzir verdades sobre o mundo e sobre si mesmo. Ao longo dos séculos XIX e XX, Friedrich Nietzsche, introduz a ideia de homem como multiplicidade de forças, em que cada sujeito representa a expressão de diversas possibilidades de vida. Dessa forma, o foco de interesse migra do processo de conhecer para o sujeito que conhece, evidenciando a *subjetividade e enfatizando o papel significativo desta na produção do conhecimento, que passa a ser visto como um trabalho de interpretação e de atribuição de sentidos que leva a marca do interpretante*. No meio do século XX aparecem as contribuições de filósofos como Foucault, Derrida, Baudrillard, Paul Ricoeur, entre outros, que destacam o caráter construtivo, parcial e provisório do conhecimento. As abordagens emergentes apresentam uma ideia de sujeito como sistema aberto e complexo, concebido como múltiplo, descentrado e em desenvolvimento dialógico. O sujeito é fenômeno, mudança, processo, tempo. Um *eu* que é fluxo do pensamento e processo relacional. O sujeito perde o status de substâncias mental e material (fixas, eternas) e passa a ser fenômeno (mutável, finito). Nas últimas décadas, o estudo da construção dos sujeitos, nos leva a explorar o sentido duplo da subjetividade, em que se incluem o sujeito participante da pesquisa e o sujeito pesquisador.



que projetam sobre um substrato espacial; são processos sociais que envolvem o imaginário [...]”. (Saquet, 2007, p. 134).

Assim, para Saquet (2003 p.24): “A desterritorialização num lugar significa reterritorialização noutra, promovendo a mobilidade da força de trabalho e suas características culturais. É um processo inerente à natureza contraditória do espaço e do território”. Portanto, muitos guardiões se desterritorializaram de suas primeiras comunidades, outros permaneceram na mesma comunidade, mas se reterritorializaram na mudança e mobilidade da força de trabalho, através de processos econômicos, políticos e culturais que se processam através das redes de relações entre campo e cidade. Eles efetivam relações com as pessoas conhecidas que permaneceram no mesmo território e também com outras que foram conhecidas no decorrer da reterritorialização, não apenas no espaço físico, como também no cultural e simbólico.

Na interpretação de Côrrea (1994, p.4):

a “desterritorialização” tem o sentido de perda de território apropriado e vivido em decorrência de diferentes processos originados de contradições capazes de desfazerem territórios; ao passo que reterritorialização refere-se à criação de novos territórios, seja por meio de reconstrução parcial, “in situ”, de velhos territórios, seja através da recriação parcial, em outro lugar, de um novo território, que contém características do antigo.

Se as comunidades tradicionais passaram por movimento de desterritorialização, também passaram por um movimento de reterritorialização, pois se reterritorializaram em escalas à margem da territorialização hegemônica, constituindo delimitações mais bem definidas e redefinindo práticas sociais, econômicas e culturais próprias. (Haesbaert, 2004 p.12).

A reterritorialização como construção do território é marcada pelo movimento de apropriação e reprodução também das relações sociais. Os guardiões de sementes estiveram em constante desterritorialização e reterritorialização, pois em distintos espaços e tempos, eles concretizaram suas vidas, formando redes de diversas naturezas, temporalidades e espacialidades, por meio das territorialidades no campo e cidade, centradas em sua maioria na relação de confiança entre produtores e consumidores, na solidariedade, no desenvolvimento dos vínculos sociais/locais de pertencimento à uma comunidade tradicional/local. Dessa forma, entendemos que os guardiões de sementes crioulas, construíram seu desenvolvimento local com mudanças e permanências, tradições e identidades, relações de pertencimento e confiança, cooperação, especialização técnica produtiva, concorrência, dominação, todos processos que fazem parte de uma vida em comunidade.

A reterritorialização dos guardiões de sementes aconteceu, no final na década de 1970/80, quando objetiva e subjetivamente, na contramão da revolução verde, resistiram, plantaram, armazenaram e reproduziram sementes crioulas e práticas cotidianas de sua forma de vida e trabalho com as sementes.

Os guardiões de sementes enquanto sujeitos das comunidades tradicionais, são aqueles que consideram o papel constitutivo da história e da cultura nos processos de sua formação humana. Sujeitos que se compreendem na relação dialógica e contextualizada entre a objetividade e subjetividade. No caso dos sujeitos tradicionais, essa constituição está relacionada à ressignificação de sua condição identitária, cultural, econômica, e desenvolvimento local/regional pelas sementes crioulas. Uma constituição da subjetivação como processo, na produção e reafirmação das identidades coletivas.

Em relação ao processo de subjetivação (Deleuze, 2015), aqui identificado como produção e reafirmação de identidades coletivas, trata-se de um mecanismo que articula o individual com o coletivo, pois cada formação histórica produz modos diferentes de subjetivação que entram em relação seja para estabelecer compromissos ou para opor-se às relações de poder e de saber existentes. O processo de subjetivação pode engendrar novos arranjos de reconhecimento e autoconhecimento dos sujeitos coletivos (ao redefinir identidades étnicas e culturais), de central importância para verificar como esse processo produz incidências sobre a organização sociopolítica das comunidades, pelo empoderamento dos atores subalternos e neste caso, das populações tradicionais e indígenas em questão (FLORIANI; FLORIANI, 2020, p.7)<sup>39</sup>.

Dessa forma, fazem parte da subjetivação, na formação dos sujeitos das comunidades tradicionais faxinalenses e quilombolas, valores, escolhas, vinculadas à questão ambiental, as sementes crioulas, que são formas de vida, valorização da natureza, sementes enquanto seres que habitam a natureza e se entrelaçam com os homens na transformação de um mundo mais que humano. A relação da agrobiodiversidade com seus saberes e conhecimentos marca a identidade dos sujeitos, configurando um meio de afirmação e legitimação dos modos de produzir e reproduzir a vida através das sementes crioulas. No manejo e na conservação destas sementes, revelam-se saberes e práticas socializadas entre gerações, constitutivas do ser (semente) e da identidade dos agricultores enquanto camponeses.

A relação das sementes e camponeses na agrobiodiversidade, pode ser analisada no conjunto, como agentes da natureza que fazem parte de encontros indeterminados, se entrelaçam historicamente, formam paisagens particulares, cultivos, vivências que não

---

<sup>39</sup> FLORIANI, Dimas, FLORIANI, Nicolas. **Ecología de las prácticas y de los saberes para el desarrollo local: territorios de autonomía socioambiental en algunas comunidades tradicionales del centro-sur del Estado de Paraná, Brasil.** POLIS (SANTIAGO. EN LÍNEA), v. 56, p. 24-39, 2020.

condizem com os padrões expressos na sociedade. Para Tsing (2019), paisagens são os sedimentos dos fluxos vitais, condições atmosféricas, sonhos, memórias, representações, paisagens constituídas por padrões não convencionais de atividades, ponto de encontro para os atos dos sujeitos e da natureza no passado histórico. Nesta relação está a socialidade das sementes com a natureza e ações humanas, as quais mediante práticas historicamente construídas pelos camponeses detêm referências para a sustentabilidade de seus ambientes e a formação de territórios geográficos econômicos, socioculturais e simbólicos.

Sendo assim, os diferentes sujeitos envolvidos na construção do sujeito agroecológico das sementes crioulas, pelas práticas saberes e diálogos estabelecidos, numa proposta de desenvolvimento local das comunidades faxinalenses e quilombolas são: 1) guardiões de sementes, camponeses agroecológicos familiares, artesãos manuais; 2) pesquisadora acadêmica do projeto de tese; 3) organizações sociais não governamentais, como RESA (Rede de Sementes Agroecológicas), Grupo Coletivo Triunfo, Rede de Guardiões e Casas de Sementes do Estado do Paraná.

Em se tratando das Comunidades Tradicionais do Estado do Paraná, faxinalenses e quilombola em estudo, existem pontos particulares, mas também comuns na formação identitária das coletividades (produção da subjetividade), já que não são comunidades isoladas e compartilham de uma história comum. Existem práticas socioterritoriais a nível local e regional que permitem agregar os diversos, de acordo com as sementes crioulas.

Esses sujeitos possuem práticas consuetudinárias de reciprocidade, com origem no catolicismo, como as festividades, os puxirões, as trocas de sementes, as quais entram em conflito com o sistema hegemônico representado pelos sitiantes, empresas transnacionais, igrejas neopentecostais que introduzem novos padrões de comportamento fundamentados no individualismo e apropriação dos bens comuns. (FERREIRA; FLORIANI, 2015).

Esses sujeitos (guardiões de sementes) e suas organizações, começam a se apresentar como novos sujeitos de direitos: faxinalenses, quilombolas, caiçaras, camponeses agroecológicos, etc, e passam a reivindicar junto ao Estado o reconhecimento de seus direitos socioterritoriais conquistados, através do Decreto 6.040/07, que instituiu a PNPCT (Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais), como fundamento para implementarem alternativas de desenvolvimento rural, dando novo sentido às territorialidades tradicionais.

Os sujeitos da pesquisa são resultados de identificações, sejam eles materiais/imateriais, guardiões de sementes, estabelecidos em diálogos nas comunidades, são

elementos constitutivos daquilo que seremos capazes de aprender em tempo e espaço da pesquisa na construção das territorialidades tradicionais.

Saquet (2010) denomina E-P-C-N, os aspectos da economia, da política, da cultura e da natureza exterior ao homem.

(...) as forças econômicas, políticas e culturais, reciprocamente relacionadas e em unidade, efetivam o território, o processo social, *no* e *com* o espaço geográfico, centrado e emanado *na* e *da* territorialidade cotidiana dos indivíduos, em diferentes centralidades, temporalidades e territorialidades. Os processos sociais e naturais, e mesmo nosso pensamento, efetivam-se *na* e *com* a territorialidade cotidiana. É aí, neste nível, que se dá o acontecer de nossa vida e é nesta que se concretiza a territorialidade (SAQUET, 2007, p. 57).

Em se tratando de Comunidades Tradicionais, concordamos com Saquet, quando este procura mostrar que o território significa natureza e sociedade, economia, política e cultura; identidades e representações; apropriação, dominação e controle. O território é “produto e condição de ações históricas e multiescalares, com desigualdades, diferenças, ritmos e identidade(s). O território é processual e relacional, (i)material (SAQUET, 2007, p. 73). É espaço de moradia, de produção, de serviços, de mobilidade, de desorganização, de arte, de sonhos, enfim, de vida (objetiva e subjetivamente). (SAQUET, 2006a, p. 83).

Nesta perspectiva de Saquet, podemos compreender que o território constituído pelos sujeitos das comunidades tradicionais em estudo é considerado um produto de mudanças e permanências ocorridas num ambiente no qual se desenvolve um grupo social.

(...) a terra é tomada território quando há comunicação, quando é meio e objeto de trabalho, de produção, de trocas, de cooperação. O território é um produto socioespacial, de relações sociais que são econômicas, políticas e culturais e de ligações, de redes internas e externas que envolvem a natureza. Por esta via o espaço físico entra nas relações e nas estruturas sociais (SAQUET, 2006, p. 76).

A ênfase de Milton Santos (1999) sobre território é econômica, mas ele reconhece a política, cultura e natureza como elementos constituintes do espaço e da configuração territorial. Destaca que,

(...) o território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o *território usado*, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. [...] o “território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência” (SANTOS, 1999, p.07-08).

As comunidades tradicionais faxinalenses, quilombolas, caiçaras desenvolvem suas territorialidades, suas práticas econômicas, socioculturais e simbólicas vinculadas ao modo de vida rural, configurando assim, suas identidades através de suas vivências e cotidiano.

## CAPÍTULO 2

### TERRITORIALIDADE, REDE, IDENTIDADE e MEMÓRIA BIOCULTURAL

*O corpo pula, a terra pulsa, no movimento (i)material do Universo!*  
(Marcos Aurélio Saquet)

#### 2.1 TERRITORIALIDADE E REDE

O conceito de territorialidade na discussão do espaço rural pode assumir diferentes significados e interpretações, dependendo da abordagem que se faz. Pode-se interpretar a territorialidade como o recorte espacial (limite político-administrativo, a compreensão parcial das relações de poder, a complexidade do cotidiano, como também a apropriação e produção histórica/relacional do território.

A territorialidade significa as relações cristalizadas entre os sujeitos e destes com seu lugar de vida. Dematteis (1964) argumenta em favor das relações sociais efetivadas nos grupos sociais, com a terra, a família, os vizinhos, a comunidade. Nós produzimos territorialidades, porque somos resultado de relações econômicas, políticas e culturais compreendidas interna e externamente a cada lugar, consolidando relações de influência, efetivas, simbólicas, conflitos e identidades.

Podemos considerar múltiplas territorialidades (poderes, comportamentos, ações, práticas...), interagindo nas comunidades rurais com as sementes crioulas, que são potencializadas para a conquista de sua autonomia e desenvolvimento local.

Segundo Saquet (2001, p.50), “a territorialidade corresponde a todas as relações sociais efetivadas pelos sujeitos entre si e com o espaço de vida”. Nesse sentido, a territorialidade corresponde a todas as relações econômicas, sociais, políticas e culturais que os homens estabelecem entre si com sua natureza exterior. Também pode ser interpretada como gestão social do território, pelas relações cotidianas das comunidades tradicionais com o objetivo de participar de projetos e programas de desenvolvimento territorial.

É neste contexto que se caracterizam as comunidades do Faxinal Sete Saltos e Faxinal dos Galvão, que fazem parte do Projeto Interconexões/UEPG, cada uma delas com sua especificidade, peculiaridade, porém, com a montagem de Banco e Casas de Sementes Crioulas, para uma maior autonomia e desenvolvimento local agroecológico. Levando em consideração os aspectos naturais, como solo, relevo, clima, vegetação, sementes, utilização

dos recursos existentes, na compreensão do espaço rural, essas comunidades constituem territorialidades e características semelhantes.

Para esta tese, queremos historicizar as territorialidades como as relações sociais entre os sujeitos e os aspectos naturais, entre estes e seu lugar de vida, tanto econômica como política e culturalmente. A territorialidade com as sementes crioulas está relacionada a poder, redes sociais, identidades simbólicas, afetivas, patrimônio, resistências. Ela também significa apropriação, demarcações de cada grupo social (guardiões de sementes) no espaço-tempo, nas relações sociais e reordenamento do próprio território.

Ao buscar a historicidade das práticas e dos espaços com as sementes crioulas, iremos mostrar que as territorialidades e toda forma de conhecimento das comunidades tradicionais são socialmente construídas, por quem está vivendo dentro delas, ou por quem está olhando de fora. Que cada comunidade possui sua excepcionalidade, não é uniforme, estática, possui um dinamismo inerente, percebe-se isso com as redes de trocas de sementes, onde existe uma relação entre as comunidades, um ultrapassar de delimitação de fronteiras pré-estabelecidas para identificar as sementes crioulas e trocar para o plantio em outras comunidades. Portanto, a territorialidade se estabelece num sentido simbólico, muito maior do que a delimitação física do território, ela é uma realidade empírica das comunidades.

A territorialidade envolve a tentativa por parte dos guardiões de sementes ou a comunidade onde ele se insere de influenciar ou afetar as ações de outros, incluindo a natureza, com o uso da terra, a produção e reprodução destas sementes. A territorialidade das sementes é embutida em relações sociais, é sempre construída socialmente. Ela assume um ato de vontade de guardar e reproduzir as sementes, envolve múltiplos níveis de razões e significados. Essa territorialidade forma o pano de fundo para relações espaciais humanas e concepções de espaço e indica que as relações espaciais humanas não são neutras. Os guardiões das sementes interagem no espaço e se movem através do espaço: é uma interação humana, movimento, contato, transmissão de energia, para afetar, influenciar e controlar as ideias e ações de outros e o acesso deles a sementes crioulas.

As comunidades tradicionais têm diferentes organizações geográficas e concepções de espaço. É no contexto histórico social e organização espacial das comunidades, que as paisagens geográficas e seus significados mudam, e a territorialidade também pressupõem a manutenção de diferentes graus de acesso a pessoas, coisas e relacionamentos. Organizações espaciais e significados de espaço têm histórias, assim como as têm os usos territoriais de espaço. Como estratégia a territorialidade oferece vantagens para afetar, influenciar e

controlar o espaço. A territorialidade nas comunidades de guardiões de sementes é um meio essencial de definir relações sociais. A localização desses guardiões dentro de um território, o uso deste território define a filiação ao grupo, ou organizações, como a Rede de Sementes Agroecológicas.

Em síntese, para definir um território, seu espaço e suas territorialidades, deve ser levada em consideração a indissociabilidade entre a materialidade (terra, sementes, natureza) e as ações humanas (econômicas, sociais, políticas e culturais). O território é vivo e dinâmico, e o espaço é sempre histórico, “pois sua historicidade deriva de conjunção das características da materialidade territorial com as características das ações que podem ser, inclusive, verificadas nas redes” (FRAGA, 2017, p. 84).

A palavra rede vem do latim *retis* e aparece no século XII para designar o conjunto de fios entrelaçados, linhas e nós. Essa definição corresponde a do dicionário moderno de Aurélio Buarque de Holanda: “Rede: entrelaçamento de fios, cordas, arames etc., com aberturas regulares, fixadas por malhas, formando uma espécie de tecido”. A partir da noção de entrelaçamento, malha e estrutura reticulada, a palavra rede foi ganhando novos significados ao longo dos tempos, passando a ser empregada em diferentes situações<sup>40</sup>.

Nos anos recentes, o termo rede está presente em pesquisas que reúnem propostas, significados e abordagens disciplinares diversas, seja enquanto conceito teórico, ou enquanto noção empregada pelos atores sociais. Segundo Leila Christina Dias (2021, p.13), nos últimos dez anos houve uma espetacular difusão e uso desta categoria, como movimentos de pessoas ou fluxos migratórios, movimentos comerciais ou fluxos de mercadorias; os movimentos de informações ou fluxos informacionais, e os movimentos de capitais ou fluxos monetários e financeiros.

---

<sup>40</sup> A conceituação de Rede enquanto sistema de laços realimentados provém da Biologia. Quando os ecologistas das décadas de 1920 e 1930 estudavam as teias alimentares e os ciclos da vida, propuseram que a rede é o único padrão de organização comum a todos os sistemas vivos: "Sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes." (Capra, 1996). No campo acadêmico a temática das redes não é uma novidade. A Biologia e a Física têm apresentado discussões sobre o tema há bastante tempo. No entanto, na contemporaneidade temos a coincidência histórico-conceitual da tecnologia, da utilização intelectual e da própria prática do trabalho em rede. Redes de Sementes Agroecológicas, Redes de Famílias Guardiãs de Sementes, redes de Educação Ambiental, redes de lideranças, rede de trabalho e renda... Por mais diversas que sejam as organizações e suas causas, elas têm em comum o propósito de estender suas ações e idéias a um universo sempre mais amplo de interlocutores: beneficiários, parceiros, financiadores, voluntários, colaboradores, etc. Através das conexões em redes, os envolvidos neste inter-conexão, reconhecem a colaboração participativa como um meio eficaz de realizar transformações sociais. A partir de diversas ações conjuntas, a sociedade se organiza em redes para a troca de informações, articulação institucional e política e para a implementação de projetos comuns. Operando nos níveis local, regional, as experiências em rede têm demonstrado as vantagens e os resultados de ações articuladas e projetos desenvolvidos nas comunidades tradicionais.



Na Geografia Cultural e Regional, e nas relações das sementes crioulas com a formação do espaço, a rede tem sido considerada como forma particular de organização social de grupos e instituições.

Nas ciências humanas, a rede tem sido pensada primordialmente como forma particular de organização: social – grupos, instituições ou firmas – (CASTELLS, 1999; MARQUES, 2000; OLIVEIRA, 2001; SCHERER-WARREN, 2002); urbana (SANTOS, 1993; CORRÊA, 1989 e 2001); transacional – econômico- -política – (MACHADO, 1998; CUNHA, 2003); mas sobretudo, e principalmente, técnica (BAKIS, 1985; BENAKOUCHE, 1995; CAPEL, 1994; DIAS, 1995, 1996; DUPUY, 1982, 1984, 1985; GRAHAM, 2000; HUGHES, 1983 e 1999; OFFNER, 1993 e 2000). A rede técnica é objeto de muitas representações, frequentemente marcadas por discursos prospectivos, segundo o pressuposto de causalidade linear entre o desenvolvimento técnico e as mudanças sociais e espaciais. (DIAS, 2021, p.14).

Se a rede está relacionada ao desenvolvimento técnico e as mudanças sociais e espaciais, como pensar a construção de um caminho teórico-metodológico para integrar a rede na análise geográfica? Como tratar a relação entre redes técnicas e território?

Através dos escritos de Milton Santos (2000) podemos pensar a construção de um *conceito de rede*. Em *A natureza do espaço*, ele defende a ideia de que a fluidez não é uma categoria técnica, é sociotécnica. A essência não está apenas nas redes técnicas, mas também no conjunto das ações. Sendo assim, a interação entre as redes e os territórios pressupõe reconhecer que estamos diante de dois sentidos distintos. De um lado, redes definidas por atores que através de suas ações as desenham, modelam e regulam. É essencial identificar as estratégias dos atores e a maneira como as redes são desenhadas e administradas. De outro lado, o sentido dos territórios, que para Santos, são:

Arenas da oposição entre o mercado – que singulariza – com as técnicas de produção, a organização da produção, a ‘geografia da produção’ e a sociedade civil – que generaliza – e desse modo envolve, sem distinção, todas as pessoas. Com a presente democracia de Mercado, o território é suporte das redes que transportam as verticalidades, isto é, regras e normas egoísticas e utilitárias (do ponto de vista dos atores hegemônicos), enquanto as horizontalidades levam em conta a totalidade dos atores e das ações. (SANTOS, 2000, p. 259).

A lógica territorial também deve ser esclarecida como resultado das relações que acontecem nos lugares entre agentes conectados pelos laços de proximidade espacial e relações que fazem com que um mesmo lugar participe de várias escalas de organização espacial. Isto quer dizer que à tradicional combinação das escalas da organização espacial, somam-se novos arranjos institucionais e espaciais que nos desafiam a redefinir as categorias analíticas que utilizamos para representar o mundo. (DIAS, 2021, p.23).

A rede conecta diferentes comunidades tradicionais com as sementes crioulas, em pontos e lugares mais ou menos distantes do Paraná e de outros estados, permitindo a ampliação da escala local dos guardiões até uma dimensão menos distante, porém com mais conexão. Redes como forma efetiva de organização espacial, de formação dinâmica e móvel de territórios, como nos afirma Rogério Haesbaert (2004, p. 286-87):

Numa concepção reticular de território ou, de maneira mais estrita, de um território-rede, estamos pensando a rede não apenas enquanto mais uma forma (abstrata) de composição do espaço, no sentido de um ‘conjunto de pontos e linhas’, numa perspectiva euclidiana, mas como o componente territorial indispensável que enfatiza a dimensão temporal-móvel do território e que, conjugada com a ‘superfície’ territorial, ressalta seu dinamismo, seu movimento, suas perspectivas de conexão (‘ação à distância’, como destaca Machado, 1998) e ‘profundidade’, relativizando a condição estática e dicotômica (em relação ao tempo) que muitos concedem ao território enquanto território-zona num sentido mais tradicional (HAESBAERT, 2004, p. 286-87).

Territorializar-se “significa também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referenciais simbólicos num espaço em movimento, no e pelo movimento” (HAESBAERT, 2004, p. 280). O território-rede está em constante movimento, sobretudo na sociedade contemporânea, mas entre os diferentes grupos sociais, faxinalenses, quilombolas, camponeses rurais, as relações podem ser de convivência familiar, cooperação, conflitos, competição econômica, que vão ao encontro dos recursos e valores de cada um, de cada comunidade, em um espaço comum. A comunidade tradicional além de um espaço físico é também um conjunto de redes estruturadas, em torno de interesses determinados.

Na relação entre espaço físico e redes como elementos das territorialidades, busca-se a interconexão entre os sujeitos, o meio ambiente e as infraestruturas. Encontramos esta relação em Milton Santos (1985, p. 6), “o meio ecológico é o conjunto de complexos territoriais que constituem a base física do trabalho humano. As infraestruturas são o trabalho humano materializado e geografizado na forma de casas, plantações, caminhos, etc”. Toda forma de transformação, como construções, aplicação de capitais, produções econômicas, aplicações de regras, poder, levam a mudanças espaciais.

A rede visa uma explicação desta estruturação social e das diferentes formas ou intensidade das relações sociais num determinado campo social – parentesco, amizade, vizinhança, religião, etc., metodologia que será utilizada nesta pesquisa empírica da tese.

Os guardiões de sementes nas comunidades tradicionais, como sujeitos sociais, são pesquisados como redes de relações interindividuais, ou como redes formadoras de ações coletivas, a partir da interação em rede. Nesse sentido, é considerada a relação entre redes

resultantes das relações sociais do cotidiano mais próximo espacialmente, e as redes construídas por atores coletivos, portadores de identidades diversas e com base em relações sociais preexistentes, que se transportam das comunidades locais para redes políticas regionais, articulando-se, finalmente com as redes de movimentos populares em luta pela defesa das sementes agroecológicas no Paraná e Brasil.

Com objetivo de entender a dinâmica das redes<sup>41</sup> e seus significados na mudança social, é necessário entender o significado de *coletivos em rede e rede de movimentos sociais*. Coletivo em rede refere-se a conexões através de redes técnicas, de vários atores ou organizações, que visam difundir informações, buscar apoios, estabelecer estratégias de ação conjunta, como são, por exemplo, os *blogs*<sup>42</sup>, *sites*, *redes midiáticas*, *os links* e conexões que organizações, como a Rede de Famílias Guardiãs, como a RESA, Coletivo Triunfo, promovem entre si ou com outros atores políticos relevantes, através da Internet ou de outras formas de mídia alternativa. Esses coletivos podem se constituir em segmentos ou subsegmentos (nós) de uma rede mais ampla de movimentos sociais. Por exemplo, os *sites on-line* dessas organizações citadas acima, os eventos virtuais e presenciais ou presenciais das feiras de sementes do Coletivo Triunfo, o grupo de mulheres do Coletivo Triunfo, os quais conectam simpatizantes, são nós (da rede), ou, em outras palavras, coletivos em rede do movimento que, em última instância, é uma rede de coletivos identitários das sementes crioulas.

Rede de movimentos sociais são redes sociais complexas, que vão além dos coletivos em rede, que conectam, defendem simbolicamente, sujeitos individuais e atores coletivos, cujas identidades vão se construindo num processo dialógico:

- de identificações sociais, éticas, culturais e/ou político--ideológicas, isto é, formam a *identidade* do movimento;
- de intercâmbios, negociações, definição de campos de conflito e de resistência aos adversários e aos mecanismos de discriminação, dominação ou exclusão sistêmica, isto é, definem seus *adversários*;
- com vistas à transposição dos limites dessa situação sistêmica na direção da realização de propostas ou projetos alternativos, ou seja, estabelecem seus *objetivos*, ou constroem um *projeto* para o movimento. (WARREN, 2021, p. 38<sup>43</sup>).

---

<sup>41</sup> Perspectivas etnográficas ou históricas, dos métodos tradicionais da etnografia, da antropologia, dos estudos de caso, da sociologia histórica (vide, ALBERONI (1991); CASTELLS (2000); MELUCCI (1999); VILLASANTE (2002)), dentre outros. (WARREN, Ilse Scherer. **Redes sociais: trajetórias e fronteiras**, 2021, p.37).

<sup>42</sup> <https://gpinterconexoes2.blogspot.com/>; <https://parlamentounitinerante.blogspot.com/>; <https://gpinterconexoes.blogspot.com/>; <https://resaagroecologia.com.br/>; <http://aspta.org.br/>; [asptapr-sc@aspta.org.br](mailto:asptapr-sc@aspta.org.br).

<sup>43</sup> In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (organizadores). **Redes, sociedades e territórios** [recurso eletrônico] - 3. ed., rev. e ampl. - Santa Cruz do Sul : EDUNISC, 2021.

Assim sendo, os coletivos em redes poderão ser formas de instrumentalização das redes de movimentos, mas não definem por si mesmas um movimento social, mas são partes constitutivas dos movimentos sociais na sociedade da informação. Para entender a relação dos coletivos em redes e redes de movimentos tem que buscar a historicidade de sua formação, as dimensões dialógicas entre os coletivos em ação, o sentido das ações e o surgimento de novas intersubjetividades coletivas nas redes de movimentos.

Em outras palavras, para se compreender as ações dos guardiões de sementes nas comunidades, deve-se entender como eles através de suas práticas cotidianas, tornam-se sujeitos de seus destinos pessoais e como de sujeitos transformam-se em atores políticos por meio de conexões em redes. Também como esses atores e respectivos movimentos de redes são formas de resistência em relação a seus opressores (políticos e econômicos), relação às incertezas do cotidiano na sociedade contemporânea. Entretanto, identifica-se nesta pesquisa, entre as comunidades analisadas, uma abordagem que considera a relação entre sujeitos e atores coletivos e sua transformação em movimentos sociais, a partir de uma tripla dimensão das redes na sociedade: social, espacial e temporal.

É necessário nesta pesquisa buscar conhecer as diversas formas possíveis de sociabilidade nas redes, bem como as oportunidades, relações de identificações ou de assimetrias de poder, de acordo com as seguintes categorias analíticas: *reciprocidade, solidariedade, estratégia e cognição*. (WARREN, 2021).

A noção de redes sociais a partir da *categoria da reciprocidade* tem relação com o cotidiano local, na medida em que trocam serviços, favores, como por exemplo, as atividades do “puxirão” ou troca de produtos entre os faxinalenses. A *categoria da solidariedade* tem sido útil para a análise das redes de mútua-ajuda, de ações do voluntariado, da economia solidária. Quando as redes de solidariedade constituem-se num movimento social poderão extrapolar os limites locais, regionais, atingindo escalas nacionais ou internacionais, como vem ocorrendo com as redes de economia solidária. As Redes de Colaboração Solidária têm um poder de alcance cada vez maior, podendo interferir democraticamente nas políticas públicas de diversos níveis. Exemplo, distribuição de 30 toneladas de sementes Crioulas que foram distribuídas no Estado do Paraná para comunidades tradicionais de base ecológica, nos dois anos de pandemia do Covid-19, pela RESA<sup>44</sup> – Rede Sementes da Agroecologia. Esta

---

<sup>44</sup> A Rede Sementes da Agroecologia é composta por diversas organizações e movimentos sociais que atuam pela preservação da agrobiodiversidade, tanto no campo quanto na cidade. Veja quais são: ABAI, ASSESOAR, AOPA, AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia, Rede Ecovida, CPT, CAPA, Terra de Direitos, Instituto

entidade firmou compromisso com a agricultura familiar de base ecológica, em parceria com o Ministério Público do Trabalho (MPT-PR), a AS-PTA (Agricultura Familiar e Agroecologia), como parte das ações do Projeto Emergencial de Conservação e Multiplicação da Agrobiodiversidade no Paraná.

A *categoria estratégica* das redes de ações coletivas tem sido empregada, sobretudo, para o entendimento das dinâmicas políticas dos movimentos sociais. A dimensão da estratégia das redes tem tido uma relevância bastante grande nos novos movimentos sociais e nas parcerias políticas ocorridas em esferas públicas das mais locais às mais globais. A rede como estratégia de ação permite aos movimentos sociais desenvolverem relações menos centralizadas e, portanto, mais democráticas.

Na sociedade da informação, teriam a capacidade de difusão das informações de forma mais ampla e rápida, conectando as iniciativas locais com as globais e vice-versa. Portanto, as redes desempenhariam um papel estratégico, como elemento organizativo, articulador, informativo e de empoderamento de coletivos e de movimentos sociais no seio da sociedade civil e na sua relação com outros poderes instituídos. As redes como estratégia de comunicação e de empoderamento da sociedade civil são as formas mais expressivas das articulações políticas contemporâneas dos movimentos sociais (WARREN, 2021, p.45).

As redes também apresentam uma *categoria cognitiva*, quando se busca entender o sentido das transformações sociais encaminhadas pelas redes de movimentos sociais. Os movimentos contemporâneos vêm construindo novas narrativas para a compreensão da complexidade na sociedade globalizada e da informação.

Como coletivos múltiplos, os movimentos sociais construídos em torno de projetos alternativos podem servir de pontes de comunicação e de difusão de novos códigos culturais desenvolvidos por estas redes, para outras redes na sociedade, opondo-se aos códigos das redes dominantes: nacionais, territoriais e/ou comunidades étnicas ou religiosas fundamentalistas (CASTELLS, 2000). As novas narrativas das redes de movimentos sociais têm buscado elementos cognitivos que concebem o sujeito a partir de suas múltiplas identidades, e a transformação como resultado da prática de variados atores, visando a promoção de seus direitos e a proposição de novas políticas públicas. Através do diálogo constante entre as redes buscar também o reconhecimento do outro, de suas diferenças, elevando o outro da condição de objeto para a condição de sujeito e construindo a solidariedade.

As redes que contemplam o trabalho de mediação com a atuação dos movimentos sociais precisam criar mecanismos de interlocução e troca de experiências e de autorreflexão das iniciativas locais. Ou, como nas palavras de Boaventura Santos (1999, p. 213), “a criação de redes translocais entre alternativas locais é uma forma de globalização contra-hegemônica – a nova fase do cosmopolitismo”. A categoria cognitiva das redes poderá interligar-se com a ação, e contribuir para o desenvolvimento de uma solidariedade do local ao global, e vice-versa, e para a criação de estratégias da emancipação.

De acordo com Warren, que vem ao encontro de nossas expectativas e pesquisas, na

Multidimensionalidade das redes sociais, propõe-se uma análise das interações dialógicas entre atores que representam tempos sociais diferenciados – da cultura tradicional aos ideários da pós-modernidade; que se situam em espaços sociais de diferentes escalas – locais, regionais, nacionais e transnacionais – e de distintas concretudes – presenciais e virtuais; e que compreendem níveis distintos de abrangência, intensidade e permanência das relações sociais e das conexões entre os elos da rede – primários ou secundários, elos fortes ou fracos – e, finalmente, atores que se representam através de vínculos sociais que podem vir a se mover da cotidianidade à esfera pública e à construção de utopias de transformação – redes interindividuais, coletivos de redes e redes de movimentos sociais e suas interconexões. (WARREN, 2021, p. 48).

Os guardiões de sementes e suas conexões com a rede, buscam a coletividade, a conversa que reaproxima, que ensina, que fortalece e une. Eles estão em uma rede de solidariedade, reciprocidade, de estratégias para terem seu trabalho divulgado de produção, seleção, armazenamento e partilha das sementes crioulas. Nessa grande rede, estão as histórias contadas, as experiências de famílias guardiãs, camponeses, quilombolas, faxinalenses, movimentos populares, assessores técnicos, organizações que se dedicam à conservação das sementes crioulas.

Estão em redes, organizados em seus territórios, resistindo e lutando pela continuidade da vida, partilhando saberes, técnicas desenvolvidas e adaptadas à sua realidade, que mudam de região para região, como o clima, tipo de solo, espécies e variedades que melhor se adequam. Partilham também os processos de armazenamento e comercialização das sementes e alimentos. A partir das experiências da ReSA, de famílias guardiãs e organizações populares do campo e da cidade, organizaram algumas estratégias para a conservação da agrobiodiversidade, como as festas e feiras de sementes, as casas e bancos comunitários. Além disso, a garantia de direitos conquistados em uma trajetória de lutas, seja na comercialização e escoamento do excedente da produção, seja nos caminhos para prevenir a contaminação por transgênicos.

Um exemplo deste trabalho em rede, foi em 2020/2021 que a ReSA e ASPTA, junto ao Ministério Público do Trabalho no Paraná (MPT-PR) distribuiu 565 mil reais, através de um Projeto que resultou na distribuição de 32.306,5 quilos de sementes de grãos (milho, feijão e arroz), 27.075 mudas de 8 variedades de mandioca, 50 mil mudas de batata salsa, 6.491 quilos de sementes de inverno (aveia, trigo mourisco, centeio, ervilhaca, tremoço e nabo forrageiro), 35.080 pacotes de 62 espécies com 204 variedades de hortaliças. Entre as famílias, 5.000 foram beneficiadas pelo projeto, em 70 municípios do Paraná, destas 78%, são comunidades tradicionais quilombolas.

Nossa intenção não é defender um ou outro conceito de Rede, mas procurar reconhecer como, a longo prazo, a noção foi sendo resignificada em diferentes contextos históricos e culturais, e na Geografia, rede como uma forma efetiva de organização espacial (MACHADO, 1995). A ideia da rede chama a atenção para a complexidade das interações espaciais, representa um dos recortes espaciais possíveis para compreender a organização do espaço contemporâneo das comunidades tradicionais umas distantes das outras.

As comunidades tradicionais que estão muitas vezes distantes das cidades, em geral, possuem um conservadorismo das tradições, costumes, práticas, que os diferencia das comunidades urbanas, sendo necessário estudá-las de forma diferenciada através da geografia humana, do homem em suas complexas relações com o meio ambiente que o circunda. “É a análise histórica das configurações espaciais com a análise espacial (ou espacializada) das configurações históricas”, segundo Carvalho e Benatte (2012, p. 27).

Ainda para esses autores,

As relações da história com a geografia, ou vice-versa, permitem enunciar claramente uma evidência da qual muitas vezes não nos apercebemos: a evidência de que sociedade, tempo e espaço são realidades inseparáveis. Não há como conceber uma sociedade sem inseri-la em um espaço que ela mesma constrói e reconstrói; esse espaço, por sua vez, tem uma dimensão temporal, pois é constantemente transformado pelas ações e relações dos sujeitos em diferentes contextos e circunstâncias históricas. (CARVALHO; BENATTE, 2012, p. 27).

O geo-historiador deve compreender que as redes das comunidades são formas de construção, apropriação, uso, práticas e representação do espaço. É um espaço variável conforme os temas e os problemas colocados. É uma categoria do pensamento geográfico, permite uma história articulada em diferentes níveis de análise espacial, do lugar restrito de uma comunidade tradicional à diversas áreas de trocas de sementes crioulas. É um processo de ação/relação dos sujeitos sociais com eles próprios e com a natureza, mediante a qual instituem diferentes práticas e representações do espaço.

## 2.2 IDENTIDADE

Identidade é uma construção social e cultural e assim também podem ser as identidades territoriais nas comunidades tradicionais.

Na geografia a identidade significa à vida em sociedade, uma comunidade local, um campo simbólico, que envolve reciprocidade, confiança. Significa simultaneamente, segundo Saquet (2007), espacialidade e/ou territorialidade. Ela é construída com uma coletividade, estabilidade, através de redes de relações internas e externas a cada lugar.

A identidade tem sido tratada de diferentes maneiras em estudos do território, principalmente, relacionada como continuidades-históricas e simbólicas da vida de um certo grupo social, o coletivo em um determinado lugar. A conservação de um modo de vida ou práticas cotidianas é fundamental para a reprodução desta identidade, mesmo sofrendo alguns processos de mudanças e transformações.

No sentido antropológico, as identidades são construídas, sejam elas individuais, coletivas, em escalas macro ou micro. Enquanto construções socioculturais, dos indivíduos de uma sociedade, de um espaço, se sobrepõem às diferenças sociais, econômicas, étnicas, religiosas, políticas, etc. Muitas vezes o historiador tem de recorrer as práticas do cotidiano para aperceber-se dos elementos articulados na constituição das identidades das comunidades locais, que são as territorialidades expressas pelos sujeitos.

Neste contexto, as comunidades tradicionais faxinalenses, quilombolas, caiçaras na medida em que reforçam redes de socialidade e o viver coletivo, se tornam lugares de resistências e empoderamento dos sujeitos. A tradição, os costumes, as práticas com sementes crioulas, possibilita o enraizamento desses sujeitos a identidade local, impedindo que sejam desestruturados e desligados por outras forças contrárias. A identidade e o sentimento de pertença aqueles lugares, suas sementes crioulas, faz sentirem-se ligados coletivamente a um espaço. São suas narrativas orais e identitárias, suas memórias e representações simbólicas, que os amarra a determinados espaços geográficos, pois o processo de territorialização de uma comunidade, possibilita a criação de identidades.

Saquet (2007), nos apresenta a identidade como uma unidade processual, relacional e de mediação no desenvolvimento *do e no* território, em sua obra *Abordagens e Concepções do Território*. Para esse mesmo autor (2014) a territorialidade se constitui a partir das identidades e remete ao significado de práxis de transformação do lugar. Ela é partilhada socialmente, construída através da “projeção do trabalho no espaço, renovando-se constantemente, com



mudanças e continuidades” (RAFFESTIN, 2003; SAQUET, 2007 *apud* SAQUET, 2014, p. 18).

As identidades locais estão cada vez mais em efervescência através dos movimentos sociais de diversos setores, entre eles o faxinalense, quilombola e outras comunidades tradicionais. Unidos em torno de elos identitários partilhados, possibilita aos mesmos se organizarem em suas lutas, compartilharem experiências, mesmo sendo eles, os que estão a mais tempo no espaço da lógica do campo.

As comunidades tradicionais são muito mais que organizações, cada uma delas tem um símbolo o qual harmoniza a vida de sua gente, o rio, as sementes, as cercas, a paisagem, os campos, a floresta, tornando-se uma referência material ou imaterial e reflete múltiplas identidades, um elo que mostra a cultura desses povos. Nestas comunidades podemos identificar tanto identidades que se originam de tradições, costumes, história, raízes, como também identidades de projetos, construções de ideais, ou seja, a imagem daquilo que se transmitir.

A construção das identidades vale-se da “matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais” (CASTELLS, 2002, p.22). A identidade refere-se a pertencimento, afetos, cria laços no espaço apropriado, é, portanto, uma construção cultural e também territorial, formada por elementos representativos do espaço humanizado.

De acordo com Claval (1999), a identidade é um componente dinamizador que distingue um “número de elementos que caracteriza ao mesmo tempo, o indivíduo e o grupo: artefatos, costumes, gêneros de vida, meios, mas também sistemas de relações institucionalizadas, concepções da natureza, do indivíduo e do grupo”. (CLAVAL, 1999, p.15). Dessa forma, no processo de construção de um território está relacionado o processo de construção da identidade, um é dependente do outro, apropriam o espaço e seus elementos, os dotam de significação, simbólica e funcional. A identidade cria as representações do território e este os transforma em práticas cotidianas.

A identidade é um processo em diálogo com a história, a cultura, com o território. Surge de um mesmo espaço-tempo, das mesmas relações socioculturais. São essas relações que vão estabelecer a identificação ou a diferença nas comunidades. Podemos considerar que os grupos sociais só existem pelos territórios que os identifica, então, o território pode ser o elemento de identificação ou diferença identitária nas comunidades tradicionais. É essa identidade sociocultural que tem sido uma contribuição de permanência de comunidades

tradicionais, proporcionando relações de solidariedade, sociabilidade e pertencimento ao grupo. As comunidades faxinalenses, quilombola que pesquisamos possuem características próprias de um modo de viver no campo, próximo a um rio, de plantio de sementes crioulas, onde as formas simbólicas e afetivas estão presentes em sua estrutura do viver e nos espaços construídos pela comunidade.

Para Saquet (2007),

A identidade tem sido tratada de diferentes maneiras em estudos do território, especialmente, como continuidades histórico-culturais, simbólicas, inerentes à vida de um certo grupo social em um determinado lugar. Esse processo pode sofrer mudanças, mas a conservação de elementos da forma de vida é fundamental para a reprodução dessa identidade. Aos poucos, porém, elaboram-se abordagens que reconhecem a identidade como unidade transescalar, entre distintos sujeitos e lugares, ligados, unidos pelas relações. No meu entendimento, pensando em subsidiar a produção de uma abordagem territorial (i)material, histórica, relacional e multiescalar, penso que essas duas concepções não são excludentes, em virtude da complexidade das tramas de nossa vida cotidiana. [...] o caráter político da identidade, como uma possibilidade de transformação social. (SAQUET, 2007, p. 147-148).

O que nos propõe Saquet é pensar na construção da identidade enquanto produto social, da territorialização entre diferentes sujeitos e lugares, as comunidades construindo seu território em relação com o ambiente, historicamente. Então a identidade se constituiu no patrimônio territorial de cada lugar, econômica, política, cultural e ambientalmente. A identidade é formada pelas práticas cotidianas que são constituídas social e culturalmente numa sociedade, formada pelas edificações materiais, línguas, mitos e ritos, religião, práticas econômicas, tradições, produzidos pelos sujeitos sociais e históricos.

As sementes crioulas são elementos riquíssimos de construção histórica das territorialidades das comunidades. Elas podem ser consideradas identidades que identificam as permanências, podendo também assumir mudanças nas relações sociais, pois têm a conotação de resistência, de luta pelo desenvolvimento sustentável nas comunidades tradicionais. Historicamente, a identidade é constantemente reconstruída coletivamente pelas comunidades, e se territorializa, principalmente através de ações políticas, econômicas e culturais.

Para Raffestin (2003, apud Saquet, 2007, p.149), a identidade, é entendida não somente como um estado, mas também e, sobretudo, como processo. “[...] um processo de tornar-se similar no interior de uma área territorial, com mesmas imagens, ídolos, normas.[...] A identidade se constrói, desconstrói-se e se reconstrói no tempo, ou melhor, através do tempo” (RAFFESTIN, 2003, p.4-5). Este autor destaca ainda que a identidade precisa ser

reconhecida pelos outros, é um processo dinâmico de identificação que tem alteração no tempo histórico e nos mesmos ou diferentes lugares de maneira relacional.

A identidade também pode ser considerada como organização para a conquista de autonomia num sistema local territorial (Slot<sup>45</sup>), ou seja, ela é um patrimônio cultural e territorial do passado, mas pode significar uma organização social coletiva na busca do desenvolvimento.

No entanto, autores como Rullani (1997) e Saquet (2003), nos trazem a perspectiva da identidade efetivada *na* e *com* a ciranda mercantil. As ações econômicas têm uma ligação com o local e uma articulação no mercado extralocal. “As ações econômicas têm, obrigatoriamente, uma desterritorialização que se reterritorializa constantemente”. (SAQUET, 2007, p. 153). A identidade então é compreendida na globalização da economia, significando as interações, reciprocidades, conhecimentos locais. O território não é mais confinado a dimensão local, mas se torna uma rede de conexões entre o local e o global. Para Rullani (1997, p. 90), “A interação local-global, de fato, mantém a tensão em direção à universalidade, sem perder contato com a particularidade dos lugares e das histórias”. As sementes crioulas são trocadas, articuladas, misturadas, envolvendo a subjetividade das comunidades (cultura, história, práticas), as organizações (associações, feiras de sementes), o trabalho (produção, plantio), são transcontextualizadas, pelas redes que ligam os lugares. A identidade local, nesse sentido é constantemente reelaborada, com a rede que as sementes estabelecem nas comunidades.

Saquet (2007) sobre a identidade, conclui:

[...] a identidade é compreendida como produto histórico, no sentido indicado por Demetteis e Governa (2003) e por Raffestin (2003) e, como unidade entre diferentes escalas, ou seja, nas relações transescalares. Unidade de contradições, lugares, pessoas, na circulação e comunicação, histórica e simultaneamente construída, econômica, cultural e politicamente. Na própria natureza exterior ao homem, há interações que ligam, conectam os lugares e as pessoas através da circulação das massas de ar, dos rios, etc. Também posso lembrar, novamente, Saquet e Duarte (1996) e Saquet, Pacífico e Flávio (2005), para os quais a identidade significa unidade na diversidade e organização política, na tentativa de transformação do lugar e de conquista de melhores condições de vida. (SAQUET, 2007, p. 154).

As sementes crioulas como identidade local, para as comunidades tradicionais, são ao mesmo tempo, história, natureza, interação, contradição ao capital, circulação, troca,

---

<sup>45</sup> Denominação de Dematteis (1994), *Slot*: é um conjunto dotado de identidade, sendo que os sujeitos que o compõem são capazes de definir comportamentos *coletivos*; o local é um *nó* articulado em redes tendencialmente planetárias, na forma de um acloppamento de relações recíprocas e em unidade. (Apud, Saquet, 2007, p. 112).

ligação, organização política e econômica, contradições, memórias e unidade nas redes que se estabelecem entre essas comunidades, ou mesmo entre os guardiões de sementes.

Para Bagnasco (1999), os atores de uma comunidade local estão inseridos em redes externas, econômica, política e culturalmente. Então, a identidade intimamente ligada à comunidade, construída na coletividade, também significa redes de relações, internas e externas a cada lugar. Dessa forma, as sementes crioulas são um elo de ligação entre as redes internas e externas de cada comunidade faxinalense, quilombola, caiçara, ou mesmo, entre elas próprias. O processo de territorialização das sementes crioulas, sua apropriação de um espaço, viabiliza um processo de territorialidade, ou seja, de enraizamento coletivo rural e criação de identidades.

A identidade das comunidades tradicionais vem dos povos originários, quilombolas, camponeses, que tecem sua identidade em um processo contínuo de recuperação de sua memória histórica biocultural. Os guardiões de sementes ao se posicionarem como sujeitos reivindicam sua memória biocultural histórica, ao mesmo tempo em que estabelecem outro padrão para suas formas de ser, pensar, viver, e de lutas políticas, estabelecendo uma nova forma de ação em defesa da terra, dos seus territórios e dos bens naturais, em um sentido agroecológico.

### 2.3 A MEMÓRIA BIOCULTURAL

O estudo da memória não tem uma grande tradição em Geografia. Mesmo com avanços nos estudos da Geografia Histórica e Geografia Cultural, os geógrafos falam do passado para “localizar” o presente. Dessa forma, como historiadora-geógrafa para empreender uma reflexão envolvendo as territorialidades e memória, será necessário utilizar o conhecimento de outras ciências, principalmente da História e da Sociologia.

Memória Biocultural está relacionada aos processos de diversidade biológica, genética, linguística, cognitiva, agrícola e paisagística. Não entraremos na descrição de cada uma delas, mas juntas elas configuram o complexo biológico-cultural originado historicamente e que é o produto de milhares de anos de interação entre as culturas e os ambientes naturais. Esse processo biocultural de diversificação é expressão das fusões e combinações da diversidade na vida humana e não humana representando, o exato sentido, da memória da espécie. Assim, como ocorre com a memória dos seres humanos e outros mamíferos, em cujos cérebros a representação e a formação de lembranças se realizam através

da ação coordenada de grandes neurônios (TSIEN, 2007), grupos específicos de seres humanos culturalmente articulados guardam recordações e experiências passadas.

Segundo Toledo e Bassols (2015, p. 18-19):

A memória da espécie humana é, pelo menos, tripla: genética, linguística e cognitiva, e se expressa na variedade de genes, línguas e saberes. As memórias genética e linguística guardam o registro da expansão dos seres humanos pelos diferentes habitats do planeta, um processo de colonização de territórios que levou várias dezenas de milhares de anos. A memória cognitiva, a menos explorada, revela as maneiras como as sociedades humanas foram se adaptando a cada uma das condições desses habitats. Essa memória é biocultural e vem sendo mantida pelos 7.000 povos tradicionais, indígenas ou originários que hoje existem, subsistem e persistem.<sup>46</sup>

A memória biocultural está relacionada àquelas comunidades que foram capazes de manter a tradição por meio de uma constante agregação de novos elementos, e, com isso, conseguiram permanecer em um só lugar por muito tempo, como as comunidades tradicionais em estudo que continuam a realizar práticas que atestam um uso prudente da biodiversidade de cada um dos ecossistemas existentes. Cada comunidade e guardião de sementes interage com seu próprio ecossistema local e com a combinação de paisagens e biodiversidade ali existentes. Essas sabedorias locais, nos trazem pela análise de recordações-chaves, eventos que tiveram uma influência profunda e duradoura sobre toda a espécie, onde se encontra a memória da espécie humana. “Essas sabedorias localizadas, que existem como consciências históricas comunitárias, uma vez totalmente conjugadas, operam como a sede principal de lembranças da espécie”. (TOLEDO; BASSOLS, 2015, p. 41).

Os processos de produção das territorialidades englobam necessariamente em suas manifestações aspectos e conteúdos imateriais. Entre essa imaterialidade podemos destacar a identidade e memória. A memória, em nosso entendimento é uma construção que se faz na troca e na partilha entre o que se viveu no passado e as lembranças que se buscam no presente.

Na composição das territorialidades estão presentes as memórias das atividades humanas, que se caracterizam por processos relacionados ao trabalho, práticas de produção, circulação, distribuição e consumo de objetos, técnicas e tecnologias. Tais processos são necessariamente mediados por apropriações de solos, riquezas, matérias primas, ou seja, à denominada natureza primeira.

---

<sup>46</sup> A expressão Memória Biocultural será utilizada a seguir, de acordo com Victor M. Toledo e Narciso Barrera-Bassols em seu livro *A Memória Biocultural – a importância ecológica das sabedorias tradicionais*, 2015, São Paulo.

Todavia, todos esses processos relacionados às produções materiais efetivadas pelos homens também se encontram mediados pela elaboração e reprodução de representações, imagens, interpretações, informações, simbologias, concepções que os homens elaboram no contexto das relações homens/natureza. Os homens, comunidades, instituições sociopolíticas em suas formas de criar, pensar e fazer humanos, transmitem, lançam imagens, representações que reforçam e legitimam as práticas e relações sociais que cotidianamente produzem as formas, conteúdos e movimentos do mundo, principalmente aquelas construídas sobre o passado, que estão guardadas nas memórias do coletivo. Estas práticas comportam elementos essenciais do fazer materializado no tempo presente, ativando as produções/realizações que então ocorrem, dando contornos e configurações aos diversos contextos geográficos.

Destacamos que as formas de produção das territorialidades no passado da história até o momento presente, não foram “benéficas” para *toda* a sociedade, comunidades, grupos/sujeitos sociais, como foi defendida nos discursos hegemônicos da História Tradicional<sup>47</sup>. As comunidades tradicionais em estudo, faxinalenses, quilombolas, não aceitam o uso das memórias produzidas apenas por grupos e classes sociais dominantes com o objetivo de dominação de territórios, pois estes buscam se apropriar das representações e imaginários elaborados sobre os espaços por eles apropriados.

Na construção de territórios e territorialidades no tempo presente, algumas forças políticas e instituições econômicas se utilizam de imagens construídas do passado de forças hegemônicas que atuam no espaço socialmente produzido, para dele tirar proveito. Dessa forma, interesses vinculados a determinadas forças sociais/produzidas do passado podem apresentar continuidades no período atual, dificultando a produção da memória de outros grupos ou comunidades não hegemônicas e ocultos em suas histórias. De acordo com Flávio (2013, p. 127),

As forças dominantes têm interesse em “encobrir” os fatos, acontecimentos e processos históricos permeados de contradições e conflitos sociais, intentam ratificar versões da História que contribuem para o processo de legitimação da reprodução da dominação de uns grupos/classes sobre outros no âmbito das relações capitalistas de produção que marcam as dinâmicas de apropriação do espaço geográfico. Encarnada nas práticas de seus diversos atores, a modernização capitalista se demarca como força destruidora de memórias, operando assim em favor dos poderes hegemônicos que se buscam dominar a produção da História formatada a partir das representações sobre ela construídas. Erigindo mitologias e ideologias que sustentam as relações de poder, as memórias dos grupos hegemônicos fitam impor suas imagens via *enquadramentos* das memórias dos grupos marginalizados ou excluídos. As

---

<sup>47</sup> Quando nos referimos a História Tradicional – História Política, considerada a “primeira geração”, a História anterior à Nova História Francesa ou “terceira geração” - Escola dos Annales, que trouxe novas propostas teóricas e metodológicas.

memórias “oficiais” passam a serem vistas como sendo a *própria História válida para todos*.

Entretanto, não se pode considerar que a geografia e história tenham sido produzidas apenas por grupos hegemônicos, mas principalmente por grupos e comunidades com identidades e memórias esquecidas, muitas vezes proibidas de fazerem parte da História, como os quilombolas, indígenas, caboclos, que até o momento presente ainda lutam pelo direito e reconhecimento do território e suas territorialidades.

Nas memórias, silêncios, esquecimentos de práticas econômico-sociais, conflitos, domínios de natureza, buscamos entender os “*lugares de memória*”, seja ela individual ou coletivo, dos que guardam as sementes crioulas nas comunidades tradicionais. O espaço (geografia) e tempo (história) são construídos a partir das produções, representações, ações e memórias dos sujeitos históricos, uma ação material e imaterial, formando uma totalidade multidimensional e multiescalar, nos termos de Saquet (2007).

A memória para a História é a capacidade humana de preservar impressões sobre o passado vivido, ela pode ser individual e coletiva, voluntária e involuntária. A maior influência vem de Maurice Halbwachs, que desde os anos de 1930, investigou os “quadros sociais da memória” (1935), juntamente com Marc Bloch e Lucien Febvre. Em sua maior obra “A memória coletiva” (1950), destaca que os grupos sociais condicionam e dão suporte à memória individual e ao próprio conteúdo pessoal das lembranças. Para Halbwachs (1990), a memória individual se entrelaça com a memória coletiva, articulando-se ambas numa harmonia que une diferentes pessoas de uma sociedade em uma “única” memória. Para o autor, quantos grupos houver, tantas memórias coletivas haverá no interior de uma sociedade.

Para o historiador francês Pierre Nora, “memória coletiva é a recordação ou o conjunto de recordações, conscientes ou não, de uma experiência vivida e/ou mitificada, por uma coletividade viva de cuja identidade faz parte integrante o sentimento do passado” (NORA, 1990, p. 451). Isso nos mostra a relação de identidade e memória, à relação afetiva, identitária do indivíduo com determinados grupos de pertencimento coletivo, ou seja, o que vivemos o que nos tornamos e onde vivemos nos traz as recordações dos grupos, desde o familiar até os demais que se formam em uma sociedade. “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1987, p. 17).

Segundo Le Goff (1994. p.423), a memória é uma “propriedade de conservar certas informações, remetendo-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Assim, a memória é a forma de tornar presente um fato do passado, através da atividade de recordação. Mas muitas vezes a memória pode falhar, esquecer detalhes, omitir ou realçar alguns dados. Por isso, é necessário verificar várias lembranças, para poder-se (re) montar os indícios e os passos dos acontecimentos do passado, com o maior detalhamento possível.

Para se chegar a esses acontecimentos, memórias e lembranças do passado, tem-se que trabalhar com a subjetividade, aquela que envolve os sujeitos, incluindo aí o próprio pesquisador, na tentativa de apreender o que está na constituição do sujeito, o que constitui as suas vivências, aquilo que é menor e invisível, o mais profundo da experiência dos indivíduos. Para conhecermos a subjetividade é preciso aceitar que pensamento, sentimento e decisão estão extremamente ligados e que o caminho em direção a ela é um caminho de envolvimento pessoal. A subjetividade não é algo pronto que está lá visivelmente nas pesquisas e na história oral, mas é algo com o qual podemos nos relacionar, e é só dessa relação que nasce o conhecimento.

Na Geografia, a memória é essencial à construção das identidades, porque (re)liga os sujeitos a um espaço-tempo comum, a identidade de um lugar, a memória compartilhada, solidária, de uma comunidade, do coletivo, do social. É essa memória que permite revelar as relações e recordações que a espécie humana tem com a natureza, sua base de sustentação e sua história.

São, em sua maioria, os guardiões de sementes das comunidades tradicionais, aqueles que ainda mantêm as memórias do convívio harmônico com a natureza, das maneiras de adaptação com o habitat natural, das práticas, saberes, para conviverem com a natureza retirando dela apenas o necessário para sua sobrevivência e não degradando os ecossistemas, como na dinâmica expansiva do agronegócio capitalista.

Segundo Joel Candau (2011, p. 200),

Ainda que as “comunidades relativamente estáveis”, “tradicionais”, às quais o vivido e a memória compartilhada pelos membros sejam ainda vastos, estas são muito menos estáveis e tradicionais objetivamente no nível representacional. É de fato o discurso metamemorial que veicula a ilusão de uma afirmação identitária fundada sobre a permanência e o compartilhamento, e é a permanência e o compartilhamento desse discurso que conferem certo conteúdo à afirmação identitária.



Não desejamos exagerar no interesse e na realidade do conhecimento compartilhado sobre as sementes crioulas no interior do grupo dos guardiões de sementes, superinterpretando suas práticas, origens, memórias, mas sim, analisar essas práticas como ações de suas territorialidades e fator de identidade das comunidades tradicionais.

Memória e identidade estão indissoluvelmente ligadas, se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir um modo de vida, uma trajetória, uma narrativa, uma história.

### CAPÍTULO 3

## A BIODIVERSIDADE E AGROBIODIVERSIDADE DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS

*“Responsáveis por mudar a história do homem, as sementes são estruturas biológicas complexas e fascinantes, que guardam em si a história de milhares de anos de evolução, seleção (natural ou assistida) e melhoramento em alguns casos.”*  
(Julio Marcos Filho)

A biodiversidade ou diversidade biológica significa a variabilidade de organismos vivos de todas as origens, compreendendo, dentre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas. (Artigo 2 da Convenção sobre Diversidade Biológica), expressa toda a variedade das formas de vida na Terra. Esse termo foi criado em 1985 a partir da junção das palavras ‘diversidade’ e ‘biológica’ e, posteriormente, em 1986, foi utilizado em um relatório apresentado pelo entomologista E. O. Wilson. É um conceito muito amplo que se refere à variedade de vegetação, espécies e paisagens. No que se refere às espécies, a maior parte do que se sabe sobre a diversidade é sobre as plantas e aos animais vertebrados. Embora a diversidade biológica seja de plantas e animais silvestres, é importante reconhecer o papel dos organismos domesticados, já que eles se configuram a contribuição do homem para a diversidade natural.

A diversidade e sua distribuição resultam de uma longa história de evolução, diversificação e extinção dentro de um espaço geográfico e ecológico dinâmico e em constante transformação. Com uma grande diversidade de espécies vegetais e animais a América do Sul tem características muito especiais na biodiversidade e um grau elevado de endemismos, isto é, só existem na América do Sul. Segundo Miranda (2004), para botânicos e zoólogos, a América do Sul constitui uma região biogeográfica única e distinta de todas as outras, a região Neotropical<sup>48</sup>. Segundo a história geológica da América do Sul, há cerca de 140 milhões de anos, nesta porção do continente, as formas de vida evoluíram em completo isolamento, assumindo diversas características únicas.

A chegada dos humanos a porção sul do continente americano gerou grandes impactos e mudanças ambientais sobre a biodiversidade. As sociedades humanas transformaram o meio ambiente. Animais, plantas e sociedades primitivas inteiras

---

<sup>48</sup> Região Neotropical estende-se da Patagônia Argentina até o sul do México, devido às migrações florísticas e às condições climáticas.

desapareceram nas Américas, ao provocarem desequilíbrios ou pressões ambientais, como por exemplo, os povos Maias na península de Iucatan (LEWINSOH; PRADO, 2002).

Algumas sociedades humanas apresentaram uma extraordinária capacidade de adaptar-se e enfrentar os desafios ambientais em diferentes escalas de tempo e espaço. Podemos citar como exemplo, as comunidades tradicionais, indígenas, quilombolas, caiçaras e faxinalenses, que formaram novas configurações sociais, econômicas e políticas. Claro que nas escalas de tempo e de espaço e as transformações na natureza, não se compararam à atual perda da biodiversidade causada pela eliminação dos habitats via desmatamento nos campos e florestas da América do Sul, mais especificamente no Brasil e Paraná.

No Brasil a natureza intacta só existiu até a chegada das primeiras populações humanas. E para muitos arqueólogos como Niède Guidon isso seria a 100 mil anos atrás<sup>49</sup>. A partir daí o espaço natural passa a ser objeto de uso, controle, acesso, exploração, mudança, disputa, dominação, transmissão. A natureza passa a ser humanizada, onde o espaço e sua biodiversidade passam a ser vistos como território social.

No Brasil, ao longo de milênios, as populações de caçadores e coletores primitivos influenciaram tanto na extinção, quanto na preservação de várias espécies da fauna brasileira. A utilização do fogo, como técnica de caça e o cultivo da agricultura, favoreceu a extensão de ecossistemas abertos, como as savanas ou cerrados, com formações arbustivas e graminóides, em detrimento das áreas de florestas ou matas de araucária.

A agricultura foi um impacto ambiental antrópico enorme para as variedades de espécies da nossa fauna brasileira. No aspecto negativo, ela leva o fogo das savanas para a floresta com a agricultura itinerante – coivara. (MIRANDA, 2004, p. 7). Os campos eram como clareiras em meio à floresta. A capoeira recuperava lentamente os solos, após um ou alguns anos de cultivo, sempre precedidos por queimadas, onde a recuperação da floresta original torna-se mais ainda lenta. No aspecto positivo, ao longo dos séculos, espécies nativas de interesse, como árvores frutíferas, medicamentos ou fibras, foram protegidas, replantadas e

---

<sup>49</sup> A primeira forma de ocupação, segundo os arqueólogos foi através do Estreito de Bering, onde o homo sapiens africano e asiático teria se deslocado para a América, no período da Pré-história, no Neolítico. Já o primeiro “povoamento” da porção sul da América, foi o processo de instalação dos portugueses, responsáveis pela segunda onda de povoamento, a partir do descobrimento do Brasil no século XV. Em 1500, a colonização ocorreu de leste em direção a oeste, começando por regiões litorâneas como sudeste e nordeste, eram em torno de 6 milhões de indígenas falando mais de mil línguas. Essa população indígena brasileira, segundo resultados do último Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no país, em 2010, era de 896.917 indígenas, dos quais 572.083 viviam na zona rural e 324.834 habitavam as zonas urbanas brasileiras. Os dados estatísticos revelaram que em todos os Estados da Federação, inclusive no Distrito Federal, há populações indígenas. Em 2015, segundo últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, existem 305 etnias e 274 línguas. Fonte: Fundação Nacional dos Povos Indígenas. Ministério dos Povos Indígenas. <https://www.gov.br/funai>.

deslocadas para locais de interesse. Assim, como sementes de ecossistemas diversos, alterando a biodiversidade e aumentando a diversidade agrícola em várias áreas do Brasil, entre as populações de caçadores coletores.

A Mata Atlântica, os cerrados, o litoral, guardam as marcas, os sinais e a memória desses impactos ambientais e das mudanças na biodiversidade, dentro do nível e estágio de desenvolvimento próprio de cada comunidade original ou tradicional que surgiu ou desapareceu no território brasileiro.

Podemos considerar o surgimento de aldeamentos fixos, o uso do fogo nas matas, os sambaquis, enriquecimento de plantas de interesse alimentar, medicinal ou simbólico fora de sua área natural, a introdução e o melhoramento de espécies para a agricultura, desenvolvimento da cerâmica (armazenamento de sementes), como impactos na dinâmica natural da biodiversidade e como forma de histórias, marcas, registros gravados na cultura e no relacionamento destes povos com a natureza.

No Brasil, contexto dos povos originários (pré-cabralinos), está o povo dos sambaquis. Estes deixaram em seus “morros”, constituídos por conchas, ossos, pedras, esqueletos, marcos artístico, assim como outros povos que deixaram grafismos rupestres de temática antropológica, zoológica e cosmológico, presentes nas cavernas, grutas, falésias, rochedos, como na Pedra Pintada (RR), na Serra da Capivara (PI), Parque Estadual do Guartelá, Tibagi (PR), etc. Além das marcas de povoamento vegetais e animais, deixaram testemunhos gravados na rocha, ao longo de toda a costa brasileira, datando de 10000 a 2000 a.C. (MIRANDA, 2004).

O litoral brasileiro através do mar, rio, mangues, oferecia fontes extraordinárias de proteínas vindas de mexilhões, peixes, ostras, caranguejos, conchas de todo tipo, que marcaram os povos dos sambaquis. Esses morros, muitos chegando a 20 metros de altura, foram formados por restos de conchas, crustáceos, ossos de peixes e até mesmo de esqueletos de grupos humanos. O impacto da coleta destas conchas, moluscos, crustáceos, ossos de peixes, se fez notar na biodiversidade do período, com a predação e extinção de algumas espécies ao longo dos anos, de acordo com os achados de diversidade de conchas em tamanho diferentes.

Muitos sambaquis que podem estar abaixo do nível do mar, ainda aguardam para serem encontrados, muitos resistem ao passar do tempo, mesmo com o uso de suas conchas para a construção civil, como o Sambaqui do Guaraguaçu, devido aos cuidados indígenas. Mas a erosão das costas, a evolução dos solos, a progressão das florestas e o uso desse

material como matéria-prima nas construções levaram muitos sambaquis a desaparecerem. Muitos do litoral do Estado do Espírito Santo até o Estado do Rio Grande do Sul ainda resistem mostrando a cultura destes grupos originários, como o Sambaqui do Guaraguaçu com 21 metros de altura, sendo o maior do Estado do Paraná.

Esses grupos originários dos Sambaquis foram destruídos, sob o impacto da conquista territorial de outros grupos humanos, sejam eles menos desenvolvidos ou não, com mais ou menos tecnologia, mais guerreiros ou não, mas com outras organizações sociais. Podemos considerar como um dos primeiros genocídios da história da América do Sul. E a partir daí, percebemos a grande expansão geográfica dos chamados povos tupis-guaranis e Jês, a partir do ano 500, em toda extensão do território brasileiro.

Para Miranda (2004), há mais de quatrocentas gerações, os humanos ocuparam e exploraram o território brasileiro, ocorrendo dessa forma, o declínio e a extinção de grande parte da fauna e da flora brasileira.

A ação dos grupos humanos sempre modelou e transformou a biodiversidade. Os povos que viveram mais no interior do continente continuaram explorando a biodiversidade neotropical. Seus conhecimentos sobre os diversos usos das plantas os levaram a favorecer e proteger algumas delas, disseminando-as em locais de abrigo, pousos, acampamentos, onde os frutos eram coletados, enterrados, escondidos. Esses locais acabavam se tornando mais tarde áreas de extração de recursos vegetais.

A agricultura desses povos originários (chamados pré-cabralinos) foi construída gradativamente a partir da biodiversidade natural, com o resgate de espécies da floresta (frutas, grãos, raízes). Elas foram cuidadas, plantadas, hibridizadas de forma voluntária ou não, por esses povos. Plantavam nas proximidades dos rios e baixadas florestais, onde a fertilidade era maior. No final da estação seca, os indígenas derrubavam a vegetação mais rala ou arbustiva de uma faixa da floresta. Depois que secava naturalmente, ateava-se fogo, pois as cinzas fertilizavam os solos. (MIRANDA, 2004, p. 11).

A coivara permitia alguns ciclos de culturas anuais (milho, amendoim, abóboras, carás, cabaças, taioba<sup>50</sup> entre outras) e o ciclo dos tubérculos plurianuais (mandioca e batata-doce). Tudo dependia da fertilidade da terra, sendo o trabalho todo manual, sem instrumentos agrícolas, revelando sua relativa produtividade naquele contexto.

---

<sup>50</sup> A taioba (*Xanthosoma violaceum*) é uma arácea, também conhecida como taiá, taiá-açu, taiaúva, taiova, tajá, tajá-açu, tajabuçu, talo, taro e tarro. Hoje ela é muito cultivada e utilizada na alimentação como PNCs-Plantas Não Convencionais.

Nas áreas abandonadas, a sucessão ecológica vegetal continuava. As condições de regeneração da floresta eram boas, com estoques de sementes, desarraigamento limitado da vegetação natural, fogo localizado, porém o processo era lento<sup>51</sup>. Com o aumento das populações e evolução de técnicas agrícolas, as áreas cultivadas restringiram-se em seu itinerário. Algumas partes da Mata Atlântica, começaram a apresentar uma miscelânea de áreas de vegetação em diferentes estágios de reconstituição.

Segundo Evaristo Eduardo de Miranda (2004, p. 12),

[...] os portugueses interessaram-se bastante pelo conhecimento dos indígenas sobre a biodiversidade, utilizaram este saber e incorporaram-no em suas práticas cotidianas. Foi justamente nessas mesmas áreas abertas da zona costeira, como resultado de longas interações entre natureza e indígenas, que os portugueses estabeleceram suas primeiras pastagens e começaram a criar gado. Não apenas o conhecimento ambiental e territorial dos indígenas interessou aos portugueses. Eles adotaram com sucesso várias técnicas agrícolas dos indígenas, como a coivara. Os sistemas de produção dos povoadores incorporaram diversas modalidades de uso do fogo como tecnologia agrícola. Além da exploração de diversas espécies vegetais cultivadas pelos índios.

Percebemos dessa forma que ocorreu uma rede de trocas de conhecimentos e técnicas agrícolas entre povos indígenas, portugueses e africanos, mas também uma intensa expansão étnica e territorial, onde os grupos de caçadores, coletores e agricultores começaram a desaparecer diante da progressão dos tupis, principalmente próximos ao litoral brasileiro, mas também avançando para regiões do interior do território. Tornaram-se um povo conquistador, com as habilidades da navegação e da agricultura. Porém não formaram grandes aldeamentos, somente a partir do ano 1000, com a disputa por territórios e aumento populacional é que suas aldeias aumentaram para mais de 500 pessoas. Neste momento passaram a construir diversas formas de proteção, como paliçadas e valos e deslocavam-se constantemente para regiões geográficas mais seguras. (MIRANDA, 2004).

A alimentação destes grupos tupis nos indica a variedade de sementes, frutas, plantas, animais, pesca em água doce e salgada, bem como a extração de produtos da natureza, como o mel selvagem. Os produtos agrícolas que cultivam eram mandioca, milho, amendoim, carás, abóboras, batata-doce e algumas leguminosas. Armazenavam seus cultivos, no solo – como no caso a raiz da mandioca -, fosse torrando sua farinha ou fazendo farinha de peixe, defumando e secando peixes e algumas carnes, (práticas estas que persistem entre os

---

<sup>51</sup> Existem indícios no litoral paulista de áreas de Mata Atlântica que na época do plantio de cana-de-açúcar, com Martim Afonso de Souza, foram desmatadas, mas nunca mais se recuperaram plenamente. São florestas, mas diferenciadas de seu entorno.

povos caiçaras do litoral). Trocavam os excedentes de alimentos e de algodão nativo com os portugueses.

Os índios tupis não vivenciaram suas práticas em grandes florestas, mas sim nas matas secundárias características. Para Miranda (2004, p. 15), “A riqueza e diversidade florística das florestas tropicais bem preservadas diferem muito das situações em que ocorre a dominância ou a abundância de algumas espécies, como nas formações florestais secundárias”. Isto explicaria porque em determinadas regiões do litoral brasileiro existiam abundância de árvores de pau-brasil, onde havia presença de indígenas tupi, destacando as trocas que faziam com os portugueses destas árvores, através do escambo.

A influência da toponímia tupi foi muito grande para os portugueses e posteriormente para outros grupos étnicos. A diversidade das palavras utilizadas por estes grupos tupis, estão no uso cotidiano de muitos povos tradicionais, como os quilombolas e faxinalenses atualmente, relacionadas aos vários estágios de vegetação e formações vegetais. Podemos citar algumas e que estão relacionadas também as matas secundárias ou vegetação originada pelo desmatamento e utilização do fogo pelos tupis.

Caapuera (roça que já foi), capoeira açu, capoeiruçu ou capoeirão (mata em estágio mais avançado de reconstituição), cacaigué (mato queimado), caapeba (mato baixo), capuã ou capão (bosque redondo), caanupã (mato batido, roçado), caocaia ou caucaia (mato queimado, a queimada ou incêncio da mata), caapeba (mato rasteiro), catanduva (mato ralo e áspero), catumbi (beira da mata), capigaba ou capiaba (sítio, chácara), capitiba (capinzal), camirim (mata pequena), caatiba (mataria, macegas), capixaba (roçado preparado para plantio), caçapava (clareira, passagem na mata), cacaquera (cercado velho), caetitê (mato cerrado), cairussu (queimada, incêncio), caitê (mato em desenvolvimento, não-crescido, em formação), cajuru (entrada da mata) etc. (MIRANDA, 2004, p. 15).

Se os grupos indígenas tupis marcaram a história da ocupação das florestas atlânticas com o desmatamento, uso do fogo e também a caça, os portugueses também contribuíram em áreas menores e mais impactadas com a aniquilação definitiva da vegetação natural. Dessa forma, o século XVII tornou-se um tempo de grande recuperação natural deste bioma, pois de certa forma, os indígenas não estavam mais em todo o território e os portugueses não tinham se estabelecido por completo no território, conseqüentemente constatamos que a biodiversidade não é linear, ela têm curvas. Muitas sociedades agrícolas, organizaram-se na Amazônia, desenvolveram sofisticadas redes de comércio com os Andes e a América Central e desmorraram no período do Brasil Colônia, voltando a ser pequenos grupos de caçadores coletores.

Para Miranda (2004, p. 16), a história desafia o cronocentrismo de quem examina o passado “com a régua, o prumo e as medidas éticas e culturais dos dias de hoje. O

descobrimto da biodiversidade leva a penetrar nesse elo temporal e na sua fértil riqueza primitiva da qual somos herdeiros”.

### 3.1 SEMEANDO AGROBIODIVERSIDADE NA BIODIVERSIDADE BRASILEIRA

No contato entre portugueses e indígenas ocorre uma troca de modos, hábitos, experiências e cultura. Os portugueses apresentaram aos indígenas os animais e alimentos presentes nas caravelas como: papagaios, carneiros, galinhas, feijões, frutas e legumes. Assim como os indígenas também, foram apresentando aos poucos seus alimentos e árvores nativas, como a mandioca e o pau-brasil.

Aos indígenas foi apresentada a biodiversidade vegetal da Europa, principalmente a comida portuguesa<sup>52</sup>. Figos, bolos, mel, pão, peixe cozido... que ao seguirem com os portugueses em suas naus para outros locais, esta seria sua base alimentar.

Segundo Miranda (2004, p. 92), a primeira iniciativa dos portugueses nas terras recém encontradas foi listar rapidamente as árvores protegidas por lei, que não podiam ser derrubadas, dando origem ao termo “madeiras de lei”, entre elas guanandi (*Calophyllum brasiliense L.*), o pau-brasil (*Paubrasilia echinata Lam*), cedro (*Cedrela fissilis Vell.*), canela (*Ocotea puberula Rich.Nees*), imbuia (*Ocotea porosa Nees & Martius*), mogmo (*Swietenia macrophylla King*), etc.

Os portugueses não encontraram de imediato, início do século XVI, o ouro e prata que tanto desejavam nas terras brasileiras, encontraram uma biodiversidade animal e vegetal riquíssima, mas que para as intentos portugueses não eram atrativos. Durante séculos os portugueses vão introduzir em terras brasileiras tudo aquilo que pensavam ser de seu interesse e com finalidades lucrativas. Introduziram assim novos genes e novas espécies. Assim, a biodiversidade vai ganhar diversidade, e a agrobiodiversidade vai começar a ser semeada.

A Europa, a Ásia e a África passaram a contribuir com a construção de uma nova paisagem brasileira, aportando espécies vegetais e animais. Um século mais tarde, em muitos campos, quintais, hortas e jardins de vilas e povoados brasileiros, encontram-se plantas indígenas e uma infinidade de hortaliças, flores, árvores frutíferas, cereais, legumes, fibras e

---

<sup>52</sup> Os portugueses levavam uma grande diversidade de alimentos a bordo das naus, incluindo animais domésticos como galinhas, carneiros, para os quais deviam ter um estoque de feno e alimentos. Segundo a Carta de Pero Vaz de CAMINHA, *Carta a el-rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1974, há manifestações da inexistência de lavouras (agricultura de grande porte), e criações de animais (pecuária). Para os portugueses faltava uma diversidade em tanta biodiversidade existente no Brasil (MIRANDA, 2004, p. 92).



plantas medicinais, trazidas da Europa, África, América Central e Ásia. Os jesuítas trazem muitas plantas e frutas para uso medicinal, como a carambola, trazida da Índia, para o tratamento de doenças cardíacas. Em toda a orla brasileira foram plantadas plantas exóticas, com os coqueirais, trazidos do Oceano Índico. Na visão cultural, se criou a ideia de que os coqueiros é uma planta nativa do Nordeste brasileiro, mas não existe, no Brasil, a ocorrência natural de coqueirais, esta é uma visão equivocada, ou uma incorporação da visão cultural das praias brasileiras.

A biodiversidade local também foi espalhada geográfica e culturalmente, como no caso dos feijões, milhos, favas e legumes. Gabriel Soares de Souza<sup>53</sup>, relata com detalhes as qualidades nutritivas e as características das *favas* cultivadas pelos índios do Brasil, bem como dos *feijões* existentes e cultivados pelos indígenas locais.

[...] comecemos pelas favas, que os índios chamam de comendá, as quais são muito alvas, e do tamanho e maiores que as de Évora em Portugal; mas são delgadas e amassadas, como os figos passados. Há outras favas, meio brancas e meio pretas, mas são pequenas; e estas favas se plantam à mão na entrada do inverno, e como nascem põe-se ao pé de cada um, um pau, por onde atrepam, como fazem em Portugal as ervilhas; e, se têm por onde atrepar, fazem grande rama; a folha é como a dos feijões da Espanha, mas maior; a flor é branca; começam a dar a novidade no fim do inverno e duram mais de três meses. Estas favas são, em verdes, mui saborosas, e cozem-se com as cerimônias que se costumam em Portugal[...] depois de secas se cozem muito bem, e não criam bichos, como as da espanha, e são melhores de cozer [...].

Queremos destacar nesta fonte histórica, relato de Gabriel Souza, o número de informações que ele nos traz para a agrobiodiversidade, ou seja, variedade das favas, cores, tamanho, época de plantio, que se espalham como ramas, utilização na culinária, diversidade com as espécies de Portugal e Espanha. A partir destas informações e dos relatos que virão a seguir sobre os feijões, naturais da América, qualidade e quantidade, começamos a semear a grande diversidade de cultivos que se inter cruzam na agrobiodiversidade brasileira, europeia, asiática e africana.

---

<sup>53</sup> Cronista português, Gabriel Soares de Sousa era senhor de engenho, residente na colônia e solicitou ao rei permissão para explorar o interior da colônia brasileira, no século XVI-XVII. Seu pedido foi acompanhado da pretensão de receber títulos e se baseou nos escritos deixados por seu irmão, João Coelho de Sousa, sobre as riquezas encontradas no interior do Brasil. Enquanto esperava a permissão, escreveu os manuscritos que receberam o nome de Tratado Descritivo do Brasil, em 1587 onde reuniu informações importantes da biodiversidade brasileira. Em seu Tratado encontramos diversas denúncias sobre a exploração das riquezas da colônia e descrições detalhadas de toda a costa que pertence ao Estado do Brasil e especialmente da Bahia de Todos os Santos. Descreve a cidade de Salvador e a capitania da Bahia, seus engenhos, a hidrografia, a vegetação e a variedade de animais existentes na colônia. Mostra as crenças, os costumes, as alianças e as guerras das populações nativas. SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Editora Hedra, 2010.

Dão-se nesta terra infinidade de feijões naturais dela, uns são brancos, outros pretos, outros vermelhos, e outros pintados de branco e preto, os quais se plantam à mão, e como nasce põe-se-lhe a cada pé um pau, por onde atrepam, como se faz com às ervilhas, e sobem de maneira para cima que fazem deles latadas nos quintais, e cada pé dá infinidade de feijões, os quais são da mesma feição que os da Espanha, mas tem bainhas mais compridas, e a folha e flor como as ervilhas; cozem-se estes feijões sendo secos, como em Portugal, e são muito saborosos, e enquanto são verdes cozem-se com a casca como fazem às ervilhas, e são mui desenfastiados.

Mesmo existindo uma infinidade de feijões que os indígenas plantavam e consumiam, nativos da América, é o feijão preto ou roxinho, rasteiro, o *Phaseolus vulgaris*<sup>54</sup>, originário do México que vai prevalecer no cultivo e na alimentação dos brasileiros.

Pero Magalhães Gândavo<sup>55</sup> em seus relatos nos aponta as principais mudanças culturais significativas dos portugueses, no comer e dormir (em redes). Nos hábitos alimentares, ele destaca:

Nestas partes do Brasil não semeiam trigo nem se dá outro mantimento algum deste Reino, o que lá se come em lugar de pão é farinha de pão: Esta se faz da raiz duma planta que se chama mandioca, a qual é como inhame. [...] *Desta mesma mandioca fazem outra maneira de mantimentos, que se chama beijús*, são mui alvos e mais grossos que obreas, destes usam muito os moradores da terra porque são mais sabrosos e de melhor digestão que a farinha. [...] Há nesta terra [...] muito arroz, fava, feijões, muitos inhames e batatas, e outros legumes que fartam muito a terra. Há muita abundância de marisco e de peixe por toda esta Costa, com estes mantimentos se sustentam este relato os moradores do Brasil sem fazerem gastos nem diminuírem nada em suas fazendas. (grifo nosso).

Relacionamos o relato de Gândavo aos sujeitos caiçaras de Guaraguaçu que ainda possuem em suas práticas a alimentação com peixes e marisco, a prática de fazer os beijús de farinha nos moinhos manuais, também, os faxinalenses e quilombolas com o consumo de feijões, mandiocas, arroz, legumes. As trocas na agrobiodiversidade entre indígenas e europeus ocorre de maneira natural, contribuindo para manter as práticas de cultivo e plantio nas comunidades tradicionais.

---

<sup>54</sup> *Phaseolus* é um género botânico pertencente à família Fabaceae, composto por cerca de 70 espécies, *todas nativas das Américas, principalmente do México*. Pelo menos 4 das espécies foram domesticadas desde a era pré-colombiana, devido à sua semente. A mais proeminente destas espécies trata-se do feijão-comum, *P. vulgaris*, conhecido como feijão preto, é cultivado em todo o mundo, em climas tropicais, semi-tropicais e temperados. Delgado-Salinas A, Thulin M, Pasquet R, Weeden N, Lavin M. (2011). *Vigna (Leguminosae) sensu lato: the names and identities of the American segregate genera*. Am J Bot. 98 (10): 1694–715. PMID 21980163. doi:10.3732/ajb.1100069. *Genetic relationships and diversity revealed by AFLP markers in Mexican common bean bred cultivars - Instituto Politécnico Nacional*. ipn.pure.elsevier.com. Consultado em 02/06/2020.

<sup>55</sup> Português de Braga, nasceu em 1540. Professor de Latim, escreveu o primeiro manual ortográfico da língua portuguesa. Foi nomeado como provedor da Fazenda na Bahia, permaneceu no Brasil de 1565 a 1570, provavelmente visitando também outras regiões do Brasil. Neste período escreveu o *Tratado da Província do Brasil e o Tratado da Terra do Brasil*. Nestes tratados ele descreveu a fauna, clima, riquezas naturais, possibilidades de enriquecimento por parte dos portugueses. Gândavo em seu *Tratado da Terra do Brasil*, deu destaque aos “bichos da terra”, onde destacou as diferenças entre a biodiversidade brasileira com a europeia. GÂNDAVO, Pêro de Magalhães. *História da Província de Santa Cruz*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1980.

Já haviam também cultivadas em roças e pomares as frutas nativas, como o abacaxi e o caju, de acordo com Gândavo:

[...] Cria-se numa planta humilde junto do chão, a qual tem umas pencas como cardo, a fruta dela nasce como alcachofras e parecem naturalmente pinhas, e são do mesmo tamanho, chamam-lhes Ananazes, [...] e fazem todos tanto por esta fruta, que mandam plantar roças dela, como de cardais: a este nosso Reino trazem muitos destes ananazes em conserva.

Quando Gândavo fala dos ananases (abacaxi)<sup>56</sup>, nos reportamos aos sentidos que a narrativa de Tereza da comunidade de Guaraguaçu, nos traz, quando fala da experiência de seu pai, ao plantar roças de abacaxi com mais de 1000 pés, como também as roças de arroz e feijão. E ao narrar estas experiências correm lágrimas em seus olhos, pela dificuldade que tinham em atravessar o rio todos os dias para fazer estas roças. E também a alegria que demonstra ao contar como sua mãe fazia bijú, na folha de bananeira e o cuscuz de mandioca. Em sua fala ainda comprova as práticas comuns com os indígenas, quando diz: “*nóis era meio índio*”. O espaço não é o mesmo, a dimensão temporal é outra, mas as narrativas nos mostram que há práticas e sentidos comuns, está na identidade das pessoas e comunidades, na raiz do “ser” tradicional, no pertencer ao povo caiçara, indígena, o que identificamos como territorialidades.

Nesta biodiversidade humanizada e diversificada haviam também outras frutas e hortaliças, nativas e exóticas, já bem conhecidas e exploradas de forma generalizada pelos nativos e europeus. Formou-se uma paisagem da vegetação tropical brasileira, que na realidade não eram paisagens naturais, mas sim uma paisagem artificializada, humanizada, criada pelos homens, a partir de muitas plantas exóticas, com origem em outros continentes, como os coqueirais (Ásia), mangueiras (Ásia), bananeiras (África), laranjais (China), limoeiros (Pérsia), e muitas outras trazidas pelos portugueses destes continentes e cultivadas no Brasil.

Peró Magalhães Gândavo, continua em seu relato destacando as frutas exóticas introduzidas no Brasil pelos portugueses, as preferidas por eles, mas que eram consumidas

---

<sup>56</sup> O termo "abacaxi" é oriundo da junção dos termos tupis i'bá (fruto) e ká'ti (recendente, que exala cheiro agradável e intenso), documentado já no início do séc. XIX. O termo "ananás" (em português e espanhol) é do guarani e tupi antigo naná, e documentado em português na primeira metade do séc. XVI e em espanhol na segunda (1578), sendo empréstimo do português do Brasil ou da sua língua geral. O abacaxi, *Ananas comosus* (L.) Mernil, pertence à família Bromeliaceae, que apresenta cerca de 46 gêneros e 1700 espécies, ocorrendo principalmente em zonas tropicais. Atualmente, ananás é usado para indicar os frutos selvagens ou pertencentes a variedades desconhecidas pelo povo, pois as variedades conhecidas são vulgarmente chamadas de abacaxi. Fonte: <http://web.unb.br>. Consulta dia 02/06/2020.

pelas populações indígenas ou portuguesas em grande quantidade, devido a qualidade destas no território brasileiro. Isso comprova que são plantas que se adaptaram as características do solo e clima do Brasil, a ponto de multiplicarem-se com facilidade e tornarem-se de melhor qualidade nestas terras, segundo os portugueses.

Outras muitas frutas há pelo mato dentro de diversas qualidades, e são tantas que já se acharão pela terra adentro, algumas pessoas sustentaram-se com elas muitos dias sem outro mantimento algum. Estas que aqui escrevo são as que os portugueses têm entre si mais estima e as melhores da terra. [...] muitos melões, pepinos e figos de muitas castas, romãs, muitas parreiras que dão uvas duas, três vezes no ano, e tanto que umas se acabam, começam logo outras novamente. E desta maneira nunca está o Brasil sem frutas. De limões e laranjas há muitas infinidade; dão-se muito na terra estas árvores de espinho e multiplicam mais que as outras.

Com a introdução de um grande número de espécies vegetais, árvores frutíferas, hortaliças, ervas medicinais, os portugueses promoveram o aumento da biodiversidade das terras brasileiras e a mudança nos hábitos alimentares. Representando a base das maiores transformações espaciais dos ecossistemas originais, muitas dessas árvores e plantas exóticas ainda hoje integram a paisagem rural, os jardins, a culinária dos brasileiros, inclusive dos povos tradicionais.

Os achados biológicos do Brasil, de uso imediato, foram menores, em número e qualidade. Mas transformaram e enriqueceram a agrobiodiversidade, os hábitos e a dieta alimentar dos portugueses, africanos e de outros povos do planeta. Portugueses e espanhóis, levaram para outros continentes e trouxeram para o Brasil plantas diversas. Segundo Miranda (2004), entre as espécies vegetais introduzidas no Brasil estão: cana-de-açúcar, algodão<sup>57</sup>, manga, bananas<sup>58</sup>, carambola, uvas, figo, melancia, melão, coco, tangerinas, amoras, limão, pêsego, graviolas, laranjas, fruta-pão, pêras, maçãs, abacate, caqui, limas, tamarindo, jaca, nozes, romã, cravo, café, trigo sarraceno, trigo, aveia, arroz, feijão, sorgo, canela, pimentas, gengibre, inhame, pinhas.

Também o cacau, caju, abacaxi, mandioca, feijões, milho, amendoim, batatas, tomate, originários das Américas, tiveram excelente desenvolvimento ao serem levados para

---

<sup>57</sup> As variedades de algodão introduzidas no Brasil vão substituir progressivamente as espécies locais. No início do povoamento, o excedente de algodão era tanto que os portugueses chegaram a comprar dos índios para vendê-los em Portugal.

<sup>58</sup> “Uma planta se dá também nesta Província, que foi da ilha de São Thomé, com a fruta da qual se ajudam muitas pessoas a sustentar na terra. Esta planta é mui tenra e não muito alta, não tem ramos senão umas folhas que serão seis ou sete palmos de comprido. A futa dela se chamam bananas. Parecem-se na feição com pepinos, e criam-se em cachos: alguns deles há tão grandes que têm de cento e cinquenta bananas para cima, e muitas vezes é tamanho o peso dela que acontece quebrar a planta pelo meio. [...] colhem estes canhos, e dali a alguns dias amadurecem. [...]”. MAGALHÃES, Pero de. *Tratado da terra do Brasil; História da Província de Santa Cruz*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1980.

África, Ásia e Oceania (Havaí), pois todas essas espécies, tanto no Brasil, como em outras regiões, estavam em novas terras, livres de pragas e doenças originárias de seus ecossistemas. Elas foram transportadas em forma de frutos e sementes, livres de pragas e doenças comuns de seus locais de origem.

Algumas plantas nativas foram domesticadas pelos indígenas e pelos jesuítas espanhóis, como é o caso da erva-mate (*Ilex paraguayensis* A.St.-Hil.)<sup>59</sup>. Pertencente à família *Aquifoliaceae*, são conhecidas cerca de 600 espécies, das quais 220 são nativas da América do Sul e 68 ocorrem no Brasil. Muitas destas espécies no Brasil, estão sendo cultivadas, extraídas pelas práticas tradicionais, como os indígenas faziam, pelos povos tradicionais faxinalenses e quilombolas. Práticas estas que serão descritas no capítulo seguinte.

### 3.2 A MATA ATLÂNTICA E FLORESTA COM ARAUCÁRIAS

Com alto grau de endemismos, a Mata Atlântica apresenta uma das maiores biodiversidades do Brasil. Reúne vários ecossistemas, dada sua ampla distribuição longitudinal e altitudinal. É considerada atualmente uma das unidades fitogeográficas mais ameaçada do planeta.

Durante o período colonial (1530-1822) até o século XIX, a Coroa portuguesa e o governo Imperial mantiveram como política florestal manter a cobertura vegetal desta unidade praticamente intacta, com poucos locais alterados, com exceção do Vale do Paraíba onde se praticou o cultivo do café. Até final do século XIX, início da república é que a Mata Atlântica começa a ser devastadas em muitas regiões.

Segundo Miranda (2004, p. 112), já no século XX, entre os anos de 1985 a 1995, a Mata Atlântica perdeu mais de um milhão de hectares, mais de 11% de seus remanescentes. Perdeu mais floresta em 10 anos do que todos o período do Brasil Colonial e Imperial. Atualmente subsistem apenas cerca de 8% de mais de 1,3 milhão de quilômetros quadrados originais.

Essas áreas da Mata Atlântica mais devastada a partir do século XX, inclui formações vegetais continentais situadas há mais de quinhentos e até mil quilômetros de

---

<sup>59</sup> Árvore de até 10 metros (*Ilex paraguayensis*), nativa da América do Sul, é a espécie mais comum e utilizada do gênero na produção do chá-mate, chimarrão ou tereré, bem como na extração de pigmentos. Ficou conhecida, então, por erva-mate, em guarani - caá ou, ainda caaeté, chá-de-Paraguai, chá-dos-jesuítas, erva-do-diabo, yerba-santa para os uruguaios. Tem propriedades tônicas, estimulantes e diuréticas. A expressão mate significa, em língua indígena, cabaça ou cabacinha. (SCHERER, 1997; STURION; RESENDE, 1997).

distância do litoral nos Estados do Paraná, Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo, Bahia e Minas Gerais, em situações de clima e solo muito diferente das existentes no litoral brasileiro.

Um exemplo que temos de uso de nossa Mata Atlântica com o uso de seu espaço florestal de forma sustentável, são as plantações de cacau (*Theobroma cacao L.*) na Bahia. É um dos casos de sucesso ecológico, pois essa semente adquirida com os maias e astecas, povos pré-colombianos da América, pelos espanhóis, se adaptou bem ao clima e aos solos do sul da Bahia, Espírito Santo, Amazônia e Pará. O Brasil ocupa atualmente o 6º lugar na produção mundial de cacau, segundo a International Cocoa Organization (ICCO)<sup>60</sup>.

O sucesso do cacau na Bahia deve-se a essa transposição equatorial para a Mata Atlântica. Como essa cultura exige um importante sombreamento, nas matas de cacau grande parte da cobertura de árvores será mantida com esta finalidade. O cacau representará, uma espécie de sub-bosque de uma mata pluvial empobrecida e transformada pelo homem, numa área superior a 200 mil hectares. A biodiversidade vegetal continuará relativamente grande nestas áreas do sul da Bahia. O cacau é um exemplo de um agroecossistema florestal capaz de preservar parte da mata, por suas exigências de proteção dos solos, de manutenção dos recursos hídricos e da biodiversidade.

O uso da Mata Atlântica durante cinco séculos no Brasil, permite-nos perceber que algumas regiões da floresta tropical úmida ainda estão em processo de preservação e utilização humanizada de seus recursos naturais, mas muitas áreas remanescentes da mata Atlântica ou da mata com araucária, isso já não é mais possível. São áreas tão pequenas e que devem ser objeto de maior preservação.

No Paraná os principais tipos de vegetação são a Mata com Araucária, vegetação da região litorânea, Floresta Atlântica, Floresta Tropical e Subtropical e Regiões de Campos<sup>61</sup>.

---

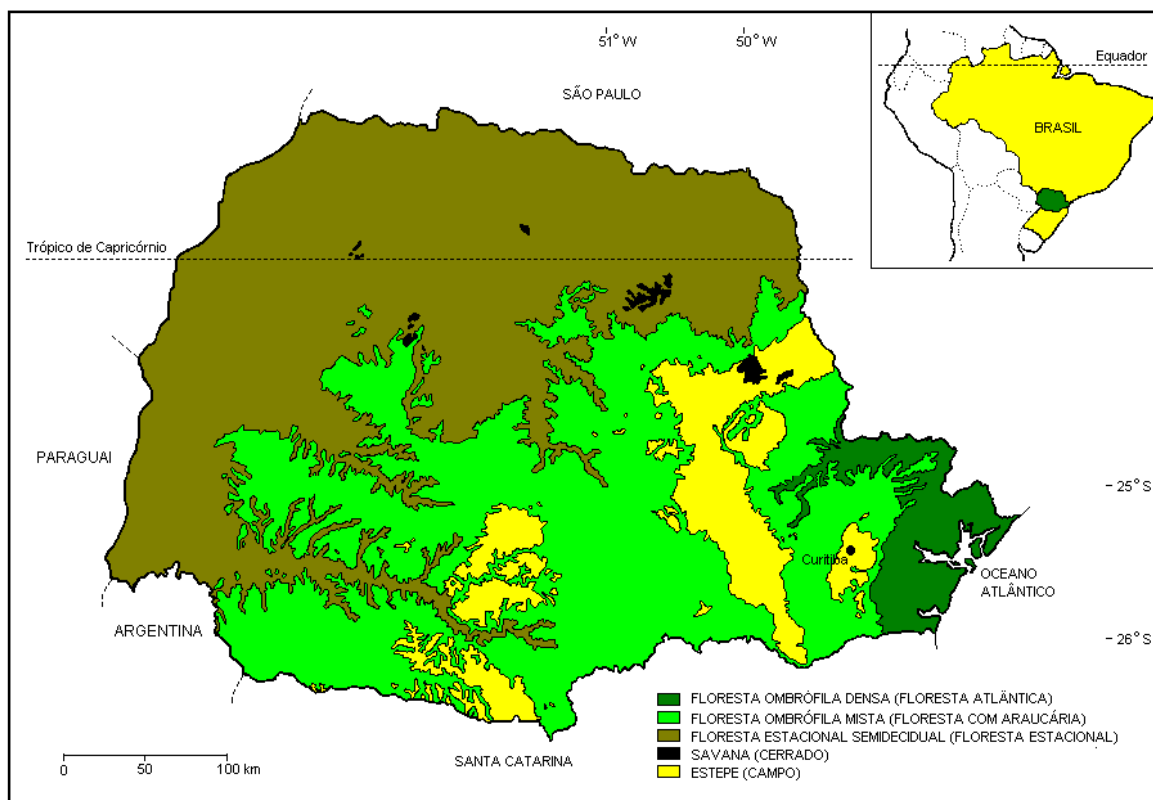
<sup>60</sup> A Organização Internacional do Cacau é uma organização global, composta por países produtores e consumidores de cacau associados. <https://www.gov.br/agricultura>.

<sup>61</sup> O Mapeamento do Uso e Cobertura da Terra foi produzido pelo Instituto Água e Terra, Governo do Paraná, em 2020. O mapeamento apresenta a vegetação em dois âmbitos: áreas de vegetação natural que são as florestas nativas (Floresta Estacional Semi-Decidual; Floresta Ombrófila Mista; Floresta Ombrófila Densa, Aluviais, Submontana, Montana e Altomontana) e as áreas antrópicas agrícolas que englobam os plantios florestais, ou seja, as espécies Nativa (*Araucaria angustifolia*) e Exóticas/Silvicultura (*Pinus* spp e *Eucalyptus* spp) e Sistemas Agroflorestais; a agricultura perene (Frutíferas perenes (café, seringueira, banana) e a agricultura anual (culturas de ciclo curto (milho, trigo, soja, tubérculos e hortaliças). O Bioma Mata Atlântica incide sobre 93% da área coberta pela floresta nativa. Na área de 19.987.987,15 hectares do Estado, 29,117% são ocupados por florestas nativas (5.819.950,07 ha) e 6,466% por plantios florestais (1.292.507,40 ha). Fonte: <https://www.iat.pr.gov.br>. Consulta em: 30.01.2023.

Na região litorânea, destaca-se a restinga, várzeas e mangues e a vegetação da praia que cobre a superfície arenosa. Essa forma de vegetação encontramos na Comunidade de Guaraguaçu, onde é ladeada pelo rio Guaraguaçu e pela praia de Pontal do Paraná. Desta forma verificamos a diferenciação nas tipos de árvores e sementes que encontramos nesta comunidade com as demais estudadas na pesquisa. As diferenças nas espécies, formas de cultivo e uso alimentar que serão detalhados no capítulo seguinte.

A Mata com Araucária (FOM - IBGE 2021), encontrava-se na parte oeste da Serra do Mar, estendendo-se pelo primeiro planalto, segundo planalto, centro e sul do terceiro planalto, nas altitudes acima de 500 metros e de clima frio. Além da araucária, essa floresta caracterizava-se pela presença de erva-mate, cuja extração foi de grande importância para a economia do Brasil Império e República. É nestas matas com Araucária (Figura 17), na região dos Campos Gerais e Centro-Sul do Paraná que encontramos a maior parte de incidência dos sistemas de Faxinais e comunidades Quilombolas do interior do Paraná.

FIGURA 17 - Distribuição das unidades fitogeográficas mais representativas do Estado do Paraná.



Fonte: Maack, 1950, modificado. MAACK, R. **Mapa fitogeográfico do Estado do Paraná**. Curitiba: IBPT-SAIC/INP. Um mapa 115 x 80 cm. 1:750.000. 1950. RODERJAN, C.V.; KUNIYOSHI, Y.S.; GALVÃO, F. As regiões fitogeográficas do Estado do Paraná. **Acta For. Bras**, Curitiba, n. 1, p. 1-6. 1993.

Nestas áreas da Mata Atlântica está a formação socioespacial do território tradicional faxinalense que tem como protagonista a Floresta com Araucária, onde estão abrigadas as populações de grupos tradicionais: indígenas, negros, agricultores. Para FLORIANI e CARVALHO, 2017), o sistema sociocultural faxinalense decorre da histórica relação de coexistência dessa população com a Floresta com Araucária, assim como os povos da etnia Kaingang e Guarani, no centro-sul<sup>62</sup> e litoral do Paraná.

Esses povos Guarani e Kaingang estabeleceram-se nos territórios do Paraná numa interlocução com a natureza, transformada ou interrompida pela conquista dos europeus no século XVI. Os espanhóis inicialmente no Paraná e depois os portugueses impuseram o extrativismo da mata com a erva-mate, um modelo de produção da pecuária extensiva, monocultivos com o uso da mão de obra indígena ou africana, interrompendo um processo de cooperação entre os sistemas ecológico e social da agrobiodiversidade do Paraná.

De acordo com Pelegrini (2006), os “modos” ou “gêneros” do viver humano, produzem “paisagens culturais” (PELEGRINI, 2006, p. 119). As relações entre as culturas e o ambiente, definem os traços da própria paisagem e a distinguem de outras. Dentro desse contexto, o Sistema Faxinal na região Centro-Sul do Paraná, contribui para a formação de uma paisagem cultural e conservação da Floresta Ombrófila Mista (FOM)<sup>63</sup>, comumente conhecida como Floresta com Araucárias. A araucária está na Lista Nacional Oficial de Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção, conforme Portaria MMA nº 243, de 17 de Dezembro de 2014, junto com outras espécies importantes que ocorrem na FOM, como a imbuia (*Ocotea porosa*) e a canela-sassafrás (*Ocotea odorifera*) (EMBRAPA, 2015).

Predominam na Floresta Ombrófila Mista ou Floresta com Araucária, conforme Maack (1968) e classificação do IBGE (1992) as espécies arbóreas do Pinheiro do Paraná (*Araucária angustifolia*), e diversas espécies que se associam a ele, como: as canelas (*Nectandra e ocotea*) e as leguminosas (dos gêneros *Dalbergia e Machaerium*). Nesta floresta também encontram-se uma série de exemplares de lianas (cipós), embora em menor escala, xaxim com espinho (*Alsophila nephelea*), pimenteiras (*Capsicodendron dinissi*), pessegueiro-bravo (*prunus brasiliensis*), miguel pintado (*Matayba elaeagnoides*), cambuí

---

<sup>62</sup> O Centro-Sul do Paraná corresponde as áreas de mata mista com campos (Mata com Araucária), onde se encontram os sistemas de faxinais e coincide com a região de ocorrência da Floresta Ombrófila Mista. O Faxinal surgiu em função desta tipologia, pois tinha, inicialmente, base econômica florestal, ou seja, a exploração da erva-mate. O ambiente físico das duas sub-regiões do Centro-Sul, os campos e as matas mistas, propiciou a formação de criadouros. Entretanto, sua evolução para o Sistema Faxinal se verifica somente na sub-região das matas mistas.

<sup>63</sup> A Floresta Ombrófila Mista (FOM) faz parte do Domínio da Mata Atlântica. Nela predominam as espécies arbóreas Araucaria Angustifolia, motivo pelo qual é conhecida como região de Florestas com Araucárias.



(*Siphoneugenia*), além de 59 outras plantas de destaque como a erva-mate (*Ilex paraguariensis*) e a imbuia (*Ocoteia porosa*).

Em sua maioria nos Sistemas de Faxinais do Paraná, a Floresta com Araucárias uma paisagem característica, cuja apropriação social pelos faxinalenses, tem especificidade na criação de animais, no extrativismo da erva-mate, madeiras ou árvores frutíferas, pequenas produções de gêneros alimentícios para o consumo de subsistência e venda do excedente às vilas que surgiam com o comércio da região, nas décadas de 1970/1980.

O Sistema Faxinal, conciliava as atividades de agricultura de subsistência, com mão de obra familiar, o uso comunitário dos recursos da mata com atividades agrossilvopastoris e conservação ambiental<sup>64</sup>. Essa proteção do pinheiro do Paraná (*Araucaria angustifolia*), e da erva-mate (*Ilex paraguariensis*), contribuem para a conservação dos remanescentes da Floresta com Araucárias, pois a apropriação social da natureza é inerente ao modo de vida faxinalenses, território não só de trabalho, mas também de reprodução social e cultural.

Para Paul Little (2002), a prática do uso comum dos bens naturais (terras, florestas, rios), e a fusão com a reciprocidade, seriam a base organizacional desta sociedade, que marca a territorialidade das populações tradicionais da América Latina.

Os impactos socioambientais que envolvem a expansão das áreas agrícolas, o desmatamento e as mudanças no uso e posse da terra, com substituição da floresta nativa por monoculturas, além da concentração fundiária, tem atingido diretamente o ecossistema que corresponde à Floresta Ombrófila Mista (FOM). A redução das áreas de floresta diminui a área para criação dos animais, ocasionando a degradação dos sub-bosques devido a intensificação do pastoreio dos animais. Porém, a consequência ambiental do pastoreio, pode ser menor se comparado a outras práticas de uso do solo (como a agricultura comercial) que, via de regra, potencializam ainda mais a erosão e reduzem a biodiversidade.

Muitos fatores como a expansão da agricultura comercial, compra de terras por empresas particulares, transformaram o Sistema Faxinal, no tempo e no espaço, colocando em risco os saberes e práticas desses povos.

A ameaça ao Sistema Faxinal se deve a um conjunto de fatores econômicos e políticos, com destaque para: a expansão da soja e da pecuária; a ampliação dos plantios arbóreos de exóticos (pinus e eucalipto); a especulação do preço da terra; a ausência de políticas públicas seja para o manejo ambiental, seja para garantir a

---

<sup>64</sup> A presença de povos e comunidades tradicionais se constitui num fator importante para a biodiversidade e para a proteção das áreas florestadas, o que difere da ideia preservacionista de “natureza intocada”, na qual se pressupõe que a sua presença possa ser um empecilho à manutenção dos remanescentes florestais (DIEGUES, 1996; 2000).

permanência dos povos; a aliança entre o poder público e o privado em estratégias de pressão sobre os faxinalenses com vistas a expropriá-los das terras e/ou mudar o seu modo de vida. (HAURESKO, CORREIA, GOMES, 2017).

A degradação dos Sistemas de Faxinais é também uma consequente ameaça a destruição da Floresta com Araucária ou Floresta Ombrófila Mista. O Bioma desta floresta corresponde a aproximadamente 13% do território brasileiro, abrangendo um total de 17 estados, entre eles o Paraná (SANQUETTA, 2008). Porém, esse ecossistema, é um dos mais ameaçados pelo processo de apropriação capitalista desse ambiente.

A Floresta Ombrófila Mista (FOM), originalmente cobria cerca de 40% do Estado do Paraná. De uma superfície, de aproximadamente 200.000km<sup>2</sup>, restam apenas 0,8%, e parte significativa deste território está ligado aos povos tradicionais, aos Faxinalenses e Quilombolas.

A principal causa da diminuição da Floresta com Araucárias, ocorre entre as décadas de 1950 a 1990, devido as atividades agropecuárias e à exploração madeireira (desordenada e intensiva) principalmente, do Pinheiro do Paraná (*Araucária angustifolia*) e da Imbuia (*Ocotea porosa*) (WATZLAWICK et al, 2008).

A exaustão da Floresta com Araucária, via de regra, explica-se, segundo Sanquetta (2008), devido: a busca de benefícios econômicos a curto prazo, onde ocorre a escassez de matéria prima e a redução dos remanescentes florestais; o desconhecimento da floresta como recurso natural renovável e principalmente a não consideração da dinâmica desse ecossistema que depende de uma complexa cadeia de processos ecológicos para garantir sua subsistência.

De acordo com o quadro 02, identificamos algumas espécies vegetais e sementes da Floresta com Araucárias utilizadas pelos faxinalenses de Sete Saltos de Baixo, Sete Saltos de Cima e da Comunidade Quilombola Palmital dos Pretos, nas suas práticas cotidianas<sup>65</sup>.

QUADRO 02 - Relação das espécies vegetais da Floresta com Araucárias utilizadas pelos faxinalenses nas suas práticas cotidianas.

(continua)

Ocorrência	Nome Popular	Nome Científico	Usos
Usado pelos faxinalenses no Faxinal Sete Saltos de Baixo e de Cima e Palmital dos Pretos, Comunidade Quilombola (faz divisa com o Faxinal Sete de Baixo).	Erva-Mate	<i>Ilex paraguariensis A.St.-Hil.</i>	Preparo do chimarrão. Bebida regional típica e uma das principais fontes de renda, com alto valor comercial.

<sup>65</sup> Optamos por inserir as árvores com mais incidência na região da Mata com Araucária, mesmo elas não sendo nativas da região, como a Uva Japão, que é uma árvore exótica.

QUADRO 02 - Relação das espécies vegetais da Floresta com Araucárias utilizadas pelos faxinalenses nas suas práticas cotidianas.

(conclusão)

Usado pelos faxinalenses no Faxinal Sete Saltos de Baixo e de Cima e Palmital dos Pretos, Comunidade Quilombola (faz divisa com o Faxinal Sete de Baixo).	Guabiroba ou Guavirova	<i>Campomanesia xanthocarpa</i> (Mart.) O.Berg	Alimento, principalmente aos animais.
	Guamirim Vermelho	<i>Myrcia hatschbachii</i> - D.Legrand.	Madeira usa-se como lenha.
	Guamirim-chorão	<i>Myrcia splendens</i> - (Sw.) DC.	
	Guamirim-facho	<i>Calyptanthes concinna</i> . DC.	Construção de casas, chiqueiros e paióis.
	Guamirim	<i>Myrceugenia myrcioides</i> . (Gardner) D. Legrand & Kausel	
	Pinheiro do Paraná	<i>Araucaria angustifolia</i> (BERTOL.) KUNTZE,	Lenha
	Bracatinga	<i>Mimosa scabrella</i> . BENTH.	Consumo humano, dos animais do criadouro e das aves.
	Cerejeira	<i>Eugenia involucrata</i> . DC.	Alimento para os animais do criadouro, principalmente para as abelhas.
Uva Japão	<i>Hovenia dulcis</i> . Thunberg.		
Canjerana	<i>Cabrlea canjerana</i> . Vellozo.	Lenha.	
Araçá	<i>Psidium cattleianum</i> . Sabine.	Consumo humano, dos animais do criadouro e das aves.	
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> . L.	Consumo humano, dos animais do criadouro e das aves.	
Usado pelos faxinalenses no Faxinal Sete Saltos de Baixo e de Cima e Palmital dos Pretos, Comunidade Quilombola (faz divisa com o Faxinal Sete de Baixo).	Canela guaiacá	<i>Ocotea puberula</i> . (RICH.) NEES.	Construção e lenha.
	Cedro	<i>Cedrella fissilis</i> . Vell.	Acabamentos em portas, janelas e para confecção de instrumentos domésticos como as gamelas (vasilha esculpida na madeira). Espécie em extinção.
	Leiteiro	<i>Sapium glandulatum</i> . Vell.	Lenha
	Pau de Bugre/Café de Bugre. Guaçatonga. Guaçatunga.	<i>Casearia sylvestris</i> . SW.	Os faxinalenses temem o contato com essa árvore, pois acreditam que o mesmo causa feridas na pele (bugreiro).
	Miguel Pintado	<i>Matayba elaeagnoides</i> . Radlk.	Lenha
	Pessegueiro-bravo	<i>Prunus brasiliensis</i> . L.	Lenha e alimento para os pássaros.

Fonte: Adaptado de WATZLAWICK (et al, 2008). Atualização realizada pela autora por meio de entrevista com faxinalenses em pesquisa a campo no Faxinal Sete Saltos de Baixo e de Cima, município de Ponta Grossa/PR e na Comunidade Quilombola Palmital dos Pretos, município de Campo Largo/PR, em 2019.

O levantamento das espécies arbóreas, realizada pelo grupo Interconexões em pesquisa a campo, nos Faxinais Sete Saltos de Baixo, Sete Saltos de Cima e Comunidade Quilombola Palmital dos Pretos, se enquadra na tipologia de Floresta Antropizada por Sistemas Agrosilvopastoris. Muito pouco se encontra de erva-mate e araucária, devido a

retirada seletiva de madeira na década de 70/80, à forma de manejo, com a presença de animais que altera a dinâmica da vegetação.

O Faxinal de Sete Saltos de Baixo manteve pequena parte de sua vegetação nativa, onde conciliou as atividades extrativistas, a criação de animais e a agricultura de subsistência. No seu criadouro comum (área de floresta), os faxinalenses desenvolvem atividades extrativistas e aproveitam a madeira, lenha, frutos para alimentação dos animais ou para o próprio consumo, ervas medicinais, erva-mate e o pinhão. Nas áreas fora do criadouro comunitário, organizam os roçados onde cultivam milho e feijão, muitos ainda com as sementes crioulas, utilizando de técnicas e instrumentos tradicionais, conservando a estrutura fundamental do solo e assegurando certo equilíbrio ambiental.

O processo de devastação da floresta com Araucária e da diminuição das áreas do criadouro comunitário, a escassez de frutas como a guabiroba, arará e pitanga, a alimentação dos animais domésticos e silvestres está sendo comprometida. Esta consequência leva a perda de uma variedade de espécies da fauna e da flora nativas e, com isso, dificulta a reprodução de algumas práticas culturais dos faxinalenses. Algumas destas práticas cotidianas são transformadas, perdendo assim grande parte da diversidade ambiental e cultural desses povos.

De acordo com Hauresko, Correia e Gomes (2017):

A contribuição dos povos faxinalenses para com a Floresta com Araucárias pode ser exemplificada em três ações que se articulam: a) A floresta é o ambiente de criação coletiva dos animais, sem ela, não há como manter o modo extensivo de criação, isso implica em uma organização comunitária em detrimento da individual; b) O extrativismo da erva-mate e do pinhão buscam ser realizados em períodos adequados, evitando a retirada precoce, assim como observando a saúde da vegetação, os faxinalenses possuem um saber sobre quando e como realizar a poda da erva-mate para não prejudicar os ervais; c) Mesmo na retirada da madeira, há um cuidado, no sentido de cortar apenas para o uso necessário, e em pouca escala, preservando as madeiras de lei.

Os faxinalenses respeitam a Floresta com Araucária, tanto no extrativismo da erva-mate, como no extrativismo do pinhão. Sabem a época da colheita, preservam os brotos, o modo certo de fazer a poda, além de denunciarem práticas criminosas de desmatamento. Eles estabelecem uma relação de respeito a natureza, a floresta, de forma sustentável.

Diegues (2000, p. 20) lembra que “esses sistemas tradicionais de manejo não são somente formas de exploração econômica dos recursos naturais, mas revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, por intermédio de mitos e símbolos que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais”.

A relação da Floresta com Araucárias e os faxinalenses, está ligada as suas práticas sociais. Os faxinalenses manejam sustentavelmente o ambiente, mas através de acordos e controle coletivo, não se permite esgotar os bens naturais mantidos para uso comum. Isto não significa que cada faxinalense pode usar os bens naturais como lhe agradar, de modo alheio aos interesses comunitários e a conservação ambiental. A racionalidade ambiental se refere a um conjunto de significações, normas, valores, interesses e ações socioculturais relacionados a apropriação da natureza e que não podem ser avaliados, unicamente, em termos da racionalidade econômica.

De acordo com Floriani *et al* (2016), as florestas faxinalenses do Paraná são elementos históricos latentes que potencializam estratégias de reafirmação identitária de resistência e luta (regimes de natureza), por agregar diversos atores que defendem a questão ecológica e cultural. Dessa forma, a floresta com Araucária como elemento natural, tranforma-se em floresta cultural ao se tornar um sujeito de mudos sujeitos e a natureza são inscritas enquanto práticas individuais e coletivas de espacialidades e temporalidades, podem ser interpretadas como discursos escritos na paisagem. A paisagem dos sistemas de faxinais, e a floresta com Araucária, seria então a marca histórica de um grupo social inserido em uma formação socioespacial, pois a fonte principal das relações sociais estabelecidas e resultado das representações históricas dos faxinalenses é a paisagem natural/cultural recriada por eles em meio a floresta com Araucária.

### 3.3 A FLORESTA COM ARAUCÁRIA – MEMÓRIAS E PRÁTICAS RECRIADAS

Os trabalhos de arqueologia e história nos mostram que a Floresta com Araucária está ligada a presença ecológica dos grupos indígenas Guarani e Kaingang no território paranaense, principalmente no litoral e centro-sul do segundo planalto.

Os Guaranis são os mais conhecidos em termos arqueológicos, históricos, antropológicos e linguísticos. A denominação “Guarani” define ao mesmo tempo a população e o nome da língua por eles falada. Ocuparam continuamente diversos territórios ao longo das bacias dos rios Paraguai e Paraná até alcançar Buenos Aires.

Quase nunca estabeleciam suas aldeias e roças em áreas campestres. Todos os sítios arqueológicos localizados estão inseridos em áreas cobertas por florestas, seguindo o padrão de estabelecer as aldeias e as plantações em clareiras dentro da mata. Assim como trouxeram suas casas, vasilhas cerâmicas e outros objetos, os Guaranis também trouxeram de seus locais

de origem, diversas espécies de vegetais úteis para vários fins (alimentação, remédios, matérias primas), contribuindo para o aumento da biodiversidade florística do Sul do Brasil.

Os Kaingangs falam a língua Kaingang, do tronco macro-Jê, da família Jê. Os Kaingangs, junto com os Xoklengs, constituem os Jês do Sul. Atualmente os Kaingangs no Paraná estão distribuídos em onze Terras Indígenas. A denominação “Kaingang” é conhecida na bibliografia arqueológica como “Tradição Casa de Pedra” e “Tradição Itararé”. Com a conquista dos vales dos rios pelos Guaranis, os Kaingangs foram sendo empurrados para o centro-sul do Estado e/ou sendo confinados nos territórios interfluviais, e os Xoklengs foram impelidos para os contrafortes da Serra Geral, próximos do litoral.

Os grupos indígenas Guarani e Kaingang estão no contexto da localização da comunidade Caiçara Guaraguaçu em Pontal do Paraná, dos Faxinalenses de Sete Saltos de Baixo e de Cima e da Comunidade Quilombola Palmital dos Pretos. A apropriação do território das Matas Atlântica e de Araucárias pelos Guaranis e Kaingangs na região do litoral e centro-sul do Paraná, possibilitou a produção de conhecimentos agroflorestais e técnicas de manejo e ampliação da biodiversidade agrícola e florestal.

Para as sociedades indígenas Guarani e Kaingang do Paraná, a terra é muito mais que simples meio de subsistência. Ela representa o suporte da biodiversidade agrícola e da floresta. Caracteriza-se não apenas como recurso natural, mas como recurso sociocultural, ligada ao sistema de crenças e conhecimento. O território para eles não é apenas o espaço físico onde vivem, mas está relacionado à cosmologia, a sociabilidade com o outro, a serra mítica, os rios que deságuam no rio Paraná, ou seja, o território onde habitavam e habitam os Kaingang.

A territorialidade com a qual se identificam os Kaingang é o espaço onde habitam os espíritos de seus ancestrais e outros seres sobrenaturais, onde estão enterrados os seus mortos e onde os vivos têm os seus umbigos enterrados. A concepção Kaingang de território ganha, assim, uma dimensão sócio-político-cosmológica. Pode-se afirmar que os Kaingang dependem, na construção da identidade, dessa relação mitológica com seu território (TOMMAZINO, 2000).

Nessa relação cosmológica com o território, os Kaingang em sua evolução histórica e a Floresta com Araucária, construíram práticas ecológicas e agroflorestais que resultaram no aumento da diversidade agrícola (em roças e quintais), com o uso de várias sementes e plantas medicinais, e manejo de árvores como a erva-mate (*Ilex paraguariensis*) e o pinheiro do Paraná (*Araucaria angustifolia*), inicialmente manejadas pelo grupo Guarani.

A Cosmologia Kaingang, está ligada as práticas dos faxinalenses e quilombolas nas florestas de Araucária, quando para esses povos tradicionais, a floresta é ao mesmo tempo fonte de vida e o habitat natural destes grupos, de onde eles vão retirar sua subsistência, e por isso, precisam respeitá-la, mas também dominá-la. E para isso utilizam-se da técnica do fogo. O manejo do fogo está presente nas roças de toco, no sapeco da erva-mate, no sapeco do pinhão com as grimpas das araucárias, na fumaça do remédio medicinal.

O fogo também está associado à Bracatinga (*Mimosa scabrella*. BENTH), árvore bastante comum nas matas das comunidades de Palmital dos Pretos e Faxinal Sete Saltos, utilizada como lenha. O fogo das roças de Bracatinga colabora para quebrar a dormência de suas sementes e ocorre o crescimento das plantas. As sementes superficiais são queimadas, porém a germinação é satisfatória para aquelas que estão a 6 cm de profundidade, auxiliando na regeneração natural da floresta. Símbolo de fertilidade, o bracatingal é manejado de maneira a permitir o cultivo consorciado de milho, feijão e abóbora com as espécies florestais que surgem com ela (BAGGIO et. al., 1986).

Além da bracatinga outras espécies são aproveitadas, como a Aroeira (*Schinus terebentifolius*, Raddi), Canela (*Ocotea* Aubl.), Ingazeiro (*Inga approximata* T.D.Penn), Guaçatunga (*Casearia sylvestris* Sw), Vassourão (*Piptocarpha axillaris* (Less.) Baker), que crescem associadas a ela. O volume de lenha explorado dessas madeiras é inferior a 5%, em florestas de 7 a 8 anos

Na cosmologia Guarani, o manejo da ciclagem de nutrientes das áreas de florestas, está relacionada à: destoca e queima da mata virgem (Kaa ete), para suprir de nutrientes para a roça (Kó), até ocorrer a regeneração da Capoeira (Kapoer) e depois a Mata secundária (Kaa), de forma a recomeçar o sistema produtivo (LADEIRA, 2001).

Nesta perspectiva, identificamos na história das comunidades estudadas a origem da organização econômica Kaingang e Guarani através das roças de coivara, a pesca, a caça e a coleta de produtos florestais. A agrofloresta era natural entre índios Guarani e Kaingang em suas práticas produtivas e alimentares, descrita por Lévy-Strauss, em 1935:

[...] a caça e a coleta regem essa vida nômade da floresta, onde durante semanas as famílias desaparecem [...] A estação da caça, das frutas – jaboticaba, laranja, lima – provocam deslocamentos em massa da população [...] a jardinagem possui também seu lugar nessa economia primitiva. Em plena floresta, atravessa-se por vezes dezenas de metros quadrados: bananeiras, batata doces, mandioca, milho [...] os feijões negros são adicionados na alimentação; a caça e o porco semi-domesticado aportam o elemento carnívoro [...] . (Lévy-Strauss, 182-183; In: FLORIANI, N. et. al, 2019).

Estes elementos da tradição indígena da agrofloresta e biodiversidade apresentam influências permanentes nas organizações sociais e econômicas das populações caboclas da região centro-sul do Paraná, mais especificamente nos territórios faxinalenses e quilombolas.

Para os indígenas, que deixam como tradição para os povos tradicionais faxinalenses, caiçaras e quilombolas, as árvores são ao mesmo tempo memória, respeito, sustento, criação de uma paisagem natural, mas também cultural, onde os espaços de mata (para caça), espaços de coleta (material vegetal para artesanato: taquara, cipó, sementes, material vegetal para consumo: frutas, plantas comestíveis, material vegetal para cura, ervas medicinais) e o rio (pesca), são espaços mais coletivos, mas a casa, o pátio, a roça familiar (plantio, paiol e rancho), são os espaços mais individuais.

Para faxinalenses e quilombolas todas as áreas fazem parte de um espaço maior, mais amplo, onde a paisagem residencial não se limita à construção das casas, ao pátio, às hortas, quintais, árvores, abelhas, fontes de água, bosques onde os animais circulam livremente. Já para os caiçaras, com excessão dos animais, inclui-se todos esses elementos, acrescentando como principal, o espaço do rio e do mar, onde a caça e o consumo de peixes de água doce e salgada faz parte de uma dieta que assegura sua sustentabilidade. Todos esses espaços têm sua história no tempo, estão na história das matas e florestas com araucária, contribuindo para reposição de alimentos e também de materiais básicos como a lenha para construção e artesanato.

Os faxinalenses da comunidade de Sete Saltos de Baixo, Ponta Grossa, mais especificamente, consideram a floresta com araucária como um espaço sagrado como os indígenas. Para eles no criadouro comunitário, onde está a floresta, eles representam suas práticas materiais e simbólicas. Constroem suas casas, seus espaços sociais de vivência comunitária, seus quintais, hortas, criam os animais a solta, retiram da mata e plantam suas ervas medicinais, coletam o pinhão das araucárias e extraem a erva-mate para sua subsistência e comercialização. É nesses espaços que ocorrem as socializações e relações de compadrio entre eles, na roda de chimarrão, nas festas da igreja, nas festas juninas, nos torneios de futebol, nos torneios de laço e nas procissões religiosas. É uma organização produtiva, social e cultural que integra a comunidade com as Florestas de Araucária, uma relação de responsabilidade de conservar a Floresta e manter o Sistema Faxinal. Eles se organizam em unidades familiares, com certa autonomia da economia urbana, e com um modo de vida agrícola e extrativista, que reflete sua estreita relação com a terra e a mata.



Fora do criadouro, estão as terras de plantar, onde cultivam o milho, o feijão, abóbora, batata, mandioca, para seu sustento e comercialização também. De acordo com Floriani, *et al* (2019, p. 253), “ essa representação corresponde a um modelo ideal de organização (geoestrutura) da paisagem faxinalense, que necessariamente não figura mais como a organização espacial de muitos faxinais na atualidade”.

Na Região Centro-Sul do Paraná, ou na região dos Campos Gerais, onde encontra-se o Faxinal de Sete Saltos de Baixo, o sistema estruturou-se para algumas famílias, como a única possibilidade de permanência no campo. Contudo, a entrada das madeiras e da agricultura moderna e outros fatores têm ameaçado o sistema e este Faxinal. Vários fatores têm colaborado para a possibilidade de desintegração deste faxinal. A redução da mata, diminuindo o espaço necessário à criação coletiva, pela compra de terras por chacareiros (mercantilização da terra) e a falta de subsídios e políticas consistentes que dêem legitimidade ao seu modo de vida. Os poucos que subsistem e permanecem no sistema são obrigados a conviver com conflitos com os proprietários de terra ao entorno, que produzem sob outra lógica (a capitalista), e muitas vezes se vêem obrigados a vender as terras pela pressão externa do mercado. Outro fator é a interrupção da sucessão hereditária da família. Os mais jovens e/ou os homens, buscam alternativas de renda em outras funções (serrarias de pinus) e municípios (mercados de Ponta Grossa e Campo Largo), utilizando deste ganho extra para complementar a renda familiar. Essa mesma situação observa-se entre os Quilombolas de Palmital dos Pretos.

Dessa forma, o Faxinal de Sete Saltos já não têm na Floresta com arucária e de erva-mate seu principal sustento, sendo até mesmo escassa esta atividade extrativista. Não se caracteriza mais com a presença maciça destas espécies arbóreas em sua composição. Mantêm o criadouro comunitário, cercado, com os mata-burros para separar as terras e ter a proteção da mata.

É durante as décadas de 1970/1980, que as regiões menos povoadas do Estado, vão sofrer uma pressão demográfica, devido ao esgotamento da fronteira agrícola no oeste. Os colonos de origem gaúcha e catarinense, sem terra no oeste do Paraná, regressam em direção ao sul paranaense, ocupando as áreas dos faxinais, que passaram a ser “*extintos por decretos municipais*”. Os municípios do centro-sul do Paraná, onde concentravam-se os 10% de florestas nativas de Araucária e Pluviais e 5,3% de capoeiras e capoeirões, vão sofrer a pressão por terras florestais ainda não agricultadas, os “*faxinais*” (GUBERT, 1987). Em

apenas um século (1890 a 1990), o Estado do Paraná reduziu sua cobertura florestal de 83,41% de seu território, para cerca de 5,20% de seu território (GUBERT, 1988).

Nas décadas de 60/70, de acordo com Maack (1981), foi possível verificar e registrar a modificação da paisagem natural e a expansão dos matos secundários. Em 1963 ocorreu um grande incêndio que destruiu grande parte da floresta nativa, cerca de 964.900 ha, ou 9.649 km<sup>2</sup>, foram atingidos pelo fogo. Dessa forma, a perda de florestas no Paraná passa por grande processo de desmatamento no século XX, correspondendo a diversos fatores além dos acima citados: o avanço da cultura cafeeira; o período Pós-I Guerra com a extração e comercialização do pinheiro paranaense; o Pós II Guerra quando ocorre a consolidação da modernização agrícola nos países então chamados subdesenvolvidos e início da fase de industrialização da agricultura, cujo tema será discutido a seguir.

### 3.4 AGRICULTURA – INTERAÇÃO ENTRE O SER HUMANO E A NATUREZA

No início da história da humanidade a terra não era uma mercadoria, um objeto de direito de propriedade, era abundante, dizia John Locke (2015)<sup>66</sup>. Mas não se pode precisar o momento exato, essa terra passou a ser uma mercadoria, com valor de compra e venda. No início da Idade Moderna, entre os séculos XII a XV, ela passa ser vista como objeto do direito de propriedade perfeito para a modernidade capitalista, no contexto europeu e regiões dominadas por eles com o colonialismo.

Mas se a terra passa a ser um direito individual, então, a agrobiodiversidade, as sementes crioulas também podem ser assim consideradas? Como um direito que não pertence a coletividade? As sementes são irmãs gêmeas da terra, nada existirá na terra se as sementes não germinarem e produzirem seus frutos. A terra depende da semente para generosamente prover as necessidades de todos os seres. É uma relação natural, que não depende do ser

---

<sup>66</sup> Para Locke, a propriedade já existe no estado de natureza, sendo uma instituição anterior à sociedade, é um direito natural do indivíduo que não pode ser violado pelo Estado. O homem era naturalmente livre e proprietário de sua pessoa e de seu trabalho. Nesse sentido, os membros de uma comunidade que utilizam os bens da natureza para prover sua subsistência através dos frutos, erva medicinal, madeira, erva-mate, etc. é legítimo dono dos bens que possui, e caso queira tirar sozinho proveito das coisas retiradas da natureza em que injetou seu trabalho, ninguém terá direito algum sobre elas. Nas terras comuns que assim permanecem por convenção, o fato gerador da propriedade, é o ato de tomar uma parte dos bens comuns a todos e retirá-la do estado em que a natureza a deixou. LOCKE, John. **Dois tratados do governo civil**. Lisboa: Edições 70, 2015.

humano, onde a semente germina em contato com a terra e a terra, germinando a semente, provê as necessidades de todos os seres.

Os animais e depois os seres humanos esperaram pacientemente que a terra germinasse a semente e coletavam seus frutos tornando-se assim coletores. Aprenderam que a terra tinha uma forte ligação com a semente e então descobriram que podiam plantar e determinar os locais onde nasceriam os frutos. Aí nasce o grupo dos agricultores. Mas o agricultor não existe sem a terra e a semente. Nessa relação de reciprocidade, há mais de 10 mil anos, os povos agricultores plantam, colhem, guardam, trocam, aprimoram suas sementes. Ao longo de milhares de anos, os agricultores tradicionais plantam, colhem, separam as melhores sementes, voltam a plantar, e buscam encontrar saídas para as armadilhas da apropriação individual da natureza, do conhecimento, da terra, e das sementes.

Segundo Raven *et al.* (1996), a domesticação de plantas e animais teve início por volta de 11.000 anos atrás (período Neolítico), na região conhecida como “Crescente Fértil” do Mediterrâneo oriental, em terras que se estendem através de partes do que hoje constitui o Líbano, Síria, Turquia, Irã e Iraque.

Para Vavilov (1926) existem oito centros geográficos onde a agricultura surgiu e se iniciou os processos de domesticação de espécies cultivadas: a) China – origem de algumas variedades de milho e da soja; b) Índia – incluindo a região do Himalaia e adjacências – centro de origem do arroz, da banana, inhame e alguns animais como porco e frango; c) Ásia Central – abrange o norte da Índia, Paquistão, Afeganistão, Tadjiquistão e Uzbequistão – origem da alfafa e variedades de milho; d) Oriente Próximo – Iraque, Irã, Turquia, Síria e Jordânia – origem de alguns cereais como trigo e cevada, além de animais como cabras e ovelhas; e) Região Mediterrânea – principalmente a parte costeira – centro de domesticação da uva, azeitonas, ganso, gado, etc.; f) Etiópia – origem do café, sorgo e gergelim; g) Mesoamérica – México e América Central – são nativos dessa região o milho, feijão, amaranto, favas, tomates abóbora, algodão e pimenta; h) Região Andina e região subtropical do Brasil e do Paraguai – a batata, feijão, mandioca e outros tubérculos.

A agricultura mudou a relação do homem com a natureza, aos poucos eles foram deixando de serem coletores e se transformam em sociedades de agricultores. De uma prática de coletar grãos, principalmente cereais, gerados espontaneamente pela natureza, as

sociedades humanas passaram a selecionar os grãos de algumas espécies, cultivá-los e reproduzi-los para usos alimentícios, medicinais, religiosos<sup>67</sup>, etc.

Para Santilli (2009, p. 36), “A agricultura evoluiu ao longo de séculos, e passou por transformações sucessivas, que afetaram as sociedades humanas em tempos e lugares distintos”. As mudanças ambientais, sociais, econômicas e culturais contribuíram para o desenvolvimento de novos sistemas agrícolas.

Algumas mudanças significativas nos hábitos alimentares dos povos da América ocorreram a partir da entrada dos portugueses e espanhóis neste continente. Após a chegada, dominação, controle e destruição de muitas populações nativas, ocorre a intensificação do intercâmbio de espécies cultivada, a modificação radical da alimentação e o crescente desenvolvimento de cultivos comerciais, criando uma nova ordem econômica no mundo. No Brasil, esta relação produtivista gerou ciclos de cultivos comerciais, como da cana-de-açúcar, cacau, café, algodão.

Na região amazônica encontra-se grande número de sítios arqueológicos com a maior diversidade genética e biológica de terras pretas<sup>68</sup>, considerados como reservatórios da rica agrobiodiversidade amazônica. Estima-se que 138 espécies, das 257 que eram cultivadas na América do Sul, eram encontradas na Amazônia. Numa região ecologicamente tão complexa como a Amazônia, essa rica diversidade genética, associada às práticas de manejo e cultivo dos povos pré-colombianos é que foi responsável por assegurar a sobrevivência destes povos.

Entretanto, o declínio da população indígena de muitas regiões do Brasil, vítimas das doenças e escravidão trazida pelos europeus, provou uma drástica redução dos recursos genéticos, pois estes já se encontravam em processo de domesticação e dependiam do homem para sobreviver.

Segundo o arqueólogo Eduardo Neves (2006), a Amazônia tem sido, aos poucos, reconhecida como centro independente de domesticação da América do Sul, além da

---

<sup>67</sup>Na mitologia clássica de muitas civilizações, a agricultura tem origem divina e teria sido oferecida aos homens por deusas: Ísis no Egito, Deméter na Grécia e Ceres em Roma. Na mitologia chinesa, Shen Nung, uma divindade com corpo humano e cabeça de boi, teria inventado o arado e ensinado a agricultura aos homens. Já os Astecas acreditavam que o milho teria sido um presente do deus Quetzalcoatl(o “Pássaro-Serpente”) para os homens. Quetzalcoatl teria se disfarçado de formiga preta para chegar até a montanha onde o milho era guardado por formigas vermelhas, a fim de roubar alguns grãos e oferecê-los aos homens. (Jack R. Harlan. *Crops and man*. Madison: American Society of Agronomy; Crop Science Society of America, 1975a, p. 35-40. Apud: SANTILLI, Juliana. *Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores*. São Paulo: Peirópolis, 2009.

<sup>68</sup> Terras pretas são formadas pelo acúmulo de detritos orgânicos e restos de cerâmicas, ossos, carvão etc., decorrentes de atividades humanas. As terras pretas são as mais férteis na região amazônica com grande potencial agrícola.

Mesoamérica e os Andes. Muitas plantas foram domesticadas na Amazônia, como o abacaxi, o açaí, o amendoim, o mamão, a mandioca, a pupunha e as castanheiras.

A bacia do Alto Madeira e seus afluentes (no atual Estado de Rondônia) teriam sido o centro de domesticação de duas das mais importantes plantas cultivadas na Amazônia: a mandioca e a pupunha. A domesticação da mandioca levou ao desenvolvimento de características como raízes mais grossas e longas e de uma tecnologia sofisticada, baseada no uso de vários instrumentos, como o ralador, o tipiti (cesto cilíndrico e elástico feito de fibras de arumã) e o cumatá (cesto redondo e grande, com as malhas bem apertadas, também feitas de arumã), que transformam uma planta venenosa em produtos importantes como o beiju, a farinha, a tapioca e o caxiri (bebida fermentada à base de mandioca). Da mesma forma, a domesticação da pupunha – uma espécie de palmeira cujos frutos são muito consumidos na Amazônia – privilegiou a seleção de variedades de frutos mais robustos. (NEVES, 2006, p. 32-33).

Essas mesmas variedades de plantas como o abacaxi e a mandioca, e a prática de transformação da mandioca no beijú e farinha, com instrumentos construídos por eles próprios, vamos encontrar na comunidade caiçara Guaraguaçu, no litoral do Paraná. Nas margens do rio Guaraguaçu, os primeiros moradores, aproximadamente há 150 anos, plantavam o abacaxi, mandioca, arroz e feijão. Maria Tereza<sup>69</sup> nos diz em sua narrativa que “*a mandioca gosta da terra com areia úmida; meu pai tinha roça enorme do outro lado do rio, iam de canoa até lá. No alto era plantado mandioca e abacaxi. Faziam morrinho, covinha para plantar. No baixo, plantavam arroz. Eles usavam o tipiti, faziam a mandioca puva, o beijú, usavam cipó para fazer balaio e esteira*”.

Muitos povos do litoral do Brasil, assim como os caiçaras de Guaraguaçu<sup>70</sup>, têm como principal vestígio arqueológico, os “sambaquis” (palavra de origem Tupi: *tamba* significa conchas e *ki*, amontoado). Os sambaquieiros realizavam o manejo de plantas, tinham uma agricultura incipiente e eram mais sedentários que os povos caçadores-coletores. Acumulavam em um mesmo local, morros de 4 metros até 30 metros de altura, restos de animais, conchas de moluscos, carapaças de siris, ouriços, ossos de peixes, restos de caranguejos, “frutos e sementes”, artefatos de pedra, ponta de ossos, restos de alimentação, além de enterrarem seus mortos nestes mesmos sítios, segundo Madu Gaspar<sup>71</sup>.

O fato de concentrarem em um mesmo local, sua moradia, sepultamento dos mortos, acúmulo de restos de alimentos, artefatos, e estarem próximos ao mar, diferencia o povo

<sup>69</sup> Entrevista realizada em 31/08/2019.

<sup>70</sup> O Sambaqui do Guaraguaçu guarda a história da comunidade sambaquiba do litoral do Paraná há 4.200 anos. Sua história está narrada no capítulo I, na geo-história das Comunidades.

<sup>71</sup> GASPAR, MaDu. **Sambaqui**: arqueologia do litoral brasileiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. 90p.

sambaquieiro de tantos outros povos que ocuparam o território brasileiro. Os restos da fauna do mar, os zoólitos (esculturas de pedra e osso representando animais marinhos, raias, baleias, botos, etc.), fazem parte da cultura sambaquieira e nos revela a grande diversidade destas espécies, assim como, a diversidade de plantas e sementes encontradas nestas regiões, conservadas e reproduzidas pelos povos sambaquieiros, caiçaras e indígenas.

Muitas destas variedades de sementes e plantas domesticadas na Amazônia e nos sambaquis do litoral foram espalhadas pelas populações nativas para outras regiões do Brasil, principalmente nas comunidades tradicionais que mantiveram preservadas suas práticas de plantio e produção. Essas comunidades desenvolveram, ao longo de séculos, sistemas tradicionais com rica agrobiodiversidade, representada por uma enorme variedade de plantas e sementes cultivadas, ecossistemas, saberes e práticas agrícolas.

Apesar do rico patrimônio biológico e cultural brasileiro, o modelo agrícola estabelecido pelos portugueses na “colonização” foi o monocultor (cana-de-açúcar, café), baseado no latifúndio exportador e na escravidão forçada de povos indígenas e negros trazidos da África. Os ciclos econômicos aplicados pelos portugueses no Brasil, devastaram o meio ambiente<sup>72</sup>, maltrataram a terra, exploraram predatoriamente os recursos naturais, marginalizaram a agricultura indígena e camponesa e concentraram a terra nas mãos de poucos senhores e proprietários.

O primeiro ciclo econômico no Brasil Colônia foi a exploração predatória do “pau-brasil”, madeira chamada “pau de brasa” por fornecer a tinta vermelha. Mas os índios Tupi o chamavam de “ibirapitã ou ibirapitanga”. Essa árvore de tamanho gigantesco e cerne vermelho era abundante em todo o litoral do Brasil, do Rio de Janeiro a Pernambuco. Era utilizada para extrair a tinta para tecidos, na produção medicinal, construções navais e confecção de violinos. A exploração intensa e predatória quase o levou a extinção. Mas suas sementes estão sendo espalhadas para replantio nas comunidades tradicionais.

No século XVI (1532), iniciou-se a produção da cana-de-açúcar, sobretudo na região litorânea do Nordeste e litoral de São Paulo. Com a utilização da mão de obra escrava e na grande propriedade, a lavoura caniveira era cultivada nos Engenhos de açúcar, onde ficavam a

---

<sup>72</sup> Consultar: PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição**: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 318p. Esta obra aborda as consequências sociais, econômicas e políticas da devastação das florestas, erosão e esgotamento dos solos, degradação do clima, extinção das espécies animais e vegetais. Alguns políticos da época dedicaram-se ao debate ambiental e perceberam que a superação das práticas devastadoras passava necessariamente pela implementação de reformas socioeconômicas profundas, que rompessem com o legado do colonialismo: o tripé escravidão-latifúndio-monocultura.

casa-grande (do proprietário e sua família), a senzala (dos escravos), o engenho (onde se produzia o açúcar e a cachaça). Esse modelo monocultor e escravista, dificultava a vida dos pequenos proprietários, pois o poder concentrava-se na mãos dos senhores de engenho.

As áreas que não interessavam aos senhores de engenho é que ficavam com os pequenos agricultores familiares, donos dessas terras e que abriam pequenas roças nas clareiras da mata para produção de alimentos de subsistência, com alguns excedentes para a comercialização.

No Brasil colônia houve muito mais produções na agricultura do que apenas a *plantation* de cana de açúcar. Os registros são poucos, mas segundo Mary Del Priore e Renato Venâncio (2006) em sua obra “Uma história da vida rural no Brasil”,

A “visão plantacionista”, que considera todas as atividades não voltadas para a exportação como irrelevantes, embaçou durante muito tempo a contribuição que milhares de agricultores – responsáveis pela agricultura de subsistência ou pelo abastecimento interno – deram à história de nosso mundo rural”. (PRIORE; VENÂNCIO, 2006, p. 48).

Foram esses agricultores, também chamados de camponeses, agricultor familiar, roceiros, caboclos e sertanejos, que mantiveram a agricultura de subsistência no Brasil colônia, onde faziam seus cultivos após a derrubada de pequenas parcelas da mata, intercalando com períodos de repouso do solo<sup>73</sup>. Essa rotatividade criava um modo de produção agrícola característico da economia camponesa, do trabalho familiar, herdado da agricultura indígena e adotado por diversos povos tradicionais. (PRIORI; VENÂNCIO, 2006).

A partir do século XVII, a cultura da cana de açúcar entra em declínio devido a concorrência com o açúcar das Antilhas, produzido pelos holandeses e comercializado na Europa. Mas os hábitos alimentares se modificaram na Europa e América Latina com a introdução do açúcar, da cachaça, melado de cana, doces, geléias, rapaduras.

No final do século XVII, descobriu-se o ouro pelos portugueses na região das Minas Gerais. Ocorre o ciclo do Ouro, que se estendeu para os Estados de Minas Gerias, Goiás, Bahia e Mato Grosso, dando origem a diversas cidades. A população brasileira aumenta grandemente com a vinda de portugueses interessados na exploração do ouro e de africanos para o trabalho nas minas. Mas a população pobre aumenta consideravelmente, fazendo com

---

<sup>73</sup> Esgotada a fertilidade natural e o húmus deixado pela mata derrubada, eles mudavam o lugar da roça, o que exigia a derrubada de outra pequena porção da mata. Essa forma de agricultura ainda é muito praticada por povos indígenas, principalmente na região amazônica.

que aumentasse o número de agricultores que cultivava a terra para se alimentar e para abastecer as vilas e cidades que se formaram em torno da extração e economia do ouro.

Na produção agrícola destes pequenos agricultores, havia uma forte preocupação com o que se plantava e o que se consumia. As roças produziam basicamente mandioca, feijão, arroz, milho, quiabo, jiló e hortaliças trazidas as sementes da Europa, como alface, couve, repolho, nabo, espinafre, cenoura, e frutas como a banana e laranja. Eram sistemas agrícolas policultores que se complementavam com os frutos nativos como o pequi, araticum, a mangaba, a guabiroba, jabuticaba e o buriti, entre outros<sup>74</sup>.

Muitos animais domésticos trazidos das ilhas portuguesas dos Açores, Cabo Verde e Madeira, se adaptaram aos ecossistemas brasileiros, como vacas, porcos, cavalos, ovelhas, cabras e galinhas, complementando a economia brasileira, da qual utilizaram para o transporte, carne, couro e lã. No litoral, multiplicaram-se os agricultores-pescadores, chamados de caiçaras, que eram agricultores nas margens dos rios, mas se alimentavam principalmente de frutos do mar.

O sul do Brasil se integrou a economia colonial no século XVIII através da pecuária, com o Ciclo do Tropeirismo a partir de 1730, que fornecia couro, carnes e gado utilizado para o transporte nas demais regiões mineiras e do açúcar, que necessitavam da criação de gado muar e cavalar. Até o final do século XIX, a economia do sul se baseou na pecuária (muar, cavalar e bovina) e no extrativismo da erva-mate (mais especificamente no Paraná).

A partir do final do século XIX e início do século XX, ocorre a expansão agrícola, decorrente da imigração europeia (italianos, alemães e poloneses), e pelo acesso aos mercados por meio das ferrovias que estavam em construção e desenvolvimento. Na região Centro-Sul do Paraná desenvolveram-se neste período muitos faxinais de imigrantes poloneses (Prudentópolis, Rebouças, Mallet, Rio Azul, etc.), alemães (Palmeira, Imbituva, etc.) e italianos (Imbituva, Ponta Grossa, etc.).

Na região sul, onde desenvolveu-se a pecuária, os pequenos agricultores começaram a ser expulsos das áreas florestais que até então ocupavam pelos pecuaristas, que desejavam aumentar seus domínios, e também pelos agricultores mais abastados que desejavam a expansão agrícola tecnológica, principalmente, na década de 1970, com a Revolução Verde<sup>75</sup>.

---

<sup>74</sup> Consultar: RIBEIRO, Ricardo Ferreira. **Florestas anãs do sertão**: o cerrado na história de Minas Gerais. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

<sup>75</sup> A Revolução Verde representa um conjunto de inovações tecnológicas na agricultura para a obtenção de maior produtividade através do desenvolvimento de pesquisas em sementes, fertilização do solo, utilização de agrotóxicos e mecanização no campo que aumentassem a produtividade, foi idealizada pelo engenheiro agrônomo estadunidense, Norman Ernest Borlaug.



Atualmente, dois modelos de agricultura são discutidos mundialmente: uma originária da Revolução Verde (Agricultura Industrial ou Convencional), baseada no pacote tecnológico (agroquímicos, motomecanização e manipulação genética), e outro Camponês, baseado no conhecimento empírico (agricultura de base familiar/ecológica). A Agricultura Industrial se acentuou no Brasil, após a Revolução Verde na década de 1970. As transformações provocadas por este modelo de agricultura não valorizam os saberes locais que se apoiam nos conhecimentos acumulados ao longo de várias gerações pelo campesinato (PINHEIRO et al., 2000).

Esse processo de transformações passou a ganhar expressão com o final da II Guerra quando o mercado industrial petro-químico-mecânico fica ocioso, sem mercado para a colocação de sua produção, e então, passa a ver na agricultura um consumidor em potencial para sua produção, desde que ocorressem algumas alterações em seus processos produtivos industriais, com a fabricação de equipamentos mecânicos, fertilizantes e agrotóxicos.

A partir de então se aprofundou um processo de padrão tecnológico químico/mecânico exportado para a América Latina, visando um maior consumo de energia pela agricultura, otimização do lucro, produtividade agrícola em curto prazo, cultivos de larga escala do milho, soja e cana. Isso se deu também com a inovação tecnológica dos sistemas vivos, com destaque para as sementes transgênicas e os equipamentos e implementos cada vez mais complexos e tecnológicos.

De acordo com Costa (2017, p. 32), no Brasil, a “moderna” agricultura estava em total desacordo com a elevada disponibilidade de terras ociosas, com os contingentes cada vez maiores de pessoas desocupadas e com a escassez de capital. A fome aumentava cada vez mais, atingindo um quarto de nossa população brasileira, mesmo sendo um dos pilares de defesa governamental para a implantação da Revolução Verde.

Em todo esse processo não se considerou as características edafoclimáticas (fatores como o clima, o relevo, tipo de solo, entre outros) e socioeconômicas das regiões brasileiras, totalmente diferentes da Europa, EUA e Japão, onde teve origem a Revolução Verde.

Dentre alguns dos problemas causados por todo este processo no Brasil, estão a degradação e contaminação dos recursos naturais (solo, água, fauna e flora) por agentes químicos, principalmente os agrotóxicos, as alterações climáticas, além do êxodo rural, o desemprego e a marginalização social.

Mais especificamente em relação à agricultura brasileira podemos enumerar os principais impactos da Revolução Verde, de acordo com Costa (2017), a monocultura

prevalece em relação à estabilidade ecológica e biológica dos agrossistemas; utilização de agrotóxicos químicos, poluindo o ambiente, os alimentos, intoxicando os agricultores rurais e consumidores urbanos; a mecanização na mobilidade intensiva dos solos reduzindo a oferta de trabalho no campo resultando no êxodo rural; a alta dependência econômica de base tecnológica de capital e energia, em detrimento de outras fontes de energia alternativa; marginalização social de grande parte da população.

Na década de 1970 nosso país passou pelo chamado “milagre econômico<sup>76</sup>”, a agricultura tinha créditos fartos e subsidiados, além de estímulos à expansão das fronteiras agrícolas e de produção, exclusivamente para a monocultura.

Os impasses socioeconômicos, a devastação ambiental, não só na agricultura, mas também na extração de madeira (araucária) e minérios, a degradação nos recursos hídricos com a mecanização intensiva do solo e uso indiscriminado de agroquímicos, a contaminação dos alimentos e das pessoas pelo uso excessivo de agrotóxicos, foram os principais fatores de críticas aos impactos ambientais causados pela Revolução Verde.

No início dos anos 80, em estudos de erosão do solo no Paraná, comprova-se que o Estado estava perdendo 1 cm de solo ao ano em áreas sob cultivo agrícola, cujo processo de formação levava em torno de 400 anos. (COSTA, 2017). Também foram comprovados através de estudos científicos e análises em águas, alimentos, leite, hortaliças, frutas, a contaminação por altos índices de agrotóxicos.

Em todo esse processo estiveram presentes as resistências, disputas, lutas e movimentos de comunidades tradicionais, na valorização de uma agricultura alternativa, em pequenas propriedades, com mão de obra familiar, produção estável e eficiente de recursos produtivos, com segurança e autossuficiência alimentar, preservando a cultura local com a utilização de práticas agroecológicas ou tradicionais de manejo. Essa luta teve início com o Movimento de Agricultura Alternativa (MAA), em meados da década de 1970, como uma oposição ao modelo da Revolução Verde.

---

<sup>76</sup> "Milagre econômico brasileiro", corresponde ao crescimento econômico ocorrido no Brasil entre os anos de 1968 a 1973 (Período da Ditadura Militar, governo Garrastazu Médici). Período caracterizado pela aceleração do crescimento do PIB (Produto Interno Bruto), industrialização e inflação baixa. Contudo, por trás da prosperidade, houve o aumento da concentração de renda, corrupção e exploração da mão de obra. Além das medidas de incentivo, o milagre econômico foi concretizado por meio de obras de grande porte como estradas e hidrelétricas. Os recursos para essas obras foram obtidos por meio de empréstimos internacionais, que elevaram a dívida externa. O financiamento internacional também foi empregado para alavancar projetos de mineração. Também receberam recursos internacionais as indústrias de bens de consumo (máquinas e equipamentos), farmacêutica e agricultura. O setor agrícola voltou-se para a monocultura, visando o mercado internacional, sem se preocupar com a degradação do meio ambiente.

### 3.5 AGRICULTURA TRADICIONAL: CAMPONESA (CABOCLA), FAMILIAR – UM CONTRAPONTO A AGRICULTURA HEGEMÔNICA CAPITALISTA

Ao longo da história, desenvolveram-se no Brasil dois modelos de produção agrícola, bastante diversa: a agricultura camponesa (familiar)<sup>77</sup> e a agricultura do agronegócio, direcionada para a exportação. Essas formas de agricultura de acordo com suas características específicas, nasceram no campo, com a formação de sítios, engenhos, fazendas, estâncias, resultado da expansão geográfica, ocupação da terra e aumento da população. Dessa forma, os grupos camponeses estão sempre em movimento, inseridos no território, por isso são analisados enquanto processo, complexo e diverso.

O modelo de produção agrícola do agronegócio é baseado no uso de insumos químicos, sementes modificadas geneticamente, nenhuma diversidade de cultivos, máquinas agrícolas, monoculturas, bem como a concentração de terras em latifúndios. Com este modelo de agricultura, destaca-se a perda da biodiversidade local, a erosão genética dos recursos naturais, a insegurança alimentar e a dependência das sementes melhoradas, provenientes da Revolução Verde (DOMINGUEZ *et al.*, 2000).

Contrapondo-se ao agronegócio, outro modelo de agricultura é a camponesa, que inicialmente foi desenvolvida pelos ex-escravos, quilombolas, por outros trabalhadores livres, faxinalenses e posseiros, que viviam nas proximidades dos engenhos, fazendas, estâncias, perto das minas de ouro, ocupando pequenas faixas de terra na Região Centro-Sul do Brasil e mais especificamente na Região de Campos do Paraná.

Ricardo Ferreira Ribeiro (2005), destaca que o mundo camponês, muitas vezes invisível em algumas regiões, tinha maior ou menor independência econômica, social e política em relação ao domínio dos grandes proprietários de terras ou minas. Muitos camponeses ocupavam áreas em espaços não bem definidos entre fazendas ou ainda com o fracionamento das mesmas entre seus herdeiros formando pequenas propriedades.

Assim, a agricultura camponesa assumiu, no espaço e no tempo, uma grande diversidade de formas sociais, sendo difícil estabelecer um único modelo agrícola camponês. A agricultura familiar se constituiu então como uma forma de agricultura camponesa, onde a família, ao mesmo tempo é proprietária dos meios de produção, e desenvolve todo o trabalho

---

<sup>77</sup> Utilizaremos o termo camponês (que se refere as comunidades moradoras do campo, que controla os meios de produção, utiliza a mão de obra familiar, produz para subsistência). Quando nos referirmos aos caboclos, quer dizer o camponês, de acordo com a categoria analítica de Maria de Nazareth Wanderley (2005), considerando que o conceito é heterogêneo e abriga diversas categorias específicas, como agricultura rural camponesa, cabocla, tradicional, nas comunidades faxinalenses, quilombola.

produtivo. Ela tem sua origem na vida social tradicional, mas teve que se adaptar-se às condições e novas exigências da sociedade moderna.

Segundo Maria de Nazareth B. Wanderley (1996, p.3),

A agricultura camponesa tradicional vem a ser uma das formas sociais de agricultura familiar, uma vez que ela se funda sobre a relação acima indicada entre propriedade, trabalho e família. No entanto, ela tem particularidades que a especificam no interior do conjunto maior da agricultura familiar e que dizem respeito aos objetivos da atividade econômica, às experiências de sociabilidade e à forma de sua inserção na sociedade global.

Nesse aspectos nos reportamos as Comunidades Tradicionais em discussão, Comunidades Faxinalenses, Quilombola, onde se apresentam como comunidades camponesas rurais, com conotação política, de luta pela terra, mas principalmente porque se autodefinem e são representados assim em sua vida cotidiana. Essas comunidades possuem uma agricultura familiar de subsistência e se afirmam com uma identidade sociocultural própria, têm uma certa autonomia em relação a sociedade global, são grupos familiares que produzem em suas próprias unidades econômicas, possuem práticas, sabedorias, conhecimentos e uma interconexão com a sociedade local e global. (CARVALHO, 2005, p.27).

O campesinato foi, e ainda é, historicamente predominante para as comunidades tradicionais. Para Eric Wolf fazem parte das “sociedades camponesas” “aqueles segmentos da espécie humana que permaneceram a meio caminho entre a tribo primitiva e a sociedade industrial” (WOLF, 1976, p.9). Porém, não podemos considerar esse modelo como universal, capaz de explicar todas as comunidades agrícolas coletivas, particularmente entre os sujeitos faxinalenses e quilombolas das comunidades pesquisadas, permanece um campesinato rural tradicional tanto na forma de produção econômica, como em sua forma social.

Essa forma de vida camponesa de comunidades tradicionais no Paraná foi capaz de criar práticas e técnicas de exploração dos recursos naturais satisfatórias para sua subsistência familiar, através de um sistema produtivo diferenciado, a agrobiodiversidade, no interior dos faxinais e comunidades quilombolas. É uma forma de campesinato voltado para a garantia da subsistência, trabalhando com limitadas condições de acumulação e investimento, porém capaz de manter sua sobrevivência, dinâmica econômica, social, resistência cultural, sua forma de vida local.

A agricultura camponesa tradicional é profundamente inserida em um território, lugar de vida e de trabalho, onde o camponês convive com outras categoria, sociais, econômicas, e desenvolve uma sociabilidade específica de comunidade.

Uma coletividade rural apresenta uma dupla natureza funcional. Ela é, por um lado, um estabelecimento humano de valorização de um meio natural: a população local utiliza o território para sua subsistência; a aldeia (“village”) é um atelier de produção correspondente a um território. Por outro lado, é também uma unidade de habitação, de residência, um quadro de vida familiar e social de um gênero particular, caracterizado [...] pela estabilidade da população” (JOLLIVET; MENDRAS, 1971, p.209).

É esse uso do território e a produção de sua territorialidade que faz com que essa forma de comunidade tradicional camponesa rural seja identificada nas comunidades faxinalenses e quilombolas, pois estabelecem uma sociabilidade, uma rede de interconhecimento entre os sujeitos, caracterizando-os como camponeses em sua originalidade, autonomia e tradição.

Na categoria de agricultura camponesa familiar, proposto por Maria de Nazareth Wanderley (2005), os camponeses, são aqueles que se orientam pela lógica da subsistência e mão de obra familiar, chamados pela literatura tradicional como colonos, mas que desejamos destacar como “caboclos”, nas regiões de Campos Nativos do Centro-Sul do Paraná e de Santa Catarina (Região do Contestado). Esses caboclos originaram-se nas fazendas de gado entre a segunda metade do século XVIII e o final do século XIX com o deslocamento dos indígenas subjugados das Missões que em contato com outras populações passaram a conviver no mesmo espaço, miscigenaram-se biológica e culturalmente. Nessas propriedades serviram como “moradores” responsáveis pelas culturas de subsistência. No final do século XIX e metade do século XX quando o abastecimento passou a ser feito pelas colônias de imigrantes e com as inovações nos meios de transporte para o comércio, esses caboclos foram dispensados e “expulsos” para as áreas das matas (terras devolutas), em condições desiguais com a colonização estabelecida pelo Estado. Muitos destes caboclos<sup>78</sup> ao adentrarem nas matas, resultaram na constituição de algumas comunidades quilombolas e faxinalenses que resistem através de suas práticas tradicionais como agricultores no campo.

O camponês caboclo, muitas vezes foi tratado em nossa geo-história, como a história oculta, negada, excluída, como a contradição do Brasil rural, onde seu “espaço” não estava definido, ora na mata, na fazenda, nas colônias, ou mais recentemente em acampamentos de

---

<sup>78</sup> Segundo Horácio Martins de CARVALHO (2005, p. 79), torna-se difícil definir ou determinar as origens étnicas que formaram o caboclo que normalmente se define como o resultado da miscigenação entre o índio, bugre e o branco. Mas a conceituação de caboclo seria muito mais social que étnica. Segundo esse autor algumas características podem identificar esse grupo, como: pequenos ranchos feitos de troncos de árvores e cobertos com capim ou tabuinhas, roças de subsistência, criação de animais soltos. “Essa população adotava uma prática costumeira de dividir as terras *em terras de plantar e terras de criar, como eram nominadas internamente*” (RENK, 1997, p. 27).

sem-terra. Não lhes é reconhecido uma identidade e diferenças culturais através de suas territorialidades.

Camponês caboclo para RENK (1997), é a população excedente, da grande propriedade de terras, nas áreas de campos e extratores de erva-mate, em busca de espaço, nos arredores das fazendas e nas áreas de mata. Refere-se segunda a autora, a um campesinato caboclo em áreas florestais, com pequenas roças. Esse campesinato existente até as primeiras década do século XX, também é encontrado nas regiões de Campos do Paraná. Para RENK (2017, p. 312), “ Algumas famílias exploravam os faxinais, respeitando a paisagem, sem destruir as matas para a criação de animais e mantendo as roças a certa distância, sem risco de serem ameaçadas pelos animais. O trabalho, principalmente com o gado, era coletivo”. É esse camponês caboclo que identificamos nas narrativas dos descendentes das comunidades em estudos, como os *faxinalenses*, herdeiros das terras dos bugres e portugueses do final do século XIX e início do XX.

Fermina Rodrigues, 75 anos, moradora no Palmital dos Pretos, contou que sua família (pais),

*“Viviam em pequenos ranchos feitos de troncos de árvores e cobertos com tabuinhas, faziam pequenas roças de caboclos, para sobrevivência. Ah, também, criavam animais soltos, como galinhas, porcos e algumas cabeças de gado. Uma vez meu pai matou um veado a machadada dentro do rio. Eles usavam foice, facão, machado”.*

O povoamento do sudoeste e centro-sul do Paraná, foi iniciado pelos caboclos que foram entrando nas terras de livre acesso e foram tomando posse. “ Eram conhecidos como posseiros, ou seja, homens sem terra construíram suas toscas moradias em áreas devolutas e tinham na coleta da erva-mate seu principal ganha pão” (AURAS, 1985, p.102). O caboclo, dado suas condições culturais, desconhecia o processo de aquisição de terras. Nas regiões de campos, a presença deles era ‘tolerada’ pelos fazendeiros pelo interesse que tinham no fornecimento de alimentos básicos de suas roças de subsistência, para o abastecimento das tropas que passavam na região no século XIX.

É o sistema primitivo de agricultura praticado pelos caboclos, chamado de roça ou capoeira, itinerante, que vai ser adotado pelos colonos imigrantes no início do século XX, na produção agrícola. “Não só o sistema de rotação de terras, os imigrantes alemães, italianos, poloneses e outros adotaram também as plantas cultivadas” (CARVALHO, 2005, p. 83).

Para Domingas, 93 anos, da Comunidade Palmital dos Pretos, “*nós começava com a queima na capoeira, a roça de toco, milho e feijão junto, tudo plantado junto. Só que o feijão nós colhia antes [...]*”.

Para o camponês caboclo a produção e organização do trabalho se orientava pela lógica da subsistência familiar. Quando vivia ainda em terras devolutas e tinha sua autonomia, viviam de caça, pesca, coletas e extrativismo – principalmente da erva-mate e madeira. Depois ele foi desenvolvendo um agrossistema integrando extrativismo (agrofloresta), pecuária e agricultura, os “*faxinais*”, combinando com a técnica do pousio.

As terras de plantar localizavam-se distante da casa, onde o milho e feijão cresciam na terra fértil junto com o mato. A roça cabocla produzia milho, feijão, mandioca, batata, arroz. Nas terras de criar, próximas da casa, criavam-se porcos, galinhas, cavalos e bovinos. Na criação de porcos (nas *roças de mato* ou *clareira*), havia um “*sistema primitivo, segundo Lobato, que era o porco alçado, criado exclusivamente com frutos, com a imbuia, pinhão e vegetais e o único cuidado dispensado era o sal*” . (RENK, 1995, p. 229). Esses porcos serviam para alimentação e a banha era utilizada para troca com outros produtos em povoados e cidades próximas.

A ampliação do extrativismo da madeira e da erva-mate, era vendida *in natura* para os castelhanos, ou “*cancheada*” para o mercado local ou regional. A prática da secagem, moagem e forma de uso - medicinal ou chimarrão - da erva mate têm origem com os caboclos, que se inspirou e aprendeu com os indígenas. Mas foram os colonos imigrantes, que se apossaram dessas técnicas, hábitos e fazem da erva mate um meio de “*acumulação primitiva*”, controlando aos poucos a produção e comercialização desse produto. O Paraná tornou-se a Província dos “*Barões da Erva Mate*” durante a conquista da Emancipação Política da 5ª. Comarca da Província de São Paulo, em 1853<sup>79</sup>, deixando os caboclos fora do domínio de comercialização desta atividade extrativista. Já na fase da República (1889), a mercantilização da terra e de seus produtos, favorecem a expansão das colônias dos imigrantes alemães, poloneses, italianos, ucranianos, sobre as terras de uso comum, até então, pertencentes aos caboclos faxinalenses (da região das Missões no Centro-Sul do Paraná). E assim aos caboclos, foi relegado entrarem cada vez mais para dentro dos territórios da mata e estabelecerem-se em locais de difícil acesso, onde a terra nem sempre é mais produtiva.

---

<sup>79</sup> O Paraná era a 5ª. Comarca da Província de São Paulo durante a fase do Império Brasileiro (1822 a 1889). Porém havia a campanha pela conquista de sua emancipação política desde 1842, quando a ala dos políticos paranenses, os “*Barões da Erva Mate*”, ajudaram financeiramente para esta conquista em 19/12/1853.

Mas, as práticas tradicionais caboclas de sapeco e moagem da erva-mate se mantêm até hoje, no faxinal de Sete Saltos de Baixo, com Jesuvina Chagas Ferreira, 69 anos. Ela mantém pés de erva-mate nativos em seu quintal, e no tempo certo, de acordo com as técnicas tradicionais, com um forno de barro (Figura 18), que ela mesma fez, corta os ramos, sapeca neste forno e soca no pilão de madeira. Para ficar moída usa o moinho de quirera. Aprendeu com o sogro e permanece com esta prática até hoje, após 30 anos.

FIGURA 18 - Pés de Erva Mate Nativa, Jesuvina fazendo o soque e secagem da Erva Mate que ela produz.



Fonte: A autora (2018)

O quilombola se adapta ao seu espaço, seu lugar, ao meio ambiente, ao que a natureza lhe oferece. O quilombola Arildo Portela (26 anos) da Comunidade Palmital dos Pretos, construiu o Carijo da Erva-mate no barranco de sua casa, onde cravou 4 forquilhas de mais ou menos 1,50cm, em cima dessas forquilhas ele prendeu duas traves para segurar as esteiras de bambu que serviu de suporte para colocar os feixes de erva-mate e fazer o sapeco. O fogo para o sapeco da erva mate ele faz no buraco aberto no barranco. Depois de feito o sapeco é só triturar essas folhas secas da erva. Dessa forma ele produz uma erva-mate nativa com práticas e técnicas tradicionais de qualidade diferente da comercializada em mercados da região. Essa erva-mate tem uma procura muito grande por ter as técnicas tradicionais de produção apreendidas com os indígenas e com a comunidade quilombola.



FIGURA 19 - Carijo de Erva Mate, buraco no barranco onde faz o fogo. Esteira onde o calor do fogo sapeca as folhas da erva mate. Arildo com as folhas de erva mate sapecadas.



Fonte: A autora (2019)

De acordo com Saquet (2019), “a vida se desterritorializa e reterritorializa constantemente, entre distintos tempos e espaços”. O camponês caboclo na sua trajetória de nômade/pioneiro no Paraná, enfrentou e aprendeu com os índios, os fazendeiros e colonos, mas nem sempre conseguiu transformar suas possessões em propriedades. A atividade econômica tradicional do caboclo é a agricultura de subsistência, que para ele tem o significado de reprodução biológica, social e cultural. Ele comercializa o excedente de alguns produtos cultivados (erva-mate, suínos, milho, feijão, leite), para ter acesso a outros que não produz. Seus instrumentos de trabalhos são a foice, o machado, o facão, a enxada e a haste de plantar. Seu sistema de produção, consiste, no pousio e rotação das culturas de milho, arroz, mandioca, batata doce, além de criar galinhas, vacas e suínos – todos em relativa liberdade. Sua lógica não é a mercantil, ele tem outra racionalidade, outro tempo, outra identidade.

O camponês aqui considerado como categoria de conceito está identificado nas comunidades em estudo, o Faxinal Sete Saltos de Baixo, Comunidade Quilombola Palmital dos Pretos e Faxinal dos Galvão. Eles possuem uma outra racionalidade, dentro de um espaço e temporalidade diferente das demais propriedades rurais agrícolas. Suas territorialidades os identifica como patrimônios imateriais, através de suas práticas da agrobiodiversidade na agricultura camponesa.

Nesta perspectiva, a agricultura camponesa familiar das comunidades em estudo, com base no estudo denominado “Perfil da Agricultura Familiar no Brasil: dossiê estatístico” (Incr/FAO), de 1996 e o “Novo Retrato da Agricultura Familiar – O Brasil redescoberto”, do ano 2000, se caracteriza como:

- a) os investimentos e a gestão da propriedades de produção é realizado pela família, que possui laços de consanguinidade;
- b) o trabalho como um todo é realizado pelos membros da família;

c) a propriedade dos meios de produção pertence a família, e será repassado por herança aos seus descendentes.

d) a direção dos trabalhos da propriedade é exercida pelo produtor e o trabalho familiar é superior ao trabalho porventura contratado.

Nesse sentido, queremos destacar o camponês rural buscando formas de resistência e permanência no seu modo de produzir e de viver, pois no interior da agricultura camponesa familiar, existem produtores com distintas lógicas de produção e sobrevivência. Comprovamos isso na pesquisa entre as comunidades, faxinalense, quilombola e caiçara que possuem estruturas de produção totalmente diferentes, mas que não deixam de ser classificadas como camponeses de agricultura familiar. Elas possuem variáveis com pesos e significados diversos nos contextos sociais, culturais e econômicos em que estão inseridas, e por isso são consideradas como comunidades de camponeses familiares, de acordo com o dossiê estatístico do Incra/FAO de 1996 e 2000.

De acordo com Santilli (2009, p. 86-87),

No Brasil, a agricultura familiar tem sido a principal responsável pela produção de alimentos e pela dinamização das economias locais, respondendo por 67% do feijão consumido no país, 58% da carne suína, 54% do leite e 49% do milho, e ocupando cerca de 70% da mão de obra no campo, conforme a Secretaria de Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário. A agricultura familiar é fundamental para a segurança alimentar, a geração de emprego e renda e o desenvolvimento local em bases sustentáveis e equitativas. Ela foi, entretanto, diretamente atingida pelas políticas de “modernização agrícola” promovidas pela revolução verde, que trataram o espaço rural como se fosse uniforme e acentuaram as diferenças entre os dois modelos agrícolas (patronal e familiar), provocando a concentração e a especulação fundiárias, o êxodo rural e a marginalização da agricultura familiar.

A agricultura camponesa familiar é fundamental para o desenvolvimento sustentável das famílias e das comunidades locais. Ela passou por marginalizações, onde a terra não foi valorizada, foram tomadas e ainda alguns grupos não têm o reconhecimento político de suas comunidades, precisando sujeitar-se a trabalhar para grandes empresas capitalistas, fora de seus espaços, para conseguir sobreviver no campo. Mas mesmo assim, tentam resistir, sobreviver às reais dificuldades e vão se reinventando através de práticas agroecológicas no pouco de terra que lhes pertencem.

Identificamos a importância da agricultura camponesa familiar no Ecossistema (Quadro 3) de Elenita Ap. Machado, na Comunidade Quilombola Palmital dos Pretos, onde em uma área total de 3 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> alqueires de terras, ela tem:

QUADRO 3 – Identificação do Ecossistema da propriedade de Elenita Machado

Área Agrícola	1 alqueire
Área de Pastagem	Está formando $\frac{3}{4}$ .
Área de Reflorestamento	Eucalipto – 15 litros
Área de Reserva Natural	$\frac{1}{2}$ alqueire
Criações de animais	Galinhas, porcos, cavalos. Antes tinha cabrito, agora não tem mais.
Mão de Obra Familiar	4 pessoas. 01 trabalha (mulher). 1 criança (11anos). 2 estão empregados nas empresas fora da comunidade.
Mão de Obra Contratada	Não.
Plantio e colheita anual com práticas tradicionais e sementes crioulas	Feijão, Milho, Mandioca, abóbora, amendoim, alface, couve, abobrinha, cebola, alho poró, pepino, batata doce, laranja, limão, pêsego, amora, ponkan, mexerica, pitanga, abacate, uva, ameixa, lima, banana, pera, pêsego nectarina.
Artesanato	Vime – para fazer cestos e balaios.

Fonte: A autora (2020)

Analisando estes dados, destacamos que com a mão de obra de uma mulher e a ajuda dos outros membros em dias de feriado e finais de semana, ela consegue manter uma propriedade com enfoque agroecológico, onde através do manejo e práticas tradicionais possibilita sua propriedade ser mais sustentável. As práticas e saberes agroecológicos são fundamentais na produção de alimentos respeitando o meio ambiente. Diante disso, a agroecologia se configura como uma nova abordagem científica que engloba os princípios, ecológicos, agrônômicos, socioeconômicos e culturais à compreensão e avaliação do efeito de tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo (ALTIERI, 2012).

Nos últimos anos, tem-se dado atenção ao camponês, como mantenedor da agroecologia, e principalmente da agrobiodiversidade, em função de suas práticas agrícolas, mas também como guardiões de variedades das plantas cultivadas e do conhecimento associado a toda essa riqueza. Dessa forma, alguns camponeses têm conseguido reinventar suas práticas, passando uma concepção de autonomia da agricultura agroecológica com práticas tradicionais, perante o agronegócio, e que contribuiu para uma relação mais próxima da convivência entre sociedade-natureza.

Para Haesbaert (2019, p. 57), “o homem não é o único detentor do “poder” de transformar o espaço. O espaço envolve sempre uma interação entre a sociedade e a natureza”. Essa interação é capaz de em temporalidades diferentes estabelecer uma dimensão simbólico-identitária com o espaço, criar territorialidades. Ou seja, as práticas efetivamente reproduzidas pelos sujeitos no espaço natural, constituem um território vivido, específico dos quilombolas, faxinalenses ou caiçaras.

O território, desses sujeitos, representado aqui pela terra, recursos naturais e sementes crioulas na agricultura, é aquele que o empodera, que garante a sua sobrevivência mínima e de seu grupo social. Sem esse território, esses sujeitos e comunidades não existem. “Sua existência cultural está de tal forma impregnada no/do território que este é definidor do próprio grupo étnico” (HAESBAERT, 2019, p. 58).

A reflexão proposta até aqui, é pensar a visibilização da agricultura como contraponto de que existiu e só existe uma agricultura homogênea, e ao mesmo tempo, constatar que outras formas e práticas de produzir a terra são formas de construir territórios e territorialidades dos sujeitos e podem ser consolidadas.

Esse “território-vida”, expressão utilizada por Haesbaert, faz com que os sujeitos quilombolas, faxinalenses e caiçaras, vejam no território uma extensão da sua própria existência, percebam a sua comunidade integrada ao seu modo de viver, com uma ligação com seu passado, com um espaço e história comum, não somente de si próprios, mas de toda a natureza.

### 3.5.1 TRANSFORMAÇÕES TERRITORIAIS DA AGRICULTURA

As transformações territoriais sofridas nos últimos séculos pelos sujeitos na agricultura brasileira estão imbricadas nos processos de expansão de fronteiras e conduta territorial, as quais entram em choque com as territorialidades dos grupos que residem naqueles territórios, gerando uma nova territorialização e conflitos.

A conflitualidade territorial no Brasil teve início nos diversos processos (séculos XVI ao XIX) da expansão de fronteiras no Brasil colonial e imperial - a colonização do litoral, a ocupação da Amazônia, escravização dos índios, estabelecimento das *plantations* açucareiras e algodojeiras no Nordeste, a expansão das fazendas de gado ao Sertão do Nordeste e Centro-Oeste, as frentes de mineração em Minas Gerais e no Centro-Oeste, a expansão da cafeicultura no Sudeste. (LITTLE, 2003).

Essas frentes de expansão e tomada de territórios produziu um conjunto próprio de choques e novas ondas de territorialização por parte dos povos tradicionais indígenas e africanos. A resistência ativa destes povos às invasões gerou guerras, confrontos, migrações forçadas e reagrupamentos de povos tradicionais, principalmente de indígenas e quilombolas na manutenção do controle sobre seus territórios e suas territorialidades identitárias.

Existiram também longos e complexos processos de apropriação, adaptação, influência mútua entre sujeitos e comunidades, como é o caso dos povos faxinalenses e caiçaras. Para Little (2003) “o território de um grupo social determinado, incluindo as condutas territoriais que o sustentam, pode mudar ao longo do tempo dependendo das forças históricas que exercem pressão sobre ele”.

São essas forças históricas geográficas que se impuseram na instalação da hegemonia dos grupos latifundiários e suas formas de territorialidade na agricultura brasileira. Mesmo que esse processo não tenha sido homogêneo, nem completo, essa hegemonia dos latifundiários e do agronegócio se impôs sobre uma imensa parcela da área que hoje é o Brasil, de tal forma que todas as demais territorialidades são obrigadas a confrontá-la.

As formas de agricultura e suas técnicas estão diretamente vinculadas às práticas territoriais dos latifundiários e tendem a ocultar outros tipos de territórios e territorialidades, como é o caso dos camponeses faxinalenses e quilombolas nas formas e práticas da agricultura tradicional. A existência de outros territórios e territorialidades representa um desafio para a ideologia territorial dos latifundiários e do agronegócio, particularmente para sua noção de soberania.

A existência das novas frentes de expansão do século XX fundamentalizou a nova onda de territorializações no Brasil, de 1930 a 1970. Uma série de movimentos migratórios e pesados investimentos em infra-estrutura, modificou de forma contundente as relações fundiárias existentes no país, atingindo também os diversos povos tradicionais. A expansão para o oeste do Paraná foi seguida pela Marcha para o Oeste, centrada nos Estados de Goiás e Mato Grosso. A construção de Brasília deslocou muitos nordestinos para a região. A construção das primeiras grandes estradas amazônicas - Belém - Brasília, Transamazônica, Cuiabá - Santarém - teve a função de dar acesso a vasta Região Norte para colonos, garimpeiros, fazendeiros, comerciantes e grandes empresas procedentes de outras regiões do Brasil. (LITTLE, 2003, p. 266).

A questão territorial do país vista sob a ótica dos povos tradicionais, defende um outro enfoque, um outro olhar, no século XXI, o respeito à diferença, o direito geo-histórico no âmbito legal, étnico, social e cultural também. As conflitualidades e as novas políticas territoriais são disputadas entre a classe dominante (latifundiários e Estado) que “detém controle exclusivo sobre os aparelhos militares e de policiamento, e, por outro lado, os múltiplos povos tradicionais economicamente marginais e politicamente desarticulados entre si” (LITTLE, 2003, p. 279).

É neste contexto que queremos refletir sobre os modelos de produção agrícola, bastante distintas: a agricultura camponesa familiar, discutida anteriormente e retratada entre as comunidades tradicionais da pesquisa, e a agricultura patronal, hoje no que se convencionou chamar de “agronegócio”, direcionada para a exportação de *commodities*<sup>80</sup> e a geração de mercado de câmbio para elevar o crescimento da balança comercial brasileira.

O agronegócio se caracteriza pela produção baseada na monocultura de produtos cujos valores são ditados pelas regras do mercado internacional, como a soja, milho, trigo, algodão, café, etc., pela utilização de insumos químicos (agrotóxicos), máquinas agrícolas, pacotes tecnológicos (recentemente as sementes transgênicas), padronização e uniformização dos sistemas produtivos e consolidação das grandes empresas agroindustriais. (SANTILLI, 2009, p. 82).

A agricultura do agronegócio é procedente das transformações entre a década de 1970/80, com a “Revolução Verde”, transformações estas que provocariam nos anos posteriores profundos impactos sociais, econômicos, culturais e ecológicos: concentração de terra, destruição de culturas (formas de conhecimento e visões de mundo), êxodo rural, desigualdades sociais, impactos na saúde da população e principalmente degradação ambiental por utilização de agrotóxicos.

A utilização dos insumos agrícolas industrializados é prejudicial à saúde e segundo dados da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), o Brasil é o maior mercado consumidor de agrotóxicos do mundo, ultrapassando a marca de um milhão de toneladas por ano, o que equivale a um consumo médio de 5,2 kg de veneno agrícola por habitante.

Os impactos socioambientais do modelo de produção agrícola gerado pela revolução verde se tornaram cada vez mais evidentes: intoxicação alimentar humana e animal, contaminação das águas, solos, natureza, erosão, devastação das florestas, surgimento de pragas mais resistentes aos agrotóxicos, marginalização socioeconômica dos pequenos camponeses, insegurança alimentar, êxodo rural, etc.

Para Santilli (2009, p. 62):

A homogeneização das práticas produtivas e a extrema artificialização dos ecossistemas agrícolas produziram, entre outras conseqüências, uma brutal redução (e, em muitos casos, a eliminação completa) da diversidade de espécies e variedades de plantas cultivadas e de ecossistemas agrícolas existentes no planeta. Ao longo dos últimos cem anos, os agricultores perderam entre 90% e 95% de suas variedades

---

<sup>80</sup> Commodities são produtos de origem agropecuária ou de extração mineral, em estado bruto ou pequeno grau de industrialização, produzidos em larga escala e destinados ao comércio externo. Seus preços são determinados pela oferta e procura internacional da mercadoria. No Brasil, as principais commodities são o café, a soja, o trigo e o petróleo. <https://www.epsjv.fiocruz.br/commodities>.

agrícolas, e há estimativas de que a taxa de perda de diversidade genética vegetal seja atualmente de 2% ao ano.

Neste contexto estão as sementes crioulas. Muitas variedades de espécies e plantas cultivadas se perderam com o pacote tecnológico e as sementes transgênicas. As empresas do ramo químico-farmacêutico viram na biotecnologia agrícola, na transgenia (desenvolvimento da tecnologia do DNA), novas perspectivas comerciais. A transgenia permite a transferência de genes em organismos vivos, como uma evolução do melhoramento genético convencional, já que permite transferir características de interesse agrônomo entre espécies diferentes, com o objetivo de torná-las resistentes a doenças, mais nutritivas, com maior produtividade, entre outras inúmeras aplicações. Dessa forma, a transgenia reduziria muito o tempo necessário para a obtenção de novas variedades.

O mercado financeiro das sementes é controlado pelas grandes empresas como a Monsanto/Bayer, Pioneer, Syngenta (ChemChina), Dow e DuPont, Basf. Elas lideram 65% da venda de sementes no mundo, além da comercialização dos agrotóxicos. Das 94 variedades de plantas transgênicas liberadas, 72 são modificadas para tolerar herbicidas (46 também resistem a insetos). (CNTbio 2020).

Com as sementes híbridas e transgênicas, registrou-se um aumento do poder do capital sobre as sementes. A crescente capacidade de manipulação dos genes dos organismos vivos pelas empresas é uma tentativa de privatização e mercantilização da natureza, contribuindo inevitavelmente, para o desaparecimento de muitas espécies de sementes crioulas. As tentativas de patenteamento de sementes e plantas em função de alteração de genes, o lançamento de novas tecnologias que mudaram as práticas milenares dos camponeses com as sementes crioulas, e a contaminação de cultivos por sementes transgênicas, expressam a monopolização das grandes empresas agroquímicas na agricultura brasileira. Essa monopolização contribuiu para aumentar a desapropriação das sementes dos camponeses tradicionais e o desaparecimento de muitas variabilidades de sementes crioulas.

A Revolução Verde, na década de 1970, foi essencial para consolidar os pacotes tecnológicos como única alternativa do aumento da produtividade e combate à fome. Também foi responsável por acelerar a erosão genética dos organismos vivos, isto é, o extermínio de espécies de plantas, o estreitamento da base genética da humanidade, algo que figura sempre como “um convite para uma epidemia devastadora” (MOONEY, 1987, p. 13).

As empresas agroquímicas adquiriram empresas de sementes, formando grandes corporações, com a finalidade de se apropriar dos organismos vivos e modificá-los (OGM),

disseminar os pacotes tecnológicos, combater indivíduos e/ou comunidades tradicionais que relutem abandonar suas práticas de guardar as sementes crioulas.

Como uma contraposição ao modelo hegemônico da agricultura modernizadora, surgem ações e propostas de desenvolvimento sustentável e revitalização da agricultura tradicional com práticas, técnicas e uso de sementes crioulas nas comunidades tradicionais. Muitos agricultores que permaneceram na agricultura tradicional e uma parcela dos que foram excluídos, por consequência desse processo de modernização no campo, organizaram movimentos de luta ou oposição aos efeitos desse modelo de modernização.

Nos anos de 1970/80, eles lutaram por melhores condições de produção, melhores preços de produtos, e condições de comercialização, como lutaram também, pelo direito a terra e defesa do meio ambiente. Essa luta foi e é constante em nosso país, do início de sua formação, até os dias atuais.

Para Ferreira e Zanoni (1998),

A diversidade de situações sociais em que se encontram os agricultores, de acordo com sua forma de inserção nesse duplo processo de modernização/exclusão, também foi acompanhada por uma forte transformação do meio ambiente, tanto pelo impacto do modelo tecnológico que lhe é subjacente sobre os recursos naturais como no sentido social de *ambiente*: o modelo de modernização parcial e exclusão social corroboram para reproduzir e ampliar as carências de serviços fundamentais no espaço rural brasileiro, ao esvaziar relativamente o campo e manter bloqueadas as possibilidades de desenvolvimento de segmentos importantes da agricultura familiar, com todas as consequências disso para as configurações do rural e das pequenas cidades. (FERREIRA; ZANONI, 1998, p. 20-21).

É o meio ambiente que sofre as consequências de todo esse processo da Revolução Verde e modernização na agricultura, por isso, muitos técnicos e agricultores passam a questionar esse modelo padrão técnicos de produção, por meio de entidades e organizações sociais, como sindicatos de trabalhadores rurais, Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, criada em 1964 (Contag) e Federação das Associações de Engenheiros Agrônomos do Brasil (FAEAB), fundada em 12 de outubro de 1963. O objetivo dessas entidades e organizações era mostrar o desequilíbrio biológico dos ecossistemas agrícolas, a degradação dos solos brasileiros, a baixa qualidade dos alimentos produzidos e as doenças decorrentes do consumo de alimentos com agrotóxicos, como consequências da tecnologia moderna na agricultura.

Os efeitos dessas transformações na agricultura e no espaço rural brasileiro também afetaram no uso das sementes. A maioria dos agricultores, adeptos da modernização passam a comprar sementes do governo e de entidades privadas, as sementes híbridas e transgênicas.



### 3.5.2 AS LEIS DE SEMENTES – DIREITOS INTERNACIONAIS E NACIONAIS DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS

As leis de sementes produzem seus efeitos sobre os sistemas agrícolas, com as políticas de desenvolvimento rural sustentável, segurança alimentar e nutricional, inclusão social, agrobiodiversidade e cultural dos povos tradicionais. Portanto, estas leis devem contemplar a diversidade de sistemas agrícolas e dos sujeitos sociais envolvidos na produção de alimentos.

As sementes crioulas enquanto um conteúdo de política jurídica<sup>81</sup> estão sempre como um ‘Direito em Construção’ que são fruto das lutas que os povos tradicionais travaram em cada tempo histórico e espaço geográfico. Há direitos garantidos no Brasil que estão escritos, presentes nas legislações, constituições e regulamentos e outros reconhecimentos internacionalmente, como tratados, convenções e acordos.

As sementes crioulas podem se encaixar na lógica da circulação de mercadorias, pois é possível identificar nos mecanismos jurídicos algumas qualidades, características que tornam elas estáveis, classificadas, quem produziu, melhorou, tornou elas enquadráveis como mercadoria.

Alguns instrumentos jurídicos internacionais se destacam na luta para assegurar os direitos mínimos às sementes e ao conhecimento tradicional, como: 1967 - a Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI), 1978 - União para a Proteção das Obtenções Vegetais (UPOV), 1994 - Convenção sobre a Diversidade Biológica (CDB), 2001 - Tratado Internacional sobre recursos Fitogenéticos para Alimentação e Agricultura (TIRFAA), 2004 - Protocolo de Cartagena, 2010 - Protocolo de Nagoya, Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho e recentemente a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Camponeses e outras pessoas que trabalham nas Zonas Rurais. Segundo Farias, Andreoli e Isaguirre (2021), essa Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Camponeses ainda não foi assinada e nem ratificada pelo Brasil.

---

<sup>81</sup> Dados de Naiara Andreoli Bittencourt, Doutoranda e Mestra em Direito Humanos e Democracia pelo Programa de Pós Graduação em Direito da UFPR, advogada na Organização de Direitos Humanos Terra de Direitos no eixo de Biodiversidade e Soberania Alimentar, integrante do GT Biodiversidade da Articulação Nacional de Agroecologia, integrante da Rede de Sementes da Agroecologia (RESA). Mesa - Sementes Crioulas: Guardiões, Práticas, Conhecimentos e Direitos, durante o VI Congresso Internacional de Cultura e Educação para a Integração da América Latina (CEPIAL), 2021.

Entre 1958 e 1987, a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID, United States Agency for International Development) apoiou o desenvolvimento de um setor ‘formal’ de produção de sementes melhoradas em 57 países em desenvolvimento. O Programa de Melhoramento e Desenvolvimento de Sementes da Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO) atuou em sessenta países entre 1972 e 1984, enquanto o Banco Mundial financiou treze programas nacionais de sementes e, pelo menos, uma centena de projetos relacionados com a introdução de sementes melhoradas entre 1975 e 1985. O principal objetivo de tais programas era capacitar as instituições agrícolas locais para produzir sementes melhoradas e distribuí-las aos agricultores, bem como criar condições para que o setor privado assumisse a sua produção e comercialização. Foi nesse contexto que surgiram as leis de sementes, destinadas a orientar o desenvolvimento de um setor ‘moderno’ e comercial de produção de sementes (LOUWAARS, 2007, p. 35).

Esses programas de melhoramento de sementes vem ao encontro do pacote da Revolução Verde no Brasil das décadas de 1970 e 1980, onde as sementes cultivadas durante milhares de anos pelos agricultores camponeses, adquiridas por empresas particulares com interesses econômicos, eram melhoradas geneticamente, possibilitando às empresas da biotecnologia chegar aos híbridos e transgênicos. Chama-se a esse modelo de ‘agrícola industrial – o paradigma fixista (ou estático) da variedade’, segundo o biólogo e historiador da ciência Christophe Bonneuil.

Segundo esse biólogo neste modelo agrícola industrial, a variedade agrícola (geneticamente) homogênea e estável é concebida como a ‘forma mais perfeita de variedade’, previsibilidade e estabilidade de valor agrônomo e tecnológico, onde a produção das sementes deveriam ser atividades desenvolvidas apenas por setores profissionais específicos – fitogeneticistas e agrônomos. (Bonneuil *et al.*, 2006). Dessa forma, as variedades locais crioulas seriam muito mais difíceis de descrever e caracterizar sua linhagem, por serem heterogêneas, desconsiderando o papel do melhoramento das sementes desenvolvido pelos agricultores tradicionais, ignorando a evolução das variedades agrícolas no tempo e no espaço e os contextos socioculturais e ambientais em que elas se desenvolvem. (Bonneuil *et al.*, 2006). Este modelo exclui qualquer variedade não adaptada ao modelo agrônomo e tecnológico industrial, reduzindo a agrobiodiversidade e produzindo impactos desfavoráveis para as sementes locais e tradicionais, pois nega o papel dos agricultores como transformadores e detentores de saberes e práticas fundamentais para os sistemas agrícolas e para a manutenção da agrobiodiversidade na agricultura tradicional.

As leis criadas favoreceram o desenvolvimento de um setor de sementes ‘moderno industrial’ e comercial, em que as empresas privadas têm um papel central na produção e comercialização destas sementes. Fundamentaram as leis de sementes aprovadas no período

pós-revolução verde no Brasil com a intenção de promover a ‘modernização’ da agricultura, atendendo aos interesses e às necessidades de uma parcela muito pequena de sujeitos do campo onde não reconhecem a existência de complexos e diversificados sistemas locais e tradicionais de produção, distribuição, comercialização e intercâmbio de sementes, que abrangem extensas redes sociais, reguladas por normas locais. (SANTILLI, 2009, p. 137).

No Brasil mais especificamente, as leis de sementes e as políticas públicas favorecem o desenvolvimento de um setor de sementes ‘moderno comercial’, em que as empresas privadas têm um papel central na produção e comercialização de sementes. As leis de sementes, portanto, impulsionam o sistema ‘formal’ – que empregam tecnologias ‘modernas’ e apresentam alta produtividade de sementes - e tem como objetivo eliminar (ou reduzir ao máximo) os ‘informais’ - variedades e práticas agrícolas tradicionais que são manejadas e controladas pelos próprios agricultores, na produção, multiplicação, distribuição, intercâmbio, melhoramento e conservação de sementes.

Para Santilli (2009, p. 137), esse modelo ‘formal’, agrônômico, tecnológico, não conseguiu impedir, que os “agricultores locais e tradicionais, nos sistemas ‘informais’ continuassem a inovar, selecionando e produzindo suas próprias sementes, desenvolvendo novas variedades e realizando trocas e intercâmbios de sementes e saberes agrícolas”. Nestes sistemas ‘informais’, as extensas e complexas redes sociais que promovem o intercâmbio de sementes, variedades e conhecimentos agrícolas têm papel fundamental na conservação da diversidade genética.

A produção e a comercialização de sementes no Brasil são reguladas basicamente pela Lei de Sementes e Mudas - Lei 10.711 – de 05/08/2003, que dispõe sobre o Sistema Nacional de Sementes e Mudas e “objetiva garantir a identidade e a qualidade do material de multiplicação e de reprodução vegetal produzido, comercializado e utilizado em todo o território nacional”. Essa norma substituiu a lei de sementes anterior nº. 6.507, de 1977, que, por sua vez, revogou a primeira lei de sementes brasileira, a 4.727, editada em 13 de julho de 1965, para regular a fiscalização do comércio de sementes e mudas. (SANTILLI, 2009, p.133).

O grande mérito da primeira Lei de Sementes do Brasil - Lei nº 4.727/65, foi proporcionar à iniciativa privada a estruturação para produzir e comercializar as sementes. Surgem os primeiros produtores, com suas estruturas de beneficiamento e armazenamento, com o objetivo de produzir sementes e atender aos requisitos previstos pela nova Lei (BRASIL, 1965).

Em 1967, foi lançado o Plano Nacional de Sementes (PLANASEM), responsável pela criação da Política Nacional de Sementes, com o estabelecimento das principais diretrizes de competência dos órgãos governamentais para o setor produtivo. O plano regulamentou, também: a) a atuação do poder público na produção de sementes básicas e comerciais; b) a organização de programas de treinamento para os produtores de sementes e mudas; e c) a obrigatoriedade do registro de todas as pessoas e as entidades dedicadas à produção de sementes e mudas. Além disso, em 1967, passou a vigorar em todo o território nacional as Regras para Análise de Sementes (ABRASEM, 2016).

No início da década de 70, por intermédio do PLANASEM, foram criadas as entidades certificadoras, fiscalizadoras, a Comissão Nacional de Sementes e Mudanças (CONASEM) e as Comissões Estaduais de Sementes e Mudanças (CESMs), com as funções de servirem, respectivamente, como fontes consultiva, normativa e informativa. (ABRASEM, 2016).

Em 1977, com a revogação da Lei 4.727/1965, advém a Lei 6.507/77, onde o governo passou a exercer o controle preventivo, atuando nas fases do processo produtivo, instituindo a inspeção e fiscalização da produção e do comércio de sementes em território brasileiro, com o objetivo de garantir, com base em padrões oficiais, a qualidade do material produzido e comercializado, estabelecendo as condições mínimas indispensáveis ao desenvolvimento da indústria de sementes no Brasil (BRASIL, 1977).

*Lei de Cultivares e Lei de Sementes e Mudanças* - No Brasil a Lei 9.456/1997, Lei de Proteção de Cultivares, protege os direitos de propriedade intelectual sobre as Cultivares. Já a Lei 10.711/2003, institui o Sistema Nacional de Sementes e Mudanças e cria dois registros o Registro Nacional de Cultivares (RNC) e o Registro Nacional de Sementes e Mudanças (RenaseM). Mas no seu artigo 11, parágrafo 6º estabelece que não é obrigatória a inscrição no RNC de cultivar local, tradicional ou crioula, utilizada por agricultores familiares, assentados da reforma agrária ou indígenas.

Em seu artigo 11, a produção, o beneficiamento e a comercialização de sementes e mudas estão condicionados à prévia inscrição do respectivo cultivar no Registro Nacional de Cultivares (RNC)<sup>82</sup>. Para ser inscrito no RNC, o cultivar deve ser “claramente distinguível de outros cultivares conhecidos, por margem mínima de descritores e por sua denominação

---

<sup>82</sup> O Registro Nacional de Cultivares (RNC) integra a estrutura da Coordenação de Sementes e Mudanças, do Departamento de Fiscalização de Insumos Agrícolas da Secretaria de Defesa Agropecuária, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

própria”, além de ser “homogêneo e estável quanto aos descritores através de gerações sucessivas” (Lei 10.711/2003, art. 2º, XV). Para ser homogêneo e estável, o cultivar deve apresentar variabilidade mínima quanto à altura da planta, largura da folha, período de floração, pigmentação, e manter sua homogeneidade por meio de gerações sucessivas. Estes critérios excluem as variedades mais bem adaptadas às condições locais, as sementes crioulas, justamente por serem heterogêneas, geneticamente diversas, resistentes, capazes de adaptação a condições adversas e ao desenvolvimento de características necessárias à sobrevivência por seleção natural.

Para a inscrição no Renasem existem diversos critérios. Além dos documentos pessoais e requerimentos de cadastros, os produtores de mudas devem apresentar, segundo o estabelecido no Decreto 5.153/2004:

a) relação de equipamentos e memorial descritivo da infraestrutura, de que conste a capacidade operacional para as atividades de beneficiamento e armazenagem, quando próprias; b) contrato de prestação de serviços de beneficiamento e armazenagem, quando estes serviços forem realizados por terceiros (Decreto 5.153/2004, artigo 5º, parágrafo 1º, inciso I); e c) termo de compromisso firmado pelo responsável técnico. Já o produtor de mudas deve apresentar: a) relação de instalações e equipamentos para produção, da qual conste a capacidade operacional, própria ou de terceiros; b) memorial descritivo, do qual conste a capacidade operacional das instalações e dos equipamentos da unidade de propagação *in vitro*, própria ou de terceiros; e c) termo de compromisso firmado pelo responsável técnico (Decreto 5.153/2004, D.O.U de 26/07/2004, p. 6).

A inscrição de um novo cultivar no RNC está sujeita à comprovação de que ele possui valor de cultivo e uso (VCU), o “valor intrínseco de combinação das características agrônômicas do cultivar com as suas propriedades de uso em atividades agrícolas, industriais, comerciais ou consumo *in natura*” (LEI 10.711/2003, art. 2º). Já a permanência da inscrição de um cultivar no RNC, de acordo com o § 3º, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, poderá aceitar mais de um mantenedor da mesma cultivar, desde que comprove possuir condições técnicas para garantir a manutenção da cultivar, mas se deixar de fornecer as sementes, deverá ter o nome excluído do registro.

Quando os cultivares registrados cai em domínio público, as empresas de sementes já não têm interesse em mantê-los no mercado, pois não rendem *royalties* aos seus obtentores e os agricultores passam a não ter acesso a tais variedades. A falta de acesso a estas variedades impossibilita o seu uso, o que acaba levando ao desaparecimento de muitas variedades crioulas e a redução da agrobiodiversidade. (SANTILLI, 2009, p. 151).

A Lei de Cultivares e Lei de Sementes e Mudas definiram e delimitaram, também, as isenções para as sementes de cultivar local, tradicional ou crioula:

Variedade desenvolvida, adaptada ou produzida por agricultores familiares, assentados da reforma agrária ou indígenas, com características fenotípicas bem determinadas e reconhecidas pelas respectivas comunidades e que, a critério do Mapa, considerados também os descritores socioculturais e ambientais, não se caracterizem como substancialmente semelhantes às cultivares comerciais. (Art. 2º.) (Art. 8º, §3º): “Ficam isentos da inscrição no Renasem (Registro Nacional de Sementes e Mudanças) os agricultores familiares, os assentados da reforma agrária e os indígenas que multipliquem sementes ou mudas para distribuição, troca ou comercialização entre si” (LEI 10.711/2003).

Desde que a distribuição, troca e mesmo a venda de sementes e mudas sejam realizadas entre os próprios agricultores, não há necessidade de inscrição no RENASEM.

Entretanto, o Decreto 5.153/2004, regulamentou a referida exceção legal no artigo 4º, parágrafo 3º, “ficam dispensadas de inscrição no RENASEM as organizações constituídas exclusivamente por agricultores familiares, assentados da reforma agrária ou indígenas que multipliquem sementes ou mudas de cultivar local, tradicional ou crioulo para distribuição aos seus associados”. Este Decreto faz uma distinção que a Lei de Sementes não faz: Os agricultores poderão se organizar em associações, cooperativas ou sindicatos para desempenhar tais atividades (distribuição, troca ou comercialização), e o decreto não pode estabelecer que a distribuição deva se limitar aos associados de tais organizações. (SANTILLI, 2009, p. 155-156).

Este Decreto foi revogado, entrando em vigor o Decreto Nº 10.586, de 18 de dezembro de 2020. Em seu Art. 4º, (parágrafo 1º), ficam isentos da inscrição no Renasem: I - aqueles que: b) multipliquem sementes ou mudas somente para distribuição, para troca e para comercialização entre si ou para atendimento de programas governamentais, ainda que localizados em diferentes unidades federativas; II - associações e cooperativas de agricultores familiares que distribuam, troquem, comercializem e multipliquem sementes ou mudas, desde que sua produção seja proveniente exclusivamente do público beneficiário de que tratam a Lei nº 11.326, de 2006, e seus regulamentos; III - os comerciantes que comercializem exclusivamente sementes e mudas para uso doméstico; e IV - as pessoas físicas ou jurídicas que importem sementes ou mudas para uso próprio em área de sua propriedade ou de que tenha a posse. (Decreto 10.586. D.O.U de 21/12/2020, p. 2).

Com este Decreto, os agricultores das comunidades tradicionais ficam isentos de registros no Renasem das variedades de suas sementes crioulas, podendo comercializá-las livremente. Os agricultores podem criar suas organizações – cooperativas, associações, sindicatos, etc, - e realizar a distribuição, troca e comercialização de sementes entre si, pois o direito a associar-se está previsto no artigo 5º, XVII, da Constituição Federal, e o direito de

distribuir, trocar e vender (entre si) está previsto na Lei de Sementes (Artigo 8º, parágrafo 3º, Decreto 10.586/20).

O direito de produção, multiplicação, troca e comercialização são, por sua própria natureza, direitos coletivos dos agricultores e, portanto, nada mais legítimo que o exerçam de forma coletiva em suas organizações. Além disso, “o fluxo e o intercâmbio de sementes – por troca ou venda – e de saberes agrícolas são essenciais para a conservação da agrobiodiversidade” (SANTILLI, 2009, p.157).

A FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura -ONU), alerta os países latino-americanos a respeito da necessidade de proteção dos interesses dos pequenos agricultores. Destaca ainda que nos sistemas locais os agricultores compartilham, trocam ou vendem, a preços baixos, as sementes para outros agricultores, e que as vantagens representadas pelo baixo preço, pela adaptabilidade e pelo fácil acesso acabam compensando eventuais diferenças qualitativas em relação às sementes comerciais. (FAO, 2000).

As preocupações ambientais e de desenvolvimento sustentável, está nas discussões de diferentes sujeitos do mundo rural – agricultores, suas organizações, técnicos ligados à extensão e pesquisa rural, pesquisadores de estudos rurais e agrários e com destaque os “*guardiões e redes de trocas de sementes crioulas*”.

Nas comunidades tradicionais existe ainda hoje um número considerável de propriedades rurais que guardam sementes e mantêm plantas cultivadas que só foram melhoradas pelas mãos de agricultores e agricultoras, chamadas de variedades tradicionais, antigas ou crioulas. Embora a Revolução Verde, em função da transformação de agroecossistemas em monocultivos de variedades de estreita base genética, tenha sido responsável pela perda de grande parte da diversidade e variabilidade das sementes, estas sementes crioulas, detêm a maior variabilidade dentre as plantas cultivadas e são mantidas através de bancos de sementes de agricultores em grande parte do mundo e do Brasil.

Atenção especial deve ser dada às comunidades agrícolas tradicionais, com destaque, faxinalenses, quilombolas e caiçaras, não só como mantenedoras da diversidade biológica natural, em função de suas práticas agrícolas de baixo impacto, mas também como guardiãs da variabilidade e biodiversidade das plantas cultivadas e do conhecimento associado a toda essa riqueza.

As sementes locais, tradicionais ou crioulas, para SANTILLI, (2009, p. 158), são conhecidas como “sementes da biodiversidade” e são aquelas que possuem a maior parte da variabilidade vegetal das plantas cultivadas. São variedades desenvolvidas, adaptadas ou

produzidas por camponeses familiares e comunidades tradicionais, portanto, são às comunidades locais e tradicionais que devem definir os critérios para a identificação e a caracterização das variedades que desenvolveram, produziram ou se adaptaram às condições socioambientais locais e específicas, assim como os critérios para diferenciá-las dos cultivares formais e comerciais.

Para Paulo Petersen (2007, p.2), da AS-PTA<sup>83</sup>, as “sementes da biodiversidade” são mantidas por agricultores como um patrimônio essencial a reprodução de seus modos de vida e suas práticas cotidianas. “São bens naturais e culturais ao mesmo tempo, possuindo características genéticas moldadas por processos de escolha consciente realizados pelos agricultores”.

Para o agrônomo Jack Harlan, as variedades tradicionais:

As variedades tradicionais têm uma certa integridade genética. Elas podem ser reconhecidas morfológicamente; os agricultores dão nomes a elas<sup>84</sup> e as diferentes variedades diferem em relação à adaptação ao tipo de solo, ao tempo de semeadura, à data de maturidade, altura, valor nutritivo, uso e outras propriedades. O mais importante – elas são geneticamente diversas. São populações equilibradas mas variáveis, em equilíbrio com o ambiente e os patógenos, e geneticamente dinâmicas. (HARLAN, 1975).

Para que essas variedades sejam reconhecidas como tradicionais o Ministério da Agricultura, em 2007, editou a Portaria 51, em 3 de outubro de 2007, que estabelece: Art. 3º Poderá ser cadastrada cultivar local, tradicional ou crioula, assim entendida variedade que, cumulativamente: I - tenha sido desenvolvida, adaptada ou produzida por agricultores familiares, assentados da reforma agrária, povos e comunidades tradicionais ou indígenas; II - tenha características fenotípicas bem determinadas e reconhecidas pelas respectivas comunidades; III - esteja em utilização pelos agricultores em uma dessas comunidades há mais de três anos; IV - não seja oriunda de manipulação por engenharia genética nem outros processos de desenvolvimento industrial ou manipulação em laboratório, não contenha transgenes e não envolva processos de hibridação que não estejam sob domínio das comunidades locais de agricultores familiares. § 1º Pela sua própria natureza e tradição histórica, as cultivares locais, tradicionais ou crioulas constituem patrimônio sociocultural das

---

<sup>83</sup> Assessoria e Serviços a Proteção em Agricultura Alternativa. [www.aspta.org.br](http://www.aspta.org.br). PETERSEN, Paulo. Editorial. **Agriculturas**: experiências em agroecologia. v.4, n.3, out.2007.

<sup>84</sup> O nome das variedades locais está geralmente associado à forma, cor, tamanho, a usos específicos, à sua origem, à pessoa ou família que introduziu a variedade em determinado local, ou a selecionou e guardou. Exemplos de variedades das comunidades pesquisadas no Paraná: Milho cunha -tem a espiga e os grãos no formato de uma cunha, feijão milico- porque é verde igual a cor do uniforme dos soldados chamados de milicos, feijão chocolate - porque é igual a cor do chocolate, assim é o vinagrinho, o rosinha, o canarinho que é amarelinho igual ao pássaro canário. Feijão sojinha, igual a soja branca. Feijão do divino, porque têm em sua característica o desenho da pomba do espírito santo, entre muitos outros, nominados pela sabedoria popular.



comunidades, não sendo aplicável patente, propriedade e nenhuma forma de proteção particular para indivíduos, empresas ou entidades (Portaria MDA nº 51 de 03/10/2007, Norma Federal - DO em 04 out 2007).

Queremos destacar a Lei de Biodiversidade (Lei 13.123/2015), denominada Lei da Biopirataria pelos movimentos camponeses e de povos e comunidades tradicionais, também trata de cadastros referentes ao acesso ao patrimônio genético e aos conhecimentos tradicionais e a repartição de benefícios consequente da sua exploração econômica. Conforme o parágrafo 3º, artigo 9º da referida lei, ela excluiu as sementes ou as variedades agrícolas do sistema de repartição de benefícios de conhecimentos tradicionais associados ao patrimônio genético, já que estas variedades compreendem o “acesso ao conhecimento tradicional associado não identificável” (Lei 13.123/2015). No entanto, “grande parte do conhecimento genético que pode vir a ser classificado como de origem não identificável é fruto de anos, décadas ou até séculos de trabalho de seleção e adaptação dos povos indígenas e povos e comunidades tradicionais” (MONTEIRO, 2017, p. 153).

A Lei 13.123/2015 foi um importante passo para beneficiar as empresas sementeiras, farmacêuticas, do agronegócio, permitindo o patenteamento de produtos oriundos da biodiversidade brasileira, bem como dos conhecimentos advindos das pesquisas científicas. Segundo a Lei, patrimônio genético é qualquer “informação de origem genética de espécies vegetais, animais, microbianas ou espécies de outra natureza, incluindo substâncias oriundas do metabolismo destes seres vivos” (Lei 13.123/2015, Artigo 2º, inciso I). Esse patrimônio genético que é alvo das empresas e pesquisadores, utilizados como um meio mais rápido de se alcançar resultados no desenvolvimento de produtos comerciais. As sementes, plantas, práticas e sabedorias tradicionais podem apontar interesses farmacológicos ou mesmo industriais. Dessa forma, as empresas podem acessar com os guardiões esses conhecimentos, entrar no nicho mercadológico, estabelecer propriedade irregular e conseguir lucros.

Para o Grupo de Trabalho - Biodiversidade da Articulação Nacional de Agroecologia e Terra de Direitos (2020),

Os saberes que as e os agricultores familiares, indígenas, quilombolas e povos e comunidades tradicionais desenvolveram sobre a diversidade biológica são conhecidos como “conhecimento tradicional associado”, porque é um saber associado à biodiversidade. São saberes ancestrais, passados de geração em geração, de comunidade para outra comunidade, desenvolvidos em total intimidade com o meio. Assim, são conhecimentos ricos, complexos e valiosos. São *saberes, práticas religiosas e sobre as necessidades das plantas, das sementes e dos animais para se adaptarem ao ambiente em que vivem*. Por serem muito ricos e úteis, estes saberes também são alvo das indústrias e dos cientistas. Segundo a importante ativista ambiental indiana Vandana Shiva (2001), dos 120 princípios ativos atualmente

isolados de plantas utilizados na medicina moderna, 75% (setenta e cinco por cento) tiveram utilidades identificadas pelas comunidades tradicionais (grifo nosso).

Muitos dos conhecimentos e saberes tradicionais, ou mesmo as sementes e plantas, estão vinculados a um único povo, comunidade ou agricultor. Isto quer dizer que a Lei ao estabelecer dois tipos ou duas categorias de conhecimentos tradicionais, um de origem identificável e outro não identificável, a Lei está abandonando a ideia de território, como se o patrimônio genético e o conhecimento a ele associado não estivessem ligados a um ou mais espaço geográfico, e até mesmo a um território/territorialidade.

A Lei 13.123/2015 usa o termo ‘agricultor tradicional’ para se referir a qualquer “pessoa natural que utiliza variedades tradicionais locais ou crioulas ou raças localmente adaptadas ou crioulas e conserva a diversidade genética, como provedora de conhecimento tradicional”. Dessa forma, para esta Lei, qualquer pessoa, que plantar sementes crioulas pode ser reconhecida como “provedora de conhecimento tradicional”, sem considerar a territorialidade, elementos como o local, as tradições, o bioma e a cultura de onde decorrem as práticas de uso e troca dos conhecimentos tradicionais e saberes populares<sup>85</sup>.

Para Saquet (2003, p.98), “não há sociedade sem natureza, nem natureza sem sociedade. A territorialização se efetiva nesta relação sociedade-natureza, mediada pelas territorialidades”. As forças sociais efetivam o território no espaço geográfico, centrado na territorialidade cotidiana dos indivíduos e advindo dela, em diferentes temporalidades e territorialidades, que condicionam nossa vida cotidiana (SAQUET, 2007, p. 128). O conhecimento tradicional é a relação do povo, comunidade ou agricultor com o território onde esse mesmo conhecimento foi adquirido, na relação sociedade/natureza, na cotidianidade, no coletivo sociocultural. Cristalizam-se novas territorialidades e interesses predominantemente socioculturais e políticos, que dão certa forma ao território e aos territórios.

Pelo Decreto 8772/2016: “a população indígena, comunidade tradicional ou agricultor tradicional poderá negar o consentimento ao acesso a seu conhecimento tradicional associado de origem identificável”, conquista realizada a partir da luta conjunta de povos indígenas, camponeses, povos e comunidades tradicionais. Por este Decreto, para que um pesquisador ou uma empresa acesse o conhecimento tradicional, os agricultores, povos e comunidades tradicionais precisam consentir. É necessário, portanto, que o pesquisador ou a empresa peça autorização. A lei estabelece que esse consentimento deve ser apenas “prévio” e

---

<sup>85</sup> GT - Biodiversidade da Articulação Nacional de Agroecologia e Terra de Direitos, 2020.

“informado”, pode ser de forma escrita, registros audiovisuais, ou parecer do órgão responsável. Mas quem define são as comunidades e povos tradicionais.

Os guardiões e guardiãs têm a liberdade de definir a melhor forma de registrar e comprovar o possível consentimento. Segundo o decreto que regulamenta a lei, as empresas e os pesquisadores deverão “respeitar as formas tradicionais de organização e representação de população indígena, comunidade tradicional ou agricultor tradicional e o respectivo protocolo comunitário, quando houver” (Artigo 15).

O direito de propriedade intelectual sobre a melhoria das sementes crioulas deve ser constantemente analisado e revisto pelas leis, como uma luta constante da formação coletiva e comunitária do conhecimento, além da valorização das comunidades tradicionais que cultivaram e ampliaram esses conhecimentos durante séculos. A grande preocupação dos agricultores tradicionais é a manutenção das sementes em seu poder, pois há uma desconfiança de que empresas transnacionais da área da biotecnologia desejam se apropriar dessas sementes, tornando-se “proprietárias” das mesmas através das ‘patentes’<sup>86</sup>.

O patenteamento é uma das formas de proteção da propriedade intelectual mais difundida. O titular de uma patente recebe do Estado o direito exclusivo de utilizá-la, pelo qual pode impedir terceiros de utilizar o uso de sua tecnologia patenteada. O titular da patente é o único que está em condição de fazer uso da tecnologia protegida, e pode, como um bem patrimonial, alugar, licenciar, trocar ou até mesmo vender esta patente.

Na atual conjunta econômica mundial seria inaceitável deixar de debater e até realizar patenteamentos de novas descobertas, estas, porém, deveriam respeitar a contribuição da coletividade, da própria natureza, valorizar os conhecimentos e produções intelectuais produzidos e acumulados pelos povos tradicionais. Infelizmente, os acordos internacionais não levam em consideração a dedicação de anos de trabalho contínuo dos povos tradicionais, dos agricultores e pesquisadores. As patentes com meros interesses financeiros servem como mecanismo de exploração econômica, com objetivo de obter lucro fácil e rápido.

---

<sup>86</sup> Patente são "título concedido pelo Governo ao autor de uma criação inventiva suscetível de utilidade comercial para efeito de garantir-lhe a propriedade e o uso exclusivo da mesma, durante determinado prazo, previsto na lei." Uma patente só é válida no país que a concedeu. O direito de exclusividade do obtentor de uma patente é de 20 anos. Depois desses 20 anos, tecnicamente essa patente passa ao domínio público e qualquer um pode utilizá-la livremente. As patentes biotecnológicas sobre produtos ou processos relacionados com o material genético presentes nas células de qualquer tipo de organismo vivo. A patente se concede ao produto isolado e purificado, não ao produto em seu estado natural. Fonte: <https://seednews.com.br/artigos/558-as-patentes-e-a-industria-de-sementes-edicao-maio-2013>.

Essa reflexão traz a perspectiva de construir uma proposta alternativa, de visualizar o trabalho intelectual, levando em consideração os aspectos culturais, históricos e coletivos, presentes no trabalho dos guardiões de sementes, detentores de um potencial intelectual na produção, melhoramento e guarda das sementes crioulas. Essa melhoria, produzida nas sementes crioulas, pelos guardiões das mesmas, passa a ter um valor, não só econômico, mas também como produção de conhecimento e de tecnologia. As sementes cultivadas durante milhares de anos, com melhoramentos genéticos artesanais, permanentes, é que possibilitaram às empresas da biotecnologia chegar aos híbridos e transgênicos. Portanto, seriam não seriam dos povos tradicionais o direito legítimo das patentes destas sementes?

As patentes são associadas a uma ferramenta que gera monopólios ou oligopólios. No contexto atual econômico capitalista, a discussão é em relação às patentes adquiridas através do melhoramento tecnológico das sementes que já existiam, como no caso do milho. O que se pode patentear é algo novo, que seja “resultado de uma atividade inventiva (que não seja obvio para um especialista na matéria), que seja passível de aplicação industrial”, segundo Miguel Angel Rapela<sup>87</sup> (2013).

O questionamento que colocamos é que no caso das sementes crioulas, não foi inventado algo novo, a semente já existia, foi melhorada geneticamente, e requerido seu patenteamento pelo modelo produtivo do agronegócio. As sementes crioulas foram sendo substituídas inicialmente por variedades comerciais, posteriormente pelos híbridos e mais recentemente pelos transgênicos (organismos geneticamente modificados - OGM), derivados deste patenteamento por grandes empresas internacionais. Essas sementes se tornaram mercadoria, deixando os agricultores refém das indústrias de sementes que controlam a produção, pela oferta do material genético, e também pela monopolização de diversos outros meios técnicos.

Para Rapela (2013), o que “não” se pode patentear são os processos essencialmente biológicos para a reprodução, ou propagação de plantas ou animais, o material biológico e genético tal como se encontra na natureza, as variedades vegetais, então, as sementes crioulas estão neste processo, a semente já existia na natureza, faz parte dela, foi melhorada geneticamente pelo conhecimento e práticas produtivas dos povos tradicionais, dessa forma, deveriam ser reconhecidas sua patente para estes mesmos povos tradicionais? A justificativa

---

<sup>87</sup> <https://seednews.com.br>

para a concessão as grandes empresas é que a patente se concede ao produto isolado e purificado, não ao produto em seu estado natural.

A maioria dos países permite a patente de sequências de DNA, sempre que seja possível demonstrar que não está sendo patenteado algo preexistente. As construções genéticas nos processos de transformação de plantas e sementes com o objetivo de desenvolver variedades transgênicas, são consideradas patenteáveis. Sendo assim, no Brasil tem se concedido inúmeras destas patentes para o enriquecimento do mercado financeiro na agricultura do agronegócio.

A produtividade e o rendimento das sementes patenteadas (com melhoramento genético) favorecem o grande latifundiário, e o desempenho destas sementes é muito inferior em relação ao desempenho das sementes crioulas locais. O processo de substituição das sementes crioulas por sementes “melhoradas, patenteadas” causou perdas irreparáveis de grande parte da agrobiodiversidade. De Boef (2007) adverte que além da perda física, a modernização da agricultura impactou profundamente o conhecimento tradicional de cultivos, a cultura local, os costumes alimentares e as relações sociais das comunidades tradicionais.

As patentes na área da biotecnologia, sementes e genética vegetal, seguirão por muito tempo coexistindo na agricultura do campo. O que deveria ocorrer é uma relação harmoniosa, na produção da agricultura convencional moderna, e a agricultura dos povos tradicionais, para que as sementes híbridas e transgênicas, não contaminassem as sementes crioulas, fossem respeitados os conhecimentos e práticas tradicionais, para não perdermos diversas variedades da agrobiodiversidade no espaço e tempo.

Movimentos sociais de camponeses que trabalham com as sementes crioulas defendem a igualdade de direito ao acesso dos benefícios da natureza. Portanto, é necessário discutir formas de proteger os direitos de propriedade intelectual coletiva e que seja assegurada a transferência de tecnologias das grandes empresas e países desenvolvidos para os demais países, bem como, criados mecanismos de proteção à biodiversidade, prevalecendo o desenvolvimento social, econômico e cultural da população, a partir da exploração controlada dos seus recursos genéticos. Desde que o homem inventou a agricultura existe experimentação genética, a seleção das melhores mudas e sementes para o cultivo, são formas de manipulação genética. Quando as empresas da biotecnologia requerem o patenteamento de formas de vida, elas estão reduzindo a natureza a uma exploração econômica, provocando um desmonte da cultura dos povos tradicionais, de classificar, melhorar e produzir suas próprias sementes. Com a intenção de continuar com as sementes em suas mãos e protegê-las, esses

camponeses tradicionais desafiam o sistema e a si próprios, para que, sobre elas, possam depositar o resultado de seus aprendizados permanentes resultantes de cada plantio, de cada colheita e da troca efetivada entre eles.

### 3.6 A AGROBIODIVERSIDADE: UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO

O Brasil foi um dos primeiros países a assinar a Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB) na ECO-92, sendo ratificada pelo Congresso Nacional em maio de 1994. Essa Convenção vem reforçar a defesa da Biodiversidade como o conjunto de toda a vida em nosso planeta, incluindo o termo “diversidade”, como à pluralidade de formas de vida, humana ou não, bem como à multiplicidade de arranjos sociais, religiosos, tecnológicos e institucionais, necessários e adequados às realidades de diferentes agrupamentos humanos e à sustentabilidade ambiental da região onde vivem.

Neste contexto, está a agricultura camponesa de comunidades tradicionais com sementes crioulas, que incorporam valores culturais, sociais e econômicos e promovem formas de manejo sustentável dos recursos naturais. A CDB reconhece no seu preâmbulo, a dependência de recursos biológicos de muitas comunidades locais com estilos de vida tradicionais:

[...] respeitar, preservar e manter o conhecimento, inovações e práticas das comunidades locais e populações indígenas com estilos de vida tradicionais relevantes à conservação e utilização sustentável da diversidade biológica. [...] incentivar sua mais ampla aplicação com a aprovação e participação dos detentores desses conhecimentos. (BRASIL, 2006, Art 8(j)).

Dentre esses saberes das comunidades locais estão os sistemas de cultivo e manejo dos agrossistemas. As formas atuais de agricultura ecológica foram inspiradas pelos sistemas tradicionais de manejos dos recursos naturais.

A Agrobiodiversidade, que não está contemplado no texto da CDB, mas foi instituída na 5ª. Conferência das Partes da Convenção<sup>88</sup>, realizada em Nairobi. A agrobiodiversidade, ou diversidade agrícola, engloba todos os elementos que interagem na produção agrícola. É o resultado da interação entre o meio ambiente, recursos genéticos e os sistemas de gestão e práticas utilizadas, incluindo a variedade e diversidade de animais, plantas e microorganismos

---

<sup>88</sup> COP5 Decision V/5 – Agricultural biological diversity: review of phase I of the programme of work and adoption of a multi –year work programme. May 2000 (CONVENÇÃO, 2008).

que são necessários para sustentar as funções, estruturas e os processos do ecossistema agrícola. Então, o conhecimento local e a cultura podem ser considerados integrantes da agrobiodiversidade.

As intervenções humanas são também fundamentais para a compreensão da agrobiodiversidade, pois é necessário compreender as diferentes práticas de manejo dos agroecossistemas, os saberes e os conhecimentos agrícolas tradicionais relacionados às festividades, cerimônias religiosas, alimentação (uso culinário), ervas medicinais, etc. Então podemos dizer que a agrobiodiversidade é resultado da interação entre: sistemas de cultivo, espécie, variedades, raças, diversidade humana e diversidade cultural.

Dentro de todo este processo estão as “sementes crioulas” que fazem parte do saber local, dos recursos naturais e agroecológicos. A conservação e plantio de sementes crioulas fazem parte de sistemas agroecológicos que se relacionam com a agrobiodiversidade, pois interage com valores socioculturais, manejo ecológico dos recursos naturais e manejo integrado dos agroecossistemas, o que trará a sustentabilidade. Portanto, percebemos que deve haver uma forte relação de harmonia contínua entre estes processos, pois se não existir essa preocupação, haverá desequilíbrio, que pode ser natural ou por intervenção humana, ocasionando erosão e como consequência fome e miséria. A utilização da agrobiodiversidade, com enfoque agroecológico, é um dos componentes fundamentais para a prática de uma agricultura sustentável.

Segundo Santilli (2012), a agrobiodiversidade ainda é um conceito em formação e que não encontrou ainda seu lugar e reconhecimento no mundo jurídico. Não há nenhuma lei socioambiental específica consagrada a agrobiodiversidade ou para a conservação da biodiversidade agrícola. Para esta autora:

O conceito de ‘agrobiodiversidade’ reflete as dinâmicas e complexas relações entre as sociedades humanas, as plantas cultivadas e os ambientes em que convivem, repercutindo sobre as políticas de conservação dos ecossistemas cultivados, de promoção da segurança alimentar e nutricional das populações humanas, de inclusão social e de desenvolvimento rural sustentável. (SANTILLI, 2012, p.458).

Sendo a agrobiodiversidade a relação entre a ação das sociedades com as sementes ou plantas cultivadas, ela inclui a diversidade de espécies, como o milho, o arroz, o feijão, a abóbora, os legumes, verduras, bem como, a diversidade genética, variedades diferentes de milho, feijão, ou outras sementes. Mas também podemos incluir nesta agrobiodiversidade as práticas e diversidades agrícolas, como os sistemas de corte, queimada e pousio, também chamados de coivara ou itinerantes, e os sistemas agroflorestais. São as práticas de manejo,

cultivo e seleção de espécies, principalmente as sementes “crioulas”, as responsáveis pela grande diversidade de plantas cultivadas e de agroecossistemas de agricultores tradicionais. Portanto, não se pode tratar a agrobiodiversidade dissociada dos processos e das práticas culturais e socioeconômicas que a determinam e a condicionam. Podemos considerar os sistemas socioeconômicos e culturais como condicionantes que geram e constroem a diversidade agrícola.

A agrobiodiversidade pode se expressar nas plantas e sementes, pela variação de cor, forma, altura, tamanho, formato das folhas, e também pelas variações genéticas. A extinção dos saberes, das práticas e dos conhecimentos agrícolas com as sementes crioulas, podem ser considerados fatores da diversidade agrícola estar ameaçada, e essas práticas da agrobiodiversidade constitui a base da sobrevivência de muitas populações rurais, principalmente as de baixa renda.

As comunidades tradicionais faxinalenses e quilombolas têm em sua formação uma ampla rede de significados e saberes com a agrobiodiversidade, que foram se consolidando através dos tempos. À medida que essas comunidades foram se transformando, foram alterando e moldando a agrobiodiversidade conforme suas necessidades e exigências, e é ela com suas funções diferenciadas, que compõem o conjunto de saberes dessas comunidades.

O conhecimento local e a cultura com as sementes crioulas podem ser considerados integrantes da agrobiodiversidade nas comunidades faxinalenses e quilombolas, pois é a atividade humana do plantio, agricultura e suas técnicas que molda e conserva esta biodiversidade. As espécies cultivadas que compõem o agroecossistema, constituem um patrimônio o qual é a base alimentar e a fonte de matéria-prima para inúmeras atividades de populações locais. Essas populações contribuem no processo de seleção e adaptação desses cultivos para a realidade local (OLIVEIRA, 2006).



## CAPÍTULO 4

### ENTRE ROÇAS E SEMENTES: andanças pelas territorialidades dos camponeses

Na história há diversos tempos e relatos  
acerca dos fatos e dos espaços ocupados,  
tomados, grilados, apropriados pelos povos.  
Uns, os tempos dominantes, são muito lembrados, contam contos  
que dão honras e pontos aos conquistadores.  
Outros são tempos de povos resilientes e dominados.  
Geralmente estes são esquecidos, enterrados.  
Mas, ainda assim, os feitos e falas dos povos abafados  
teimam em permanecer sob formas vivas: afloram mediante os cotidianos resgates  
de *contações*, relatos, narrativas pequenas que, mesmo em forma de cacós,  
insistem em não sumir das coletivas cenas.  
Estes tempos, portanto, comportam eventos de povos esquecidos não lembrados ou mal contados.  
[...] dos povos da história banidos apenas são recobrados (re)lembrados, (re)tomados, registrados  
mediante relatos resistentes colhidos de fragmentos banais,  
furos de rádio, tv, jornais e sobretudo de fatos oriundos de cotidianos relatos orais[...].  
(Poema: “Tempos da História” – Autor: Luiz Carlos Flávio)<sup>89</sup>

Ao caminharmos pelas comunidades tradicionais buscamos sentir nas narrativas dos sujeitos, as emoções que perpassam as suas histórias, como construíram no tempo e espaço as representações que guiaram seus conhecimentos e ações. É necessário fazermos uma reflexão de que os espaços e tempos destas comunidades acontecem pela representação que eles produzem de suas práticas, saberes e produções.

As comunidades tradicionais trazem em sua essência um conjunto de conhecimentos, tradições, instituições, cultura material/imaterial acumulados pelas gerações anteriores. Esses fatores, de acordo com o estilo de vida e pequenas modificações, constituem seu modo de viver, sua forma de tirar do ambiente o necessário para sua subsistência. Esse modo de vida varia de acordo com o lugar e o momento histórico.

As reflexões sobre o território e o silêncio, são pouco trabalhadas na Geografia, como nos afirma Fraga (2017), por fazerem parte das subjetividades, das ações dos sujeitos (camponeses/caboclos) das suas resiliências e resistências, frente à uma memória homogeneizante, oficial e dominante. Como foi colocado no poema de Flávio (2013), esses territórios/territorialidades são esquecidos, enterrados, mal contados, banidos, mas que mesmo assim “*teimam em permanecer sob formas vivas: afloram mediante os cotidianos resgates de contações, relatos, narrativas*”. As cotidianidades, práticas, saberes, conhecimentos,

---

<sup>89</sup> FLAVIO, Luiz Carlos. *A Geografia e os “Territórios de Memória”* (As representações de memória do Território). Volume 15 – Número 21 – Jan/Jun 2013 – pp. 123-142.

produzem territórios nas comunidades tradicionais, com os espaços físicos. Assim, de acordo com Saquet (2007), a produção do território é tanto uma ação material quanto imaterial. Matéria e saberes cotidianos se tornam emaranhados no processo histórico, formando uma totalidade multidimensional e multiescalar.

Questionamos a questão de que a geo-história pode ser apropriada a partir de discursos e representações apenas de grupos sociais hegemônicos, os quais tentam convencer a sociedade em geral, que as formas de produção do território aplicadas no passado foram promissoras e lucrativas para todos os grupos da sociedade. Não queremos descartar, que as produções dos territórios presentes são influenciadas por imagens do passado, de forças hegemônicas que atuam no espaço socialmente produzido e dele tiram proveito. Existem interesses de determinadas forças (governo, instituições sociais, empresas), que apresentam continuidades no presente, e nas produções teóricas e culturais, procuram ocultar outros sujeitos, outras histórias, esforçando-se para não mostrar os conflitos, contradições, tensões e formas de dominação/exploração social de determinados espaços e grupos sociais. (FLÁVIO, 2013).

A modernização capitalista que busca favorecer os grupos hegemônicos, busca encobrir as histórias, conflitos sociais e apropriações das territorialidades em comunidades tradicionais, pois estas representam as práticas produtivas de grupos muitas vezes marginalizados ou excluídos da sociedade, como indígenas, quilombolas, faxinalenses, caiçara, cipozeiros, benzedeiros, entre outros. As memórias destes grupos não representam as memórias dos grupos hegemônicos capitalistas, elas são esquecidas, abstraídas, como se não fizessem parte da história da sociedade.

Para Luiz Carlos Flávio (2013, p. 127-128),

Os rituais de constituição e formalização das memórias socialmente produzidas, em sua relação com as apropriações de territórios, instauram assim silêncios e esquecimentos de práticas: de coerções, de conflitos sociais, de controles das riquezas que são frutos dos domínios da natureza e do trabalho efetivados por determinados segmentos (capitalistas) e que apontam para o soterramento das vozes e histórias sintetizadas nas memórias excluídas.

As práticas com sementes crioulas, suas formas de plantio, reprodução, estão relacionadas com saberes e conhecimentos passados entre gerações de camponeses, portanto, não podem ser soterradas, são memórias coletivas de grupos, das formas de agir, pensar e praticar de homens, mulheres, com a natureza, com a terra. Eles estabelecem seus territórios, fronteiras, em seus movimentos de (re) territorialização da economia, política, cultura, da vida, dos símbolos materiais/imateriais.

Ao plantar, reproduzir e trocar as sementes crioulas, o camponês, se apropria do espaço, estabelece redes, mas é obrigado a se inserir no campo de batalha das forças do tempo, e através, das continuidades e descontinuidades conquista seus territórios, para se (re)inventar na produção agroecológica. Mas é no passado que ele vai buscar suas referências, saberes, vivências, apropriações socioespaciais, para dar sentido e significado as suas territorialidades do presente. Raffestin (2009, p. 31), escreve: “Na produção territorial sempre tem um ponto de partida que nunca é ileso das ações do passado. O processo territorial desenvolve-se no tempo, partindo sempre de uma forma precedente, de outro estado de natureza ou de outro tipo de território”.

São as sementes crioulas, as práticas reinventadas, as lutas para seu reconhecimento como guardiões de sementes, que ocorrem nas comunidades tradicionais, os elementos para as representações e símbolos de atuação nas lutas territoriais do presente. A memória, portanto, pode ser considerada fundamental na conquista do território. A memória é uma “força de identidade”, fortalece a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo (CANDAUI, 2011). Essa identidade enquanto camponeses que guardam as sementes crioulas que os caracteriza, também, como comunidades tradicionais.

Queremos destacar, que a geo-história e identidade que aqui nos propomos a entender no âmbito das comunidades tradicionais e dos guardiões de sementes, são as histórias construídas nas memórias, experiência, vivências das pessoas, grupos, associações, sindicatos, como nos escrevem Halbwachs (1990) e Bosi (1987). Não uma memória que se impõe como história universal, controlada e manipulada por grupos hegemônicos da sociedade, e que ao se tornarem “versões oficiais” da história são replicadas nas práticas cotidianas. (FLAVIO, 2013).

Muitas memórias coletivas e identidades dos quilombolas, faxinalenses e caiçaras, são silenciadas, marginalizadas, deixadas ao esquecimento, para serem substituídas pelas memórias “oficialmente dominantes” da sociedade capitalista moderna, onde o jogo de interesses é das grandes empresas de produção de sementes transgênicas, empresas do agronegócio e turismo.

A sociedade capitalista é *locus* privilegiado de imposições que patrocinam a destruição da memória. Muitos objetos que poderiam servir como apoios de memórias de escravizações (como registros de maus tratos a índios, negros, mulheres, idosos, homossexuais, determinados segmentos étnicos, de trabalhadores etc.) são destroçados. (FLAVIO, 2013, p. 136).

A história das sementes crioulas, das lutas de associações como a RESA (Rede de Sementes Agroecológicas), casas de sementes, grupos de guardiões, não podem ficar no esquecimento, relegadas a segundo plano pela História, pois como defendeu Karl Marx (s/d), ao eliminar a análise da luta, os elementos contraditórios, os antagonismos de classes, de visões, estaremos eliminando a própria história. A História se alimenta de “disputas de memória” realizadas pelos grupos que compõe o todo social (POLLAK, 1989).

Os conhecimentos, saberes, práticas e representações das populações tradicionais estão sendo visualizadas, reconhecidas. Os silêncios da História estão sendo abertos, quebrados. A História é construída pelas ações humanas, dessa forma, é natural que ocorram conflitos, dominações, marcas (materiais ou simbólicas) que formam os territórios. Porém, ao evidenciarmos as contradições, exclusões, desequilíbrios na natureza, delimitam-se as forças, campos e lutas das relações entre os grupos, e destes em relação aos patrimônios geo-histórico e cultural.

#### 4.1 A CONSERVAÇÃO DAS VARIEDADES (SEMENTES) CRIOULAS

Como descrito no capítulo III, às sementes crioulas fazem parte da agrobiodiversidade. É a partir desta agrobiodiversidade, que nesta tese, consideramos agroecossistema como um ecossistema modificado pelas práticas humanas, por meio do conhecimento, organização social e dos valores culturais, sendo um produto da co-evolução entre as sociedades humanas e a natureza (CASADO; SEVILLA-GUZMÁN; MOLINA; 2000).

A partir da compreensão que as práticas humanas modificam o ecossistema, na agricultura observamos a diversidade de espécies cultivadas e manejadas pelas comunidades tradicionais. O resultado deste processo de interação e intervenção criativa entre o ser humano e natureza é chamado de agrobiodiversidade (SANTILLI, 2009). Segundo a autora:

Os processos culturais, os conhecimentos, práticas e inovações agrícolas, desenvolvidos e compartilhados pelos agricultores, são um componente-chave da agrobiodiversidade. As práticas de manejo, cultivo e seleção de espécies, desenvolvidas pelos agricultores ao longo dos últimos 10.000 a 12.000 anos, foram responsáveis, em grande parte, pela enorme diversidade de plantas cultivadas e de agroecossistemas e, portanto, não se pode tratar a agrobiodiversidade dissociada dos contextos, processos e práticas culturais e socioeconômicas que a determinam e condicionam. Por isso, além da diversidade biológica, genética e ecológica, há autores que agregam um quarto nível de variabilidade: o dos sistemas socioeconômicos e culturais que geram e constroem a diversidade agrícola (SANTILLI, 2009, p. 69).

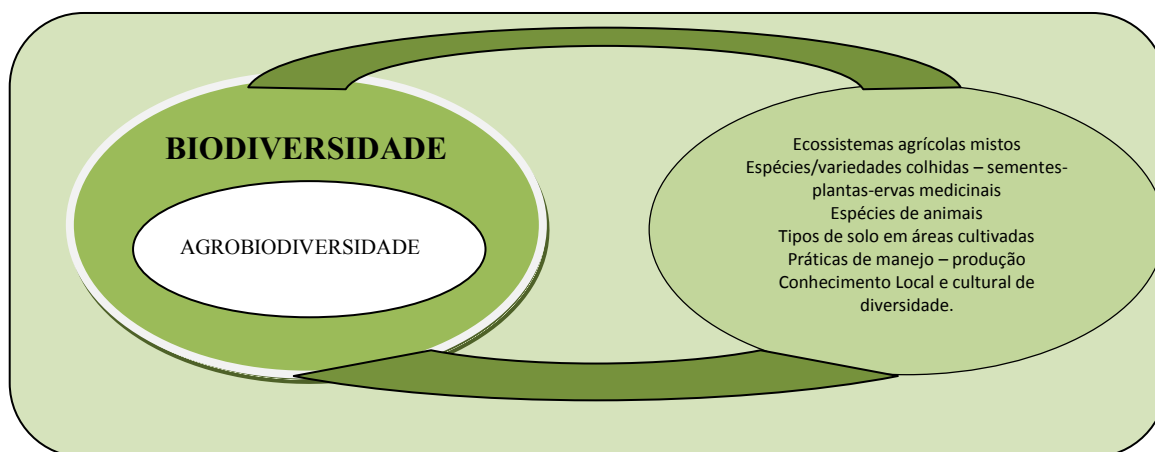
O manejo da agrobiodiversidade, simultâneo a processos naturais, como a mutação genética, é que possibilita a evolução das variedades locais. (BOEF, 2007). São os sistemas locais, no Brasil e América Latina, segundo a FAO, essenciais para a sobrevivência da agricultura em comunidades camponesas tradicionais, uma vez que são eles que fornecem grande parte das sementes, em torno de 75%, utilizadas pelos agricultores (SANTILLI, 2009).

São os agricultores locais os responsáveis pela manutenção da agrobiodiversidade, sua diversidade histórica e cultural. Para Vidal (2015, p. 28):

Nessa estratégia de conservação, o componente humano é o fator principal de seu sucesso, tanto pela manutenção histórica e cultural de uma série de espécies e variedades alimentícias por eles utilizadas, como também devido às variações das formas de manejo praticadas, as quais influem na conservação, seleção e geração de diversidade dos recursos genéticos vegetais.

Considerando que é a ação do homem que constrói a agrobiodiversidade, nas dimensões sociais e culturais (práticas de manejo, cultivo, tradições, costumes), é importante destacar a construção do conhecimento, transmitido pelos agricultores ou socializado entre as comunidades tradicionais, que chamamos de etnoconhecimento. São suas memórias bioculturais, suas práticas cotidianas com sementes crioulas que mantêm a agrobiodiversidade nas comunidades tradicionais.

FIGURA 20 - A Semente da Agrobiodiversidade



Fonte: A autora (2019)

Analisando a figura acima, destacamos que a agrobiodiversidade faz parte da Biodiversidade, ela é uma “semente”, um complemento, um fragmento da conservação da biodiversidade, através dos ecossistemas agrícolas onde podem ser mistas, com espécies e variedades cultivadas, plantas medicinais, animais para criação. Nestes ecossistemas

agrícolas, é necessário adequar a espécie cultivada para cada tipo de solo e através das práticas de manejo adaptar o conhecimento sociocultural local com as diversidades de cada comunidade tradicional.

Segundo o MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores), as sementes crioulas são “patrimônio dos povos a serviço da humanidade”. Mas podemos complementar que também é uma afirmação da cultura e resistência dos agricultores tradicionais.

A integridade genética das sementes crioulas faz com que elas se adaptem aos diferentes tipos de solo e clima, ao período de cultivo, ao ciclo, uma vez que são cultivadas há anos com o conhecimento tradicional em torno do uso e conservação destas sementes.

A produção de sementes crioulas como parte da agrobiodiversidade, a partir dos saberes tradicionais não é exclusividade da América Latina, mas faz parte também da cultura de vários países europeus, onde uma parcela dos agricultores continuam a prática de produzir e armazenar suas próprias sementes.

Segundo Santilli (2009, p. 144):

A produção de sementes pelos próprios agricultores é também bastante significativa em países industrializados. Os produtores de sementes europeus estimam que cerca de 50% das sementes utilizadas nos cultivos dos principais cereais sejam produzidas pelos próprios agricultores e que, em países do sul da Europa, como Itália e Grécia, apenas 10% das sementes (de cereais) sejam compradas pelos agricultores.

A guarda e preservação das sementes pelos agricultores não pode estar relacionada ao atraso, as práticas antigas, em contraposição ao que é moderno tecnologicamente, mas a resistência dos agricultores pela manutenção do modelo de agricultura tradicional. No entanto, a opção pela manutenção de suas sementes crioulas, significa que esses agricultores têm preocupação com sua soberania alimentar, seus rendimentos financeiros e até mesmo com seus lucros comerciais, essas são técnicas e tecnologias contra hegemônicas.

Portanto, nesta concepção o agricultor camponês atual, estando em comunidades tradicionais, se preocupa com o meio ambiente e o desenvolvimento social. Desenvolvendo uma agricultura comercial capitalista, ele traz uma proposta de preservação de matas nativas, de glebas agroecológicas em sua propriedade, reproduz sementes crioulas, realiza seu trabalho com os membros da própria família, ou com seus “compadres e comadres”, faz trabalho coletivo de troca (mutirão ou puxirão, como nos faxinais), e ainda participa de associações sociais para defender seus interesses.

Utilizando os saberes tradicionais, através da manutenção das sementes crioulas e de práticas de cultivo diferenciadas, os agricultores dos territórios do milho crioulo são exemplos

de estratégica de resistência e enfrentamento ao modelo do agronegócio. No Brasil a AS-PTA<sup>90</sup>, defende a identificação dos milhos crioulos, realizando testes de transgenia<sup>91</sup>, para identificação da contaminação de milhos transgênicos. Na Região do Centro-Sul do Paraná destacamos a atuação da AS-PTA, com sede em Palmeira/PR, e do Grupo Coletivo Triunfo<sup>92</sup>, que realiza nas Feiras Agroecológicas e Sementes Crioulas, os testes de transgenia, com total eficiência, preservando assim, as sementes do milho livre de transgênicos.

A conservação das sementes crioulas do milho permite a manutenção de sua variabilidade genética. Se ocorrer a extinção do milho crioulo, coloca-se em risco também a agrobiodiversidade. A transgenia do milho coloca em risco a sua diversidade biológica e produtividade. Para Vidal (2016, p. 26), “A diversidade genética dentro das espécies é o que permite que tenham a oportunidade de evoluir frente às mudanças do ambiente e responder à pressão de seleção”.

Na comunidade de Sete Saltos de Cima, nas propriedades de Antônio Ostrufk e Benjamim Marques Vieira, essas técnicas tradicionais são mantidas, para não haver o cruzamento entre as variedades. Benjamim reproduziu a semente crioula do “milho branco doce”, com seis sementes deste milho, que foram recebidos de Conceição Vieira Ramos Constant (64 anos), no ano de 2019, e repassados a Benjamin por esta pesquisadora, na troca entre as sementes.

---

<sup>90</sup> A AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia é uma associação de direito civil sem fins lucrativos que, desde 1983, atua para o fortalecimento da agricultura familiar e a promoção do desenvolvimento rural sustentável no Brasil. A experiência acumulada pela entidade ao longo desses anos permitiu comprovar a contribuição do enfoque agroecológico para o enfrentamento dos grandes desafios da sustentabilidade agrícola pelas famílias agricultoras. A AS-PTA participou da constituição e atua em diversas redes da sociedade civil voltadas para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Ao mesmo tempo em que constituem espaços de aprendizado coletivo, essas redes proporcionam ações articuladas de organizações e movimentos da sociedade para influenciar elaboração, implantação e monitoramento de políticas públicas.

<sup>91</sup> Transgênico é sinônimo para a expressão "Organismo Geneticamente Modificado" (OGM), já discutido anteriormente. Milho transgênico é aquele que teve seu material genético modificado, pois recebeu DNAs de um ou mais seres que não se cruzariam de formas naturais. Nas plantações de milho do Brasil, a contaminação das variedades crioulas pela transgenia – anunciada pela primeira vez em um veículo de comunicação em 2009, um ano após a liberação do cultivo comercial do milho transgênico no país – acontece em proporções cada vez maiores em todas as regiões. No Brasil o plantio de transgênico foi liberado com fragilidades nos sistemas de biossegurança e sem medidas eficazes para evitar a contaminação por agrotóxicos, que promovem um rastro de contaminação do meio ambiente – solo, terra, ar, animais e seres humanos (AS-PTA).

<sup>92</sup> Composto por representantes de 15 entidades: Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de São João do Triunfo, de São Mateus do Sul, de Teixeira Soares, de Rebouças, e de Rio Azul, Fetraf-PR, LAMA-UEPG, as cooperativas como COFAECO, COMDAF, COAFTRIL E CAFPAL, Grupo de Mulheres e Associação da Invernada de Rio Azul, Projeto de Diversificação da AS-PTA, Escola de Bela Vista do Toldo-SC, Prefeitura de Rebouças, Casa de Sementes de Fernandes Pinheiro.

FIGURA 21 – 1. Benjamim com as espigas de milho reproduzidas da semente do Milho Doce da Comunidade Guaraguaçu, recebidos de Conceição Vieira Ramos Constant (64 anos), no ano de 2019, e repassados a Benjamin por Cleusi T. B. Stadler.

2. Arildo Portela em frente a Casa de Sementes Agricultor José Sarnick.



Fonte: A autora (2019)



Fonte: A autora (2019)

De acordo com Antônio Ostrufk, um dos agricultores que foi entrevistado, estas sementes não são comercializadas, mas trocadas em pequenas quantidades, para as pessoas que procuram. Foi constituído por Antonio Ostrufk, na sua propriedade, um registro em livro, onde o agricultor que vem buscar as sementes na Casa de Sementes José Sarnick, construída ao lado da Casa de Antônio, deixa registrado a quantidade de sementes que está levando, para serem devolvidas no ano seguinte. Segundo Antônio: *“A gente está plantando para manter a variedade, cuidando das variedades, produzindo pro gasto, e aí fazemos as trocas”*.

Como a Casa de Sementes José Sarnick, nome dado ao primeiro agricultor do terreno onde foi construída a casa, está em sua formação inicial, ainda não existe a comercialização destas sementes, apenas o armazenamento de variedades adquiridas entre as comunidades e pela pesquisadora. Esta Casa de Sementes, foi construída na propriedade de Antônio com a ajuda dos alunos da Universidade Federal do Paraná, Campus Litoral, IFPR de Paranaguá e Grupo Interconexões da UEPG.

Através destas sementes e da produção nestas comunidades de forma agroecológica pelos camponeses é que se conserva a agrobiodiversidade. As comunidades em estudo estão em processo de transição para a produção totalmente agroecológica. Estão procurando adquirir e manter números significativos de variedades locais, que irão contribuir para a soberania genética destes agricultores camponeses. São estes agricultores camponeses que selecionam, melhoram suas sementes de maneira integrada para atender as diferentes finalidades. Fermina Rodrigues (75 anos), da comunidade quilombola Palmital dos Pretos, recebeu três sementes de amendoim preto crioulo. *“Na primeira vez que prantei este*



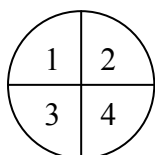
*amendoim, com 3 sementes, colhi 3 litro dele*". E assim ela conserva a variedade até os dias atuais, há cerca de 30 anos.

A Casa de Sementes José Sarnick instituída por Antônio, na Comunidade de Sete Saltos de Cima, foi a primeira iniciativa de conservação das variedades das plantas cultivadas e do conhecimento, juntamente com as amostras de sementes adquiridas e trocadas entre os agricultores e armazenadas no banco de sementes iniciado pela pesquisadora.

Na comunidade de Guaraguaçu o plantio mais intensivo no início de sua formação (início do século XX), das famílias de Conceição Vieira Ramos Constant (64 anos) e Maria Tereza Freire Bittencourt (54 anos), era da mandioca e do abacaxi. São os cultivos que mais se adaptam ao tipo de solo arenoso e nas proximidades do rio Guaraguaçu. A mandioca, ou aipim, como eles denominam, é muito utilizado na fabricação da farinha e do biju. Na propriedade da Sra. Tereza, ainda existe a fábrica de farinha construída por seus pais em 1918. Tem a prensa, o forno, e todos os utensílios que usam para fazer o biju como aprendeu a fazer com seus pais. Em sua narrativa, “[...] *minha mãe plantava arroz, feijão, mandioca, abacaxi, tudo se plantava. Só que eles plantavam lá do outro lado do rio, né. E meus avós que plantavam lá na praia, eles eram tipo meio cigano, porque eles procuravam a terra que era melhor. Uma terra que dava esse ano, no outro não dava, descansava [...]*”. A preocupação com a conservação e adaptação do solo já era percebida pelos avós e pais. E a prática de fazer a farinha e o biju da mandioca continua perpetuando até os dias atuais nesta comunidade.

Essa prática tradicional foi perpassada por três gerações da mesma forma e utilizando-se os mesmo instrumentos e máquinas. Na narrativa de Tereza:

*Ralava a mandioca, colocava na prensa de onde saia à água e a goma. Colocava essa farinha no tipiti, e depois de enxugá ela, colocava para torrar no tacho, no forno. Não podia parar de mexer para fazer o biju. No tacho que torrava fazia o Bijú grande que era cortado e enrolado, depois mostro no desenho [...]. Tinha também outras derivações como o de fubá com erva-doce. O Bijú de Gato era feito com a goma, farinha de mandioca, sal, coco ralado, que nós ralava. Este colocava torrar na folha de bananeira.[...]Para plantar o aipim, cortava enfiada, abria uma cova, que nem índio, descalços e cobria com o pé a cova, com a rama do aipim.*



Desenho representativo das quatro partes do Bijú. Cada parte era cortada e enrolada nas duas pontas arredondadas.

Conceição relata a sensibilidade que seu pai, agricultor, tinha com a natureza, e com a agrobiodiversidade, pois cultivava o abacaxi e nas entrelinhas plantava milho, feijão e mandioca. Essa prática já se caracteriza como prática agroecológica tradicional. Saberes e manejos relacionados ao ecossistema da região.

*“[...] ele era lavrador, plantava roça. Lembro que meu pai dizia assim, hoje com meu compadre vamos procurar uma roça, uma coivara. Daí eles saíam, chegava lá e eles viam o lugar que tinha mais sarrapilheira, num lugar que o sol fosse mais alto [...]a sarrapilheira, hoje é esse substrato da terra, essas folha seca que vai caindo, caindo, apodrecendo as árvores e protegendo a terra. Ali era o substrato. Que eu lembro que eles roçavam, derrubavam e esperavam duas semanas pra secar. Tinham o tempo certo[...]tinha que ter o fogo pra matar todos os bichinhos. E aí com a cinza que ia na sarrapilheira, formava aquele adubo. Daí nós pegava as mudas e tinha o tempo certo de plantar. No mês de fevereiro plantavam o abacaxi, 2.000 a 20.000 pés de abacaxi. [...] Esperava dois anos. [...] No meio plantava mandioca, milho, feijão, tudo com semente crioula. O milho pegavam a espiga mais bonita e guardavam sempre em garrafa, vidro. O feijão nós debulhava e deixava na palha. Ele sabia uma época lá, que não Sempre em lugar enxuto [...] meu pai sempre tinha semente, era semente de pepino, tomate, pimenta ele guardava, ele nunca perdia uma semente, nós tinha semente de pimenta de todo tipo, mas foi se perdendo tudo[...]. A época de plantar a mandioca era agosto e setembro, mês já da brotação<sup>93</sup>.*

Não identificamos essa prática somente em Guaraguaçu, mas também em Faxinal Sete Saltos de Cima com Maria<sup>94</sup>, quando nos relata como se fazia a farinha de mandioca e de milho também. Ela denomina de farinha e polvilho do monjolo.

*Maria: [...] puis rala a mandioca, daí lava e cõa num pano, saco, um saco de algodão, e daí põe, pode ser uma vasília, não vô dizê o que é, numa vasília pra ele assentá o porvilho, daí ele fica escorrido, daí depois esgota a água e daí enxuga o porvilho numa toalha em cima de uma mesa. [...] fazê bolo. [...] com a farinha de milho, o virado é a comida mais que a gente come, virado de feijão, né. É o de mais fácil,*

<sup>93</sup> Áudio Conceição Vieira Ramos Constant, Comunidade Guaraguaçu. Entrevista concedida a Cleusi. T. Bobato Stadler, no Dia 02/08/2018. Fala número 34 dos áudios de gravação.

<sup>94</sup> Áudio Maria Maia, esposa de Antônio Tiburcio Maia, Faxinal Sete Saltos de Baixo. Entrevista concedida a Cleusi. T. Bobato Stadler, no Dia 12/05/2018.

*é de manhã, ou às vezes chega uma visita fora de hora, a gente não dá tempo de cozinhar o arroz, às vezes tá com fome é o viradão com ovo, este é o mais simples de fazer.*

Nesta diversidade de saberes, também identificamos a igualdade de práticas com relação à produção do milho e como fazer a farinha nas comunidades. Podem diferenciar os nomes, como fábrica de farinha ou monjolo de farinha, mas as práticas dos agricultores (as) são as mesmas. E a forma de alimentação também. As três comunidades faziam o bijú, de forma maior ou menor, e também misturavam esta farinha ao feijão, originando o virado, mais específico ainda entre os faxinalenses e quilombolas.

É através do conhecimento e da sabedoria destes agricultores que percebemos a realidade destas comunidades. Russel (1918) já distingue o conhecimento e sabedoria, como dois sistemas cognitivos, referindo-se ao conhecimento como *conhecimento por descrição* e à sabedoria como *conhecimento por familiaridade*. Os dois são formas de reconhecer e significar o mundo, construídos e legitimados por meio de práticas individuais e coletivas, sócio cultural, influenciadas de forma qualitativa na sua construção. (BARRERA; BASSOLS, 2003).

O conhecimento se adquire por meio de capacitação, profissionalização, estudos, e a sabedoria vem da experiência pessoal e dos conhecimentos empíricos, através da experiência cotidiana e da forma de ver e viver as coisas, o cotidiano. É essa sabedoria que identificamos nos saberes desses agricultores e agricultoras que trabalham com as sementes. Como as práticas com as sementes os identificam enquanto agricultores, camponeses, caboclos. E o que percebemos é que são essas práticas e suas sementes que os mantêm enquanto atores de comunidades tradicionais, que os identifica enquanto guardiões de sementes, que faz plantar, cultivar e cuidar da terra e do meio ambiente.

Para sua subsistência e aumentar seus rendimentos ele procura diversificar sua produção, produzindo excedentes para a comercialização, mas desta forma também está produzindo a diversidade da agrobiodiversidade, pois mantém sua semente crioula e todos os anos reproduzem. Desta forma, sua intuição, emoções, valores éticos, culturais estão imbuídos na forma de ver as coisas, de compreender o mundo, pois natureza e cultura fazem parte do mesmo mundo.

Conceição nos indica que a sabedoria adquirida com seus pais, no plantio da mandioca, do abacaxi, do plantio em agrofloresta de várias espécies de plantas, como plantar as variedades que se complementam para o crescimento das plantas, quais podem ser usadas

na alimentação e elaboração de pratos, como o bolinho de peixe seco com mandioca, o prato da cambira, por exemplo, que mantêm até hoje. Mas também muitas práticas se perderam como, sobreviver da pesca, construir canoas que os levavam até o Porto de Paranaguá, praticar a coivara, plantar o feijão e o milho na palha, como nos mostra em sua fala:

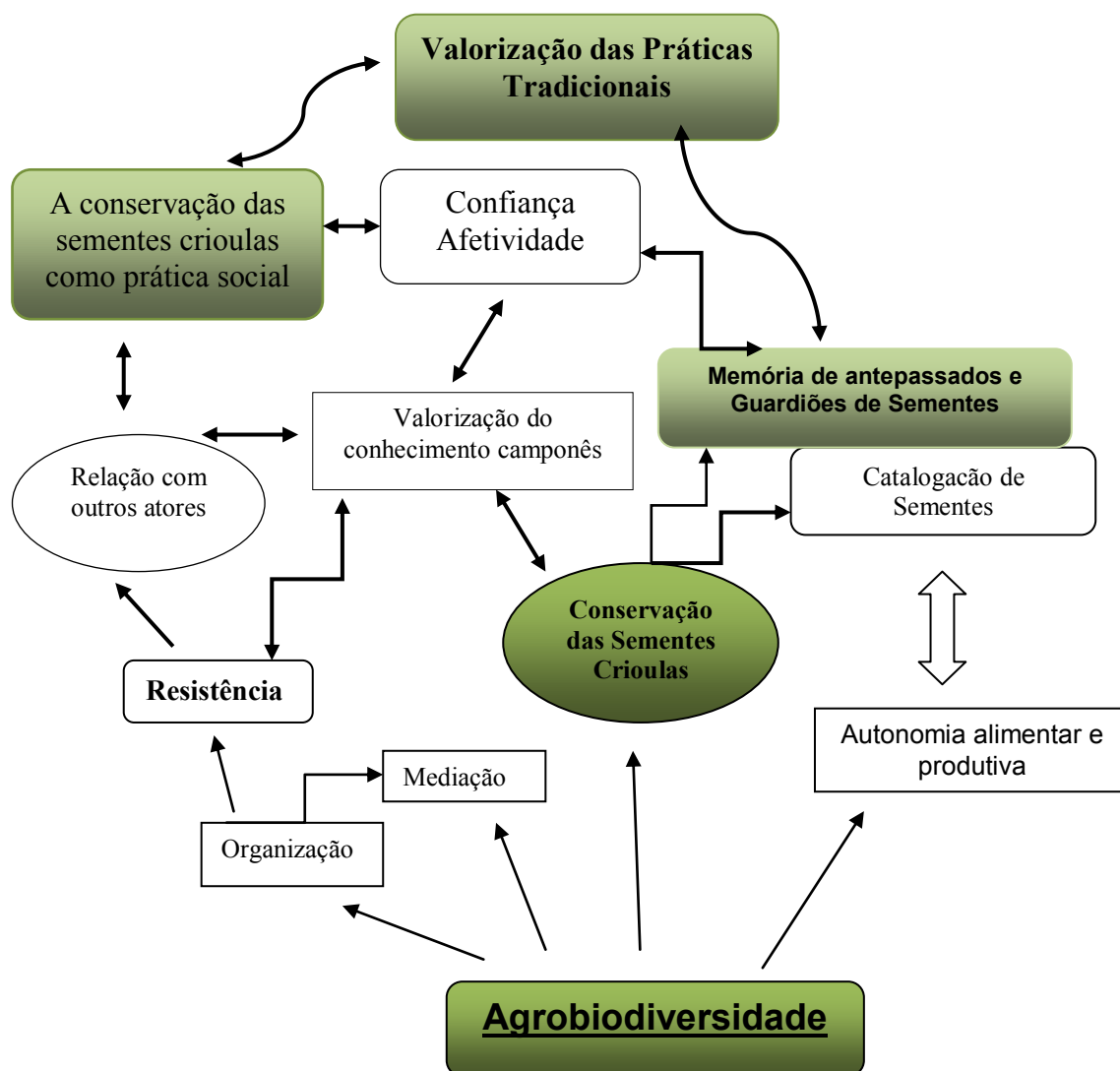
*“O pai era lavrador, plantava roça. Praticavam coivara, procurava onde tinha mais serrapilheira (substrato). Roçavam, derrubavam, queimavam. A cinza e a serrapilheira formavam o adubo. Plantavam o abacaxi, no meio plantavam mandioca, milho, feijão na palha. Pegava a espiga mais bonita e guardavam a semente sempre em vidro. Comíamos muito peixe, cará e mandioca com feijão. Hoje não temos tudo isso, pois já não temos mais tanta terra pra plantar, cultivamos o que podemos nos nossos quintais”. (Conceição, 64 anos).*

Entre os agricultores que praticam a agrobiodiversidade, como Conceição, a sabedoria que possuem está manifestada em suas práticas repetidas por gerações, pelos seus pais e avós, que vêm se perpetuando até a atualidade. É esta sabedoria cognitiva que os identifica enquanto atores de um conhecimento tradicional. Esses conhecimentos tradicionais se (re) significam através das práticas da cultura material e das crenças, onde essa cultura consegue realizar sua produção e reprodução simbólica, fazendo parte das sabedorias que se estendem socialmente no tempo e no espaço (BARRERA; BASSOLS; TOLEDO; 2015).

O agricultor e, em especial, o camponês, adquire conhecimento objetivo através da experiência direta em suas práticas agrícolas e, assim, chega a ser um especialista erudito de forma semelhante ao agrônomo, quando se torna um sábio em função de sua experiência e autoridade. O conhecimento e a sabedoria, como formas ideais de cognição, não são facilmente separáveis, e também não é possível substituir um pelo outro. Ambos são necessários para a preservação da experiência humana. (VILLORO, 1982, apud BARRERA; BASSOLS; TOLEDO; 2015, p. 132).

A agrobiodiversidade vem dos agricultores pela conservação das sementes crioulas como prática social, constituindo-se a *tese* de que a *territorialidade tradicional dá origem a uma rede de sujeitos*, estabelecida com o projeto. Essa rede estabelece uma intensidade de relações sociais na convivência familiar, vizinhança, feiras de sementes, associações, fazendo com que os guardiões de sementes, como atores sociais de suas comunidades tradicionais, estabeleçam interações individuais ou coletivas, que se transportam das comunidades locais para redes políticas regionais, articulando-se, finalmente com as redes de movimentos populares em luta pela defesa das sementes agroecológicas no Paraná e Brasil.

FIGURA 22 – Rede da Agrobiodiversidade estabelecida pelo Projeto



Elaboração: A autora (2021)

No esquema acima destacamos a relação da agrobiodiversidade com as sabedorias e conhecimentos dos agricultores camponeses, que está mediada entre as relações de afetividade, confiança, com aqueles que guardam as sementes crioulas e as reproduzem em suas práticas cotidianas, como forma de resistência aos conhecimentos tradicionais. Assim a conservação das sementes crioulas torna-se uma prática social entre os agricultores camponeses das comunidades tradicionais.

A agrobiodiversidade é uma das principais preocupações dos agricultores entrevistados nas comunidades tradicionais em estudo. A adoção de estratégias para a manutenção das sementes crioulas, as trocas em feiras de mudas e sementes, a busca por técnicas e melhorias no plantio de acordo com o clima e o solo, não deixando de lado as

técnicas tradicionais, mostra que os agricultores estão buscando uma lógica dual: ecológica-econômica, que se evidencia no uso múltiplo dos recursos e manejo do ambiente local, tendo como base conhecimentos tradicionais, redes sociais e culturais de reciprocidade e responsabilidade em relação à conservação de sementes.

#### 4.2 A SEMENTE CRIOLA: A SEMENTE DOS ANTEPASSADOS

Música: EPAGRI/SC

***Semente que é verdade  
Semente que gera pão  
Povo que guarda semente  
Da vida é guardião.***

***E quem guarde sempre tem  
Ditado de tradição.  
Povo que guarda semente da  
Da vida é guardião.***

*Quem semente, guarda semente tem  
Tem sangue de gente, é gente do bem  
Não ter semente é não ter mente  
Guardião faz a vida presente.*

*A terra fecunda, a vida floresce  
Da flor a semente nova geração  
Nova safra então se estabelece  
Com respeito e cooperação.*

A semente da vida. Semente que gera pão. Povo que guarda semente da vida é guardião. Essa música criada pelos grupos defensores da agrobiodiversidade e dos Guardiões de Sementes, nos mostra o quanto a semente é carregada de verdadeiros patrimônios genéticos e culturais. Na história ela tem o significado de memória, de perpetuação da família, da alimentação e cultura de um povo.

A cada semente plantada deixamos no chão a nossa história. A semente traz consigo o significado de vida, o valor da sobrevivência, da resistência, da continuidade, da perpetuação. Resultado de um processo natural de seleção, ela só cresce se as condições ambientais sejam favoráveis. A posse e o domínio das sementes vêm do período pré-histórico onde o homem em processo de transformação e adaptação ao meio em que vive, vai domesticar as plantas, selecionando e cultivando aquelas que mais se adaptam ao seu ambiente.

A semente traz com ela uma inter-relação das crenças, os conhecimentos e práticas. A semente vem da natureza, da crença dos indígenas e comunidades tradicionais de perpetuação da vida, da origem da biodiversidade, mais é associada aos conhecimentos, as sabedorias tradicionais dos anciãos, das experiências que os indivíduos têm do mundo, dos significados, valores, saberes, de acordo com o contexto social e cultural onde se desenvolvem.

A percepção de mundo, quase sempre está ligada ao mundo mítico e sobrenatural (fases da lua), relação com a natureza, que se torna sagrada e secular. Os seres humanos são parte da natureza e, compartilham sua existência com outros seres não humanos, como já foi discorrido anteriormente, de acordo com a teoria de Bruno Latour. O homem não está separado da natureza, da mesma forma que os seres não humanos também não estão separados da cultura do homem, assim surgem os saberes e as práticas tradicionais com relação a esta natureza.

Nos saberes sobre as sementes, a realidade se constrói pela experiência e necessidades locais, sempre em constante transformação, de acordo com as dinâmicas ecológicas. A natureza/sementes são respeitadas, é uma força de vida, de fundamental importância para a sobrevivência humana.

Poderíamos dizer que as sementes fazem parte de um processo no qual é preciso compreender: *Kosmos/K* (crenças/crer - imagem ou representação); *Corpus/C* (conhecimento/conhecer - leitura ou interpretação); *Práxis/P* (práticas/fazer - uso ou manejo), de acordo com Toledo (2009, p. 41). Esses três pilares nos levam a compreensão da representação, interpretação e do manejo da natureza.

Na compreensão das crenças, crer, voltamos-nos para os indígenas que nos trazem o sentido das sementes, sua origem. Entre os indígenas do Povo Wapichana, do Estado de Roraima, Kamuu Dan Wapichana (Filho do Sol)<sup>95</sup>, mas também conhecido como Olavo Batista da Silva, funcionário da FUNAI de Brasília, escreve sobre a origem das sementes. Em sua sensibilidade como indígena, nos conta como as crianças compreendem através de histórias, a origem e saberes sobre as sementes.

Wyn Dan [...] tinha quatro anos e nascera em um lugar onde se cultivava a tradição dos povos originários e do Cerrado do Planalto Central.

*Baydap Kamuu ikudan, kiwini'u chapi'ik akainhau wautapan kazamaka'u di'ik, aumaa yaichanatan kanam kadyz na'ik sariap ipixan painhawyznau.* (Tradução). Certo dia encontrou, na primeira manhã que caía as frutas do cerrado, algo que não sabia direito o que era e foi logo perguntar a seus irmãos.

*Uionare, uruu pabaurantinha'u zynaba, diaytam bakayn it daunaiuranau bi'i, ukian yryy ydai. Nhykyny y kaxaynaykian ipixan kanam wryyy ydai. Uionare dakutin yryy wauta'u atamyn di'ik yryy baydap kuraidiannaa.*

Uionare, a única menina dentre os sete, lhe explicou que era **uma semente**. Ficara intrigado e perguntou o que era **uma semente**. Uionare respondeu que ela caía da árvore, e que era um bebê. (WAPICHANA, 2019, p. 8).

---

<sup>95</sup> Com sua grande intimidade com a natureza e a Mãe Terra sempre contou histórias quando reuniam-se ao redor da fogueira sagrada. Segundo ele, sente suas histórias como uma importante ferramenta de conscientização sobre o cuidado e o respeito com o meio ambiente em suas diversas relações e à memória de seus ancestrais. SILVA, Olavo B. de. *O Sopro da vida: Putakaryy Kakykaryy uma história para colorir de Kamuu Dan Wapichana*. São Paulo: Expressão Popular, 2019. 52p. Tradução ao Wapichana: Nilzimara de Souza Silva (Nizuaba).

Na linguagem do Povo Wapichana, um grupo originário tradicional, a semente caía da árvore, era como um bebê que ainda cresceria e produziria frutos. Essa “semente bebê” (“*kuraiziannau ydainhau*”), estava no meio da natureza, das folhas, flores, galhos, arbustos e, principalmente, na memória de seus ancestrais. As sementes relacionavam-se ao plantio, cultivo, colheita, mas também a crença na cura dos indígenas pelo pajé da tribo.

*Ipei dun pidiannau baukuptinhan da'ikid sabakiz amazada (imi'i), zawaidian ydainhau na'ik inhau pauwan tyzytakary nii. Baydap kamuu dysudi' u abatan padary kian ydainhau karinhan aunaa tyryy inpeukau.*

Normalmente, a família se juntava para preparar a terra, coletar sementes e fazer mudas. Um dia, o pequeno ouviu seu pai reclamar que as sementes estavam doentes e não serviam para plantar. (WAPICHANA, 2019, p. 20).

Na crença desta criança indígena e de sua tribo, se ele aprendesse a soprar os espíritos maus das sementes, elas teriam sua cura. “*Unkazanaata'azun ydainhau*”!(“Preciso salvar as sementes”). Para esta tribo não só as sementes do seu terreiro, mas todas as sementes do mundo estavam doentes, desaparecendo ao serem transformadas em outras plantas que não poderiam gerar sementes para germinar. O costume tradicional dos povos indígenas era a troca das melhores sementes para não perdê-las. Nas festas da colheita, eles agradeciam ao “Grande Espírito”, segundo a tradição Wapichana.

*Ipei ydai kainha'a ynanaa inhau wryry tauraz ipei ydainhau. Baydaykid wa'atin wiz di'ik, baurainhau wyn di'ik, baurainhau awary dia'na na'ik iribe darui imi'l di'ik. Mazan, wainhawyznau, na'ki panaukaz kanuku sannau tuminapkidinii wapaupan.*

Cada semente tem o seu dono, foram eles que nos deram todas as sementes. Algumas vieram das estrelas, outras das águas, outras pelo vento e muitas da própria Mãe Terra. Mas, foram os nossos irmãos, os animais das florestas que nos ensinaram a plantar. (WAPICHANA, 2019, p. 36).

A relação que os indígenas têm com a natureza, nos remete a ligação com o Kosmos, na relação entre os humanos e natureza. Neste sentido, a natureza, as sementes, estabelecem ação e sua interação é detectada pelo poder de modificação. Se a natureza, as sementes adocem, sofrem, desaparecem, os sujeitos humanos também terão suas consequências, como fome, destruição, é uma rede estabelecida entre humanos e não-humanos já constatada entre os povos originários ou tradicionais.

Na cosmologia indígena todas as sementes, que for possível, devem ser coletadas, guardadas num lugar limpo e seco, longe de bichinhos que possam destruí-las, protegendo-as. As crianças indígenas ao brincar com as sementes, aprendem seus segredos, formatos, cores,



tamanho e formas. “[...] *ydainhau tym ytuminpen inhau da’y na’apa yryy, na’apan ytandan, ytdaryn na’ik na’apam ytuminhan*”. (WAPICHANA, 2019, p. 40).

Para os indígenas, os espíritos ancestrais são tão reais como todos os demais seres das florestas e matas, na qual aprendem a cuidar das plantas, dos animais, e de tudo o que faz parte da biodiversidade. Para os Wapichana, as sementes são “o sopro da vida - *putakaryy kakykary*”.

Também para outros grupos indígenas a semente é um bem comum, estão em relação com a floresta, mata e humanos. A agricultura de “corte e queima”, a *coivara*, é uma das mais antigas intervenções humanas no meio ambiente. As áreas derrubadas, queimadas e cultivadas são abandonadas após alguns anos, e nestas áreas que ficam em repouso, a cobertura florestal se regenera com a sucessão ecológica. As capoeiras continuam sendo manejadas, tornando-se verdadeiros “bancos de sementes” e locais de atração de caça, o que favorece a formação de florestas antrópicas biodiversas (BALÉE, 1993; ANDERSON; POSEY, 1985).

Nessa relação nos deparamos com as roças, pois sua abertura e preparação mobiliza uma série de relações. A roça mobiliza o trabalho coletivo, entre homens, mulheres e jovens. Até entre os não-humanos, as plantas e sementes, existe um processo de aparentamento: as plantas e sementes são cultivadas enquanto parentes (ex: milho e pipocas; variedades diferentes de feijões, batata inglesa e batata salsa, etc). As plantas e sementes são plantadas e cultivadas em espaços abertos, dinâmicos, coletivos, as roças, com um grande número de relações entre os homens e outras plantas, animais e seres naturais.

Nessa complexidade das relações estabelecidas está a agrobiodiversidade, presente nas fases de abertura e preparação das roças, com destaque para o campo subjetivo e individual que envolve cada roça. Os faxinalenses, quilombolas, caiçaras fazem sua roça de maneiras diferentes, mas com características e aspectos semelhantes entre eles. Algumas práticas e concepções aparecem com certa durabilidade, como por exemplo, à organização sócio-temporal do plantio e à divisão do trabalho por gênero, mas isto não quer dizer que são regras prescritas determinantes. Cada agricultor ou comunidade planta como aprendeu plantar com seus pais e avós. Está na memória/prática de cada família. Em suas narrativas, meus entrevistados dizem: “*Eu aprendi com meus pais e avós. Eles plantavam assim*”. (Cacilda, Conceição, Maria Tereza, Antônio).

Algumas práticas demonstram essa relação cultural de alguns agricultores na comunidade quilombola Palmital dos Pretos. De acordo com a narrativa de Domingas<sup>96</sup> (93 anos), o cultivo dos alimentos realizado pelos seus pais, por exemplo, acontecia nas roças de toco, “*com roça de queimar na capoeira, no toco, milho e feijão juntos. O feijão colhia antes, pelo pai, mãe e irmãos [...], o arroz também era plantado.* Elenita<sup>97</sup> (57 anos), em sua narrativa também fala das roças de toco. Conta que morava com seus pais no “bracatingá”, terreno que era da avó paterna. A casa era bem nos fundos, perto da nascente de água. “[...] *tinha horta comunitária da família. Tinha bastante taquara no caminho, que nós usava pra fazer cerca. Nós fazia roça de milho e feijão, onde tá a capoeira*”. A técnica de plantar na roça de toco foi repassada de geração em geração, também presente no Faxinal Sete Saltos de Baixo, praticado pela família de Jesuvina (69 anos). Mas também outras formas de fazer a roça, o plantio da terra, foram e são utilizadas com adubação orgânica e o uso de instrumentos rústicos, como a plantadeira e o arado (serve para lavrar/arar a terra).

#### 4.3 SEMEAR E INSEMINAR A TERRA – OS SIGNIFICADOS DA SEMENTE COMO BEM COMUM

Entendemos um signo como uma interpretação da vida real, muitas vezes associado a experiências vividas pelas pessoas (SAHR, 2007). As práticas cotidianas de agricultores com suas roças e sementes estão relacionadas a um saber social que é construído nas vivências diárias, que atravessaram gerações, constituindo um sistema de valores e ações práticas com a terra e um sistema simbólico e de identidade com a mesma, a territorialidade estabelecida.

A terra e sementes para os agricultores adquirem uma carga simbólica e identitária, se constituindo, como um bem natural, comum e necessário a manutenção da vida, sendo que sua “doença” (destruição da variabilidade genética) é inconcebível, pois aniquila esse sistema simbólico. Elas são resultados de práticas e saberes tradicionais, por meio de técnicas apreendidas e repassadas entre as gerações das famílias agricultoras. Dessa maneira preserva-se uma grande variabilidade de espécies, que muitas vezes são até consideradas parte da família, são patrimônios materiais e imateriais carregados de valor sentimental. Ao passar a terra e as sementes aos filhos, os pais transferem também todo um sistema de valores e

---

<sup>96</sup> Narrativa de Domingas Ferreira da Silva, 93 anos, moradora em Palmital dos Pretos, no dia 16/07/2018, concedida a Cleusi T. B. Stadler, Projeto de Pesquisa de Doutorado em Geografia/UEPG.

<sup>97</sup> Narrativa de Elenita, 57 anos, moradora em Palmital dos Pretos, no dia 16/07/2018, concedida a Cleusi T. B. Stadler, Projeto de Pesquisa de Doutorado em Geografia/UEPG.

práticas intrínsecas. (CASSOL; WIZNIEWSKY, 2015). “As sementes remetem a saberes tradicionais centenários que são ressignificados em função das trocas sociais da atualidade” (CASSOL; WIZNIEWSKY, 2015, p. 252). Elas não podem ter donos definidos, devem ser trocadas e distribuídas para que sua reprodução seja perpetuada como um bem comum entre os povos tradicionais.

Mas, infelizmente devido à pressão da agricultura capitalista tecnológica, impõem-se as sementes transgênicas, industriais, carregadas de insumos químicos, que não se adaptam as condições ambientais e culturais dos agricultores tradicionais, exigindo desses agricultores um sistema tecnológico, cultural, distante da sua realidade. Dessa forma, percebe-se que muitas práticas estão sendo deixadas de lado, como as práticas de guardar as sementes e o uso de instrumentos tradicionais, que são vinculadas as tradições familiares. Pois as sementes industriais não são resistentes, não se reproduzem com qualidade e, portanto, não devem ser guardadas. Contribuindo neste sentido, o Governo Federal, tem aprovado leis e ações que apoiam os interesses das grandes companhias sementeiras, facilitando o comércio das sementes transgênicas e o uso de agrotóxicos.

Contudo, exemplos de resistências reaparecem com os “guardiões de sementes” nas comunidades tradicionais, com organizações não-governamentais que procuram manter o valor simbólico e identitário das sementes crioulas.

Fazendo parte deste itinerário de manter o valor simbólico (bem comum) e econômico das sementes crioulas, iniciou-se a viagem da pesquisa nas comunidades em estudo. Primeiramente definem-se as comunidades que fariam parte da pesquisa, sua localização e principais metas a serem alcançadas.

Inicia-se pelas comunidades, faxinalense Sete Saltos de Baixo e quilombola Palmital dos Pretos, onde os agricultores descrevem seus espaços geo-histórico, suas memórias, suas cotidianidades, experiências no lugar; as vivências do seu cotidiano no campo que possibilitam os saberes populares. Segundo Relph (1980, p. 1), “but in itself this practical knowing of places, is quite superficial and is based mainly on the explicit functions that places have for us”<sup>98</sup>.

Da mesma forma, ao caminhar pela comunidade Guaraguaçu, percebe-se o sentimento de lugar para seus moradores. Uma comunidade rural em transição para um

---

<sup>98</sup> [Tradução Livre] “Mas a prática do conhecimento dos lugares em si mesmo baseia-se principalmente sobre as funções explícitas que os lugares têm para nós”.

espaço urbano, mas que têm no rio, nas matas, sementes crioulas e nos quintais agroecológicos, a manutenção de sua geo-história e saberes populares com o uso da terra.

Essas comunidades e agricultores estabeleceram um território mais amplo com suas sementes crioulas, estenderam uma rede de conexões entre elas e com outros lugares. Nas trocas das sementes crioulas, com a pesquisadora em ação, formou-se uma rede de significados das sementes crioulas como identitárias destas comunidades.

A pesquisa teve início com o diagnóstico destas comunidades e das possíveis sementes que pudessem existir nas comunidades, relacionando as práticas tradicionais que ainda existissem no plantio das sementes. E a primeira prática que os identifica enquanto atores de uma mesma territorialidade, é que as plantações, sejam elas, nas roças, nos quintais, se iniciam de acordo com as fases da lua. As fases ideais para o plantio são minguentes e crescentes. De acordo com o Sr. Adalberto, “*não se planta de maneira nenhuma na lua nova, pois os grãos carruncham*”. Ainda espera-se passar cinco dias da lua nova, caso contrário os insetos destroem as plantas. Essas explicações acerca do tempo ideal para plantar faz parte da cosmovisão dessa sociedade, a qual atribui conceituação e valores às atividades práticas de acordo com o conhecimento e a relação histórica com a natureza (TUAN, 1983).

Contudo, em algumas sementes que foram cedidas a pesquisadora, ou guardadas no paiol, foi encontrado uma ocorrência maior de carunchos nas sementes do milho e do feijão. São resultado, segundo alguns agricultores, da modificação genética das sementes atuais que se misturam. E também a confiança na influência das fases da lua para a agricultura vem se reduzindo, dizem não fazer mais efeito sobre os carunchos, pois as condições climáticas da natureza já não é a mesma do tempo de seus pais e avós.

Sobre as sementes identificadas e coletadas inicialmente entre os faxinalenses e quilombolas, as comuns entre as duas comunidades foram: milho amarelo, abóbora grande, mandioca, feijão-arroz, feijão preto, hortaliças. O uso de fertilizantes é somente de uréia e calcário, e ainda utilizam instrumentos tradicionais para lidar com a terra (a matraca<sup>99</sup>). Os alimentos são consumidos pela família produtora e em casos de exceder vende-se na cidade mais próxima.

Nas primeiras visitas, foi realizada a identificação dos agricultores, diagnosticado as práticas produtivas (cultivos, tratos culturais, distribuição das atividades no ano: plantio,

---

<sup>99</sup> Matraca é um equipamento de uso manual, normalmente usado para o plantio de sementes, como de milho, feijão, em áreas pequenas. É um instrumento para o trabalho na roça. Ele abre as covas na terra, e também tem um compartimento para colocar as sementes. O agricultor bate com a matraca fechada ligeiramente na terra para cavar um pequeno buraco. Depois de afundar no solo abre-se a máquina para que os grãos caiam no solo e assim sucessivamente.

semeadura, adubação, colheita, capinas, calendário agrícola); as receitas, hábitos alimentares da família e animais domésticos; sementes crioulas e rede de trocas; sistemas de cultivo.

Nestas comunidades foram identificados 15 guardiões de sementes, entre eles, oito homens e sete mulheres com idade entre 50 e 80 anos. Com todos eles foi encontrado um grande número de sementes de feijão e milho, como principais espécies, mas também abóboras, legumes e temperos, o que está relacionado à estratégia de conservação de recursos genéticos básicos para sua alimentação.

A primeira coleta de dados com Cacilda das Chagas Maia (60 anos) nos trouxe várias informações sobre a agrobiodiversidade dela e seu esposo enquanto agricultores. Utilizam mecanização e adubos químicos em algumas roças, mesclando técnicas tradicionais com técnicas modernas. Não abandonaram por completo técnicas aplicadas por seus antepassados, realizadas nas roças faxinalenses. Como moram dentro do criadouro comunitário do faxinal, a roça é fora desse espaço. Produzem milho, feijão e as hortaliças vendem para a Feira Verde da cidade de Ponta Grossa.

QUADRO 4 – Agrobiodiversidade na propriedade de Cacilda das Chagas Maia.

ANOS	ALIMENTOS PLANTADOS	CALENDÁRIO	COLHEITA	
2017 2018	<u>ROÇA</u> Milho - Repolho Batatinha Mandioca Abóbora <b>HORTA</b> Couve, alface, cebolinha (consumo Próprio)	Maio - Compram-se as mudas de REPOLHO Junho – preparam o terreno. Julho e Agosto – PLANTIO de MILHO Feijão – 6 meses para germinar.  O ano todo	De MILHO  Maio e junho.  O ano todo	
	<b>ADUBAÇÃO</b>	<b>PRÁTICAS E TÁTICAS</b>	<b>INSTRUMENTOS UTILIZADOS</b>	<b>MEMÓRIA</b>
	MILHO-	Compra UREIA – cobertura. Utiliza Veneno para a Capina.	Passando o gradão vai moer para conservar o terreno.	Antes era carpideira. Hoje é motorizado.
	<b>Sementes e/ou produtos consumidos</b>	<b>Pratos tradicionais</b>	<b>Forma de elaboração desses pratos</b>	
	Abóbora Mandioca Milho Verde	DOCE PÃO e BOLO PAMONHA e BOLO.	COZIDO Cozinha e mistura na Massa. Faz a MASSA. Rituais que aprendeu com a mãe.	
	<b>PLANTAS MEDICINAIS</b>	<b>Para que serviam</b>	<b>Práticas de utilização – chás e/ou Benzimento</b>	
	Erva-Doce, Erva-cidreira, Maçanilha, Hortelã Preta Melissa, Capim-Limão Alecrim.	CHÁS	Mãe era benzedeira- Atendia para fora. (Não sabe as rezas)	

Fonte: Autora, 2018.

Iniciou-se com esse diagnóstico a primeira coleta de sementes crioulas. Com Cacilda Maia (60 anos), Antônio Pires das Chagas (66 anos), Otacilia Pires das Chagas (62 anos),

Antônio Tibúrcio Maia (86 anos), conseguiu-se as sementes: feijão roxo, batata-doce, rama de mandioca, pitanga, feijão branco, milho amarelo, abóbora, pepino, amendoim, arroz.

FIGURA 23 - Primeiras sementes coletadas com os agricultores. Ano 2018.



Fonte: A Autora (2018)

Uma das práticas semelhantes que nos contam sobre como preparar a roça era a queimada (coivada) que aprenderam com seus avós e pais. Após a coivara, o preparo da roça se inicia no inverno. O plantio do milho inaugura a semeadura na roça nova, geralmente feita pelos homens. Com as mulheres fica o plantio da batata-doce, do amendoim, mandioca e as hortaliças, plantadas geralmente no quintal perto da casa. O plantio do feijão é na fase da lua minguante ou crescente em setembro, se plantarem em outra lua, segundo eles carruncha, enche desses insetos na guarda da semente.

A terra é o grande patrimônio que estes agricultores possuem. Para eles a terra guarda sementes, alimentos e corpos, gerando decomposição e produzindo novamente vida. Semear significa conceber vida, na cosmovisão dos povos indígenas Krahô (LIMA, 2018).

Como a terra é o centro de subsistência e vida, não é muito fácil a esses faxinalenses e quilombolas quando não as têm. Muitas vezes precisam, no início da formação das comunidades, arrendarem terras de outros proprietários até conseguirem comprar as suas. É o caso do Sr. Alceu do Pilar, que tornou-se um conhecedor (mateiro, etnobotânico) das plantas, árvores, ao redor dos valos do Faxinal e do Palmital. Ele caminha, observa a natureza, descreve a vegetação e classifica as árvores de acordo com seu conhecimento empírico. O aprendizado dele é o de estar na mata, conviver, observar, e no praticar esse saber. “O saber é, portanto, gradualmente ensinado ao mesmo tempo em que é realizado e vivido” (OLIVEIRA, 2012, p. 174).

Sr. Alceu não tem o conhecimento técnico, mas possui o conhecimento empírico das práticas tradicionais, de conviver com o respeito a natureza e saber retirar dela o seu sustento, sem prejudicá-la. Trabalhou muitos anos em fazendas de gado e extração de eucalipto e pinus, próximas ao quilombo, convivendo com a dualidade entre o derrubar a mata e conservá-la. Em suas terras adquiridas no quilombo Palmital dos Pretos, plantava, 1 alqueire ou ½ alqueire de feijão, pepino, milho, mandioca, arroz. O Feijão malhava na caixa de vara, sendo sua maior colheita de 12 sacos de feijão. Ele conhece diversas variedades de feijão, milho, abóbora, arroz, mandioca, batata-doce, distinguindo-os através dos nomes populares, tamanho, cor, forma, época de plantio e colheita. Também conhece muitas práticas cotidianas de como transformar o milho em quirera no monjolo, sapeco e soque no monjolo da erva-mate, bem como, malhar o feijão na caixa de vara.

Nos quadros 5 e 6, temos a coleta de dados de Elenita e de Alceu, Palmital dos Pretos que nos mostra a preocupação com o reflorestamento, com a mata nativa, o cultivo com sementes crioulas e uso de adubo orgânico. O que podemos observar também são as práticas tradicionais e a produção agroecológica.

QUADRO 5 - Agrobiodiversidade, práticas e saberes – Sementes, plantas e saberes: medicinais ou alimentares em Palmital dos Pretos.

(continua)

LOCAL: QUILOMBO PALMITAL DOS PRETOS DATA: 16/06/2018					
IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE PRODUÇÃO RURAL					
NOME DO AGRICULTOR	<i>ELENITA APARECIDA MACHADO (57 anos)</i>				
MUNICÍPIO	<i>CAMPO LARGO</i>				
LOCALIDADE	<i>PALMITAL DOS PRETOS</i>				
DISTANCIA DA SEDE DO MUNICÍPIO	<i>65KM de Campo Largo – 55 km de Ponta Grossa</i>				
POSSE DA TERRA	<i>Própria</i>				
ÁREA TOTAL	<i>3 ½ alqueires</i>				
ÁREA AGRÍCOLA	<i>1 alqueire</i>				
ÁREA DE PASTAGEM	<i>Está se formando ¾.</i>				
ÁREA DE FLORESTAMENTO	<i>Eucalipto – 15 litros</i>				
ÁREA DE RESERVA NATURAL	<i>½ alqueire</i>				
CRIAÇÕES	<i>Galinhas, porcos, égua. Antes tinha cabrito, agora não tem mais.</i>				
MÃO DE OBRA FAMILIAR	<i>4 pessoas. 01 trabalha (mulher). 1 criança (11anos). 2 estão empregados nas empresas fora da comunidade.</i>				
MÃO DE OBRA CONTRATADA	<i>Não.</i>				
NOME SEMENTES e HORTALIÇAS	NOME POPULAR	QUALIDADE DA TERRA	TIPOS DE USO	CICLO DE VIDA P (PANTIO) C (COLHEITA) MESES	OUTROS DADOS-INSTRUMENTOS-TÉCNICAS-INSUMOS
FEIJÃO	<i>Zóio de Pombo</i>	<i>Boa, mas tem que por Uréia</i>	<i>Alimentação</i>	<i>P- Final SETEMBRO C- FEVEREIRO</i>	<i>ADUBO ORGÂNICO E URÉIA. Utiliza duas MATRACAS-uma com orgânico e outra com uréia.</i>
MILHO	<i>Amarelão</i>	<i>Boa, mas tem que por Uréia</i>	<i>Alimentação dos animais</i>	<i>P - AGOSTO C- JANEIRO 2.500 KG</i>	<i>ADUBO ORGÂNICO E URÉIA.</i>

QUADRO 5 - Agrobiodiversidade, práticas e saberes – Sementes, plantas e saberes: medicinais ou alimentares em Palmital dos Pretos.

(conclusão)

MANDIOCA	<i>Branca Amarela</i>	<i>Boa</i>	<i>Alimentação</i>	<i>P – Setembro C- Janeiro</i>	<i>ADUBO ORGÂNICO.</i>
ABÓBORA	<i>Redonda Comprida</i>	<i>Boa</i>	<i>Alimentação (Doce e Salgada)</i>	<i>Ano todo</i>	<i>ADUBO ORGÂNICO.</i>
AMENDOIM	<i>Preto Vermelho</i>	<i>Boa</i>	<i>Pé de Moleque</i>	<i>Não plantou esse ano</i>	-----
MILHO VERDE	<i>Amarelo</i>	<i>Boa</i>	<i>Pamonha Coral - Bolo Canjica</i>	<i>Colheita Janeiro</i>	<i>ADUBO ORGÂNICO.</i>
ALFACE	<i>Lisa e Crespa</i>	<i>Boa</i>	<i>Alimentação</i>	<i>Todo mês.</i>	<i>Só ORGÂNICO</i>
COUVE	<i>Folha Verde Lisa</i>	<i>Boa</i>	<i>Alimentação</i>	<i>Todo mês.</i>	<i>Só ORGÂNICO</i>
ABOBRINHA	<i>Verde pequena</i>	<i>Boa</i>	<i>Alimentação</i>	<i>Verão</i>	<i>Só ORGÂNICO</i>
CEBOLA	<i>Cabeça</i>	<i>Boa</i>	<i>Alimentação</i>		<i>Só ORGÂNICO</i>
ALHO PORÓ		<i>Boa</i>	<i>Alimentação</i>		<i>Só ORGÂNICO</i>
PEPINO	<i>Comum</i>	<i>Boa</i>	<i>Alimentação</i>		<i>Só ORGÂNICO</i>
BATATA DOCE	<i>Roxa</i>	<i>Boa</i>	<i>Alimentação</i>		<i>Só ORGÂNICO</i>
<b>FRUTICULTURA</b>		<b>QUALIDADE DA TERRA</b>	<b>CICLO DE VIDA</b>	<b>OUTROS DADOS Insumos</b>	
LARANJA		BOA	JUNHO-JULHO	Só ORGÂNICO	
PONKAN		BOA	JUNHO-JULHO	Só ORGÂNICO	
MEXERICA		BOA	JUNHO-JULHO	Só ORGÂNICO	
LIMÃO		BOA	JUNHO-JULHO	Só ORGÂNICO	
AMORA		BOA	OUTUBRO	Só ORGÂNICO	
PITANGA		BOA	MAIO	Só ORGÂNICO	
ABACATE		BOA	INVERNO	Só ORGÂNICO	
UVA		BOA	VERÃO	Só ORGÂNICO	
PÊSSEGO		BOA	VERÃO	Só ORGÂNICO	
AMEIXA AMARELA		BOA	INVERNO	Só ORGÂNICO	
LIMA		BOA- na de Baixo	INVERNO	Só ORGÂNICO	
Banana		BOA	VERÃO	Só ORGÂNICO	
Pera		BOA	VERÃO	Só ORGÂNICO	
Pêssego Nectarina		BOA	VERÃO	Só ORGÂNICO	
Plantas Medicinais	Uso de CHÁS e REMÉDIOS - Erva-Doce; Erva-Cidreira; Maçanilha; Hortelã-Preta; Melissa; Capim-Limão; Alecrim; Arruda; Gincobiloba; Guaco; Pimenteira. (Técnica: usa cinzas).				
Outros dados:	Vime: Para fazer cestos. Torra FARINHA; TRANÇA CESTOS; FAZ CANJICA NA CINZA; GUIZA DE ALHO; VARAN COM OVO E CEBOLINHA; QUIRÉRINHA; BATATA-DOCE NA CINZA. Já usou: Monjolo de Pé para fazer Bijú; Quirera torrada; Peneira, Pilão de Madeira, Forno. Faz: farinha na mão- SURURUCA.				

Fonte: A Autora (2018)

QUADRO 6 - Agrobiodiversidade, práticas e saberes – Sementes, plantas e saberes: medicinais ou alimentares em Palmital dos Pretos.

(continua)

LOCAL: QUILOMBO PALMITAL DOS PRETOS DATA: 16/06/2018	
IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE DE PRODUÇÃO RURAL	
NOME DO AGRICULTOR	ALCEU DO PILAR – 50 ANOS
MUNICÍPIO	CAMPO LARGO
LOCALIDADE	PALMITAL DOS PRETOS
DISTÂNCIA DA SEDE DO MUNICÍPIO	65KM de Campo Largo – 55 km de Ponta Grossa
POSSE DA TERRA	Própria. Não é área de plantar. De Média fertilidade.
ÁREA TOTAL	29 LITROS
ÁREA AGRÍCOLA	Horta – 10m2
ÁREA DE PASTAGEM	10 litros.



QUADRO 6 - Agrobiodiversidade, práticas e saberes – Sementes, plantas e saberes: medicinais ou alimentares em Palmital dos Pretos.

(conclusão)

ÁREA DE FLORESTAMENTO	Na mesma área de Pasto – Pinus-perto do Tanque. 8 a 10 pés				
ÁREA DE RESERVA NATURAL	Pasto. Mata com Pasto. Pinheiro 4 a 5. Imbuia. Mata Virgem muito pouco. Só no Capoeirão (Preta e Vermelha a terra). Não tem na sua propriedade.				
criações	Vaca 4 a 5. Cavalo 2.				
MÃO DE OBRA FAMILIAR	5 pessoas.				
MÃO DE OBRA CONTRATADA	Não.				
De +ou – 1980 até 1993 eram Inquilinos numa terra arrendada pelo seu Pai. SEMENTES - somente de QUINTAL. Não tem terras de cultivo. As terras são FRACAS para o plantio quando têm a presença de samambaias e aleluia. E as terras BOAS quando tem bastante aroeira, couvetinga e xaxim.					
NOME	NOME POPULAR	QUALIDADE DA TERRA	TIPOS DE USO	CICLO DE VIDA P (PANTIO) C (COLHEITA) MESES	OUTROS DADOS-INSTRUMENTOS-TÉCNICAS-INSUMOS
MANDIOCA	Branca Amarela	Boa	Alimentação	P – Setembro C- Janeiro	ADUBO ORGÂNICO. Utiliza Roçadeira e Esterqueira.
ABÓBORA	Redonda Comprida	Boa	Alimentação (Doce )	P- Setembro C - Maio	ADUBO ORGÂNICO. Calcário.
MILHO VERDE	Amarelo	Boa	Pamonha	P- Agosto C- Janeiro	ADUBO ORGÂNICO.
ALFACE	Lisa, Crespa e Americana	Boa	Alimentação	Todo mês.	Só ORGÂNICO- composto de esterco de galinha, gado e folhas. Utiliza enxada manual.
COUVE	Folha Verde lisa	Boa	Alimentação	Todo mês.	Só ORGÂNICO
REPOLHO	Verde	Boa	Alimentação		Só ORGÂNICO
CEBOLA	Cabeça	Boa	Alimentação		Só ORGÂNICO
ALHO	Branco pequeno	Boa	Alimentação		Só ORGÂNICO
COUVE-FLOR	Branca	Boa	Alimentação		Só ORGÂNICO
BATATA DOCE	Roxa	Boa	Alimentação		Só ORGÂNICO
CHUCHU	Branco	Boa	Alimentação		Só ORGÂNICO
RÚCULA	Comum	Boa	Alimentação		Só ORGÂNICO
BRÓCOLIS	Verde comprido	Boa	Alimentação		Só ORGÂNICO
<p><u>PLANTAS MEDICINAIS:</u> Uso de CHÁS e REMÉDIOS - Erva-Doce; Maçanilha; Hortelã-Preta e Branco; Melissa; Capim-Limão; Coentro, Rosário (faz defumação contra mau-olhado. A mãe fazia rosário para oração).</p> <p><u>D. Delair (esposa): RECEITA DE CURA DAS BICHAS DE CRIANÇA:</u> Broto de Hortelã com 9 folhas. Sapeco na chapa e esfrega na mão; coloca 1 colher de mel e amassa tudo. Passa nos pulsos das crianças e sola do pé.</p>					
<b>Fruticultura</b>	QUALIDADE DA TERRA	CICLO DE VIDA	OUTROS DADOS Insumos		
LARANJA	BOA	JUNHO-JULHO	Só ORGÂNICO		
MEXERICA	BOA	JUNHO-JULHO	Só ORGÂNICO		
LIMÃO	BOA	JUNHO-JULHO	Só ORGÂNICO		
AMORA	BOA	OUTUBRO	Só ORGÂNICO		
PITANGA	BOA	MAIO	Só ORGÂNICO		
GUAVIROVA	BOA	VERÃO	Só ORGÂNICO		
UVA JAPÃO	BOA	VERÃO	Só ORGÂNICO		
PÊSSEGO	BOA	VERÃO	Só ORGÂNICO		
ARAÇA	BOA	Plantio - Durante época chuvosa. Colheita- ano todo.	Só ORGÂNICO		

Fonte: A Autora (2018)

Podemos observar nos quadros 5 e 6 que o primeiro plantio é do milho. Ele inaugura a roça que começa em agosto, para colher em janeiro. Depois vem o plantio do feijão, que ocorre em setembro com a colheita também em janeiro ou fevereiro, assim como a mandioca. Essas sementes são a base de sua alimentação. Depois vem a abóbora e as demais que vão

estar complementando suas alimentações, alternando entre as épocas de verão e inverno e algumas que produzem o ano todo.

As sementes de milho, assim como de favas e feijão, são plantadas em fileira, em traços verticais, quando são plantadas em sistema de consórcio, porque são consideradas espécies ecologicamente complementares, de acordo com a Embrapa. As variedades de milho nunca são plantadas na mesma roça, pois, “*se ficam próximas, os milhos se cruzam e acabam misturando as raças*” (Antônio Ostrufk). Com o milho é muito fácil de ocorrer o cruzamento, então deve haver uma distância considerável, entre 400<sup>100</sup> a 500 metros entre os plantios de diferentes variedades, para que sejam conservadas as variabilidades e evite-se perdas genéticas.

A batata-doce requer seu espaço próprio assim como o amendoim, separados na roça, pois suas ramas se espalham e não podem interferir no crescimento das outras plantas.

O tempo do plantio é orientado pelas estações do ano, tempo de chuva, e fases da lua. Cada semente tem o tempo certo de plantio. De acordo com a visão indígena (Krahô) e dos agricultores tradicionais, a lua crescente bem na metade é o tempo certo de plantar milho, mandioca e banana, onde o crescimento é vertical, ficam bem altos, com espigas, raízes e frutos grandes. Mas na lua cheia, deve-se plantar a batata, abóbora (plantas de rama), para crescerem grandes e redondos<sup>101</sup>. (LIMA, 2018).

A passagem do sol, lua, estrelas, é guardado de maneira detalhada pelos agricultores tradicionais e relacionado a eventos climáticos, agrônômico, biológico, produtivo e ritualístico. A observação dos astros permite que estes agricultores façam o registro do tempo e dêem origem a calendários astronômicos e agrícolas. O ciclo anual de plantio e cultivo depende da posição dos astros, que dão origem as estações do ano: verão, inverno, outono e primavera. (BARRERA;BASSOLS; TOLEDO, 2015).

Para esses mesmos autores:

O ciclo anual formado a partir das posições dos astros está assim relacionado ao regime de chuvas; o nível dos rios, lagos e outros corpos d'água; os recursos e as fases agrícolas, pecuária, pesqueiras e de coleta e caça; e diversos fenômenos biológicos, como a floração e a frutificação das plantas ou os ciclos de vida das espécies animais (terrestres e aquáticas). Em sua outra dimensão, o calendário

---

<sup>100</sup> De acordo com a legislação oficial, a distância estabelecida é de 300m de distância, mas de acordo com as práticas dos agricultores do projeto, é realizado entre 400 e 500m e não ocorre cruzamento. Mas o ideal, de acordo com Hans Rinklin, coordenador da Casa de Sementes de Mandirituba (PR), seria até 1000m, para não haver o cruzamento.

<sup>101</sup> “Lua redonda” ou “lua carregou mandioca”. Analogia que os Krahôs mais antigos entre a imagem da lua cheia, a mulher grávida e a mulher carregando raízes de mandioca no colo. (LIMA, 2018).

astronômico coincide com o calendário ritual e, em geral, com a cosmologia (BARRERA;BASSOLS; TOLEDO, 2015, p, 99).

O uso do conhecimento sobre os ciclos da lua, do sol, das estações do ano no plantio/cultivo das sementes é bastante comum entre os agricultores tradicionais, bem como, para os mesmos estabelecerem práticas produtivas e calendários agrícolas, em especial do milho e feijão.

Na pesca do rio Guaraguaçu ocorria a interferência da lua, segundo a narrativa de Conceição. Na pesca e no plantio nas barrancas do rio Guaraguaçu. Para ela, seu pai seguia as “regras e sabedoria da natureza”.

*Meu pai via pela lua sabia até a hora pelo sol, se tava ‘em pino’, era meio-dia,[...]ele dizia que se a sombra dele tava bem retinha, era meio-dia, se afastasse um pouquinho era uma hora, duas horas. Eu achava incrível como ele definia a tarde e a manhã [...]era a sabedoria[...] a maré também, ele dizia como ela descia, hoje não sabemos nem falar nós estamos na minguante, na quarta, a maré quebra sabia?Tem vez que é só uma maré[...]se eu ir com a enchente eu volto com a vazante[...]tem época que é duas maré. [...] se eu perder a maré eu vou sofrer [...] e tem maré que dá a quarta, é três maré [...]era tudo agido pela natureza, regra da natureza. Então a gente também tinha que aprender a sabedoria deles, da natureza [...]. Ele ia com a maré subindo e voltava com a maré descendo [...]*<sup>102</sup>.

Na memória de Conceição reside aspectos da influência da lua nos elementos naturais, como o rio. Mas também reconhece elementos próprios de sua história, da tipologia do espaço onde vive das paisagens naturais ou construídas. Essa memória de Conceição, estabelece segundo Jacques Le Goff<sup>103</sup>, um vínculo entre as gerações humanas e o tempo histórico que as acompanha, construindo um elo afetivo que a possibilita se identificar como “sujeito da história”, com os aspectos que envolvem o lugar e os espaços de produção e cultura. Esses sujeitos usam a natureza como aliada, porque se sentem parte dela. Essa produção e cultura se refazem através da agrobiodiversidade que procuram manter nas suas práticas cotidianas.

---

<sup>102</sup> Áudio Conceição Vieira Ramos Constant, Comunidade Guaraguaçu. Entrevista concedida a Cleusi. T. Bobato Stadler, no Dia 02/08/2018. Fala número 34 dos áudios de gravação.

<sup>103</sup> LE GOFF, Jacques. Patrimônio histórico, cidadania e identidade cultural: o direito à memória. In: BITTENCOURT, Circe (Org.) *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997. p.139 e 138.

FIGURA 24 - Calendário Agrícola das comunidades em estudo, de seus plantios, de acordo com as estações do ano.



Fonte: Elaboração da Autora (2020)

Esse calendário, inspirado na Associação Biodinâmica<sup>104</sup>, foi construído pela pesquisadora de acordo com os conhecimentos e fala dos agricultores, das plantas e sementes que cultivam em cada estação do ano. A partir desta elaboração, um calendário mais completo foi montado pela pesquisadora, contendo: todos os meses com fases da lua, dias das plantas serem trabalhadas (plantio, transplante, colheita) das raízes, tubérculos, bulbos, frutos, sementes, flores, folhas, caules e os dias impróprios para atividades agrícolas. De acordo com cada cor (amarela, azul, rosa e verde) estabelecido no calendário, era o dia próprio para o plantio daquela variedade.

<sup>104</sup> <https://biodinamica.org.br>. Articulação Nacional de Agroecologia.

FIGURA 25 - Calendário Agrícola das comunidades em estudo, de seus plantios, de acordo com os meses do ano de 2021.



Fonte: Autora. 2022.

Esse calendário foi distribuído aos agricultores do projeto para sua utilização e anotações que se fizessem necessárias, a fim de adequar o plantio das sementes ao tempo agrícola e prática dos agricultores.

A ligação que os agricultores têm com suas roças e sementes é muito especial segundo a linguagem deles. Eles cuidam para que a natureza lhes devolva através da semente, a sua fonte de vida. É um alimento abundante se cuidado com dedicação. É essa relação entre a terra, a água, semente, agricultor que proporcionará a alimentação necessária para sua subsistência.



A relação de Fermina (75 anos) com sua semente de Feijão Guai é muito grande. Para ela essa semente representa a memória de seu pai, de sua família, como se ela fosse “um parente”. Cuida, planta, colhe, guarda, como se fosse um tesouro, uma das memórias especiais que guarda do pai que plantava a semente no meio do canavial em Iretama no norte do Paraná. A semente veio com ela quando tinha 14 anos, no mês de fevereiro, foi plantada em setembro e colhida em janeiro. E esse ritual de plantio continua até os dias atuais, há 61 anos. Em sua fala destaca: “*Eu tiro a semente todo ano*”. E também refere-se as demais sementes que guarda em potinhos de margarina, ou em papéis enroladas para não misturarem-se. A mandioca, guarda a rama em cima da cobertura do mato, no meio da horta. Em sua simplicidade e carisma, ela não se considera uma guardiã de sementes, na sua percepção identifica-se como uma mantenedora das práticas e das sementes de sua família, como algo pertencente a memória familiar.

FIGURA 26 - 1. Fermina Rodrigues com sua bainha de feijão Guai (2018).  
2. Fermina em sua casa, continuando a plantar o feijão Guai (2022).



Fonte: A Autora. (2018-2022).

O momento da colheita e seleção das sementes, ramas, mudas ou batatas é muito importante para os próximos plantios. Para conservar a mandioca, assim como Fermina, alguns agricultores guardam as ramas em coberturas na roça ou quintal, sempre na sombra, ou as estacas são enterradas inteiras e verticalmente em apenas uma das extremidade na terra.

FIGURA 27 - Proteção construída com lona e galhos por Jesuvina em Faxinal Sete de Baixo para guardar as ramas de mandioca e galhos de erva mate, em seu quintal em 2018 (foto 1) e 2022 (foto 2). No mesmo lugar, continua com as mesmas práticas. Foto 3, Jesuvina com seus feijões “Orelha de padre” ou ervilha torta (2022).



Fonte: A Autora (2018-2022)

Os feixes de feijão e milho em sua maioria, guardam nos paiol e quando em menor quantidade, guardam em potes ou litros de plásticos bem fechados para não entrar umidade e insetos.

Ao longo do tempo estes agricultores faxinalenses, quilombolas e caiçaras, vêm observando seu espaço, o meio ambiente, a natureza, e de acordo com as transformações, muitos deles estão reinventando sua realidade, construindo assim mecanismos para resgatar as sementes crioulas e muitas práticas de seus antepassados. Dessa forma, muitos estão retornando a práticas agroecológicas, separando variedades de sementes, para que sua produção seja um diferencial na comercialização de seus produtos.

São os sistemas locais e tradicionais, informais, manejados e controlados pelos próprios agricultores familiares que na produção, multiplicação, distribuição, melhoramento e conservação produzem suas próprias sementes crioulas, consideradas como parte de um patrimônio genético e cultural de faxinalenses, quilombolas, caiçaras.

Nas comunidades em estudo encontramos famílias preocupadas com as sementes crioulas. Existe um número expressivo de propriedades de base familiar que detem uma importante variabilidade genética de diversas espécies de alimentos. A percepção das

variabilidades locais de sementes e plantas são centrais para o estudo da agrobiodiversidade, pois revelam as diferenças e semelhanças como são conhecidas, seus nomes nativos, os instrumentos e técnicas utilizadas nos seus cultivos e também as propriedades culturais da diversidade.

Entre os agricultores que conservam suas sementes crioulas, vários critérios são utilizados para dar nome as variedades: cor (feijão branco, vermelho, rosinha, preto, etc.); forma (semelhança com animais, feijão cavalo, feijão zebrinha, feijão de porco, feijão olho de pomba, etc); origem (milho asteca, milho peruano, feijão carioca, etc.). Essas formas de classificação podem variar e ser contextuais (uma mesma variedade pode, por exemplo, apresentar nomes diferentes), fugindo de uma classificação homogêna. Por exemplo, no faxinal e quilombo a fava vermelha é conhecida como feijão grande vermelho, já em Guaraguaçu é conhecida como olho de cabra vermelho. E no Faxinal dos Galvão encontramos a fava preta, que não é muito conhecida nas outras comunidades em estudo.

Para Lévi-Straus, seria uma *ciência do concreto*, atuando na *lógica do sensível*, dos sentidos, que os sistemas conceituais são meios de se comunicar, de pensar. Para este autor ele ressalta nos povos tradicionais a precisão com que reconhecem as menores diferenças entre as espécies, seus hábitos, a riqueza e complexidade do vocabulário botânico.

As classificações indígenas não são apenas metódicas e baseadas num saber teórico solidamente constituído, elas também podem ser comparadas, de um ponto de vista formal, com aquelas que a zoologia e a botânica continuam a usar.[...] A verdade é que o princípio de uma classificação nunca se postula, somente a pesquisa etnográfica, ou seja, a experiência, pode apreendê-lo a posteriori. (LÉVI-STRAUSS, 1962, p.60-75).

Constata-se dessa forma, que é a sabedoria, a experiência, o modo sensível como essas comunidades vão classificar suas sementes e plantas que os diferencia em sua memória, sua geo-história, pois eles constroem o território das sementes crioulas, é através delas que se identificam enquanto agricultores que plantam as sementes dos antepassados, a semente nativa, a semente crioula. Essas sementes enquanto variedades locais, muitas vezes não correspondem às espécies e às variabilidades estabelecidas pela classificação científica, mas estão inseridas em complexos sistemas, que têm uma existência própria, um vocabulário, uma classificação de acordo com a sensibilidade, as percepções e conhecimento próprio dos agricultores locais.



#### 4.4 OS GUARDIÕES DE SEMENTES CRIOULAS, O BANCO E A CASA DE SEMENTES

*Música: SEMENTE - Luís/ABAI, Banda Mãe Terra*

***O guardião e a semente***

***É uma aliança para sempre***

***É a semente que dá vida ao guardião***

***O guardião protege a vida da semente***

*Plantar, cuidar, colher e partilhar*

*Ensinar a nova geração*

*Esse é o papel do guardião.*

*O guardião e também a guardiã*

*Cuidando juntos da semente do amanhã*

*Enquanto a multinacional só quer riqueza*

*Os guardiões deixam mais rica à natureza*

*O guardião não se forma em faculdade*

*Basta o amor pela biodiversidade*

*Enquanto os grandes pensam que estamos no fim*

*Nossas crianças já são guardiões mirins.*

Com essa demonstração de sensibilidade, valores, cultura, defesa da biodiversidade e das sementes crioulas, iniciamos com destaque para os guardiões de sementes. *Plantar, cuidar, colher e partilhar, ensinar a nova geração, esse é o papel do guardião.*

Os guardiões protegem a vida da semente. São pessoas que têm um profundo respeito pela natureza. Eles preocupam-se com todo o processo da colheita, armazenamento, multiplicação das sementes, para sua própria produção, para partilhar ou comercializar as sementes.

Os guardiões e suas organizações sociais são os responsáveis por guardar um patrimônio genético importantíssimo para a humanidade, por meio de variabilidades crioulas, mesmo com o avanço da agricultura moderna. Os agricultores familiares, os quilombolas, faxinalenses e caiçaras, são importantes na conservação das sementes crioulas. Esses guardiões desenvolvem técnicas empíricas de cunho sociocultural para resgate, manutenção e dispersão dos materiais crioulos, cujas práticas são passadas de geração em geração (BEVILAQUA *et al.*, 2009).

A agrobiodiversidade tem na semente, na agricultura a base da diversidade e produção de alimentos. Plantar ou adquirir sementes pelos povos do campo gera autonomia e uma agricultura com menores riscos, pois as sementes crioulas são menos suscetíveis às pragas e doenças, adaptando-se mais facilmente às variações do clima.

Guardiões de sementes porque trabalham com a agrobiodiversidade e/ou agrofloresta. São agricultores que possuem sementes crioulas de diferentes espécies e que as multiplicam através do tempo. Alguns agricultores familiares não se consideram guardiões de sementes, mas em sua simplicidade, conhecimento e sensibilidade acabam desenvolvendo práticas e guarda de sementes através das gerações (pais e avós).

É de extrema importância conhecer a história desses agricultores e valorizar o conhecimento empírico desses povos. O perfil dessas pessoas consideradas como guardiãs de sementes é de pessoas com grande experiência e idade avançada, que têm um grande conhecimento das técnicas de cultivo, do solo, época de plantio, instrumentos, ou seja, conservam as práticas e os saberes destas comunidades.

Conforme Gomez-Pompa; Kaus (2000, p. 130):

Muitos agricultores entram em relação pessoal com o meio ambiente. A natureza deixa de ser um objeto, uma coisa, tornando-se um mundo complexo, cujos componentes vivos são frequentemente personificados e deificados como mitos locais. Alguns desses mitos são construídos com base na experiência de gerações; a maneira como representam as relações ecológicas pode estar mais próxima da realidade do que o conhecimento científico. A conservação talvez não esteja presente no vocabulário, mas é parte de seu modo de vida e de suas percepções do relacionamento humano com o mundo da natureza.

A conservação da semente crioula não está no “vocabulário” dos sujeitos tradicionais em estudo. Aquele que guarda a semente não se reconhece como um guardião, mas é parte de seu modo de vida e de suas percepções com o mundo da natureza, está na sua prática de saber empírico, nos cuidados em observar o espaço onde está e construir a partir dele. A semente faz parte de seu cotidiano, ela é crioula porque está permanentemente na terra, sendo produzida, reproduzida e se adaptando as condições climáticas, solo, que encontra nestas comunidades e espaços.

Os guardiões de sementes o são individualmente ou em coletivo. Enquanto coletivo, são entidades, organizações sociais, como o “Coletivo Triunfo-Guardiões de Sementes”, “RESA”, “ABA”, “NEAs”, que expressam trabalho, aprendizagem, luta, resistência, exercitando práticas e novos olhares para o espaço e a natureza.

O que pudemos identificar é que alguns desses agricultores identificados como guardiões de sementes das comunidades em estudo não se identificam assim, para eles a prática de guardar a semente é natural, faz parte da tradição familiar e por isso a reproduzem, trocam e multiplicam. É uma atividade natural de proteção a terra e como forma de não perder a variabilidade da semente. Como nos disse Cacilda: *“Minha mãe tinha a semente e plantava, então eu também guardo e planto”*. Essa percepção de que são guardiões de diversas variabilidades genéticas crioulas nas suas comunidades, que não se encontra no mercado comum, eles ainda não adquiriram no faxinal de Sete Saltos de Baixo. Já na comunidade Palmital dos Pretos, Guaraguaçu e Sete de Cima a percepção é diferente, eles guardam a semente com uma dedicação especial, se percebem como guardiões de sementes e agricultores

preocupados com a agrobiodiversidade. Querem através destas sementes reproduzir a agroecologia, fazer os sistemas de agrofloresta, trocar e multiplicar as sementes como forma de geração da vida. Fazem parte de organizações sociais de proteção as sementes e estão em formação do Banco de Sementes<sup>105</sup> e da Casa de Sementes em Sete Saltos de Cima, para a preservação das variabilidades crioulas.

Queremos propor ampliarmos nossa percepção do termo guardiões de sementes, para uma visão não apenas individual, mas sim de ‘família guardiã’ que mantém uma tradição de gerações, que respeita uma organização familiar e uma relação de comunidade.

O termo agricultores(as) guardiões(ãs) de sementes crioulas está assim denominado há poucos anos e não perfeitamente delimitados (BEVILAQUA *et al*, 2014). Os guardiões seriam as pessoas responsáveis individualmente ou em associações, universidades, centros de pesquisa, em salvaguardar esse patrimônio material e imaterial. Essa denominação ocorre pela constante perda genética ou apropriação indevida dos conhecimentos e das sementes crioula, por empresas do ramo industrial e capitalista ocorrida na década de 1960/70, com a Revolução Verde.

Os guardiões de sementes crioulas montam sua forma de guardar as sementes de acordo com suas tradições. Com sistemas produtivos específicos, atuam na comunidade através de relações de reciprocidade, troca de sementes, produto de seus trabalhos e do conhecimento associado a elas. Assim as sementes são trocadas, em rede, pelas famílias que desenvolvem uma agricultura de base tradicional, mas também ocorre entre outras famílias agricultoras, a exemplo das famílias guardiãs de sementes crioulas de Imbituva (Faxinal dos Galvão), que proporcionou uma troca de sementes com os guardiões das comunidades de Sete Saltos, Guaraguaçu, Palmital, através do projeto, bem como pela troca e compra de sementes crioulas nas Feiras Agroecológicas da cidade de Curitiba e Rebouças no Paraná.

Alguns agricultores guardiões adaptam algumas variedades de sementes, pois é um processo contínuo, dinâmico, de interação entre o meio ambiente ecológico e o ser humano. E essa diversidade existe na circulação entre o material genético das sementes e os saberes associados a elas. Dessa forma, as famílias guardiãs de sementes, com as tradições oriundas

---

<sup>105</sup> Os agricultores entendem o Banco de Sementes e Casa de Sementes, como lugar seguro de proteção as variabilidades, não no sentido mercantil capitalista da palavra. De acordo com Silas Garcia pesquisador da Embrapa, o Banco de Sementes funciona como uma poupança, no qual as sementes são guardadas com segurança e retiradas quando necessárias. Algumas sementes podem ser guardadas por muito tempo, outras devem ser usadas em prazos menores, devido a sua capacidade de germinação. "O banco é a segurança de ter a semente para plantar na época adequada. Com isso, o agricultor ganha soberania de decidir o que quer plantar, como plantar e o que plantar, sem depender de sementes produzidas pelas indústrias agroquímicas". (Embrapa Amazônia Ocidental- <https://www.embrapa.br/>).

de seus antepassados, passam a significar resistência perante a agricultura moderna tecnológica, enquanto modo de vida e de relação social com o meio ambiente. Alguns projetos coletivos no Brasil, como a ABA, AS-PTA, têm defendido formas de reprodução das sementes crioulas, e constituindo redes como a RESA, grupo Guardiões de Sementes, que estão ganhando territórios em muitas esferas políticas e sociais.

#### 4.5 IDENTIFICAÇÃO DOS GUARDIÕES E A REDE DE PESQUISA

Desde o início da pesquisa, o objetivo foi compreender as territorialidade da agrobiodiversidade com alguns sujeitos das comunidades tradicionais. Quais as sementes crioulas que elas guardam nas comunidades, como conservam e trabalham com as sementes crioulas. Compreender o espaço praticado por eles, a partir de suas ações sociais e culturais, como esfera de possibilidades, de multiplicidade, da coexistência conflituosa de várias trajetórias.

Partindo deste princípio, a primeira iniciativa foi a imersão a campo em um trabalho coletivo com o grupo de pesquisa Interconexões, “Das Territorialidades Tradicionais às Territorializações da Agroecologia” a qual a pesquisa está inserida. Através de uma observação-participante e dialógica com os moradores no cotidiano das comunidades, foram levantadas informações, os homens e mulheres que guardavam sementes crioulas, pontos limitantes do território das comunidades, as práticas produtivas (distribuição das atividades no ano: plantio, semeadura, adubação, colheita, capinas, calendário agrícola), hábitos alimentares, bem como, a coleta de algumas amostras de sementes para ir compondo o Banco de Sementes destas comunidades.

Algumas Casa de Sementes e Banco de Sementes já existiam em comunidades próximas a estas, cidades como Fernandes Pinheiro, Palmeira, Irati, Paranaguá, mas na região de Itaiacoca/Ponta Grossa, Faxinal dos Galvão/Imbituva, Pontal do Paraná/Guaraguaçu, ainda não tinham sido coletadas sementes e identificados os guardiões destas. Dessa forma, a coleta de amostras de sementes crioulas, para plantio, reprodução, troca, foi iniciada, com a intenção de compor o material da Casa de Sementes, construída em Sete Saltos de Cima.

A metodologia utilizada para identificar e contribuir na formação do Banco de Sementes Crioulas e na identificação e registro das práticas constitutivas das comunidades quilombola, faxinalense e caiçara foi separada em duas etapas. A primeira compreendeu a identificação dos agricultores guardiões de sementes, envolvendo seu mapeamento. Em

seguida foi feito o inventário da agrobiodiversidade com o levantamento das sementes crioulas existentes em cada comunidade e seu respectivo registro e, por fim, a seleção participativa e a reprodução destas sementes, de interesse comunitário.

A primeira tarefa foi ajudar na organização de uma amostragem de sementes crioulas, recolhidas e catalogadas nas comunidades com os guardiões destas sementes. Para ampliação do Banco de Sementes e buscar alternativas para melhoria da agrobiodiversidade foram realizados cursos preparatórios e realizadas entrevistas semi-estruturadas e livres para identificar as práticas cotidianas dos agricultores com relação ao modo de vida, tradições, formas de plantio e técnicas utilizadas na agrobiodiversidade.

Os primeiros guardiões das sementes identificados são homens, mulheres, cujas famílias, estão estruturadas pelo casal que ainda moram na comunidade, cujos filhos não residem mais na propriedade. Em alguns casos, quando um dos filhos permanece morando próximo dos pais realiza a mesma atividade agrícola dos pais, enquanto os outros estão relacionados ao trabalho urbano. Como procurou-se identificar as pessoas com mais idade nas comunidades, a faixa etária é de 50 a 80 anos.

Em alguns casos, como em Faxinal Sete Saltos de Baixo, algumas produções são mediadas entre sementes crioulas e outras sementes. A produção é ajustada conforme o ciclo produtivo de cada cultura. Algumas espécies como a abóbora, amendoim e algumas variedades de feijão, são plantadas e cultivadas somente com sementes crioulas. Já com relação ao milho, cultivam variedades crioulas, mas também algumas híbridas, ocasionando muitas vezes o cruzamento, a mistura e perda da variedade crioula. Por isso, o incentivo de alguns vizinhos para o cuidado no plantio, respeitando as distâncias, para que não ocorra esse cruzamento.

Em sua maioria os guardiões têm em média umas duas ou três variedades de sementes. É raro encontrar nas três comunidades alguém que tenha diversas variedades, somente os casos do Sr. Antônio Ostrufk (9 variedades), e que procura ter cada vez mais variedades de feijão e de Tereza que possui em seu quintal diversas mudas de plantas medicinais.

O primeiro levantamento das sementes e das práticas identificadas nas comunidades, está exposto no quadro 7.

QUADRO 7 - Práticas Tradicionais e Levantamento de Sementes nas Comunidades.

Saberes Tradicionais -práticas	Identificação da Comunidade e do Guardiã das Sementes
<p>Plantio de Sementes Crioulas (Cultivo na Roça e nas Hortas – quintais das casas). Guardadas ano após ano. Sistema Tradicional – Roça de Toco ou com grade manual. Para alimentação humana e dos animais, tempero, chás caseiros e artesanato.</p> <p><b>SEMENTES CRIOULAS:</b></p> <p>1. Milho Amarelo, Milho Vermelho, Milho da mistura de Amarelo e Vermelho, Milho da Palha e Sabugo Roxo. Feijão Roxo, Feijão Preto, Feijão Branco. Abóbora Grande. Mandioca.</p> <p>2. Coentro, Endro, Cebola, Camomila, Feijão Arroz (Amarelo e Vermelho), Abóbora Purunga. Pepino, Abóbora pequena. Erva-Mate. Para alimentação, tempero, chás caseiros e artesanato.</p> <p>3. Feijão Olho de Pomba, Feijão Rosinha, Feijão Vermelho, Feijão Zebrinha, Ervilha Torta, Limão Sidra, Girassol. Feijão Mesclado, Feijão Preto misturado, Feijão Vermelho.</p>	<p><b>COMUNIDADE FAXINAL - SETE SALTOS DE BAIXO e COMUNIDADE RURAL SETE DE CIMA - Ponta Grossa/PR.</b></p> <p>1. Alcides das Chagas Maia, Antonio Pires das Chagas, Antônio Tiburcio Maia (Plantio na Roça).</p> <p>2. Cacilda das Chagas Maia, Jesuvina Chagas Ferreira. (Plantio na Horta).</p> <p>3. Augusta Marques, Antônio Ostrufka, Benjamim Marques Vieira. (Plantio na roça e na horta).</p>
<p>Plantio de Sementes Crioulas (Cultivo na Roça e nas Hortas – quintais das casas). Guardadas ano após ano. Sistema Tradicional – Roça de Toco ou com grade manual.</p>	<p><b>COMUNIDADE TRADICIONAL: QUILOMBOLA PALMITAL DOS PRETOS – Campo Largo/PR.</b></p>
<p><b>SEMENTES CRIOULAS:</b></p> <p>1. Feijão Vermelho Riscado, Abóbora Redonda, Abóbora Comprida, Amendoim Vermelho, Amendoim Preto, Feijão Preto, Feijão Vermelho, Arroz Branco.</p>	<p>1. Elenita Aparecida Machado, Alceu do Pilar. (Plantio na roça).</p>
<p>2. Erva Doce, Pepino, Abóbora grande, Amendoim Branco, Melancia, Milho Branco – Canjica, Milho Vermelho, Feijão de Porco. FEIJÃO GUAÍ. (veio do Norte- + de 70 anos).</p> <p>3. Feijão Vermelho, Laranja Comum, Feijão Olho de Cabra Vermelho, Mucuna Preta – para limpar a terra.</p>	<p>2. Fermina Rodrigues. (Plantio na Horta).</p> <p>3. Arildo Portela de Moraes. (Guardião – sem plantio ainda)</p>
<p>Plantio de Sementes Crioulas (Cultivo nas Hortas – quintais das casas). Guardadas ano após ano.</p> <p>1. Quiabo, Feijão Sojinha, Ervilha em grão, Feijão de Metro –Vermelho, Milho DOCE, Feijão de Porco, Tomilho.</p> <p>2. Penisilina, Imbaúba, Mimoso, Olho de Cabra Matricalha, Semente da Palmeira Real (Não dá para plantar). Semente de Café. Maracujá Azedo. Semente de Palmito (Não dá para plantar). Semente de Cará.</p>	<p><b>GUARAGUAÇÚ – Pontal do Paraná/PR.</b></p> <p>1. Conceição Vieira Ramos Constante, Claudomiro Constante. (Pnatio atrás da casa).</p> <p>2. Maria Tereza Sales Bitencourt . (Ervas Mediciniais – plantas de cultivo no quintal ao redor da casa).</p>

Fonte: A Autora (2018)

Com base no diálogo, na relação de confiança estabelecida com as comunidades através da imersão a campo, o processo de interação com os guardiões foi ficando cada vez maior. A primeira tarefa foi ajudar na catalogação e organização do Banco de Sementes com uma amostra de cada espécie recolhida, e no estabelecimento da Casa de Sementes. Pelo motivo de Antonio Ostrufk estar representando o CETA e entidades representativas dos agricultores familiares, a Casa de Sementes, foi construída em sua propriedade com a ajuda dos alunos da Universidade Federal do Paraná, Campus Litoral e IFPR de Paranaguá.

As parcerias junto a instituições públicas, como as Universidades foram estratégias importantes para conseguir recursos e financiamentos. Nos projetos desenvolvidos, a troca de experiências e saberes dos agricultores relativos às sementes crioulas, tornou possível para os acadêmicos o desenvolvimento de suas pesquisas. E paralelamente ao trabalho de identificação dos guardiões e inventário das sementes crioulas (Quadro 8), foram realizadas atividades de reuniões, eventos de capacitação dos agricultores guardiões, acadêmicos, técnicos que eram responsáveis pelas atividades nestes locais. Os eventos com os acadêmicos do Bacharelado de Geografia, no CETA, tiveram como foco o conhecimento quanto a metodologias de base ecológica de produção, conservação de sementes, seleção e plantio de árvores nativas e de sementes crioulas. Essa ação é fundamental para valorizar e retomar o conhecimento tradicional dos agricultores familiares e da produção agroecológica.

QUADRO 8 - Variedades Crioulas catalogadas e recolhidas entre os guardiões das Comunidades, com seus nomes científicos.

(continua)

Nome Popular	Nome científico	Família
Alface	<i>Lactuca sativa L.</i>	Asteraceae
Amendoim	<i>Arachis hypogaea L.</i>	Fabaceae
Abóbora Gigante	<i>Cucurbita L.</i>	Cucurbitaceae
Arroz	<i>Oryza sativa L.</i>	Poaceae
Coentro	<i>Coriandrum sativum L.</i>	Apiaceae
Erva Doce	<i>Pimpinella anisum L.</i>	Apiaceae
Cebola	<i>Allium cepa L.</i>	Liliáceas
Camomila	<i>Chamomilla recutita L.</i>	Asteraceae
Ervilha	<i>Pisum sativum L.</i>	Fabaceae
Erva-Mate	<i>Ilex paraguariensis A.St.-Hil.</i>	Aquifoliaceae
Girassol	<i>Helianthus annuus L.</i>	Asteraceae
Feijão –Espécies – bolinha, branco, carioca, corda, fava vermelha, mulatinho, olho de pomba, preto, rajado, roxinho, verde, vermelho, mulato, zebrinha, Guai.	<i>Phaseolus vulgaris L.</i>	Fabaceae

QUADRO 8 - Variedades Crioulas catalogadas e recolhidas entre os guardiões das Comunidades, com seus nomes científicos.

(conclusão)

Feijão-de-porco	<i>Canavalia ensiformis L.</i>	Fabaceae
Milho – Amarelo, branco, vermelho, roxo.	<i>Zea mays L.</i>	Poaceae
Mandioca	<i>Manihot esculenta C.</i>	Euphorbiaceae
Limão cravo	<i>Citrus × limonia O.</i>	Rutaceae
Melancia	<i>Citrullus lanatus (Thunb.) Matsum. Nakai.</i>	Cucurbitaceae
Mucuna Preta	<i>Mucuna ou Mucunã L.</i>	Fabaceae
Pepino	<i>Cucumis sativus L.</i>	Cucurbitáceas
Quiabo	<i>Abelmoschus esculentus (L.) Moench</i>	Malvaceae
Tomilho	<i>Thymus vulgaris L.</i>	Lamiaceae
Endro	<i>Anethum graveolens L.</i>	Apiaceae
Laranja	<i>Citrus aurantium L.</i>	Rutaceae
Pipoca Preta	<i>Zea mays everta L.</i>	Poaceae
Chia	<i>Sálvia hispanica L.</i>	Lamiaceae
Sucupira	<i>Pterodon emarginatus L.</i>	Fabaceas
Vagem Cipó	<i>Ingá-cipó (Inga edulis) Mart.</i>	Fabaceae
Pimentão	<i>Capsicum annum L.</i>	Solanaceae
Mostarda	<i>Gêneros Brassica e Sinapis L.</i>	Brassicaceae
Salsinha	<i>Petroselinum crispum Nym.</i>	Apiaceae
Melão	<i>Cucumis melo L.</i>	Cucurbitaceae
Erva de Santa Maria	<i>Chenopodium ambrisioides L.</i>	Chenopodiaceae.
Algodão	<i>Gossypium L.</i>	Malvaceae.
Soja Preta	<i>Glycine max L. Merrill</i>	Fabaceae
Mimosa	<i>Citrus reticulata. Blanco</i>	Rutaceae
Penicilina	<i>Alternanthera brasiliana (L.) Kuntze</i>	Amaranthaceae.
Imbaúba	<i>Cecropia pachystachya T.</i>	Urticaceae
Olho de Cabra	<i>Ormosia arborea (Vell.) Harms.</i>	Fabaceae
Café	<i>Coffea arabica L.</i>	Rubiaceae
Palmeira Real	<i>Areca catechu L.</i>	Arecaceae
Maracujá azedo	<i>Passiflora edulis Sims.</i>	Passifloraceae
Palmito	<i>Bactris gasipaes Kunth.</i>	Arecaceae
Cará	<i>Dioscorea- inhame L.</i>	Dioscoraceae
Brócolis	<i>Brassica oleracea L.</i>	Brassicaceae
Pimenta	<i>Capsicum L.</i>	Solanaceae
Coloral	<i>Bixa orellana L.</i>	Bixaceas
Gergelim	<i>Sesamum indicum L.</i>	Pedaliaceae
Lúpulo	<i>Humulus lupulus L.</i>	Cannabaceae
Milho Doce	<i>Zea mays L.</i>	Poaceae

Elaboração: Autora, 2019.



FIGURA 28 - Casa de Sementes Agricultor José Sarnick. Banner da Casa de Sementes.



Fonte: A Autora (2019)

Na comunidade Caiçara Guaraguaçu, temos um destaque para a guardiã Conceição Vieira Ramos Constant. Como já mencionado anteriormente com sua grandiosidade de ser humano e com seus conhecimentos vernaculares ela tem um conhecimento sobre as plantas e sementes extraordinário. Em sua pequena agrofloresta, no quintal de sua casa, cultiva variedades de sementes, entre as quais: café, quiabo, capiá-rosário, banana, cará, milho, mandioca, graviola, amendoim, abacaxi nativo, abacaxi pérola, caju (nativo), cará roxo, cará branco, ora-pronóbolis, pimentão, pimenta vermelha, maracujá, entre tantas outras plantas.

FIGURA 29 - Plantas cultivadas por Conceição em seu quintal. Plantio em agrofloresta. Novembro de 2018.



Abacaxi e cará roxo.



Amendoim.



Mandioca



Maracujá



Caju Nativo do Litoral



Banana do Litoral



Abacaxi nativo(muda do pai dela).



Cafê

Capiá-rosário.



Cará-branco.



Cará-roxo.





Graviola



Pimentão Verde



Pimenta-Vermelha



Ora-pronóbolis, milho, mandioca e quiabo

Conceição em seu Café Caiçara. Produtos de seu quintal agroecológico.



Fonte: A Autora. 2019.

O projeto de pesquisa foi tomando dimensões maiores e extrapolando as fronteiras físicas das três comunidades. Com as visitas a campo e a arrecadação de amostras de sementes crioulas, alguns agricultores desejaram ampliar e trocar as sementes com outras comunidades. Começaram então a participar das Feiras de Sementes, como a feira de Sementes crioulas de Rebouças, e também enquanto pesquisadora participei de eventos ligados a sementes crioulas, como visitas a acampamentos do MST, feiras locais e regionais de sementes, onde adquiri sementes diversificadas, bem como realizei trocas com outros guardiões.

De acordo com MENEZES(2009, p.32), “a matriz desses sentidos, significações e valores não está nas coisas em si, mas nas práticas sociais”. As sementes crioulas para os agricultores das comunidades representam a espacialidade em uma temporalidade, é a produção cultural de suas comunidades. As sementes guardadas e recuperadas representam a materialização dos saberes de gerações (pais, avós, bisavós), o conhecimento de caráter vivo e permanente. É o conhecimento, as práticas transpostas, vividas. São tempos distintos em uma mesma prática cultural e social. São os netos, filhos de agricultores, outros agricultores de outras comunidades em rede, materializando, vivenciando, as práticas de outras gerações que também territorializaram essas mesmas práticas sociais, culturais, econômicas.

Falar e cuidar de bens culturais não é falar de coisas ou práticas em que tenha os identificado significados intrínsecos, próprios das coisas em si, obedientemente embutidos nelas, mas é falar de coisas (ou práticas) cujas propriedades, derivadas de sua natureza material, são seletivamente mobilizados pelas sociedades, grupos sociais, comunidades, para socializar, operar e fazer agir suas ideias, crenças, afetos, seus significados, expectativas, juízos, critérios, normas, etc., etc. – e, em suma, seus valores. (MENEZES, 2009, p.32).

Como Menezes escreve, o bem cultural está relacionado a uma referência material, a semente crioula é materializada, mas de forma intrínseca é um valor imaterial, simbólico para os que as guardam, representa também os valores mobilizados pelas comunidades tradicionais para a socialização, crenças, afetos, significados das práticas socioculturais e econômicas destas comunidades.

Os agricultores que guardam as sementes, produzem um espaço territorializado quando reproduzem essas sementes e suas práticas. É a memória dos agricultores que os situa no tempo, é através dela que eles internalizam valores afetivos, vínculos subjetivos, um sentimento de pertencimento, identidade com as sementes crioulas, pois representam a existência de gerações.

Ao buscar, enquanto pesquisadora, as memórias, os significados, os vínculos subjetivos dos agricultores com as sementes crioulas, conheci em uma saída a campo da disciplina de Geografia Agrária, duas mulheres no acampamento Ana Rosa do Contestado em Castro/PR, que transmitem todo esse conhecimento, afetividade e saberes com as sementes. Uma senhora de 76 anos e outra de 39 anos, mas com saberes e práticas essenciais na guarda e cuidados com estas sementes, bem como o plantio intercalado de sementes diferentes, como por exemplo, plantio do milho e de olericultura.

A senhora de 76 anos, guardava 06 variedades diferentes de feijão, as quais nos repassou com uma generosidade enorme. E com a senhora de 39 anos, semente medicinal de milho, com a receita de como ser usado com as crianças. Na narrativa destas senhoras pode-se perceber a generosidade na troca destas sementes, para serem levadas as outras comunidades. Estabelece-se uma rede de trocas de sementes e conhecimentos entre comunidades que não se conhecem pessoalmente, mas que têm um sentimento de pertencimento de saberes tradicionais, e conectamos uma espacialidade que estrapola a fronteira física das comunidades.

Da mesma forma, no Assentamento do Contestado na cidade da Lapa/PR, observamos o plantio das sementes crioulas dentro de uma agrofloresta, intercalando as árvores com olericultura. São práticas agroecológicas que contribuem para a permanência e reprodução das sementes crioulas.

FIGURA 30 - 1. Acampamento Ana Rosa do Contestado com plantio de milho e olericultura.  
2. Assentamento Contestado, com plantio em Agrofloresta.



Fonte: A Autora

Seguindo nossa viagem geo-histórica, novas sementes foram adquiridas na Casa de Sementes de Fernandes Pinheiros, com Silvestre (Grupo Coletivo Triunfo/Guardiões de



Sementes), outras foram adquiridas no Encontro de Agroecologia em Curitiba, nos dias 27/08/2019 a 01/09/2019. Nestas duas ocasiões conseguimos 09 variedades de sementes crioulas, entre milho, feijão, abóbora, gergelim.

FIGURA 31 - Primeira foto plantio de 19 variedades de Feijão no dia 14/09/2019 na Comunidade Palmital dos Pretos. Segunda foto plantio de 06 variedades de feijão em meio a agrofloresta, na comunidade de Sete Saltos de Cima, no dia 30/11/2019.



Fonte: A Autora.

Alguns membros da Comunidade Sete Saltos de Cima, Comunidade Quilombola Palmital dos Pretos e faxinalenses de Sete Saltos de Baixo participaram da 17ª Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade e a 3ª Festa dos Guardiões e Guardiãs de Sementes, no município de Rebouças/PR, entre os dias 16 e 17 de agosto de 2019, cujo tema era: “Cultivar sementes crioulas é promover alimentação saudável e preservar os conhecimentos tradicionais”.

Neste evento os agricultores tiveram a oportunidade de trocar saberes, conhecimentos, práticas e sementes com quilombolas, faxinalenses, indígenas, assentados da reforma agrária, benzedeiros, estudantes, professores, gestores públicos, pesquisadores e moradores da região. Também divulgaram o banco de sementes das Comunidades, estruturado pela autora e pelo Grupo Interconexões, bem como, da Casa de Sementes José Sarnick. Foi exposto o mostruário de sementes crioulas organizado durante as investigações das comunidades em estudo. Também adquirimos mais três variedades de feijões crioulos, feijão milico, feijão chocolate e feijão amendoim, os quais ao serem replantados tiveram um ótimo rendimento em Palmital dos Pretos.

FIGURA 32 - Participação do Banco de Sementes das Comunidades na 17ª Feira Regional de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade e a 3ª Festa dos Guardiões e Guardiãs de Sementes, no município de Rebouças/PR, no ano de 2019.



Fonte: A Autora.

Expandindo-se ainda mais a rede de pesquisa, encontramos Adalberto Ben-Hur Bischof (63 anos), que faz a guarda de sementes crioulas e o plantio em Santa Maria do Oeste/PR e Ponta Grossa/PR, nas suas roças e quintal da casa. Com ele adquirimos cinco variedades de feijão, duas de milho. Como guardião de sementes, ele tem um cuidado especial no plantio com as fases da lua, só planta na minguante (2 dias antes) e colhe até a lua nova para não carunchar, na crescente e cheia não planta nada. De acordo com suas práticas, o que se dá embaixo da terra (como beterraba, mandioca, batata doce, cenoura, batatinha, etc.) também é na minguante. Ele sempre deixa um pouco de sementes para guardar. O milho branco, da semente que possui, sua haste chega a 4m de altura e produz em 125 dias para milho verde. O feijão preto comum produz em 105 dias, o feijão vermelho em 85 dias, se for plantado em lugar úmido.

Em Santa Maria do Oeste em sua roça, o solo é limpo de agrotóxico, usa adubo orgânico, faz correção do solo com cinza e o solo é menos arenoso, a terra roxa. A produção é em maior quantidade, só com sementes crioulas é melhor. Essas práticas mostram a herança indígenas e quilombola permitindo uma produção de melhor qualidade, segundo Adalberto.

FIGURA 33 - Variedades cedidas por Adalberto e reproduzidas em Sete de Cima.



Fonte: A Autora.

Percebemos com o segundo levantamento das sementes identificadas nas comunidades e na rede estabelecida, que a quantidade de variedades aumenta significativamente. A aquisição e troca de sementes vai se expandindo, assim como os saberes e práticas realizadas pelos agricultores.

As variedades no banco e Casa de Sementes Crioulas são a principal estratégia de reapropriação da agrobiodiversidade nas comunidades. O apoio do grupo Interconexões para a ampliação do banco de sementes, da casa de sementes, da participação em feiras agroecológicas, foi fundamental para atender a necessidade e a demanda dos agricultores quando precisam de sementes que foram perdidas pelas comunidades ou guardiões, possibilitando a reintrodução delas nas comunidades.

No quadro 9, temos a relação das sementes reintroduzidas nestas comunidades, as quais muitas tinham sido perdidas, ou não eram conhecidas pelos agricultores. Através da rede de trocas ou comercialização, muitas destas sementes foram guardadas no banco de sementes das comunidades.

QUADRO 9 - Sementes acervadas pelo Banco de Sementes e a Rede estabelecida entre as comunidades.  
(continua)

<p>Plantio de Sementes Crioulas (Cultivo nas Roças ou Hortas – quintais das casas). Guardadas ano após ano.</p> <p>1. Abóbora, Chia, Feijão Vagem de Metro, Abóbora Chaleira, Abóbora Moganga, Feijão Rosinha, Pepino Amarelo, Alface, Milho Vermelho, Pipoca Branca, Pipoca Preta, Arroz, Feijão Vagem de Cipó, Pimentão, Mostarda, Mostarda Crespa, Vagem de Metro, Pepino Grande, Feijão Carioca, Abóbora Gigante, Feijão Mesclado, Pimentão Vermelho, Feijão Olho de Cabra PRETO, Salsinha, Feijão Olho de Pomba, Melão Amarelo, Amendoim Chapéu de Índio. Semente de Erva-Mate, Erva-Doce, Girassol, Sucupira (medicinal).</p>	<p><b>COMUNIDADE TRADICIONAL: (antigo Faxinal- hoje Comunidade Rural). DOS GALVÃO – Imbituva/PR.</b></p> <p>1. Coletadas em Projeto pelos alunos da Escola Municipal de Faxinal dos Galvão, com seus pais e avós.</p>
<p>Plantio de Sementes Crioulas (Cultivo nas terras acampadas). Guardadas ano após ano.</p> <p>1. Feijão Rosinha, Feijão Preto de 60 dias, Feijão Pé Vermelho do Norte, Feijão Mourinho, Feijão Bico de Ouro, Feijão Preto de Palha Roxa, Abóbora amarela, Alface, Brócolis, Erva-Doce, Pimenta, Coloral, Milho Roxo para remédio de Sarampo.</p>	<p><b>ACAMPAMENTO DE SEM TERRAS - MARIA ROSA DO CONTESTADO-Castro/PR.</b></p> <p>1. Judite Soares, Sandra de Jesus, Roque Paiva.</p>



QUADRO 9 - Sementes acervadas pelo Banco de Sementes e a Rede estabelecida entre as comunidades.  
(conclusão)

<p>Plantio de Sementes Crioulas (Cultivo nas Roças e Hortas – quintais das casas). Guardadas ano após ano.</p> <p>1. Feijão Mulato, Feijão Preto Manteiguinha, Feijão Venha Logo, Feijão Caboclo Roxo, Milho Foguinho, Milho Esteque, Milho da Palha Roxa, Milho Amarelão, Milho Sangue de Cristo, Erva de Santa Maria.</p>	<p><b>Comunidade Quilombola “SOCAVÃO” – SERRA DO APON – Castro/PR</b></p> <p>1. Dilmira Souza Rodrigues, Manoel Rodrigues da Silva, Vanir Rodrigues dos Santos.</p>
<p>Plantio de Sementes Crioulas (Cultivo nas Roças e Hortas – quintais das casas). Guardadas ano após ano. Comercialização.</p> <p>1. Gergelim, Lupo de Cerveja, Algodão, Soja Preta, Abóbora Brasileira.</p>	<p><b>COMUNIDADE RURAL São João – Fernandes Pinheiro/PR. CASA DE SEMENTES - Coletivo Triunfo.</b></p>
<p>Feiras de Sementes Agroecológicas. Comercialização.</p> <p>1. Feijão Milico, F. Chocolate, F. Amendoim, F. Cavalo.</p>	<p>Feira Agroecológica de Curitiba Feira Agroecológica de Rebouças</p>
<p>Guardião Individual.</p> <p>1. Carioca graúdo, mourinho, preto, branco, vagem. Milho da palha roxa, milho branco. Carambola, café amarelo.</p>	<p>Adalberto Ben-Hur Bischof (63 anos). Plantio em Santa Maria do Oeste/PR e Ponta Grossa/PR. (roça e quintal de casa).</p>

Fonte: A Autora.

Quando tratamos de Rede na Geografia, queremos destacar as redes que marcam o espaço geográfico. O conjunto de localizações humanas articuladas entre si por meio de vias e fluxos. Estas podem ser analisadas sob a visão de CORRÊA (2018, p. 50), “As redes geográficas são redes sociais espacializadas. São sociais em virtude de serem construções humanas, elaboradas no âmbito de relações sociais de toda ordem, envolvendo poder, cooperação e relações em outras esferas da vida.”. As redes sociais são historicamente contextualizadas, portanto, mutáveis, e tornam-se geográficas quando as consideramos, a despeito de sua necessária espacialidade, como localizações qualificadas, e interações espaciais entre elas. É a espacialidade que qualifica uma rede social em termos geográficos. Elas funcionam dentro da organização do espaço, e têm diversas formas de se manifestar, depende do contexto que se está analisando. Para Corrêa (2018),

Trata-se do conjunto de localizações humanas articuladas entre si por meio de vias e fluxos. Nesse sentido, a rede geográfica constitui-se em caso particular de rede em geral, esta forma que advém da topologia. Sua importância para a geografia, como se tentará evidenciar, é enorme, pois é parte fundamental da espacialidade humana. (CORRÊA, 2018, p. 50).

As redes geográficas, para esse autor, podem ser de qualquer contexto, seja ele, material, social, político, econômico ou até imaterial. As sementes crioulas estabelecem uma Rede de conexões entre os sujeitos, as comunidades e cidades, seja no aspecto material, como no simbólico, reeligando as práticas econômicas, sociais culturais das comunidades tradicionais.

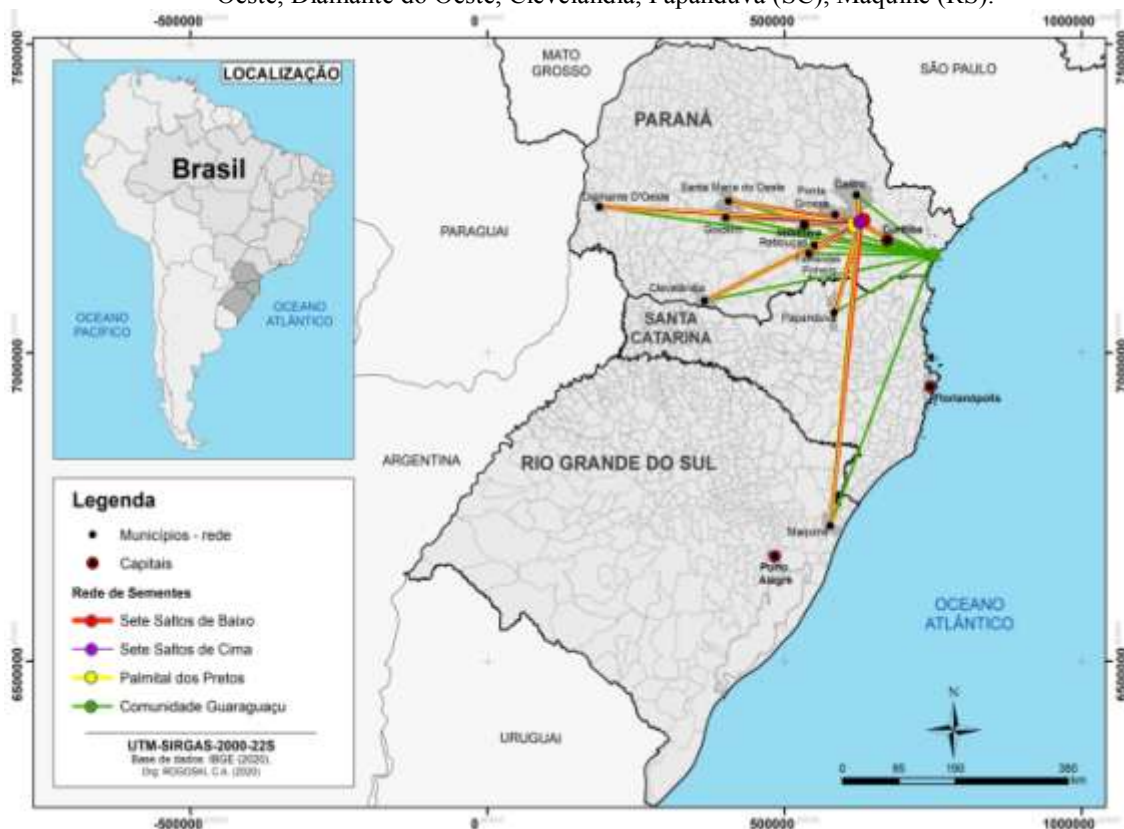
Na afirmação de Fraga (2007, p. 15) onde cita Lobato Corrêa (1997);

[...] especifica um quadro sobre a análise das redes geográficas em três dimensões: organizacional, temporal e espacial. Tais dimensões permitem identificar a configuração interna da entidade estruturada em rede, a duração da rede, a velocidade dos fluxos e a frequência como a rede se estabelece, além de compreender a escala, a forma espacial e a conexão. No sentido metodológico, o estudo de redes é um amplo conteúdo que favorece a formulação de novas propostas a serem destrinchadas e restabelecidas ao longo do tempo, à medida que se modificam os papéis e as funções [...].

Nestas três dimensões, organizacional, temporal e espacial, as sementes crioulas estabelecem redes, pois se organizam em grupos, comunidades de guardiões, incitam a memória das gerações no tempo e a prática de guardar as sementes através das gerações, em um espaço, porém, que extrapola as fronteiras físicas com as práticas cotidianas e manifestações sócio-culturais. De acordo com a Antropologia, o território criado pela Rede de sementes tem uma dimensão simbólica, na visão de Haesbaert (2004), o território criado pela Rede é uma vertente “cultural, simbólico-cultural”, que prioriza uma dimensão mais subjetiva. Através das sementes crioulas os agricultores tradicionais são representados e identificam-se nesta Rede estabelecida.

Nesta rede estabelecida entre os sujeitos das comunidades estabelecem-se territórios *do Cotidiano e das Trocas* (SAQUET, 2007, p. 150), *território cotidiano*, de todos os dias, no qual se garante a satisfação das necessidades, do descontínuo, de uma territorialidade imediata, banal e original, previsível e imprevisível. *Das trocas* porque ocorre uma articulação entre o local, regional, nacional. “O território aberto e fluído se constrói e desconstrói, em caso de relações e segundo sua frequência. [...] É um movimento perpétuo.” (Apud, RAFFESTIN, 2003, p,7). Neste território há uma continuidade temporal, espacial, uma articulação multiescalar. É também um território ao mesmo tempo material e imaterial; histórico e imaginário, subjetivo (memória individual e/ou coletiva).

FIGURA 34 - Mapa da Rede de Sementes estabelecida pelas Sementes Crioulas coletadas pelo Projeto da Tese: Ponta Grossa, Pontal do Paraná, Curitiba, Castro, Imbituva, Rebouças, Fernandes Pinheiro, Santa Maria do Oeste, Diamante do Oeste, Clevelândia, Papanduva (SC), Maquiné (RS).



Fonte: Carlos Alexandre Rogoski (2020)

Através deste mapa, destacamos a “rede” estabelecida com a identificação dos espaços geográficos, as três comunidades pesquisadas, sua ligação com o Faxinal dos Galvão (Imbituva), a rede estabelecida da pesquisadora e o Grupo de Pesquisa Interconexões com as cidades de Castro, Fernandes Pinheiro (onde tem uma Casa de Sementes), com outras cidades de onde foram adquiridas as sementes, como Santa Maria do Oeste, através de Adalberto, da Feira Agroecológica de Curitiba, de Diamante do Oeste com o Projeto Rondon (sementes trazidas por Ingrid Zambilo), e outras cidades como Clevelândia onde a pesquisadora adquiriu novas sementes e realizou trocas das mesmas. Esses espaços se ampliam com a troca de sementes, e nas práticas constitutivas das comunidades com estas sementes crioulas. O espaço limitado das três comunidades extrapola-se com a rede de sementes estabelecida, esse espaço é mais amplo, significativo e representativo dos guardiões de sementes. Eles junto das sementes, levam também, suas práticas de agricultura tradicional, suas crenças e saberes, ampliando ainda mais as fronteiras do conhecimento.

Os agricultores guardiões do território(rede) das sementes crioulas possuem articulações importantes com outras cidades, instituições, com as gerações passadas, legando

aspectos culturais, sociais, saberes, os quais são agregados as práticas e técnicas de cultivo das sementes. Portanto, há uma inter-relação entre lugares, saberes, sementes e cultura.

## CAPÍTULO 5

### SABERES E PRÁTICAS TRADICIONAIS – Plantio e Reprodução das Sementes Crioulas

*“Saiu o Semeador a semear  
semeou o dia todo e a noite o apanhou ainda  
com as mãos cheias de sementes.  
Ele semeava tranquilo sem pensar na colheita  
porque muito tinha colhido do que outros semearam”.*  
(Cora Coralina)

As sementes crioulas como indicadores e as territorialidades destas sementes com os sujeitos das comunidades tradicionais é o principal escopo desta tese. As territorialidades vão muito além do espaço geográfico delimitado, elas pressupõem um espaço construído pelas práticas cotidianas que constantemente o ressignificam, um espaço construído por relatos de ações, práticas, representações e interações. É nessa interação que os sujeitos faxinalenses, quilombolas, caiçaras, transformam os espaços de acordo com seus preceitos e interesses próprios.

As sementes crioulas, utilizadas pelas comunidades locais e agricultores familiares, que conservam, manejam e as utilizam, identifica uma territorialidade coletiva, pois a identidade territorial se constrói pela relação com o outro. Partindo desta premissa, podemos nos perguntar: Que práticas espaciais, fazem um coletivo de sujeitos identificar-se como iguais e/ou diferente dos outros? Mas também podemos nos perguntar: em meio a diversidade existem práticas socioterritoriais comuns que permitem associar os distintos sujeitos das comunidades, com as sementes crioulas, a nível local e regional?

Para respondermos essas questões, presumimos que existem práticas próprias de cada agricultor ou comunidade, mas também existem em sua maioria práticas comuns na formação identitária dos guardiões de sementes (produção da subjetividade), visto que os mesmos não estão isolados, partilham de uma história comum entre os agricultores.

Muitos pontos identitários são semelhantes nas práticas agrícolas dos sujeitos das três comunidades, pois a troca de saberes e de sementes partiu da própria realidade e vivência dos agricultores(as), indicando uma melhor compreensão das práticas de manejo nos agroecossistemas, com as sementes.

Todos os agricultores das propriedades pesquisadas revelaram possuir armazenamento das sementes. Na maior parte das propriedades os agricultores continuam produzindo no mesmo local ou em terras próximas de onde seus ascendentes o faziam,

somando às práticas agrícolas tradicionais, o conhecimento a respeito do solo, clima e interações ecológicas locais.

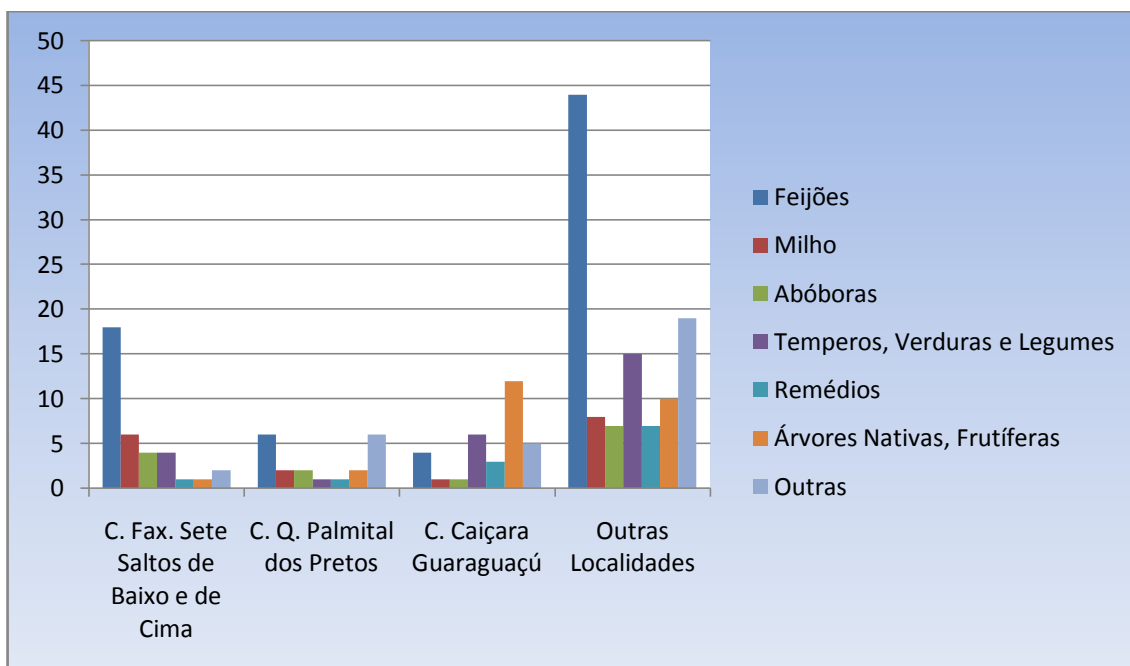
Os dados levantados revelaram que a guarda das variedades tradicionais de sementes são somente para o consumo próprio e para alimentação dos animais, e em algumas ocasiões esporádicas trocavam com os parentes e vizinhos como principais formas de intercâmbio. Depois da realização do projeto com o Grupo Interconexões, começaram a frequentar as feiras de sementes em sua maioria organizada por instituições locais. Outros elementos de relevância para as trocas dessas sementes foram às casas de sementes intercambiáveis entre a pesquisadora e os agricultores.

Para conduzir as respostas da questão principal da tese, as práticas dos guardiões de sementes na agricultura tradicional, de acordo com os levantamentos realizados em sua maioria são semelhantes. Na condução desta análise tomaremos por base algumas características específicas: como preparam os terrenos, as sementes que são guardadas pelos agricultores, plantam pelas fases da lua, prática do mutirão, plantam em agroflorestas, utilizavam a roça de toco (coivara), cuidados com o solo, artesanato com plantas da natureza, alimentação, ervas medicinais. Essas características serão descritas e comparadas em cada comunidade pela prática dos guardiões de sementes, mais adiante em tabela comparativa.

Quando os agricultores expõem suas narrativas, ele narra suas atividades cotidianas, como ele planta, colhe, armazena e de que forma ele faz essas atividades, mas também, ele nos passa suas percepções, seus saberes, mas também repassa para outras pessoas, assim é possível dizer que o mesmo está produzindo e socializando saberes. E esses conhecimentos ele adquiriu com os mais velhos, que passam suas tradições de gerações em gerações, por meio de práticas e símbolos que levam a manutenção e uso sustentável dos ecossistemas naturais (DIEGUES, 2000).

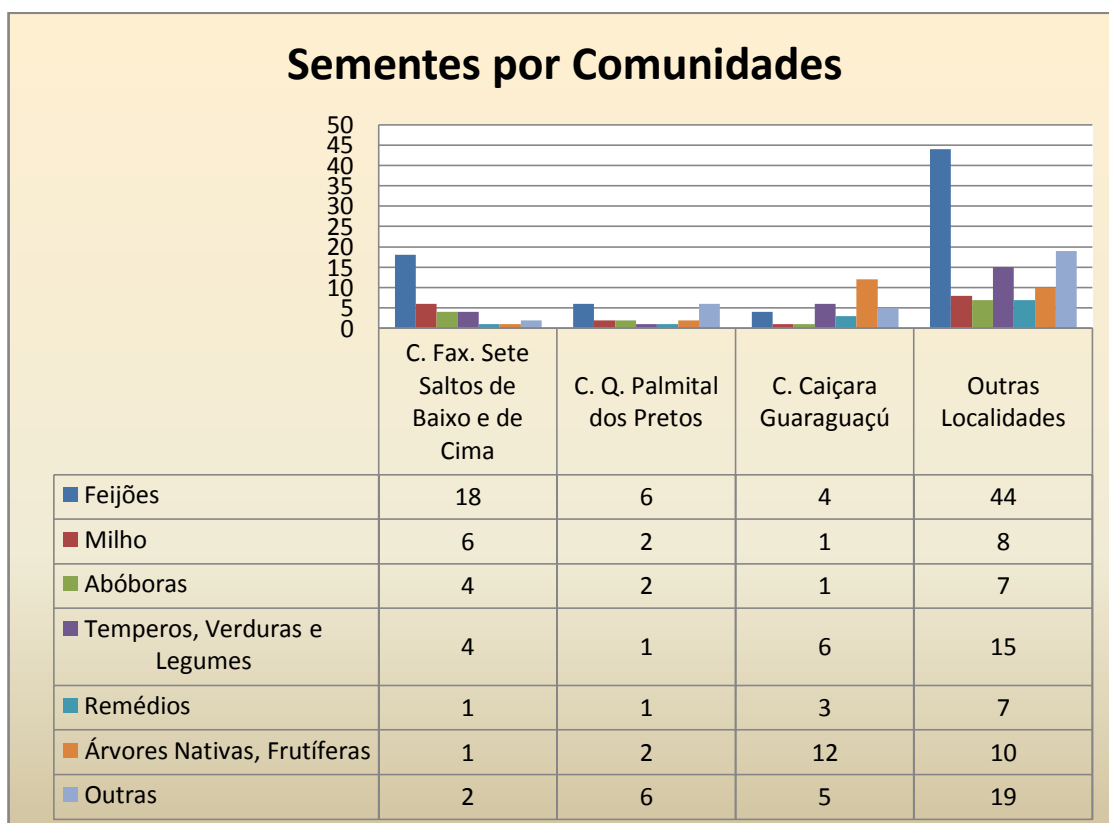
Através dos gráficos 1 e 2, vamos verificar o levantamento das sementes crioulas nas comunidades, para com esses dados analisar as práticas a nível local e regional.

GRÁFICO 1 - Sementes acervadas por Comunidades.



Fonte: A Autora.

GRÁFICO 2 - Sementes acervadas por Comunidades em números específicos.



Elaboração: Autora.

Nos gráficos 1 e 2, numa perspectiva mais ampla, identificamos as variedades de sementes coletadas em maior número, como os feijões (72), árvores frutíferas e nativas (28), temperos, verduras e legumes (26). Os feijões são as variedades mais coletadas, pois este é o principal alimento dos agricultores destas comunidades, com destaque para o feijão preto e carioca. As árvores nativas são maior quantidade em Guaraguaçu e temperos, verduras, legumes, maiores nos faxinais, por serem cultivados próximos as suas casas, no quintal, assim como as ervas medicinais. O milho é cultivado apenas nos faxinais e comunidades quilombolas, para alimentação e trato dos animais.

Para manter as características originais do milho crioulo, os agricultores que o cultivam compreendem a necessidade de evitar cruzamentos com outras variedades, especialmente com os transgênicos, pois pode ocorrer a contaminação das variedades crioulas. Portanto, as medidas preventivas de distância no plantio, para evitar a contaminação genética (plantio entre 500 a 1000m de distância), é uma atitude indispensável na garantia da manutenção da variabilidade genética das sementes crioulas. Antônio Ostrufk possui a certificação do milho crioulo que está guardado na Casa de Sementes, em sua propriedade.

Para os guardiões de sementes, toda semente que germina é “boa”. A “boa semente”, então, seria aquela que está relacionada a um percurso, a guarda específica e as práticas tradicionais dos camponeses. Vale-se ressaltar que a experiência da estocagem e armazenamento de sementes nas suas casas se inspira em uma prática antiga e tradicional entre os camponeses. Fala de Tereza (Guaraguaçu): *“A natureza mesmo se renova, se refaz, cai a semente brota de novo, cai a água e nasce. Meu pai sempre guardava as sementes, armazenava elas pra ter todo ano”*.

As falas de Tereza e demais guardiões demonstram que esta prática tradicional é passada de geração em geração dentro das famílias camponesas. O principal motivo para esta tradição se manter viva até os dias atuais, é a garantia da autonomia que o armazenamento destas sementes proporciona aos agricultores, ter sempre sementes para plantar no momento em que for mais conveniente.

As sementes guardadas em potes plásticos, vidros, garrafas plásticas, potes de barro, são conservadas para sua qualidade e produtividade. Os guardiões guardam nestes recipientes em um canto de suas casas, sabendo onde encontrará-las quando for o tempo do plantio. Na fala de Fermina, que está a 40 anos no quilombo Palmital dos Pretos: *“O Feijão Guai, ou Jaguai, se planta em setembro e colhe em janeiro. Planta no quintal vai se espalhando por tudo. Eu*



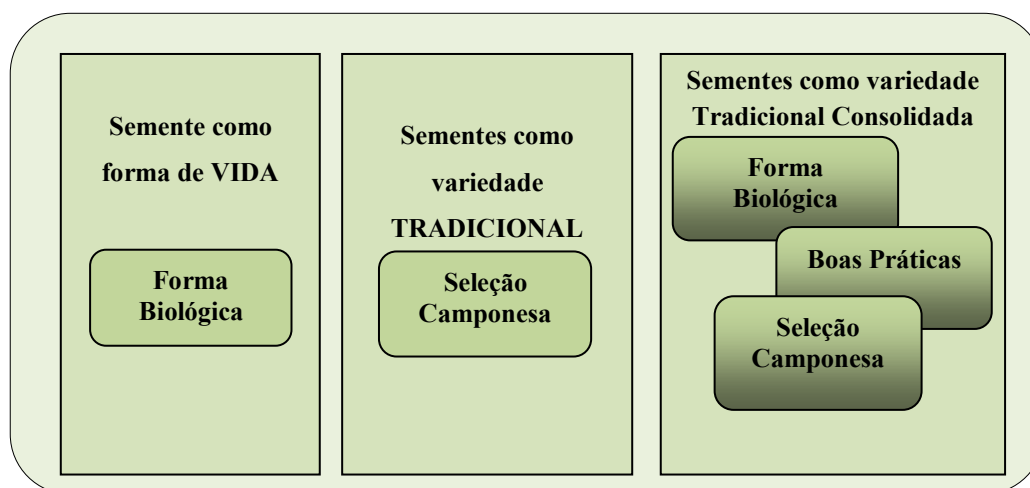
*tenho ele guardado ali na casa*”. Com sua docilidade e calma na voz, ela nos transmite toda sua sabedoria com o cultivo deste feijão de horta.

Os guardiões vêem a semente como manifestação da vida, como autonomia e soberania alimentar. Nas suas percepções, através das boas práticas com estas sementes, eles podem reproduzir e dar continuidade a relação com a vida e a natureza. Eles conservam através de suas “boas práticas”, a forma biológica e a seleção das sementes crioulas que as consolida como variedades tradicionais.

Os camponeses guardiões guardam as sementes, com suas “boas” práticas de acordo com suas necessidades e exigências, mas também por apresentarem vantagens em relação a outras variedades adquiridas no comércio industrial. No Faxinal Sete Saltos de Baixo e de Cima e no Palmital dos Pretos, na maioria das falas citam a adaptabilidade, produtividade, qualidade e que não tem veneno.

Em suas concepções a “boa semente” é aquela que eles podem ter todo ano. *“Trouxe comigo a semente, cuido e planto todo ano, mais de 60 anos”* (Fermina- Palmital).

FIGURA 35 - Diversidade de referenciais para a “boa semente”, de acordo com GRIGOLO (2016)



Fonte: A Autora, adaptado de GRIGOLO (2016, p.157).

De acordo com a figura 35, os referenciais utilizados para considerar a semente como variedade tradicional é o processo de seleção e as práticas realizadas pelos agricultores, buscando variedades de sementes que se adaptam ao local - a “boa semente”.

## 5.1 PRÁTICAS PRODUTIVAS E POLÍTICAS DE NATUREZA UTILIZADAS PELOS AGRICULTORES NO PLANTIO DE SEMENTES CRIOULAS

Com cada comunidade e guardiões identificados foram utilizados métodos etnográficos como ferramentas de pesquisa. Realizaram-se coletas de sementes para catalogação das amostras no Banco de Sementes e para replantio nas comunidades.

Com cada guardião(ã) (agricultor ou agricultora) foi realizada uma conversa informal e depois uma entrevista semiestruturada, objetivando a coleta de informações a respeito do conhecimento, da história das sementes guardadas, práticas de plantio e estratégias locais para manutenção destas variedades tradicionais. A partir de uma conversa informal seguia-se a entrevista semiestruturada, caracterizando-se como a atividade de coleta de dados mais relevante das práticas com as sementes na agricultura através das gerações da família.

Outros procedimentos metodológicos se constituíram de caminhadas nos locais de plantio das sementes, seja na roça ou na horta da propriedade. As guardiãs e guardiões iam contando suas histórias e de seus pais e avós e mostrando os locais de armazenagem das sementes, como faziam o plantio, em que época, e as características culturais guardadas pela memória.

A partir destas conversas informais, encontrava-se outro guardião (ã), dessa forma o método empregado para localizar outros guardiões foi o método “bola de neve” (BERNARD, 1988). Dessa forma, em cada comunidade tradicional, o tempo de permanência foi de acordo com as estratégias desenvolvidas para deixar os guardiões bem à vontade e criar um vínculo afetivo, fazerem suas narrativas, mostrando-nos as sementes.

Coleta, beneficiamento e acondicionamento das sementes – em cada comunidade e dependendo da quantidade de sementes que os guardiões tinham, eles forneciam alguma amostra para o Banco de Sementes. Foi possível levantar algumas formas de manejo de determinadas espécies. De um modo geral, os agricultores utilizam sol ou sombra para a secagem de suas sementes. Depois de secas são guardadas em papel, sacos plásticos, garrafas pet ou de vidro. Com alguns guardiões encontramos sementes com grande parte corroídas pelos carunchos. Alguns deles não têm essa preocupação com o ataque do caruncho, o que destrói grande parte destas sementes, foram dois casos de milho e feijão em Sete Saltos e dois em Palmital dos Pretos, nos feijões. No armazenamento que realizam já têm a incidência destes carunchos que acabam infectando outros grãos.

Segundo Adalberto, “quando se planta na lua cheia ou crescente, o feijão caruncha”. Mas também é considerado outras formas de armazenamento, como separar os grãos melhores, sadios, armazenar com pimenta de cheiro em grãos, cinza, ou pó de pedra dentro da vasilha, para impedir os carunchos de se proliferarem.

Também em relação ao acondicionamento das sementes, grande parte dos guardiões adotam métodos antigos, ainda não esquecidos. No caso do milho e feijão, eles guardam ainda “na palha” ou na “bainha”. Consiste em deixar as sementes ainda envoltas pela vagem, em um saco aberto ou lona no chão, secas. Segundo alguns guardiões o feijão permanece sadio e livre do ataque de insetos. Alguns armazenam no paió, principalmente no Faxinal e no Quilombo. Com o crescente número de embalagens disponíveis atualmente, a maior parte dos agricultores está gradualmente aderindo a embalagens plásticas (garrafas ‘pet’) e frascos de vidro para armazenagem das sementes. No caso de Guaraguaçu, as sementes são secas ao sol e guardadas no interior das casas em potes pequenos, porque em sua maioria são temperos.

No quadro 10, temos um levantamento completo dos tipos de sementes coletadas, as variedades, o guardião que as conserva, a localidade onde mora o guardião, onde foi adquirida esta semente, o ano da coleta, se ela foi reproduzida ou distribuída na rede e por quem.

QUADRO 10 - Levantamento das Sementes Crioulas coletadas, reproduzidas e distribuídas.  
TOTAL DE SEMENTES: 277 VARIEDADES. (27/09/2022).

(continua)

TIPO DE SEMENTE	VARIETADE	GUARDIÃO	LOCALIDADE	ANO DE COLETA	REPRODUÇÃO	DISTRIBUIÇÃO
<b>F E I J Ã O</b>	1. Bolinha	Feira de Sementes	Rebouças/PR	2019	Palmital dos Pretos.	
	2. Feijão Arroz Amarelo e Vermelho (1 pacote e um tubete). F. Arroz Vermelho (1 pte).	Cacilda	Sete Saltos de Baixo. PG/PR	2018		
	3. Roxo	Otacília Pires Chagas	Sete Saltos de Baixo. PG/PR	2018		
	4. Preto	Antônio Pires	Sete de Baixo. PG/PR	2018		
	5. Branco	Antônio Tibúrcio Maia	Faxinal Sete Saltos de Baixo/PG/PR	2018		
	6. Vermelho	Augusta	Sete de Cima. PG/PR	2018		
	7. Fava Olho de Cabra Vermelho (2 pacotes)	Arildo	Palmital dos Pretos/ CL/PR	2018		
	8. Feijão de Porco Feijão de Porco	Juvenil Conceição	Palmital dos Pretos/ CL/PR Guaraguaçu/PR	2018		
	9. GUAÍ – (horta). Veio com seu pai.	Fermina	Palmital dos Pretos/ CL/PR	2018		
	10. Sojinha	Guaraguaçu	Guaraguaçu/PR	2018		
	11. Vagem de Metro (Vermelho)	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão (Lucas )	Imbituva/PR	2018		

QUADRO 10 - Levantamento das Sementes Crioulas coletadas, reproduzidas e distribuídas.  
TOTAL DE SEMENTES: 277 VARIEDADES. (27/09/2022).

(continuação)

	12. Gandhú- (Vagem Verde. Mais duro o feijão)	Will	Guaraguaçu/PR	2018		
	13. Olho de Pombo Vermelho	Iza Sementes	Goioxim/PR	2019	Cleusi (casa)	
	14. Rosinha	Judite Soares (76 anos)	Castro/PR. Acampamento Maria Rosa do Contestado	2019	Palmital dos Pretos 2019	
	15. Zebrinha	Augusta	Sete de Cima. PG/PR	2018		
	16. Olho de Pombo Branco	Augusta	Sete de Cima. PG/PR	2018		
	17. Riscado	Antônio Ostr.	Sete de Cima. PG/PR	2018		
	18. Mesclado	Antônio Ostr.	Sete de Cima. PG/PR	2018		
	19. Preto	Elenita	Com. Quilombola Palmital dos Pretos/CL/PR	2018		
	20. Milico (3 pacotes-1 reprodução)	Feira de Sementes	Rebouças/PR	2019	Cleusi (casa) e Palmital.	Cleusi
	21. Chocolate (2pacotes – 1 Reprodução.	Feira de Sementes	Rebouças/PR	2019	Cleusi (casa) e Palmital. Adalberto.	Karin.
	22. Feijão Amendoim	Antônio Fidelis Machado(Terêncio)	Sete de Cima. PG/PR	2020		
	23. Feijão Amendoim (2 pacotes)	André Ivan da Costa (Lila enviou)	Papanduva/SC	2019	Sete de Cima	
	24. Feijão Preto	Antônio Fidelis Machado (Terêncio)	Sete de Cima. PG/PR	2020		
	25. Carioca Graúdo Branco- (107 dias para nascer)	Adalberto Bem-Hur Bischof (63 anos)	Santa Maria do Oeste/PR PG/PR	2019		
	26. Mourinho Graúdo	Adalberto	Santa Maria do Oeste	2019		
	27. Mulato (4pacotes)	Dilmira S. Rodrigues	Com. Quilombola Socavão. Castro/PR	2019	Palmital dos Pretos	
	28. Caboclo Roxo	Dilmira S. Rodrigues	Com. Quilombola Socavão. Castro/PR	2019	Palmital dos Pretos	
	29. Pé Vermelho do Norte	Judite Soares (76 anos)	Castro/PR. Acampamento Maria Rosa do Contestado	2019	Palmital dos Pretos 2019	
	30. Mourinho	Judite Soares (76 anos)	Castro/PR. Acampamento Maria Rosa do Contestado	2019	Palmital dos Pretos 2019	
	31. Preto	Vanir R. Santos	Com. Quilombola Socavão. Castro/PR	2019		
	32. Venha Logo	Dilmira S. Rodrigues	Com. Quilombola Socavão. Castro/PR	2019	Palmital dos Pretos 2019	
	33. Vermelho	Adalberto	Santa Maria do Oeste/PR.	2019	Sete de Cima	
	34. F. de Vagem	Projeto Rondon	Diamante do Oeste/PR.	2020		Ingrid

QUADRO 10 - Levantamento das Sementes Crioulas coletadas, reproduzidas e distribuídas.  
TOTAL DE SEMENTES: 277 VARIEDADES. (27/09/2022).

(continuação)

35. Preto de 60 dias	Judite Soares	Castro/PR. Acampamento Maria Rosa do Contestado	2019	Palmital dos Pretos	
36. Mourinho	(cidade de Palmeira)	Casa de Sementes Fernandes Pinheiro	2018	Palmital dos Pretos	
37. Preto Manteiguinha	Dilmira S. Rodrigues	Comum. Quilombola Socavão.Castro/ PR	2019	Palmital dos Pretos	
38. Carioca Preto	Assentamento Ander	Diamante do Oeste/PR	2020		
39. Barriga Verde	Antônio Ostr.	São Miguel. Imbituva/PR	2020		
40. Ovo de Galinha	Antônio Ostr.	Sete de Cima. PG/PR	2020		
41. Cavalo Graúdo. (Terêncio)	Antônio Fidelis Machado	Sete de Cima. PG/PR	2020		
42. Andu	Projeto Rondon	Diamante do Oeste/PR	2020		
43. Feijão de CORDA	Projeto Rondon	Diamante do Oeste/PR	2020		
44. Bico de Ouro	Judite Soares (76anos)	Castro/PR. Acampamento Maria Rosa do Contestado	2019	Palmital dos Pretos	
45. Vermelho comprido	Arildo	Palmital dos Pretos/CL/PR	2018		
46. Preto Misturado	Antônio Ostr.	Sete de Cima. PG/PR	2018		
47. Chumbinho	Projeto Rondon	Diamante do Oeste/PR.	2020		Ingrid
48. Branco	Antônio Ostr.	Sete de Cima. PG/PR	2018		
49. Olho de Pomba Branco	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão (André)	Imbituva/PR	2018		
50. Vagem de Metro (Preto)	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão (Sílvia )	Imbituva/PR	2018		
52. Cavalo Branco e Preto.	Feira Agroecológica	Curitiba/PR	2019	Sete de Cima. Antônio O.	
53. Cavalo Branco e Vermelho	Feira Agroecológica	Curitiba/PR	2019	Sete de Cima. Antônio O.	
54. Cavalo Preto	Feira Agroecológica	Curitiba/PR	2019		
55. Cavalo Vermelho e Preto	Feira Agroecológica	Curitiba/PR	2019		
56. Feijão- OLHO DE POMBA Vermelho, MOURINHO E CAVALO BRANCO. Reprodução.	Origem. Feira de Sementes de Rebouças.	Rebouças/PR	2019 2020	Palmital dos Pretos. Delair.	Cleusi.
57. Preto 105 dias.	Adalberto	Santa Maria do Oeste/PR.	2019		
58. F. Dama	Dilmira S. Rodrigues	Comum. Quilombola Socavão. Serra do Apon. Castro/PR	2019	Palmital dos Pretos. Delair.	Cleusi.
59. F. Gandú.	Conceição	Guaraguaçu/PR	2019		
60. Preto da Palha Roxa.	Judite Soares	Castro/PR. Acampamento Maria Rosa do Contestado	2019		

QUADRO 10 - Levantamento das Sementes Crioulas coletadas, reproduzidas e distribuídas.  
TOTAL DE SEMENTES: 277 VARIEDADES. (27/09/2022).

(continuação)

61. Carioca Branco	Fermina Augusta (Sete de Cima)	Palmital dos Pretos/CL/PR	2018		
62. Mourinho	Antônio Ostr. Casa de Sementes	Sete de Cima. PG/PR	2019		
63. Feijão de Corda	Feira Matinhos (UFPR-litoral)	Maquiné/RS	2019		
64. Fava Preta	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão	Imbituva/PR	2018		
65. F. Vagem de Cipó	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão (Érika)	Imbituva/PR	2018		
66. Feijão de Metro Vermelho	D. Conceição	Guaraguaçu/PR	2018		
67. F. Vagem	Adalberto Bem-Hur Bischof (63 anos)	PG/PR	2020		
68. F. BRANCO	Adalberto Bem-Hur Bischof (63 anos)	PG/PR	2020		
69. Olho de Pombo Vermelho	Feira de Sementes Rebouças	Rebouças/PR	2019	Reprodução Adalberto – 2019-2020	Cleusi
70. Chocolate cruzado com Olho de Pombo Vermelho	Sr. Adalberto	Ponta Grossa/PR	2019-2020	Reprodução Adalberto – 2019-2020	Cleusi
71. Feijão Rajado.	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão (Suellen)	Imbituva/PR	2018		
72. F. Carioca Vermelho	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão (Kauã Vinícius)	Imbituva/PR	2018		
73. F. Vermelho Rajado	Eduardo Damas de Araújo	Sanclerlândia/ Goiás.	2022	Imbituva/PR	Cleusi/ Janete
74. F. Cavalo Lilás	Eduardo Damas de Araújo	Sanclerlândia/ Goiás.	2022	Imbituva/PR	Cleusi/ Janete
75. F. Rapa Cuia	Eduardo Damas de Araújo	Sanclerlândia/ Goiás.	2022	Imbituva/PR	Cleusi/ Janete
76. F. Cowpea Fradinho	Eduardo Damas de Araújo	Sanclerlândia/ Goiás.	2022	Imbituva/PR	Cleusi/ Janete
77. F. Cowpea Macassar	Eduardo Damas de Araújo	Sanclerlândia/ Goiás.	2022	Imbituva/PR	Cleusi/ Janete
78. F. Pele de Vaca	Eduardo Damas de Araújo	Sanclerlândia/ Goiás.	2022	Imbituva/PR	Cleusi/ Janete
79. F. Cowpea Rog Brains	Eduardo Damas de Araújo	Sanclerlândia/ Goiás.	2022	Imbituva/PR	Cleusi/ Janete
80. F. Cowpea Verde	Eduardo Damas de Araújo	Sanclerlândia/ Goiás.	2022	Imbituva/PR	Cleusi/ Janete
81. F. Bico de Ouro pequeno	Eduardo Damas de Araújo	Sanclerlândia/ Goiás.	2022	Imbituva/PR	Cleusi/ Janete
82. F. Pombinho	Eduardo Damas de Araújo	Sanclerlândia/ Goiás.	2022	Imbituva/PR	Cleusi/ Janete
83. F. Canarinho	Eduardo Damas de Araújo	Sanclerlândia/ Goiás.	2022	Imbituva/PR	Cleusi/ Janete
84. F. Bolinha Rosa	Eduardo Damas de Araújo	Sanclerlândia/ Goiás.	2022	Imbituva/PR	Cleusi/ Janete
85. Feijão Numa	Andréia Jantara	Palmeira/PR	2022	Imbituva/PR	Cleusi/ Janete
86. F. Zebrinha Preto	Andréia Jantara	Palmeira/PR	2022	Imbituva/PR	Cleusi/ Janete
87. Feijão Cavalo Rajado Preto	Antonio Carlos dos Santos (Taborda) 81 anos	São João do Triunfo/PR	2022	Imbituva/PR	Janete
88. F. Caupi- Guariba Feijão Praia ou Gurutuba	Feira Juti/MS	Juti/MS	2022	Imbituva/PR	Janete
89. Fava Marrom	Andréia Jantara	Palmeira/PR	2022	Imbituva/PR	Cleusi/ Janete
90. Fava coquinho	Andréia Jantara	Palmeira/PR	2022	Imbituva/PR	Cleusi/ Janete
91. F. Branco Salada	Terezinha O.	Rio Azul	2022		

QUADRO 10 - Levantamento das Sementes Crioulas coletadas, reproduzidas e distribuídas.  
TOTAL DE SEMENTES: 277 VARIEDADES. (27/09/2022).

(continuação)

	92. Feijão Urutau	Feira de Sementes	Irati/PR	2022		
	93. Vermelho Argentino	Feira de Sementes	Irati/PR	2022		
	94. F. Fundo do Balde	Feira de Sementes	Irati/PR	2022		
	95. Feijão 7 Cores	IFPR	Irati	2022		
	96. Paquinha	Feira de Sementes	Irati/PR	2022		
	97. Cavalo Azul	Feira de Sementes	Irati/PR	2022	Imbituva/PR	
	98. Feijão Do Divino	César	Lapa/PR	2022	Imbituva/PR	Cleusi/ Janete
	99. F. Fogo na Serra	César	Lapa/PR	2022		
	100. F. Jacks Orange Beam	César	Lapa/PR	2022		
	101. F. Chumbinho Preto	César	Lapa/PR	2022		
	102. F. Rosinha	Feira de Sementes	Irati/PR	2022		
	103. F. Rajado Roxo	Feira de Sementes	Irati/PR	2022		
	104. F. Rajado Vermelho	Feira de Sementes	Irati/PR	2022		
	105. F. Rajado Preto	Feira de Sementes	Irati/PR	2022		
	106. F. Pardinho	Feira de Sementes	Irati/PR	2022		
	107. F. Bolinha Enxofre	Feira de Sementes	Irati/PR	2022		
	108. Fava do Divino	Feira de Sementes	Irati/PR	2022		
	<b>TOTAL: 108 VARIEDADES</b>					
<b>MAMONA</b>	1. Mamona Vermelha	Antônio O.	Sete de Cima. PG/PR	2020		
<b>BUCHAS</b>	1. Bucha Preta	Projeto Rondon	Diamante do Oeste/PR.	2020		Ingrid
	2. Bucha Branca	Fax. Galvão	Imbituva/PR	2021		
	3. Bucha Branca	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão (Sandra Alessi)	Imbituva/PR	2018		
	4. Bucha Longa	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão (Érica)	Imbituva/PR	2018		
	<b>TOTAL: 04</b>					
<b>GERGELIM</b>	1. Gergelim	Projeto Rondon	Diamante do Oeste/PR.	2020		Ingrid
	2. Gergelim	Silvestre. Casa de Sementes. (2 pacotes)	Fernandes Pinheiro/PR	2018		
	3. Lupo de Cerveja	Silvestre. Casa de Sementes.	Fernandes Pinheiro/PR	2018		
	<b>TOTAL: 03</b>					
<b>A M E N D O I M</b>	1. Preto	Projeto Rondon	Diamante do Oeste/PR.	2020		Ingrid
	2. Vermelho Grande	Projeto Rondon	Diamante do Oeste/PR	2020		Ingrid
	3. Branco	Fermina	Com. Quilombola Palmital dos Pretos/CL/PR	2018		
	4. Vermelho	Elenita	Com. Quilombola Palmital dos Pretos/CL/PR	2018		
	5. Preto	Elenita	Com. Quilombola Palmital dos Pretos/CL/PR	2018		
	6. Chapéu de Índio	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão (Marcos e Érika)	Imbituva/PR	2018		
	7. Amendoim Vermelho Graúdo Rasteiro	Gislaine Ferraz Borges	Campestre de Vieiras/PR	2022		
	7. Amendoim Branco Graúdo Rasteiro	Gislaine Ferraz Borges	Campestre de Vieiras/PR	2022		
	<b>TOTAL: 08</b>					
	1. Pau de Andrade	Sebastião Palhano	Faxinal dos Stadler. Imbituva/PR.	2020		
	2. Imbaúva	Maria Tereza	Guaraguaçu/PR	2018		

QUADRO 10 - Levantamento das Sementes Crioulas coletadas, reproduzidas e distribuídas.  
TOTAL DE SEMENTES: 277 VARIEDADES. (27/09/2022).

(continuação)

	3. Mucum (coco caiçara)	Conceição V. Constant.	Guaraguaçu/PR	2019			
	4. Cuvatã (Madeira para vigamento)	Mariano (89 anos)	Inácio Martins/PR	2020			
	5. Olho de Cabra-Ormosia. (Matricalha Vermelha – nome caiçara)	Maria Tereza Márcia	Guaraguaçu/PR	2018 2019	Sete de Cima-Bandeja	Clevelândia	
	6. Guanondi. (madeira para REMO de Canoa)	Cláudio Constant.	Guaraguaçu/PR	2019			
ÁRVORES  Frutíferas  e  FRUTAS	7. PAU-BRASIL.	Feira De Sementes Col.Caminho do Saber. Taline.	Ponta Grossa/PR	2019			
	8. Capiá (artesanato e rosário)	Cláudio Constant	Guaraguaçu/PR	2019			
	9. Palmeira Real	Maria Tereza	Guaraguaçu/PR	2018			
	10. Cereja do Mato.	Mariano	Inácio Martins/PR	2020			
	11. Café	Dalva Neiverth	Imbituva	2020			
	12. Ingá.	Conceição.	Guaraguaçu/PR	2019			
	13. Ingá De Metro						
	14. Olho de Boneca	Claudio	Guaraguaçu/PR	2019			
	15. Butiá	Delires Maschio	Clevelândia/PR	2019			
	16. Maracujá Azedo Amarelo	Cleoni B. D. Santos	Imbituva/PR	2020			
	17. Graviola	Conceição	Guaraguaçu/PR	2019			
	18. Pitanga	Antônio Maia e Casa de Sementes (Sete de Cima).	Sete de Baixo/PG/PR Sete de Cima/PG/PR	2018 2019			
	19. Guaraná	Conceição	Guaraguaçu/PR	2018			
	20. Mimososa	Maria Tereza	Guaraguaçu/PR	2018			
	21. Melão	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão (Érika)	Imbituva/PR	2018			
	22. Maracujá Azedo Amarelo	Maria Tereza	Guaraguaçu/PR	2018			
	23. Goiaba	Terezinha O.	Rio Azul	2021			
	24. Laranja Azeda comum	Delzira M. Moleta Bobato	Ribeira-Imbituva/PR	2020			
	25. Laranja Medicinal Polmelo	Juti/MS	Juti/MS	2022			
	26. Melancia	Fermina	Com. Quilombola Palmital dos Pretos CL/PR	2018			
	27. Laranja Comum	Arildo Portela	Com. Quil. Palmital dos Pretos. CL/PR	2018			
	28. Laranja Rosa	Delzira M. Moleta Bobato	Ribeira-Imbituva/PR	2022			
	29. Carambola	Adalberto Bischof	PG/PR	2020			
		<b>TOTAL: 29</b>					
	MILHOS	1. Da Palha ROXA	Adalberto	Ponta Grossa/PR	2019		Karin
		2. Milho Branco. (Haste de 4m. 125 dias para das milho verde)	Adalberto	Santa Maria do Oeste/PR. PG/PR.	2019		
		3. Milho DOCE	Guaraguaçu	Guaraguaçu/PR	2018	Sr.Benjamin Marques Vieira. Sete de Cima - 2019	Cleusi
		4. Milho TUNIKATA	Feira de Sementes	Rebouças/PR	2019	Palmital dos Pretos. Arildo.	



QUADRO 10 - Levantamento das Sementes Crioulas coletadas, reproduzidas e distribuídas.  
TOTAL DE SEMENTES: 277 VARIEDADES. (27/09/2022).

(continuação)

	5. Milho Branco	Casa de Sementes Antônio O.	Sete de Cima/PG	2019		
	6. Milho Vermelho	Casa de Sementes Antônio O.	Sete de Cima/PG	2019		
	7. Milho Foguinho	Dilmira S. Rodrigues	Com. Quilombola Socavão. Castro/PR	2019		
	8. Milho Sangue de CRISTO (Bom para chá –Bichas de Crianças).	Dilmira S. Rodrigues	Com. Quilombola Socavão. Castro/PR	2019		
	9. Milho Branco DOCE. Reprodução	Benjamim.	Guaraguaçu/PR	2018	Benjamim. Sete Saltos de Cima. PG/PR	Cleusi.
	10. Milho Esteque.	Dilmira S. Rodrigues	Com. Quilombola Socavão. Castro/PR	2019		Cleusi. Feira de Rebouças . 2019.
	11. Milho Carioca. Palmeira.	Silvestre.	Casa de Sementes de Fernandes Pinheiro/PR	2018		
	12. Milho Branco (Bom para canjica)	Fermina	Com. Quilombola Palmital dos Pretos/CL/PR	2018		
	13. Milho Amarelo	Antônio Tibúrcio Maia	Faxinal Sete Saltos de Baixo/PG/PR	2018		
	14. Milho Oito Carreiras + 1 tubete	Antônio O. Casa de Sementes	Sete Saltos de Cima PG/PR	2019		
	15. Milho Vermelho	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão (Diogo)	Imbituva/PR	2018		
	16. Milho Vermelho	Fermina	Com. Quilombola Palmital dos Pretos/CL/PR	2018		
	17. Milho Amarelo	Cacilda	Faxinal Sete Saltos de Baixo/PG/PR	2018		
	18. Milho Preto	Antônio Ostrufk	Sete Saltos de Cima	2020		
	19. Milho Roxo	Feira Irati	Irati/PR	2022		
	20. Milho colorido	Feira Irati	Irati/PR	2022		
	<b>TOTAL: 20</b>					
<b>P I P O C A S</b>	1. Preta ou Rajada	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão (Nikoly)	Imbituva/PR	2018	Sete de Cima.	
	2. Vermelha	Feira Matinhos (UFPR-litoral)	Maquiné/RS	2019		
	3. Rajada	Projeto Rondon	Diamante do Oeste/PR	2020		Ingrid
	4. Branca	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão	Imbituva/PR	2018		
	5. Colorida	Feira de Sementes	Rebouças/PR	2019	Sete de Cima.	Cleusi
	6. Vermelha	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão	Imbituva/PR	2018		
	7. Branca	Salete	São João Triunfo	2022		
	<b>TOTAL:07</b>					
<b>Forração Verde Forração</b>	1. Crotalária (Primavera/Verão)	Projeto Rondon	Diamante do Oeste	2020		Ingrid

QUADRO 10 - Levantamento das Sementes Crioulas coletadas, reproduzidas e distribuídas.  
TOTAL DE SEMENTES: 277 VARIEDADES. (27/09/2022).

(continuação)

	2. Mucuna Preta (para limpar a terra)	Arildo	Com. Quilombola Palmital dos Pretos/CL/PR	2018		
	3. Guandú Arbóreo Cajanus Cajan	Feira de Juti/MS	Juti/MS	2022		
	4. Mucuna Cinza	Feira Irati/PR	Irati/PR	2022		
	5. Mucuna Anã	Feira Irati/PR	Irati/PR	2022		
	<b>TOTAL: 05</b>					
<b>Erva-Mate</b>	1. Erva-Mate Nativa	Darcy Bobato	Imbituva (Ribeira)	2020		
	2. Erva-Mate	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão (Érika)	Imbituva/PR	2018		
	<b>TOTAL: 02</b>					
<b>A B Ó B O R A S</b>	1. Moganga	Marcelo Moleta	Imbituva (Ribeira)	2020		
	2. Moganga	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão (André)	Imbituva/PR	2018		
	3. Abóbora Grande	Sandra de Jesus	Castro/PR. Acampamento Maria Rosa do Contestado	2019		
	4. Abóbora Grande	Fermina	Com. Quilombola Palmital dos Pretos/CL/PR	2018		
	5. Abóbora pequena redonda de horta.	Jesuvina	Faxinal Sete Saltos de Baixo/PG/PR	2018		
	6. Abóbora Grande	Cacilda.	Faxinal Sete Saltos de Baixo/PG/PR	2018		
	7. Abóbora	Antônio Tibúrcio Maia	Faxinal Sete Saltos de Baixo/PG/PR	2018		
	8. Abóbora Grande Comprida	Elenita	Com. Quilombola Palmital dos Pretos/CL/PR	2018		
	9. Abóbora Purunga (2 pcte)	Cacilda	Faxinal Sete Saltos de Baixo/PG/PR	2018		
	10. Abóbora Gigante	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão (Diogo)	Imbituva/PR	2018		
	11. Abóbora Amarela	Sandra de Jesus	Castro/PR. Acampamento Maria Rosa do Contestado	2019		
	12. Abóbora Menina	Conceição	Guaraguaçu/PR	2018		
	13. Abóbora grande	Esc. Municipal Fax. Galvão (Bruna)	Imbituva/PR	2018		
	14. Abóbora pequena redonda e rajada (2 pctes)	M. Janete	Faxinal dos Galvão	2020		
	<b>TOTAL: 14</b>					
<b>Pimentas</b>	1. Malagueta. De Cheiro.	Conceição.	Guaraguaçu/PR	2019		
	2. Pimenta de Cheiro	Roque Paiva (54 anos)	Acamp. Maria Rosa do Contestado	2019		
	3. Pimenta Vermelha	Salete Gelinski	São João do Triunfo	2022		

QUADRO 10 - Levantamento das Sementes Crioulas coletadas, reproduzidas e distribuídas.  
TOTAL DE SEMENTES: 277 VARIEDADES. (27/09/2022).

(continuação)

	4. Pimenta Amarela	Salete Gelinski	São João do Triunfo	2022		
	<b>TOTAL: 04</b>					
<b>Soja</b>	1. Preta	Silvestre- Casa de Sementes.	Fernandes Pinheiro	2018		
	<b>TOTAL: 01</b>					
<b>Temperos, Verduras, Legumes</b>	1. Endro	Cacilda	Sete de Baixo/PG/PR	2018		
	2. Mostarda	Esc. Municipal Fax. Galvão (Rafael)	Imbituva/PR	2018		
	3. Cebola	Cacilda	Sete de Baixo/PG/PR	2018		
	4. Tomate Cereja	Feira Agroecológica	Curitiba/PR	2019		
	5. Pepino Indiano - Gigante	Aldeia Itamarã	Diamante do Oeste/PR.	2020		Ingrid
	6. Pepino Grande Pepino Amarelo	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão (Érica)	Imbituva/PR	2018		
	7. Pepino	Fermina	Com. Quilombola Palmital dos Pretos/CL/PR	2018		
	8. Tomilho	Conceição	Guaraguaçu/PR	2018		
	9. Ervilha de Grão	Conceição	Guaraguaçu/PR	2018		
	10. Alface	Esc. Municipal Fax. Galvão (Rafael)	Imbituva/PR	2018		
	11. Coentro	Cacilda	Sete de Baixo/PG/PR	2018		
	12. Salsinha	Esc. Municipal Fax. Galvão (Silvia)	Imbituva/PR	2018		
	13. Chia	Esc. Municipal Fax. Galvão (Diogo)	Imbituva/PR	2018		
	14. Coloral	Maria Tereza	Guaraguaçu/PR	2019		
	15. Cravo Semente de árvore	Conceição	Guaraguaçu/PR	2019		
	16. Vavacão (Tempero para peixe)	Conceição	Guaraguaçu/PR	2019		
	17. Mostarda Crespa	Esc. Municipal Fax. Dos Galvão (Érica)	Imbituva/PR	2018		
	18. Tomate Vermelho	M. Janete	Fax. dos Galvão	2020		
	19. Zimbro (especiaria)	Mercado Municipal Clevelândia	Clevelândia/PR	2019		
	20. Cenoura	Sandra de Jesus	Castro/PR. Acampamento Maria Rosa do Contestado	2019		
	21. Ervilha Torta	Augusta	Sete de Cima. PG/PR.	2018		
	22. Pimentão Vermelho	Esc. Municipal Fax. Galvão (Érica)	Imbituva/PR	2018		
	23. Quiabo	Feira Irati/PR	Irati/PR	2022		
	24. Quiabo	Conceição	Guaraguaçu/PR	2018		
	25. Brócolis	Judite Soares-76 anos	Castro/PR. Acampamento Maria Rosa do Contestado	2019		
	26. Rui-Barbo (usada em sobremesas, geléias, sopas e até servir como temperos e chás)	Mercado Municipal de Clevelândia	Clevelândia/PR	2019		
	<b>TOTAL: 26</b>					

QUADRO 10 - Levantamento das Sementes Crioulas coletadas, reproduzidas e distribuídas.  
TOTAL DE SEMENTES: 277 VARIEDADES. (27/09/2022).

(continuação)

<b>Remédios</b>	1. Erva Santa Maria	Vanir R. Santos	Com. Quilombola Socavão. Castro/PR	2019		
	2. Penicilina	Maria Tereza	Guaraguaçu/PR	2018		
	3. Erva-Doce	Esc. Municipal Fax. Galvão (André)	Imbituva/PR	2018		
	4. Erva-Doce	Fermina	Com. Quilombola Palmital dos Pretos/CL/PR	2018		
	5. ANIS para Chá	Conceição	Guaraguaçu/PR	2019		
	6. Arnica da Roça	Mariano (89 anos)	Inácio Martins/PR	2020		
	7. Folhas de Guapurunga (Chá para dor nas pernas)	Conceição	Guaraguaçu/PR	2019		
	8. Folhas de Pau-de-Andrade (dor de estômago)	Sebastião Antunes Palhano	Fax. dos Stadler Imbituva/Pr	2020		
	9. Camomila	Cacilda	Fax. Sete de Baixo-PG/PR	2018		
	10. Sucupira- com Pinga(aguardente) remédio para gripe	Esc. Municipal Fax. Galvão (Micheli)	Imbituva/PR	2018		
	11. Erva-Doce	Sandra de Jesus	Castro/PR. Acampamento Maria Rosa do Contestado	2019		
	12. Emburana-Chá-Ação anti-inflamatória	Mercado Municipal de Clevelândia	Clevelândia/PR	2019		
<b>TOTAL: 12</b>						
<b>Fregol</b>	1. Feijão Branco (Pallar)	Peru	Peru	2018		
	2. Feijão Branco (miúdo)	Peru	Peru	2018		
	3. Feijão Amarillo	Peru	Peru	2018		
	4. Feijão Negro	Peru	Peru	2018		
<b>Coca</b>	1. Coca peruana	Peru	Peru	2018		
<b>Amaranto</b>	1. Kiwicha	Peru	Peru	2018		
<b>Painço</b>	1. Cañihua (espécie de painço que fermentado é feito a CHICHA -Índios	Peru	Peru	2018		
<b>Quinoa</b>	1. Blanca-Roja-Negra	Peru	Peru	2018		
<b>Lenteja</b>	1. Lentilha	Peru	Peru	2018		
<b>Arbeja</b>	1. Ervilha	Peru	Peru	2018		
<b>Soya</b>	1. Soja	Peru	Peru	2018		
<b>Cebada</b>	1. Cevada	Peru	Peru	2018		
<b>Haba</b>	1. Fava Peruanita	Peru	Peru	2018		
	2. Fava Verde	Peru	Peru	2018		
<b>Tarwi ou Chocho</b>	1. Leguminosa	Peru	Peru	2018		
<b>Garbanzo</b>	1. Grão de Bico	Peru	Peru	2018	Sete de Cima	Cleusi
<b>MAÍZ</b>	1. Milho Branco	Peru	Peru	2018	Sete de Cima	Cleusi
	2. Milho Pacaray	Peru	Peru	2018	Sete de Cima	Cleusi
	3. Milho Peskorunto	Peru	Peru	2018	Sete de Cima	Cleusi
	4. Milho Amarillo	Peru	Peru	2018		
	5. Milho Oro	Peru	Peru	2018		
	6. Milho Rojo	Peru	Peru	2018	Sete de Cima	Cleusi
	7. Milho Saqsa	Peru	Peru	2018		
	8. Milho Chullpi	Peru	Peru	2018		
	9. Pop Corn (Pipoca)	Peru	Peru	2018		
	10. Milho Del Valle (Vale Sagrado)	Peru	Peru	2018		
<b>TOTAL: 27</b>						
<b>Flores</b>	1. Girasol (+ tubete)	Augusta	Sete de Cima/PG/PR	2018		

QUADRO 10 - Levantamento das Sementes Crioulas coletadas, reproduzidas e distribuídas.  
TOTAL DE SEMENTES: 277 VARIEDADES. (27/09/2022).

(conclusão)

<b>Outras Sementes</b>	1. Café	Conceição	Guaraguaçu/Pontal do Paraná/PR	2018		
	2. Vinagreira Roxa	Will	Guaraguaçu/Pontal do Paraná/PR	2018		
	3. Vinagreira Verde	Will	Guaraguaçu/Pontal do Paraná/PR	2018		
	4. Algodão	Silvestre. Casa de Sementes.	Fernades Pinheiro/PR	2018		
	5. S. de Rosário	Alceu do Pilar (50 anos)	Com. Quil. Palmital dos Pretos CL/PR	2018		
	6. Fumo de Corda	Esc. Municipal Fax. Galvão (Érika)	Imbituva/PR	2018		
	7. Vassoura	Esc. Municipal Fax. Galvão (Ana)	Imbituva/PR	2018		
	8. Palmito	Maria Tereza	Guaraguaçu/Pontal do Paraná/PR	2018		
	<b>TOTAL: 08</b>					
<b>Arroz</b>	1. Arroz Branco (2 tubetes)	Ena Rosa	Com. Quil. Palmital dos Pretos CL/PR	2018		
	2. Arroz Integral	Judite Soares	Castro/PR. Acampamento Maria Rosa do Contestado	2019		
	<b>TOTAL: 02</b>					

Fonte: A Autora (2020)

As entrevistas semiestruturadas e a memória dos guardiões permitiram agrupar as principais práticas desenvolvidas pelos guardiões e seus antepassados, com o uso das sementes crioulas, ou relacionadas à prática da agricultura. O destaque é para a identidade local ou regional (quadro 11). Com esse levantamento foi possível identificar e analisar se as práticas eram apenas de nível local ou regional, pois são elas que determinam a territorialidade dessas comunidades tradicionais.

Também foi possível perceber como os guardiões entendem as vantagens de cultivar as sementes crioulas e as dificuldades enfrentadas por eles na manutenção destas sementes, ao longo dos anos. As vantagens para os agricultores guardiões: 1ª. Para obter, a cada ano, sementes de qualidade e com baixo custo, já adaptadas ao local e clima; 2ª. Para livrar o agricultor da dependência e dos endividamentos para compra de sementes, agrotóxicos e fertilizantes; 3ª. Afetividade, valorização dos costumes, sabor e qualidade; 4ª. Manutenção da diversidade e disponibilidade da semente no tempo certo; 5ª. Para ter o direito de vender ou trocar as sementes que são fruto de seu trabalho; 6ª. Para alimentar sua família e comunidade de maneira saudável. Causas da perda de sementes tradicionais: 1ª. Desinteresse das novas gerações (a maioria dos jovens quer sair do campo); 2ª. Pouca mão de obra; 3ª. Fácil cruzamento com variedades híbridas e/ ou transgênicas; 4ª. Falta de apoio dos mercados locais.

QUADRO 11 - Práticas Produtivas dos Guardiões de Sementes nas Comunidades.

(continua)

Práticas Produtivas Políticas da Natureza <sup>106</sup>	Identidade Local ou Regional	Temporalidade
<p>Moradia próximo a leito de água. * Uso da Taquara para fazerem cercas * Roça de Toco (Coivara) –queimada. Depois Plantio. * Utilizavam machado, foice, enxadão, enxada com orelha, pilão, monjolo.</p>	<p>* Regional * Regional * Regional * Regional</p>	<p>Avós e Pais (século XX)</p>
<p>* Guarda das Sementes de Milho, Feijão, Rama de Mandioca, Batata-doce, amendoim como principais alimentos. * Limpeza do mato se inicia em março e o 1º. Plantio em abril. * Plantio, capina e colheita do Feijão sempre na lua minguante, para não carunchar.</p>	<p>*Regional *Regional * Regional</p>	<p>Atual (século XXI).</p>
<p>* Corte da Erva-mate (NATIVA) – junho, julho e agosto. Sapeco no carijo (Barbaquá), soque e trituração (cancha com ouriço<sup>107</sup>). * Animais soltos no meio da mata, pinheiros, erva-mate para limpar o terreno (criadouro comum).</p>	<p>*Regional * Regional</p>	<p>Avós e Pais (século XX)</p>
<p>* Setembro - Na roça- plantio de milho e feijão juntos (consorciado nas leiras). Uma de milho e duas de feijão. Plantio de mandioca e batata-doce, amendoim. (entreverados<sup>108</sup>). Rotação de cultura, a cada dois anos para renovação da terra. (Em Guaraguaçu, planta-se o abacaxi junto com mandioca, amendoim e banana).</p>	<p>* Regional</p>	<p>Avós e Pais (século XX) e Atual (século XXI).</p>
<p>* Conservação de mudas – mandioca. Enterra durante o inverno com geadas, num buraco no chão, com capim e palha, deixa a ponteira para fora. Plantio em agosto e setembro. A batata-doce faz um buraco plantam o “baraço”, emaranhado de brotos e raiz, depois tira da terra e replanta.</p>	<p>* Regional</p>	<p>Avós e Pais (século XX) e Atual (século XXI).</p>
<p>* Colheita do milho: quebra o milho e deixa na roça alguns dias, depois recolhe com a carroça e guarda no paió. Separa as melhores espigas, pindura num varal, cortando a ponteira para a semente secar e guardar.</p>	<p>* Regional</p>	<p>Avós e Pais (século XX) e Atual (século XXI).</p>

<sup>106</sup> Relação com a Natureza-proximidade, cuidados, extração.

<sup>107</sup> *Barbaquá*: local onde a erva-mate fica disposta no estrado de madeira sobe a boca de um túnel que conduz o calor produzido por uma fornalha situada na outra extremidade. *Ouriço*: peça de madeira encaixada de dentes em todo o corpo acionada por um animal que o faz girar em torno da cancha e triturar a erva. Ver: STADLER, Cleusi T. B. *Imbituva- uma cidade dos Campos Gerais*. Prudentópolis: Gráfica Pudrentópolis, 2005. p.126-127.

<sup>108</sup> Expressão utilizada pela maioria dos agricultores que quer dizer, uma linha de plantio de cada um, rama, muda, semente. (Uma agrofloresta, quando plantavam também árvores frutíferas juntos).

QUADRO 11 - Práticas Produtivas dos Guardiões de Sementes nas Comunidades.

(continuação)

<p>* Colheita e Secagem do Feijão: Colhe o feijão e amarra no pendão do milho para secar em ambiente natural, ainda com as bainhas. Depois de seco, leva para “maiar”, na caixa de vara<sup>109</sup>, ou em uma lona no terreiro, onde os feijões possam sair das bainhas. Com uma vara especial ou “cambau” bate nas bainhas que se abrem. Com a terra, os ciscos que permanecem junto com o feijão mais a areia, armazenam o feijão em caixas de madeira, latas, vidros, bem tampados para não carunchar.</p>	* Regional	Avós e Pais (século XX) e Atual (século XXI).
<p>* Fazer Farinha de milho e mandioca nos monjolos de pé ou de água. Casas de farinha. Cada um tinha em sua família o Monjolo e casa onde secavam e faziam a farinha (principalmente em Guaraguaçu). Fazer farinha torrada, quirera e fubá.</p>	* Regional	Avós e Pais (século XX) e Atual (século XXI). Casa da farinha. (Guaraguaçu)
<p>* Plantio de raízes, que dá “<i>embaixo do solo</i>”, plantar na mingunte, porque cresce mais para baixo, no solo. Nunca <i>colher</i> e armazenar na mingunte. Plantar na 1ª. lua mingunte de setembro. Depois de agosto a terra é menos fria. Alimentos que “<i>crescem para fora</i>”, plantar na crescente e cheia. Milho e feijão. <i>Colher</i> na mingunte. Na lua nova, não plantar e nem colher milho, dá “<i>broca</i>”, e feijão se plantar na lua nova não cresce “<i>pareio</i>”(igual).</p>	* Regional	* Avós e Pais (século XX) e Atual (século XXI).
<p>* Feijão para não carunchar-plantar na mingunte.</p>	* Local – alguns guardiões.	* Atual (século XXI).
<p>* Plantar nas partes mais altas- mandiocas, abacaxi, milho. Fazer “<i>morrinhos e covinhas</i>” para plantar feijão, legumes, nas partes mais baixas.</p>	* Regional	* Avós e Pais (século XX) e Atual (século XXI).
<p>* Entre os meses de dezembro e janeiro, colhiam o feijão que comiam com caranguejo (ele acompanha a lua nova - andava). Feijão, caranguejo, alface e arroz. Pirão de caranguejo. (Guaraguaçu).</p>	* Local (Guaraguaçu)	* Avós e Pais (século XX)
<p>* Secagem do peixe – “Cambira”- Peixe seco com banana. Cambira é o cipó onde eram colocados para serem secos. Peixe Linguado ou Cação. Desalgar o peixe, molho, coloca a posta na panela e banana em cima. A cambira não tem mais no lugar. Utiliza-se outro cipó para a secagem. Pirão de mandioca. Bater o arroz com cantigas.</p>	* Local (Guaraguaçu)	* Avós e Pais (século XX) e Atual (século XXI).
<p>* Assar alimentos na cinza ou brasa – ovo, pipoca, batata-doce, pinhão. Socar canjica na cinza.</p>	* Regional	* Avós e Pais (século XX) e Atual (século XXI).

<sup>109</sup> Caixa de malhar o feijão: Caixa de formato retangular, onde na parte inferior (fundos) é feito de madeira roliça vazada, para cair o feijão quando é malhado com a vara ou cambau (pau com uma corrente nas extremidades). Em Guaraguaçu não se usa o cambau, por ser malhado feijão em pequenas quantidades.

QUADRO 11 - Práticas Produtivas dos Guardiões de Sementes nas Comunidades.

(conclusão)

<ul style="list-style-type: none"> <li>* Artesanato – Palha de milho para fazer bacheiro, cestaria, chapéus (criciúma), potes de barro para armazenamento.</li> <li>* Cipó de imbê para cestos, esteiras feitas de Piri ou Tabôa para dormir. Sementes para artesanato- Olho de boneca, Matricalha (olho de cabra), Capiá. Prato e caneco de Coco.</li> <li>* Semente de Rosário.</li> <li>*Puxirão – Mutirão – Entre 4 e 5 famílias. Derrubavam o mato, queimavam, limpavam e depois plantavam. Também na Colheita. Faziam “Domingueira e Fandango” (Baile).</li> <li>* Faziam e fazem as cercas do criadouro comum (no Faxinal).</li> <li>* Alimentação: Fazer Bijú de farinha de milho. Virado de Feijão. Guarda a banha na Lata. Paçoca doce de amendoim.</li> <li>* Paçoca de carne seca. (Faxinal).</li> <li>* Benzimento ou chás com Ervas Medicinais.</li> </ul>	*Regional	* Avós e Pais (século XX)
	* Local (Guaraguaçu)	*Avós e Pais (século XX) e Atual (século XXI).
	* Regional	
	* Regional	*Avós e Pais (século XX) e Atual (século XXI).
	*Local	
	* Regional	*Avós e Pais (século XX) e Atual (século XXI).
	*Local	
	* Regional	*Avós e Pais (século XX) e Atual (século XXI).

Fonte: A Autora, com base nas pesquisas a campo 2018/2019.

Na análise das práticas e fala dos guardiões foi possível identificar como eles percebem a diferença entre as sementes crioulas e outras sementes como as transgênicas, de acordo com a origem, variedades, tempo de cultivo, usos, manejos no ecossistema.

De acordo com essas percepções dos agricultores:

QUADRO 12 - Diferenças entre as Sementes Crioulas, Híbridas e Transgênicas para os agricultores.

(continua)

	Sementes Crioulas	Híbridas (comerciais)	Transgênicos
<b>Pode ser multiplicado e conservado na propriedade</b>	SIM	NÃO	NÃO
<b>Pode se adaptar ao manejo e às condições locais</b>	SIM	NÃO	NÃO
<b>É adaptado ao manejo sem agrotóxicos</b>	SIM	NÃO	NÃO
<b>Pode ser utilizada em produção certificada orgânica</b>	SIM	SIM	NÃO



QUADRO 12 - Diferenças entre as Sementes Crioulas, Híbridas e Transgênicas para os agricultores.

(conclusão)

<b>Pode ser legalmente trocado ou vendido</b>	SIM	NÃO	NÃO
<b>Preço da semente</b>	BAIXO	MUITO ALTO	MUITO ALTO

Fonte: A Autora, Adaptado de LAMA (Laboratório de Mecanização Agrícola/UEPG).

Ao analisar as semelhanças regionais nas práticas dos agricultores, podemos mencionar que há uma riqueza cultural muito grande na geo-história de nossos guardiões de memória e de sementes, nos leva a estabelecer a “Rede Regional” e a “Identidade” desses agricultores. Pois se considerarmos que estando na região dos Campos Gerais ou na região do Centro-Sul do Paraná, as características físicas, o clima, os solos, a cultura, as sementes, as práticas, são em grande parte semelhantes. Já quando nos distanciamos para o litoral, em Guaraguaçu, temos práticas semelhantes, mas algumas características são diferentes, e portanto, cultura e memória também diferentes. Para Libault (1971) estas correlações devem ser estabelecidas entre manifestações de um mesmo fenômeno em diversos locais de ocorrência, segundo as variáveis características e a valoração destas atividades.

No levantamento e catalogação das sementes se percebe poucas diferenças regionais com sementes crioulas somente em Guaraguaçu, mas as práticas de agricultura e culturais são semelhantes, como pudemos observar na tabela anterior das práticas produtivas.

Conservar a semente acredita-se ter sido o maior desafio para estes guardiões e seus antepassados, pois com a mudança de clima, ataque de insetos, animais, estiagens, deve ter sido uma tarefa complexa, pois poderiam colocar em risco a integridade e germinação das sementes. Mas muitos guardaram de forma natural, sem ter esta preocupação e assim alcançaram seus objetivos, pois as reproduziram como um patrimônio, capaz de garantir a continuidade de sua subsistência. Porém, atualmente esta tarefa dos guardiões está cada vez mais difícil, pois além das ameaças naturais temos as ameaças também do capital, que ao perceber o potencial das sementes crioulas, tem se apropriado cada vez mais delas, com objetivo apenas de obter vantagens financeiras e não salvaguardar suas variedades.

Pelas atividades desenvolvidas é possível identificar uma significativa produção das sementes crioulas plantadas pelos agricultores. A distribuição e reprodução de algumas sementes coletadas, foi realizada em várias etapas:

A primeira etapa (quadro13) iniciou-se na prática de campo do Projeto Interconexões, “Mutirão de Plantio de Sementes Crioulas” no dia 13 de setembro de 2019, com a seleção das sementes de acordo com tabela elaborada pela autora e pela acadêmica Ingrid Zambilo.

QUADRO 13 - Quadro de Plantio de Sementes na Comunidade Palmital dos Pretos. Propriedades de Arildo Portela e Alceu do Pilar.

(continua)

DA TA	SEMENTE - Origem	LOCAL	PLANTIO responsável	Influência da LUA
13 de Set	<b>1. FEIJÃO GUAÍ (D. Fermina)-Palmital</b> 2. Quiabo (Guaraguaçu). 3. Mostarda Crespa (Fax. Galvão-Erica) 4. Salsinha (Fax. Galvão – Sílvia) 5. Pimenta (Acampamento Castro) 6. Chia (Fax. Galvão – Diogo) 7. Alface (Fax. Galvão – Rafael) 8. Brócolis ( Acamp. Castro- Judite) 9. Gergelim ( Casa de Sementes –Fernandes Pinheiro- Sr. Silvestre) 10. Camomila (Sete de Baixo) – Cacilda 11. Maracujá (Guaraguaçu) – Tereza. 12. Endro - (Sete de Baixo) – Cacilda 14.Cebola (Sete de Baixo) – Cacilda 15. Coentro (Sete de Baixo) – Cacilda 16. Erva-Doce (Fax. Galvão- André) 17. PENINSILINA – (Guaraguaçu).	Comunidade <b>SETE DE CIMA Antônio O. (ESTUFA-BANDEJAS)</b>  Pequenas quantidades	Cleusi – Ingrid – Alunos do PPGG.  Pessoas da Comunidade Arildo, Sr. Antônio	Lua CHEIA 14 a 21
14 de Set	1. FEIJÃO CHOCOLATE (Assent. Lapa – César) 2. Feijão BICO DE OURO(Acamp. Castro-Judite) 3. Feijão SOJINHA (Guaraguaçu). 4. FEIJÃO MILICO (Assent. Lapa – César) 5. Feijão AMARELO – (Feira de Reboúças) 6. Feijão PÉ VERMELHO DO NORTE -(Acamp. Castro-Judite) 7. Feijão MULATO - (Com. Quilombola Socavão. D. Dilmira- Castro). 8. Feijão MOURINHO (Acamp. Castro-Judite) 9. Feijão CARIOCA (Palmital) – Fermina. 10. Feijão ROSINHA (Acamp. Castro-Judite) 11. Feijão VENHA LOGO nasce antes dos outros (Com. Socavão. D. Dilmira- Castro). 12. Feijão PRETO DE 60 DIAS (Acamp. Castro-Judite) 13. Feijão PRETO MANTEIGUINHA (Com. Quilombola Socavão. Dilmira- Castro). 14. Feijão OLHO DE POMBA (Iza sementes) 15. Feijão DAMA – (Palmeira) 16. Feijão MOURINHO – (Palmeira) 17. Feijão RISCADO ( Sete de Cima) - Antonio	Pequenas quantidades na propriedade do Sr. Alceu do Pilar e Arildo Portela	Cleusi – Ingrid – Alunos do PPGG.  Pessoas da Comunidade Arildo, Antônio	Lua CHEIA 14 a 21
14 de Set	1) MILHO TUNIKATA BRANCO – (Feira Reboúças) 2) MILHO TUNIKATA VERMELHO – (Feira Reboúças)	Comunidade QUILOMBOLA PALMITAL DOS PRETOS Pequenas quantidades na propriedade de Arildo Portela no SAFs.	Cleusi – Ingrid – Alunos do PPGG. Pessoas da Comunidade Arildo, Antônio	Lua CHEIA 14 a 21

QUADRO 13 - Quadro de Plantio de Sementes na Comunidade Palmital dos Pretos.  
Propriedades de Arildo Portela e Alceu do Pilar.

(conclusão)

<b>14</b> <b>de</b> <b>Set</b>	<b>MILHOS DO PERU - EXPERIMENTOS</b> 1. MAÍZ PARACAY 2. MAÍZ ROJO 3. MAÍZ ORO 4. MAÍZ PESKORUNTO 5. MAÍZ CHULLPI	Comunidade <b>SETE DE CIMA</b> <b>Antônio O.</b> <b>(ESTUFA- BANDEJAS)</b> Pequenas quantidades	Cleusi – Ingrid – Alunos do PPGG.	Lua CHEIA 14 a 21
<b>14</b> <b>de</b> <b>Set</b>	<b>ÁRVORES DE GUARAGUAÇU</b> 1. Olho de Boneca 2. Olho de Matricalha (Tigre) 3. Guanandi 4. Imbaúva 5. Capiá	Comunidade <b>SETE DE CIMA</b> <b>Antônio O.</b> <b>(ESTUFA- BANDEJAS)</b> Pequenas quantidades	Cleusi – Ingrid – Alunos do PPGG.	Lua CHEIA 14 a 21

Fonte: A Autora, com base nas pesquisas a campo 2018/2019 e colaboração de Ingrid Zambilo.

Com a colaboração de alunos do Programa de Pós Graduação em Geografia e Bacharelados em Geografia, supervisão dos Professores Dr. Nicolas Floriani, Prof. Dr. Almir Nabozny e Antônio Ostrufk, foi preparado a terra com um substrato, separaram as sementes para o plantio nas bandejas e confeccionaram os croquis (quadro 14) do plantio das bandejas, que estão a seguir.

QUADRO 14- Quadro de plantio das Sementes - Bandeja 01 e 02. Temperos, cereais, legumes, ervas medicinais.  
(continua)

BANDEJA 01			
PLACA	ERVA DOCE	ERVA DOCE	1
COENTRO	COENTRO	COENTRO	2
COENTRO	COENTRO	COENTRO	3
SALSINHA	SALSINHA	SALSINHA	4
CHIA	CHIA	CHIA	5
CAMOMILA	CAMOMILA	CAMOMILA	6
QUIABO	QUIABO	QUIABO	7
GERGELIM	GERGELIM	GERGELIM	8
PIMENTA (ACAMP.)	PIMENTA (ACAMP.)	PIMENTA (ACAMP.)	9
PIMENTA (7 SALTOS)	PIMENTA (7 SALTOS)	PIMENTA (7 SALTOS)	10
VAZIO	VAZIO	VAZIO	11
BRÓCOLIS	BRÓCOLIS	BRÓCOLIS	12
VAZIO	VAZIO	VAZIO	13
FEIJÃO GUAÍ	FEIJÃO GUAÍ	FEIJÃO GUAÍ	14
VAZIO	VAZIO	VAZIO	15
MARACUJÁ	MARACUJÁ	MARACUJÁ	16

QUADRO 14- Quadro de plantio das Sementes - Bandeja 01 e 02. Temperos, cereais, legumes, ervas medicinais. (conclusão)

VAZIO	VAZIO	VAZIO	17
FEIJÃO ARROZ AMARELO	FEIJÃO ARROZ AMARELO	FEIJÃO ARROZ AMARELO	18
PENINCILINA	PENINCILINA	PENINCILINA	19
FEIJÃO OLHO DE CABRA PRETO	VAZIO	VAZIO	20
<b>BANDEJA 2</b>			
OLHO DE BONECA	OLHO DE BONECA	OLHO DE BONECA	1
OLHO DE MATRICALHA	OLHO DE MATRICALHA	OLHO DE MATRICALHA	2
GUANANDI	GUANANDI	GUANANDI	3
IMBAUVA	IMBAUVA	IMBAUVA	4
CAPÍA	CAPÍA	CAPÍA	5
<b>BAND. 1</b>			
<b>15 VARIED.</b>	<b>QUANT.</b>		
1	9		
2 E 3	20		
4	10		
5	10		
6	10		
7	10		
8	10		
9	10		
10	10		
12	10		
14	10		
16	10		
18	10		
19	10		
20	1		
<b>ÁRVORES DE GUARAGUAÇU</b>			
<b>5 VARIED.</b>	<b>QUANT.</b>		
1	3		
2	3		
3	3		
4	3		
5	3		

Fonte: Ingrid Zambilo e Murilo Felipini Mendes. Ano 2019.

A inserção a campo possibilitou a integração ao ambiente cotidiano dos sujeitos das pesquisas, além de proporcionar atividades práticas culturais que valorizam os saberes tradicionais, as sementes crioulas através da metodologia da observação-participante. Tivemos a colaboração dos alunos do PPGE0, Adir Fellipe Silva Santos, Bruna Santos, Edmar Lucas Rodrigues da Silva, Gustavo Bahr, Lucimara Nabozny, e os alunos de Bacharel em Geografia Ingrid Zambilo e Murilo Felipini Mendes.

No segundo dia de imersão a campo, o plantio iniciou-se na propriedade de Alceu do Pilar, mais precisamente na horta de Delair Portela, onde um espaço do terreno foi separado e preparado para plantar as variadas amostras de FEIJÃO do Banco de Sementes da Pesquisa. Primeiramente os professores e os alunos prepararam o canteiro para o plantio, separaram as sementes mais raras e de acordo com a vontade de Delair, iniciaram o plantio de 20 espécies de Feijão Crioulo e 02 espécies de Pipoca. Foram plantadas para ter a amostra da Semente e para reprodução, na Casa de Sementes José Sarnick, da Comunidade Sete Saltos de Cima, as seguintes espécies (nomes populares):

- Feijão Chocolate; Feijão Mulato; Feijão Rosinha; Feijão Milico; Feijão Amarelo; Feijão Mourinho Vermelho; Feijão Olho de Pomba Vermelho; Feijão Mourinho Roxo; Feijão Cavalo Vermelho-Preto; Feijão Cavalo Branco; Feijão Cavalo Vermelho; Feijão Pé Vermelho do Norte; Feijão Venha Logo; Feijão Preto 60 dias; Feijão Manteiguinha Preto; Feijão Dama; Feijão Arroz Vermelho; Feijão Arroz Amarelo; Feijão Sojinha; Feijão Bico de Ouro, Pipoca colorida Vermelha e Roxa.

Na propriedade do quilombola Arildo Portela onde foi iniciado um SAFs com o plantio de árvores do IAP, foi intercalado o plantio de Milho. Neste local foi escolhida uma das variedades mais antiga de milho, o Tunicata – um grão de milho empalhado. Além da palha que faz a cobertura da espiga, o milho Tunicata possui cada grão envolvido individualmente por uma palha. Como é uma característica genética, as variedades de milho com esse atributo transmitirão a mesma informação para os seus descendentes. Embora não seja encontrado com regularidade, é normal a ocorrência de grãos empalhados na cultura do milho.

FIGURA 36 - Plantio das sementes crioulas de Feijões e Pipocas na Horta de Delair Portela, no dia 14 de setembro de 2019 e do Milho Tunikata na propriedade do Arildo Portela.



Fonte: A Autora (2019)

Passados 10 dias do Plantio das Sementes Crioulas na Propriedade de Alceu do Pilar, já pudemos acompanhar os resultados do plantio das variedades de feijão crioulo, com os pés todos nascidos e crescendo.

FIGURA 37 - Fotos dos feijões e milho crioulos que nasceram após 10 dias do plantio.



Foto dia 24/09/2019.





Fotos dia 04/10/2019



Replântio do Milho Branco Peruano. Dia 09/10/2019. Milho Tunikata. Dia 16/10/2019.

Milho Tunikata Amarelo e Vermelho no dia 20/02/2020.



Fonte: A Autora.

Analisando a reprodução destas sementes, percebe-se que o milho tunikata nasceu e cresceu, porém ele teve uma reprodução mais longa e não se desenvolveu como o esperado, seja pelo clima, solo, ou por estar numa região de agrofloresta e não ter sido dado a atenção necessária ao seu desenvolvimento, com adubos e reposição de nutrientes no solo. Já o milho peruano branco nasceu rapidamente, cresceu, estava em ponto de ótimo crescimento em fevereiro de 2020, porém com uma tempestade de ventos e chuvas fortes, caiu a estufa que estava ao lado dos pés e quebrou todas as plantas. Essa mesma semente foi replantada em outra propriedade no ano de 2020, na propriedade de Antônio Silvestre Leite no Faxinal dos Galvão.

FIGURA 38 - Pés de Milho Branco, Peskorunto, Amarillo e Pacaray. Plantados na propriedade de Sete Saltos de Cima. Ano de 2019.



Fonte: A Autora.

Do plantio até a produção da semente é uma tarefa bem complexa para os agricultores, pois têm que lidar com toda situação de risco e intempéries do clima, ataque de insetos, aves, até mesmo animais, o que pode colocar em risco a germinação, a integridade ou a perda de sementes raras.

A conservação das sementes se não for armazenada de maneira adequada pode-se perder parte destas sementes. Diante das dificuldades de armazenamento, o local e as formas adequadas, garantem que uma parte da produção tenha o destino de dar continuidade à semente como um patrimônio importante. Essa visão da semente enquanto patrimônio ainda não é concebido por todos os agricultores, por isso a formação das casas de sementes e a conscientização de que as sementes e suas práticas são patrimônios materiais e imateriais dos agricultores, bem como, a importância de cursos de agroecologia, agronomia ou biologia que trabalhem com este viés.

As fotografias a seguir ilustram as formas de armazenamento das sementes em locais das comunidades que foram pesquisadas, as que são utilizadas no plantio ( as melhores) e o das espigas, utilizadas para o consumo animal, uma prática comum na agricultura convencional.



FIGURA 39 – 1. Armazenamento na Comunidade Palmital dos Pretos, Alceu do Pilar. 2. Armazenamento no paiol de Alcides (Tide) em Faxinal Sete Saltos de Baixo. 3. As melhores espigas de milho que serão guardadas para o próximo plantio. 4. Carroça de Alcides, que transporta o milho da roça até o paiol. Ano 2018-2019.



Fonte: A Autora. 17/07/2018.

Alcides (Tide), ao fazer considerações sobre a importância das sementes crioulas, especialmente o milho, ele diz que muitos perderam as sementes tradicionais, que não têm mais o costume de plantar as sementes que colhem de um ano para outro e que não armazenam no paiol. Mas ele conserva este costume herdado de seu pai, e que vê as sementes como um *“patrimônio dos antigos, que a gente tem que continuar fazendo e produzindo”*. Ele ainda nos repassa na sua forma de pensar, que hoje *“as ameaças não são apenas das pragas e do clima, mas também do capital, das empresas que têm interesse nas sementes para tirar proveito delas. E também dos bancos, onde o agricultor se endivida para comprar sementes e insumos para a agricultura”*. Ele conserva três variedades de sementes de milho, o amarelo, o vermelho e a mistura dos dois.

A segunda etapa realizou-se na prática de campo do Projeto Interconexões com os alunos da turma de Biogeografia II do Bacharelado em Geografia, turma Professora Karin

Linete Hornes, no dia 30/11/2019, na propriedade de Antônio Ostrufk, em Sete Saltos de Cima. Neste dia a campo ficou bem claro a opção de Antônio pela agroecologia e ser um guardião de sementes. Para ele estas funções estão associadas à conservação da agrobiodiversidade, relacionado diretamente a segurança e soberania alimentar, como estratégia para o presente e futuro da humanidade.

Antônio Ostrufk, nasceu em Apiaba, interior de Imbituva/PR, filho de agricultores, aprendeu a lidar com a terra desde criança. Na juventude saiu do campo para ir trabalhar na cidade, em Ponta Grossa/PR, numa empresa de farinha, moinho Santista. Não se adaptou e voltou para o campo. Na década de 1970, acompanhou em Imbituva a desestruturação dos faxinais. Segundo seu relato (em 30/11/2019), viu muitos de seus conhecidos e familiares morrerem de depressão, por não terem mais condições de trabalhar com a terra por causa do agrotóxico. Depois disso, começou a se inteirar mais das produções agroecológicas, entrou para a ASAECO (Associação Solidária da Agricultura Ecológica de Ponta Grossa e Região) e em Teixeira Soares produziu uma roça orgânica de milho. Depois, comprou a terra de José Sarnick em Sete Saltos de Cima (vive há 10 anos nestas terras), com a finalidade de desenvolver um projeto de sustentabilidade, pois a terra estava esgotada, e precisava de matéria orgânica. Nessa área de 04 alqueires, a terra estava esgotada com o plantio da batatinha e onde havia muito capim sapê (conhecido como estrepe). Sua proposta foi de transformar a propriedade em sustentável, ter bracinga, produzir mel, fazer as construções com bambu. Neste terreno tinha uma agrofloresta, então seu intento era manter esta agrofloresta e recuperar o terreno que não produzia nada. A fala de Antônio demonstra a preocupação com a natureza, com o solo que não tinha matéria orgânica. Iniciou essa recuperação do solo com as minhocas e adubação verde. Para ele, a vida está em movimento, então aquela terra não estava morta, estava “*judiada*”, bastava recuperá-la.

A narrativa de Antônio nos mostra que a terra é algo que tem sentido, vida, mas não em relação ao ser humano. Essas continuidades dos não-humanos têm mais movimento, é algo muito maior que o próprio ser humano. O que se vivenciou nestas terras é um contínuo, não está acabado, faz parte da memória daquelas terras e quem por ela passou. Ali está a natureza, as plantas, o solo e as sementes. Nos termos do geógrafo sueco Torsten Hagerstrand (1976), apud Ingold (2012, p. 39), que imaginou cada elemento constituinte do ambiente – humano, animais, plantas, sementes, pedras - como tendo uma trajetória contínua de devir. À medida que eles se movem através do tempo e se encontram, tecem um emaranhado dessas

trajetórias que não param de se estender, constituindo a textura do mundo –“a grande tapeçaria da Natureza tecida pela História”.

Nesta perspectiva, a natureza se recupera sozinha, sem a intervenção do homem, porque tem vida, é contínua, mas as práticas agroecológicas como a bioconstrução, agrofloresta, polinização natural, adubação verde, semente crioula, faz parte de estratégias para a recuperação desta vida, numa linha constante de respeito à natureza e ao seu ciclo de existência na biodiversidade.

A história de vida de Antônio nos remete a este contínuo, ele passou por vários espaços geográficos urbanos, Imbituva, Ponta Grossa, Teixeira Soares, mas retorna ao campo em Sete Saltos de Cima para reconstituir um CETA – Centro de Estudos e Treinamentos em Agroecologia, com o Projeto “Alimentando a Vida”.

Sua preocupação com a ameaça de desaparecimento das sementes crioulas, e diante da possibilidade de produzir, manter, selecionar estas sementes, constrói na sua propriedade a Casa de Sementes José Sarnick. Portanto, há um comprometimento do mesmo para que não se perca as variabilidades de sementes e também demonstra preocupação em resgatar o que foi perdido. Essa motivação coloca no Sr. Antônio a condição não somente de agricultor agroecológico, mas também de pesquisador, que investe na sua causa de preservar a agrobiodiversidade a partir da manutenção das sementes crioulas.

O encontro teve várias atividades iniciando com o histórico do CETA, caminhada na agrofloresta, fertilidade e manejo da matéria orgânica do solo, ciclagem de nutrientes, interação solo-planta, bioindicadores e adubos verdes, compostagem.

Na agrofloresta preservada por Antônio realizamos o segundo plantio de sementes crioulas. Nesta prática foram utilizadas ferramentas tradicionais e seleção de sementes de feijão para plantar embaixo das árvores da mata, conforme o selecionado no quadro abaixo.

QUADRO 15 – Plantio de Sementes

DATA	SEMENTE - Origem	LOCAL	PLANTIO responsável	Influência da LUA
30 de Novembro	Feijão BOLINHA – (Feira de Rebouças) Feijão PÉ VERMELHO DO NORTE - (Acamp. Castro-Judite) Feijão MOURINHO (Acamp. Castro-Judite) Feijão VENHA LOGO nasce antes dos outros (Com. Socavão. D. Dilmira- Castro). Feijão CABOCLO ROXO. Feijão CAVALO BRANCO (Feira Curitiba).	Pequenas quantidades na propriedade de Antônio Ostrufka, na agrofloresta.	Cleusi – Ingrid-Murillo – Alunos do PPGG e Bacharelado.	Lua Nova 26/11 a 04/12

Elaboração: Autora.

Os alunos do Bacharelado e PPGG fizeram as covas do plantio (não foi usado nenhum adubo orgânico), separaram as sementes para o plantio e confeccionaram os croquis do plantio. O plantio foi realizado no entremeio da vegetação natural, árvores frutíferas e outros plantios realizados por Antônio.

FIGURA 40 - 2°. Plantio das Sementes Crioulas em Sete Saltos de Cima. Plantio em agrofloresta.



Fonte: A Autora (2019).

A fotografia fala por si própria, plantio natural, sem adubação necessária, com sombra natural, sol na medida certa, buracos feitos com ferramenta própria, seleção de melhores sementes do Banco. Foram plantas seis linhas de seis variedades diferentes de feijão. Esperava-se que a produção fosse excelente, por ser um local extremamente apropriado para este tipo de plantio. Mas um ponto negativo ocorreu. Passados 12 dias do plantio destas sementes, fomos informados por Sr. Antônio Ostrufk, que os feijões com os pés todos nascidos e crescendo, foram comidos pelos Jacús (aves) da região. Ficamos sem a produção e sem as sementes.

Antonio Ostrufk demonstra uma disposição muito grande com a agroecologia e contrapor-se às imposições da agricultura tecnológica, defende a agrofloresta e o plantio com sementes crioulas. Procura adquirir cada vez mais sementes variadas com outros guardiões,



para reproduzir e também guardar as sementes. Em busca destes objetivos ele procura fazer parte de algumas associações como a ASAECO. E a criação em sua propriedade do CETA (Centro de Estudos e Treinamento em Agroecologia), demonstra a preocupação que tem em transmitir aos mais jovens a importância da agroecologia, de guardar as sementes e manter as práticas e culturas em torno desta agricultura sustentável.

Em relação à socialização das sementes entre os agricultores próximos a Casa de Sementes, Antônio e sua esposa Cida Teixeira registram a quantidade retirada pelo agricultor, o qual se compromete a devolver a mesma quantidade quando fizer a colheita. Com esta prática fica evidente que existe um elo de saberes das gerações passadas com os atuais, sinalizando possibilidades de continuidade desta conservação e socialização das sementes.

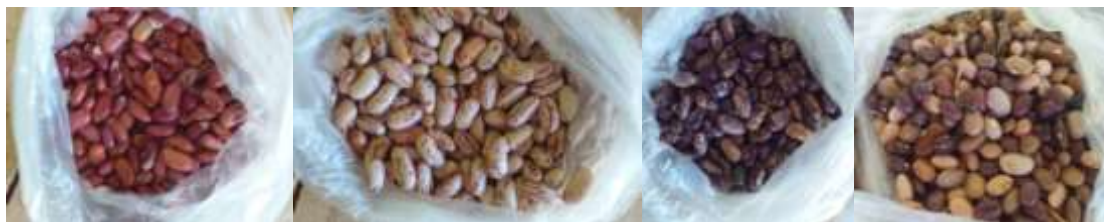
Nem todos os resultados das reproduções das sementes foram positivos, como no caso do dia 30/11/2019 que as aves comeram as sementes. Mas o primeiro plantio em Palmital dos Pretos teve resultados mais que satisfatórios. Percebemos que as sementes plantadas no dia 14 de setembro de 2019 produziram em tamanhos muito maiores que as que foram plantadas, ou seja, por estarem em lugar onde as palhas de milho fazem a cobertura do solo, a qualidade da terra sem agrotóxico e a origem genética das sementes, fez com que a semente crioula produzisse muito melhor, na propriedade de Delair, como mostram as fotografias 41 e 42.

FIGURA 41 – Quintal de Delair Portela onde foi reproduzida as Sementes de Feijão crioulo. Delair segurando somente um pé dos Feijões.



Fonte: A Autora.

FIGURA 42 - Reprodução do Feijão Cavalo Vermelho, Cavalo Branco, Cavalo Preto, Mourinho e Mulato (estão misturados no pacote)



Fonte: A Autora.

FIGURA 43 - Reprodução de Sementes Crioulas em Palmital dos Pretos. Com apenas 03 sementes de cada variedade, se reproduziu todos esses pacotes de feijões, guardados para o plantio da família.



Fonte: A Autora.

A variedade do Feijão Chocolate e Feijão Milico foram reproduzidos no quintal da casa da autora, sem o uso de agrotóxicos, somente adubo orgânico, e teve uma reprodutividade excelente. Com apenas um pé de feijão chocolate foi possível guardar dois tubetes de sementes, visto a qualidade da semente, aliada a adubação do solo.

FIGURA 44 - Plantio da semente de feijão Chocolate e Milico na horta da autora. Reprodução das sementes crioulas. 2019.



Fonte: A Autora.

Outras sementes foram redistribuídas entre os pesquisadores, estudantes do curso de Geografia, entre os guardiões para reprodução. Outro resultado positivo que se obteve foi na casa do Professor Dr. Dimas Floriani, que plantou no seu quintal em Curitiba, o feijão olho de pomba branco, também conhecido como carioquinha, e teve uma colheita excelente, comprovada na foto abaixo.

FIGURA 45 - Feijão Olho de Pomba Branco reproduzido em Curitiba/PR.



Fonte: Acervo de Dimas Floriani. 2020.

Essa socialização de troca de sementes e ações agroecológicas vão se expandir ao longo da pesquisa. Com o grupo Interconexões, Projeto – Núcleo de estudos e capacitação sociotécnica de populações tradicionais em agroecologia nos territórios faxinalenses, financiado pelo CNPq, em 2020, as sementes crioulas foram levadas para outras localidades com características faxinalenses ou de produção agroecológica. E uma dessas localidades rurais foi à propriedade do Sr. Antonio Silvestre Leite na comunidade rural Faxinal dos Galvão em Imbituva. Nesta propriedade em parceria com outras instituições como o IDR/PR, IFPR, o Grupo Coletivo Triunfo (Guardiões de Semente), estamos montando outra Casa de Sementes Crioulas, bem como, a experimentação do plantio destas sementes em sistema de Mandala<sup>110</sup> em olericultura.

---

<sup>110</sup> A Mandala significa plantio em círculo. Um sistema de equilíbrio, em evolução, aliando princípios agroecológicos, conhecimentos milenares das formas circulares. “Mandala é uma palavra sânscrita, que significa círculo. Mandala também possui outros significados, como círculo mágico ou concentração de energia. Universalmente a mandala é o símbolo da totalidade, da integração e da harmonia” (CEPAGRO - Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo, 2011). No centro pode ser criado um galinheiro, composteira, reservatório de água, minhocário, tanque de peixe, produção de mudas medicinais ou ornamentais. A diferença entre os canteiros é chamada de rua. Existe uma rotatividade de culturas.

O projeto já está em execução, com a construção da Mandala de Sementes Crioulas, o armazenamento e sua reprodução, bem como, o plantio de pés de erva-mate e de árvores frutíferas.

FIGURA 46 - Plantio de Feijões Crioulos no NEA Faxinal dos Galvão em sistema de Mandala.



Fonte: Foto Maria Janete Leite. 2020.

As sementes do Banco de Sementes das Comunidades levadas para o plantio na Mandala entre as principais foram: feijão morinho, feijão bolinha, feijão amendoim, feijão carioca, semente de crotalária miúda, crotalária graúda, coentro, camomila, feijão chocolate, feijão olho de pomba, milho peruano.

Este projeto de agroecologia e troca de sementes vem de encontro a constituição de redes de atores sociais em âmbito regional que conectam e territorializam as experiências e conhecimentos múltiplos tradicionais nas suas comunidades locais e através dessa troca de saberes acionam coletividades humanas e não-humanas (sementes/natureza) em rede.

A análise que se realizou das territorialidades dos sujeitos –guardiões de sementes– sobre os objetivos da pesquisa teve como propósito alcançar, alguns dos resultados esperados, principalmente responder a tese, a hipótese central da pesquisa, que é compreender as territorialidades da agrobiodiversidade entre os guardiões de sementes nas comunidades tradicionais. Destaca-se que através do procedimento da memória oral, e utilizando-se da



fonte memória, os indicadores utilizados foram as práticas com as sementes crioulas, e os locais onde ocorrem essas práticas estão condicionados por conflitos gerados pelas tensões dos diferentes modelos de gestão dos territórios (sistemas de organização social local x sistema hegemônico) (FLORIANI; FLORIANI, 2020).

Um dos principais objetivos desta tese foi compreender como a agrobiodiversidade está na memória e nas práticas dos sujeitos das comunidades tradicionais que guardam as sementes crioulas, mas que também está nos espaços de contato, conflitos, transições e coexistência com os sistemas hegemônicos, caracterizados predominantemente pela organização e dinâmica de mercado capitalista.

Dessa forma, nossa preocupação foi demonstrar que as práticas desses agricultores com as sementes podem agenciar uma mobilização, um projeto de identidade enquanto guardiões, uma participação sóciopolítica em suas comunidades, e a busca pela agrobiodiversidade pode construir estratégias em direção à uma autonomia socioalimentar, nutricional, frente ao modelo capitalista existente.

Essas ações colocadas na prática pelos sujeitos das comunidades tradicionais, viabiliza os mesmos a se identificarem enquanto agricultores agroecológicos, enquanto grupos não hegemônicos, mas que possuem uma *ecologia das práticas e saberes*<sup>111</sup> capazes de estabelecer um planejamento de estratégias de autonomia e soberania alimentar pela agrobiodiversidade.

Segundo Floriani (2020), a resignificação da condição identitária, política e cultural dos sujeitos sociais subalternos historicamente invisibilizados e silenciados, só é possível quando orientam suas estratégias em busca de alternativas frente ao modelo hegemônico de desenvolvimento periférico.

Os sujeitos quilombolas, caiçaras e faxinalenses entram nesta categoria de sujeitos subalternos, são constantemente destituídos de sua condição original e forçados a se estabelecer em uma política nacional que não os identifica, precisam sempre afirmar-se enquanto comunidades tradicionais, enquanto conservadores da agrobiodiversidade, detentores de saberes e práticas que dialogam com a natureza.

---

<sup>111</sup> Souza Santos (2010), Stengers (1997, 2006) apresentam uma discussão teórico-prática sobre a ecologia dos saberes e a ecologia das práticas. Escolar (2014) e Gudynas (2011) fazem uma distinção entre permanecer no quadro de desenvolvimento capitalista definido pela história como hegemônico, ou entrar em outra perspectiva anti-hegemônica. (FLORIANI; FLORIANI, 2020). Esta perspectiva anti-hegemônica é a batalha da agroecologia, sementes crioulas, desenvolvimento ambiental, soberania alimentar, questão agrária, não aos agrotóxicos, entre outras.

A consciência ecológica desses sujeitos está relacionada a condição de reprodução da vida, da relação com a natureza numa perspectiva maior, que incorpora a natureza inseparável, inerente ao ser humano, a sua condição corpórea (LATOURE, 1997).

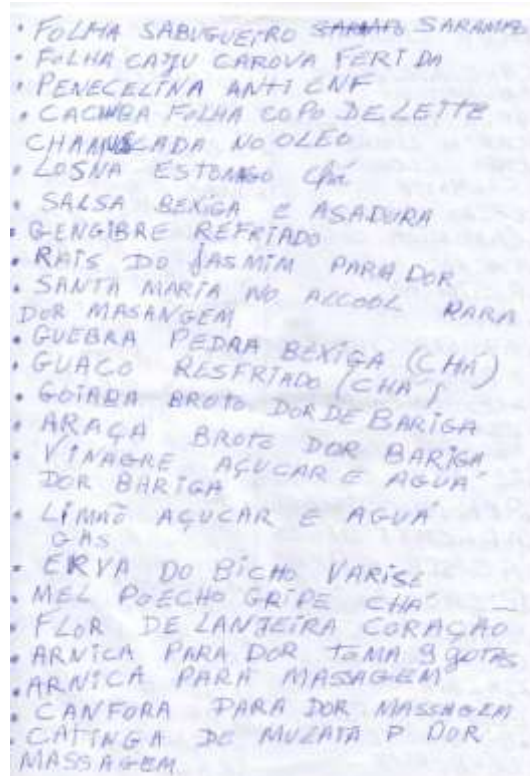
Essa consciência ecológica está ligada ao coletivo das comunidades tradicionais, mas também existem práticas particulares de cada sujeito, de cada guardião, com relação as sementes crioulas. Como já expostas anteriormente, não são somente as práticas de cultivo que podemos nominar como comuns na identidade e subjetividade do coletivo das comunidades, existem também as práticas culturais relacionadas as crenças, as ervas medicinais, que foram sendo repassadas através das gerações. Muitas destas práticas estão na geo-história comum dos sujeitos das comunidades tradicionais e de muitas comunidades rurais do interior do Paraná.

Em Guaraguaçu, encontramos Tereza Freire Bitencourt, uma grande conhecedora da medicina popular. Com seus conhecimentos vernaculares herdados de seus pais, Tereza nos explica cada planta que tem em seu quintal em quais moléstias elas podem ser utilizadas. Podemos considerá-la como a “guardiã das plantas e receitas medicinais”. Na tabela abaixo, vamos expor as plantas, receitas e moléstias que são tratadas com as práticas de nossa guardiã.

Com toda sua agitação, querendo falar e mostrar as plantas ao mesmo tempo, com sua sabedoria que não conseguimos acompanhar de tão grande que se apresenta, vai nos relatando todos os tratamentos e doenças os quais já tratou com estas plantas. Tereza relata que aprendeu com sua mãe e avó essas receitas caseiras de remédios, bem como os benzimentos.

Em suas práticas tradicionais estão: fazer a farinha de mandioca com o tipiti, fazer molho de pimenta, mas em destaque está a sabedoria de conhecer cada planta, erva, para cada dor ou doença, através dos chás medicinais e também orações.

FIGURA 47 - Escritos de Tereza Sales Bitencourt sobre os remédios caseiros retirados de sua agrofloresta. Tereza mostrando seus artesanatos que faz com a semente “Madricalha/olho de tigre” e “Capiá”. Sementes que retira de sua agrofloresta, quintal de sua casa.



Fonte: A autora (2019).

Muitos de seus conhecimentos e receitas, seus escritos (quadro 16) que exploram toda a riqueza dessas plantas e remédios:

*“Feijão de Porco- espanta as formigas, salsinha é para assadura e rim, folha de laranjeira é para gripe, folha de araçá e goiaba é para dor de barriga, para sarampo faz chá de sabugueiro, para caxumba faz emplasto de flor de copo de leite (coloca óleo quente na folha, quando ela mucha, coloca em cima, penicilina para chá e lavar feridas, picão para dar banho na criança (cura amarelão e hepatite). Para o rim, chá de picão, pata de vaca, quebra-pedra, manduvirana e tanchás. Tosse comprida tomar água de bambu. Mão de Deus (planta) para diabete, abaixa a glicemia, A folha de abacate é diurético”.*  
(Maria Tereza).

QUADRO 16 - Relação das plantas e tratamento para determinadas doenças. Práticas e Saberes de Tereza F. Bitercourt- Guaraguaçu.

(continua)

<b>Planta ou semente</b>	<b>Nome Científico</b>	<b>Moléstia/Doença</b>	<b>Receita-Tratamento</b>	<b>Local/Regional</b>
Salsinha	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Nym.	Inflamação no Rim - Assaduras	Chá (infusão)	Regional
Folha de Laranja ou casca seca	<i>Citrus × sinensis</i> Macfad.	Gripe-Resfriado - Calmante	Chá (infusão)	Regional
Folha de araçá e goiaba	<i>Araçá - Psidium cattleianum</i> S. <i>Goiaba - Psidium guajava</i> L.	Dor de barriga	Chá (infusão)	Regional
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i> L.	Sarampo	Chá (infusão)	Regional
Flor de Copo de Leite	<i>Zantedeschia aethiopica</i> (L.) Spreng.	Caxumba	Emplasto da flor. Deixar murchar a folha põe óleo e coloca em cima da caxumba.	Local
Penicilina	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Lavar feridas. Banho em mulheres após o parto.	Chá (infusão). Banho-cozinha na água e lava as feridas.	Local
Picão	<i>Bidens pilosa</i> L.	Amarelão e Hepatite	Banho em crianças.	Regional
Picão, Pata de Vaca, Quebra-pedra, Manduvirana, Tanchás	<i>Bidens pilosa</i> L. <i>Bauhinia forficata</i> L. <i>Phyllanthus acutifolius</i> L. <i>Fabaceae arachis</i> L. <i>Plantago major</i> L.	Rim doente ou Pedra. Anti-inflamatório.	Chá (infusão).	Regional

QUADRO 16 - Relação das plantas e tratamento para determinadas doenças. Práticas e Saberes de Tereza F. Bitercourt- Guaraguaçu.

(continuação)

Água de Bambu	<i>Bambusoideas (Bambusoideae) Luerss.</i>	Tosse comprida	Tomar a água	Local
Mão-de-Deus	<i>Tithonia diversifolia. Hemsl.</i>	Diabete – abaixa a glicemia	Chá (infusão)	Regional
Insulina	<i>Cissus verticillata (L.) Nicolson &amp; C.E.Jarvis</i>	Diabete – abaixa a glicemia	Chá (infusão)	Regional
Folha de Abacate	<i>Persea american. Mill.</i>	Diurético	Chá (infusão)	Regional
Folha de Guapê	<i>Syzygium cumini (L) Skeels</i>	Diabete – abaixa a glicemia. Anti-inflamatória.	Chá (infusão)	Regional
Mamona	<i>Ricinus communis L.</i>	Lavar a mulher após o parto-cicatrização	Banho	Local
Folha de lima	<i>Citrus limettioides (Christm.) Swingle.</i>	Dor de Cabeça	Emplasto	Regional
Macela	<i>Achyrocline satureioides (LAM.) DC.</i>	Dor de Estômago	Chá (infusão) e fazer o travesseiro para dormir respirando o cheiro da planta.	Regional
Eucalipto (folha comprida)	<i>Eucalyptus obliqua L'Hér.</i>	Bronquite. Pulmão carregado.	Inalação das folhas fervidas na água.	Regional
Folha da Alfavaca	<i>Ocimum basilicum L.</i>	Dor de Estômago	Chá (infusão). Pode comer junto com o peixe, para digestão.	Regional
Imbaúba	<i>Cecropia Loeffl.</i>	Sapinho na boca (feridas)	Benzimento e chá.	Local.
Cebola, alho, gengibre, açúcar, laranja ou limão.	<i>Allium cepa L. , Allium sativum L. , Zingiber officinale Roscoe, Sacarose, Citrus × sinensis Macfad.</i>	Para tosse de gripe.	Xarope. Derrete o açúcar e mistura com os outros ingredientes. Põe um pouco de água.	Regional
Folha de Boldo do Chile	<i>Peumus boldus. Molina.</i>	Estômago	Chá (infusão)	Regional
Folha de Figatil	<i>Acmella ciliata (Kunth) Cass.</i>	Estômago	Chá (infusão)	Regional
Maracujá	<i>Passiflora edulis Sims</i>	Calmanete – Nervos	Come as sementes. Seca a casca e tritura como pó.	Regional
Camomila	<i>Matricaria chamomilla L.</i>	Calmanete	Chá (infusão) e dar banho em crianças.	Regional
Feijão de porco	<i>Canavalia ensiformis (L.) DC.</i>	Espanta as formigas	Planta ao redor dos remédios ou plantações de cereais.	Regional
Erva de Santa Maria	<i>Dysphania ambrosioides (L.) Mosyakin &amp; Clemants</i>	Desverminante. Cura ferida.	Chá (infusão)	Regional

QUADRO 16 - Relação das plantas e tratamento para determinadas doenças. Práticas e Saberes de Tereza F. Bitercourt- Guaraguaçu.

(conclusão)

Arnica da roça	<i>Arnica montana L.</i>	Reumatismo. Machucadura, neufragia, hemorróida que sangra.	Chá (infusão). Banho.	Regional
Pau de Andrade	<i>Persea pyrifolia Nees.</i>	Estômago.	Chá (infusão)	Regional
Arruda	<i>Ruta graveolens L.</i>	Calmanete para dormir.	Chá (infusão)	Regional
Broto de Goiaba, broto de marmelo, casca de Jabuticaba	<i>Psidium guajava L.</i> <i>Cydonia oblonga Mill.</i> <i>Plinia cauliflora</i> <i>(Mart.)Kausel.</i>	Dor de barriga	Chá (infusão). Ferve e coloca em jarro de louça, não no alumínio	Regional
Manjerona, casca de Jabuticaba, arupê (ipê) vermelho.	<i>Origanum majorana</i> <i>Linnaeus.</i> <i>Plinia cauliflora</i> <i>(Mart.)Kausel.</i> <i>Tabebuia impetiginosa L.</i>	Tosse comprida Gripe. Expectorante.	Chá (infusão)	Regional
Capim Limão, Melissa	<i>Cymbopogon citratus</i> <i>(DC) Stapf.</i> <i>Melissa officinalis</i> <i>Lineu.</i>	Calmanete	Chá (infusão)	Regional
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> <i>L.</i>	Dor de Cabeça	Chá (infusão)	Regional
Carqueja	<i>Baccharis trimera</i> <i>(Less.) DC.</i>	Limpa o corpo. Emagrece.	Chá (infusão)	Regional
Catinga-de- mulata	<i>Tanacetum vulgareL.</i>	Passar nas dores de perna e machucados	Coloca as folhas no álcool	Regional
Dente-de-leão	<i>Taraxacum officinale</i> <i>Wiggers.</i>	Dor de garganta	Chá (infusão) das folhas	Regional
Folha de Guaco	<i>Mikania glomerata</i> <i>Spreng.</i>	Gripe com tosse, rouquidão, infecção na garganta, tosse, bronquite.	Xarope. Ferve com mel.	Regional
Malva	<i>Malva sylvestris L.</i>	Sapinho na boca. Contra micróbios. Anti-inflamatória, calmanete.	Ferve e lava a boca.	Regional
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus acutifolius L</i>	Derrubar pedra do rim	Chá (infusão)	Regional
Erva-doce	<i>Foeniculum vulgare</i> <i>Mill.</i>	Dor de barriga de nenê	Chá (infusão)	Regional
Endro	<i>Anethum graveolens</i> <i>L.</i>	Cólicas na barriga	Chá (infusão)	Regional

Fonte: A Autora, com base nas pesquisas a campo 2018/2019.

A diversidade de plantas medicinais e sementes mantidas por estes guardiões e guardiãs nas comunidades amostradas revelou o grande potencial de conservação existente das práticas e saberes tradicionais a nível regional nas comunidades rurais do Paraná, principalmente quando esses guardiões das comunidades e os que se estabeleceram na Rede demonstram a riqueza sociocultural envolvida nestas práticas.

Mas nestas comunidades e entre os guardiões não existem somente pontos positivos. Essas comunidades rurais apresentam também cenários de conflitos e/ou tensões de ordem interna e externa.

Participando de dois projetos<sup>112</sup> no decorrer da pesquisa, foi constatado nas reuniões e observação participante, problemas, conflitos, discordâncias entre os agricultores tradicionais. Dentre esses conflitos e tensionamentos, podemos destacar os principais, elencados no quadro 17:

QUADRO 17 - Conflitos e tensões internas e externas nas Comunidades Pesquisadas.

Conflitos/Tensões internas e externas	Comunidades			
	Guaraguaçu	Sete Saltos de Baixo	Sete Saltos de Cima	Palmital dos Pretos
Aumento populacional ( famílias externas à comunidade).	Forte	Forte	Fraco	Fraco
Chacreiros (para finais de semana)	Fraco	Forte	Fraco	Fraco
Uso privado dos Bens comuns (criadouro comunitário)	Não tem	Forte	Não tem	Não tem
Destruição e degradação do meio ambiente	Forte	Fraco	Fraco	Fraco
Grilagem de terras	Forte	Médio	Fraco	Forte
Novas religiões (Pentecostal)	Forte	Fraco	Fraco	Forte
Turismo	Forte	Fraco	Fraco	Fraco
Mutirão/Puxirão	Fraco	Forte	Médio	Fraco
Destruição de Estradas, pontes, cercas.	Fraco	Médio	Fraco	Médio
Contaminação de Rios, destruição da Agrobiodiversidade.	Forte	Forte	Forte	Médio

Fonte: A Autora, adaptado de FLORIANI, D.; FLORIANI, N. Ano 2020.

O quadro acima nos mostra que existem conflitos com origem na formação socioespacial do território brasileiro e paranense, como o caso de grilagem de terras, degradação do meio ambiente, contaminação de rios, mas podemos estabelecer que os demais

<sup>112</sup> Projetos: 1. “Das territorialidades tradicionais às territorializações da agroecologia: saberes, práticas e políticas de natureza em comunidades rurais tradicionais do Paraná”. (CNPq, 2018/2019); 2. “Núcleo de Estudos e Capacitação Sociotécnica de Populações Tradicionais em Agroecologia nos Territórios as

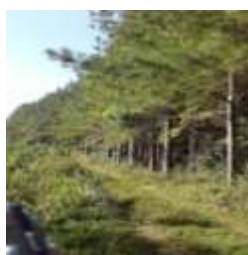


conflitos ou tensões, por mais que tenham influência da geo-história, têm origem própria de cada localidade. Eles fazem parte das narrativas em reuniões de grupo, associações e nas reivindicações dos sujeitos destas comunidades.

Na prática de campo, em uma reunião do grupo de moradores do criadouro comunitário de Faxinal de Sete Saltos de Baixo, no dia 16/07/2018, a discussão foi em torno da entrada de muitos chacreiros<sup>113</sup> no criadouro comunitário, bem como a destruição de cercas que protegem este criadouro. Ficou decidido na reunião o dia 21/07/2018, para a realização do Mutirão da manutenção dos Vedos (valos do faxinal), com início as 8horas e término às 12horas. Tinham 10 pessoas presentes na reunião, sendo liderados por duas mulheres, e poucos queriam participar da atividade, mas que foi desenvolvida no dia marcado.

Como observadora-participante, estive presente na execução de algumas práticas e atividades cotidianas nas comunidades, como a manutenção dos vedos, visita a nascente de água do Faxinal Sete Saltos de Baixo. Ao visitar a nascente de água encontramos pelo caminho, tensões e conflitos, pois o desmatamento, degradação do meio ambiente, plantio de pinus, agricultura intensiva próxima as nascentes sem proteção, estava levando os moradores do criadouro comunitário ficar sem água. Na reunião realizada pelos representantes da comunidade, mencionada acima, ficou decidido que fariam mutirão para proteger as nascentes e manter os vedos (valos) que cerca o faxinal.

Figura 48 - Desmatamento da mata ao redor do Faxinal. Clareiras sendo abertas. Destruição do Ecossistema. Plantação de Pinnus por grandes laminadoras da região. Plantio próximo as nascentes.



Fonte: A Autora.

<sup>113</sup> Chacreiros, são alguns proprietários de chácaras dentro do criadouro comunitário. Normalmente não moram na chácara, apenas a utilizam para passar o final de semana ou férias.



Fazendo divisas com o Faxinal Sete de Baixo, Palmital dos Pretos e Sete de Cima, existem muitos proprietários de sítios de lazer, empresas de madeiras (pinnus) que se estabelecem no lugar e detêm o uso dos recursos naturais, destruindo as matas, empregando como mão de obra barata os moradores destas comunidades, além dos agricultores intensivos, que não se preocupam com a agrobiodiversidade, plantando apenas milho ou soja, para a comercialização em larga escala. Em quanto isso, os faxinalenses e quilombolas tentam sobreviver, encurralados em suas comunidades, procurando meios e alternativas para manter suas terras e meio de subsistência com a prática da agrobiodiversidade em pequenos lotes de terra.

Em Guaraguaçu, também temos a ocorrência de conflitos. Existe a grilagem de terras indígenas (reserva que faz divisa com Guaraguaçu), proprietários com sítios para finais de semana, pessoas que se estabelecem na comunidade pensando apenas no lucro exploratório do turismo na região, empresas grandes que extraem areia do rio Guaraguaçu com Draga, pesca sem controle. A comunidade, na associação de moradores se posicionou contra esses ataques ecológicos, e alguns movimentos estão tomando força, fazendo com que consigam proteger os direitos de proteção ao rio Guaraguaçu, a natureza ao seu redor, desenvolvendo um turismo rural de base ecológica, investindo em atividades que valorizam a agrobiodiversidade e proteção das práticas tradicionais.

Conceição e seus filho Cláudio estão investindo no desenvolvimento e valorização do café caçara, plantio de sementes nativas, reconstrução das casas de farinha, reprodução do prato culinário da Cambira pelo método tradicional. Vejo na fala de Conceição, Cláudio e Tereza, o grande amor que têm pela agroecologia, mas também a preocupação com os conflitos e tensões existentes, como a exploração do rio Guaraguaçu, que para eles “é a fonte de vida”.

Em Guaraguaçu também ocorrem tensões de ordem religiosa, pois têm a incidência do catolicismo e evangélicos. Nesta comunidade e no Palmital dos Pretos, percebe-se ainda mais esta divisão religiosa. Para alguns membros de igrejas evangélicas de Guaraguaçu, a prática de utilização das ervas medicinais, benzimentos, ou práticas indígenas com ervas da natureza, são vistos com maus olhos. Alguns vêem, as pessoas que fazem benzimentos, práticas indígenas de cura, como feiticeiros. Isto nos mostra o preconceito que a religião tinha na idade média, com aqueles que não seguiam as regras e determinações da igreja católica. Esses preconceitos e ideologias persistem até hoje, quando as práticas tradicionais vêm de

povos que contestam ou contrariam as regras, a ordem, das classes que estão no poder, seja ele religioso, social, político ou cultural.

O que percebemos nas comunidades pesquisadas é que os saberes e práticas da agrobiodiversidade e da medicina popular estavam cada vez mais sendo substituídos pela procura da medicina científica e produtos industrializados nas cidades vizinhas. Mas observamos durante esses três anos de pesquisa, um retorno da valorização destas práticas tradicionais relacionadas a agroecologia e remédios naturais, o que vêm ao encontro desta tese, que é analisar as territorialidades da agrobiodiversidade e das práticas tradicionais nas comunidades.

De acordo com as transformações geo-históricas os conflitos permanecem e ao mesmo tempo vão transformando as formas de uso e apropriação da natureza. A territorialidade destes guardiões de sementes nas comunidades se expande na medida em que ele sente-se valorizado em seus saberes vernaculares, empírico, das sementes e das ervas medicinais. Dessa forma, a territorialidade tradicional é (re)significada de acordo com as transformações geo-históricas.

Uma das grandes transformações históricas favoráveis as comunidades e povos tradicionais foi a Constituição de 1988<sup>114</sup>, que garantiu os direitos coletivos no âmbito dos direitos e das garantias fundamentais, no seu título II, capítulo I – dos direitos e deveres individuais e coletivos. Nestes direitos coletivos, destaca-se o meio ambiente ecologicamente equilibrado, considerado como patrimônio ambiental nacional e direito fundamental. Dessa forma, por meio de direitos e deveres coletivos, os povos e comunidades tradicionais encontram-se protegidos, pois ao se proteger o meio ambiente ecologicamente equilibrado, protege-se, o bem ambiental cultural imaterial, do qual povos e comunidades tradicionais fazem parte.

Pelo Decreto 6.040/07 os Povos e Comunidades Tradicionais passaram a ser reconhecidos e definidos com a instituição da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT). Sendo assim os guardiões de sementes, que em sua maioria estão nas comunidades tradicionais, aparecem como novos sujeitos de direitos, e é nessa luta que eles reivindicam o cumprimento dos direitos socioterritoriais conquistados, dando sentido as suas territorialidades da agrobiodiversidade.

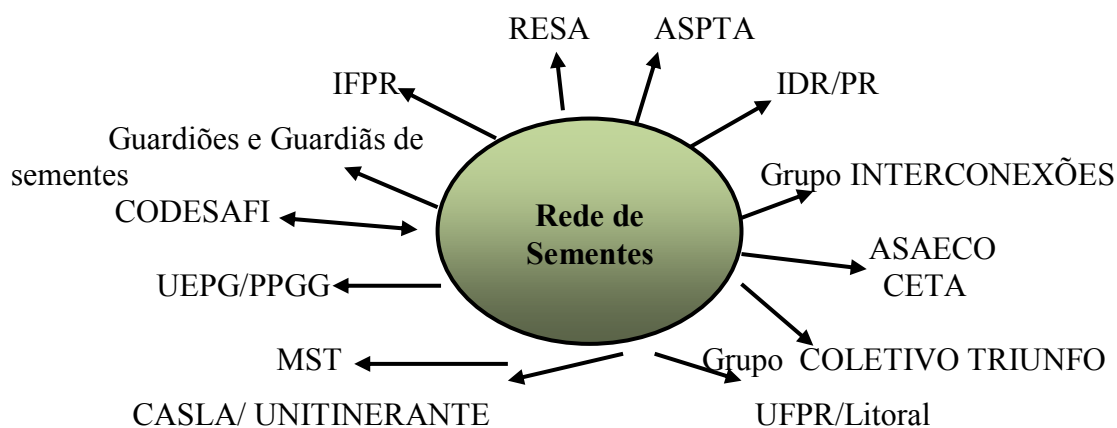
---

<sup>114</sup> BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 5 out. 1988a. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 20 de outubro de 2020.

São os movimentos sociais, pesquisas e projetos das universidades, organizações não governamentais, que procuram dar visibilidade a estes grupos de guardiões de sementes e das práticas e sabedorias populares.

As comunidades Sete Saltos, Palmital dos Pretos e Guaraguaçu, fazem parte de organizações que defendem seus direitos e seus saberes vernaculares, como veremos na figura a seguir:

FIGURA 49 – Rede de Sementes estabelecida com o Projeto.



Fonte: A Autora (2020)

Essas instituições são parceiras na implantação de Bancos de Sementes e práticas da agrobiodiversidade. Estão presentes nos projetos desenvolvidos nas comunidades e são instrumentos para a preservação e continuidade da luta dos agricultores pela sua valorização e desenvolvimento enquanto comunidades tradicionais.

A RESA (Rede de Sementes da Agroecologia), o grupo Coletivo Triunfo, os Guardiões de Sementes, têm por exclusividade a proteção e disseminação das Sementes Crioulas no Paraná; a UEPG, UFPR/Litoral, o IFPR (Instituto Federal do Paraná), o Grupo Interconexões, a Casla/UNITINERANTE (Casa Latino Americana-Universidade Itinerante), têm como finalidade a troca de experiências e do saber acadêmico; a AS-PTA (Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa), o IDR (Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná), a CODESAFI (Cooperativa para o Desenvolvimento Sustentável de Agricultores Familiares de Ivaí/Imbituva), o CETA (Centro de Estudos e Treinamento em Agroecologia), é prestar acessoria e conhecimento aos agricultores; o MST (Movimento dos Sem Terra) e a ASAECO (Associação Solidária da Agricultura Ecológica de Ponta Grossa e Região), tem

como primordial, a continuação da preservação da agrobiodiversidade com as sementes crioulas.

Juntas essas associações, organizações, instituições, conjugam-se em uma rede de trocas de conhecimentos, sabedorias, sementes, como alternativas para o desenvolvimento rural no Paraná, cooperando ainda mais para o mapeamento das territorialidades culturais e dos territórios físicos destas comunidades.

A rede de cooperação estabelecida favorece os atores envolvidos nas comunidades tradicionais, mas também são capazes de identificar as tensões e conflitos na temporalidade atual, relatadas pelos mesmos em reuniões, capacitações, oficinas, desenvolvidas por estas instituições. As deficiências, carências, dificuldades relatadas pelos guardiões de sementes nas comunidades de Sete Saltos de Cima, Sete Saltos de Baixo e Palmital dos Pretos são: inexistência de atendimento de saúde, precariedade de acesso aos serviços básicos (luz elétrica, saneamento básico), dificuldade de regulamentar a posse de suas terras (principalmente na comunidade quilombola), uma escola que valorize a cultura local, falta de uma organização cooperativista forte para formar uma Associação empreendedorista familiar e comunitária.

Em Guaraguaçu, essa associação está formada e bem representativa na comunidade, desenvolvendo um empreendedorismo comunitário de base turista. Se organizaram em associação cooperativista para desenvolver um turismo diferencial, de base comunitária (com a agroecologia), segundo, Sidnei Bonfim dos Santos (42 anos), um dos moradores locais. De acordo com suas narrativas, eles procuraram reativar a Associação já existente, que estava desativada, e com 10 a 15 pessoas bem participativas, sendo um dos guardiões de sementes, Claudio Constant, o presidente, estão desenvolvendo atividades de recuperação do rio Guaraguaçu para saídas de barco, café caiçara com produtos essencialmente agroecológicos<sup>115</sup>, organização da estrada ecológica passando pela mata atlântica e sambaqui local através de etnocaminhada, resgate das práticas locais dos fornos e casas de farinha, plantio de sementes crioulas, preservação de árvores nativas, flores, ervas medicinais, criação de um selo para os produtos comercializados por eles (fotografia abaixo), entre outras ações desenvolvidas.

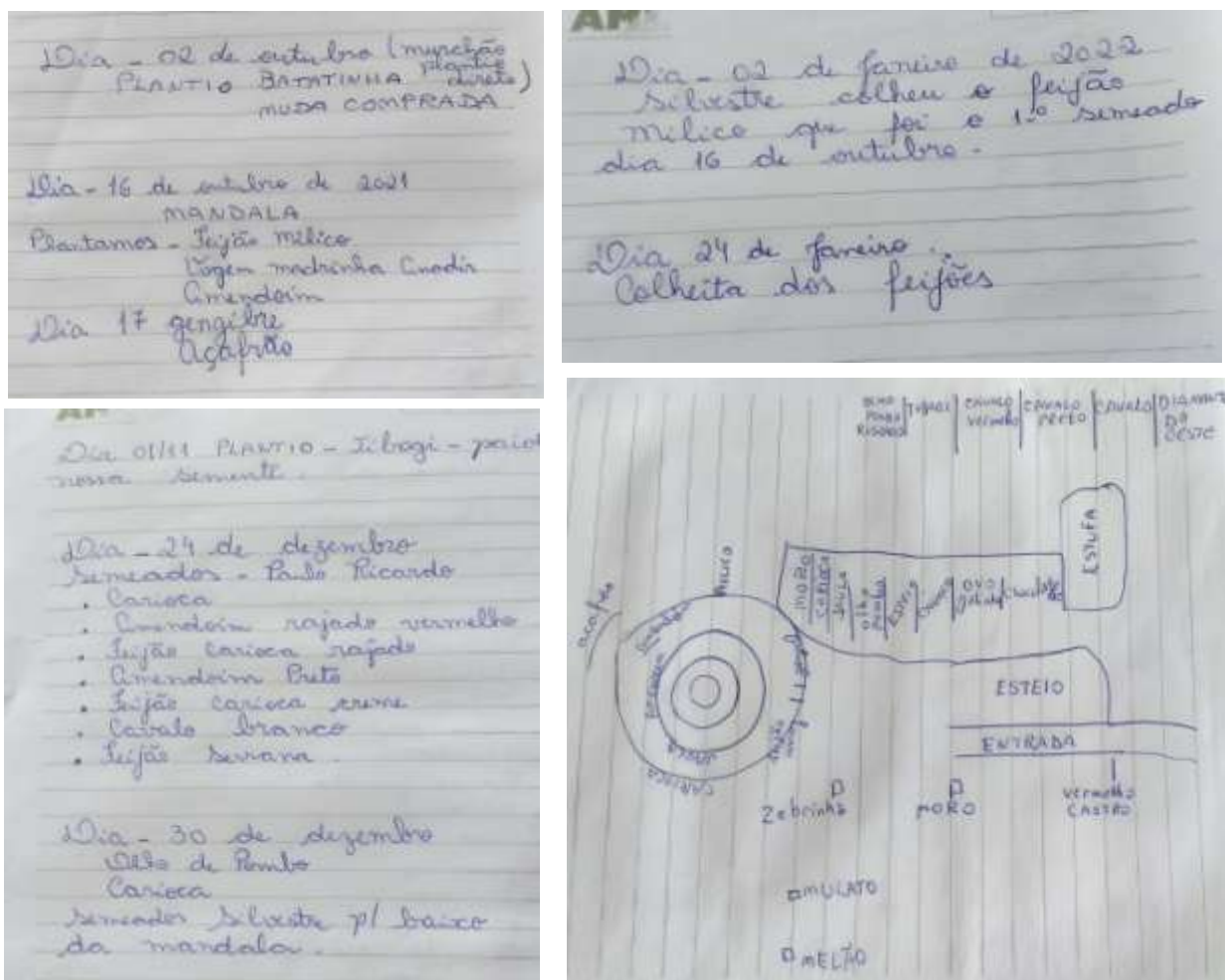
Essas diferenças de ações e organizações entre os guardiões de sementes e nas comunidades em sua maioria vem de encontro ao nosso objetivo de compreender como eles

---

<sup>115</sup> Conceição, artesã nativa, guardiã de sementes, faz o Café Caiçara em sua propriedade. Tornou-se uma empreendedora, Já fez mais de 1.000 cafês, com produtos essencialmente agroecológicos. O carro chefe de seu café é o bolo de banana com castanha do Pará, farinha de rosca e damasco. Mas também os mais procurados são o bolo de aipim com tapioca e coco e a torta de Palmito caiçara. Seu empadão de Jaca verde é muito degustado também. Suas receitas são todas elaboradas com orientações de uma nutricionista.



FIGURA 51 - Registros da época e da forma de plantio das sementes crioulas, por Maria Janete Ferreira Leite no ano de 2021/2022.



Fonte: A autora. Ano 2022.

Mas independentemente de se identificar mais ou menos guardiões, sementes, associações, é compreender que estas comunidades tradicionais, estão mobilizando-se para identificar suas capacidades, recursos, parcerias com outras instituições, para alcançar sua autonomia socioambiental, soberania alimentar, e mais importante ainda, seus direitos e identidade enquanto atores tradicionais, bem como, a reprodução cultural material e imaterial de sua agrobiodiversidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **SEMENTES CRIOULAS E PRÁTICAS COTIDIANAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL (I)MATERIAL**

As sementes crioulas são obras da própria natureza e também criações individuais e coletivas, experiências geo-históricas construídas, fundamento e produto de culturas e sociedades ao longo do tempo. Nelas estão presentes valores, afetos, formas de vida, que se constituem como meio de sustento, soberania, construção histórica e cultural, das comunidades tradicionais.

As sementes crioulas representam e reproduzem a vida, pois em abundância, asseguram a continuidade das variedades de espécies existentes adaptadas as regiões, garantindo a agrobiodiversidade dos ecossistemas locais e regionais. Elas podem ser uma alternativa de sustentabilidade ambiental, social e econômica dos agricultores tradicionais, pois representam suas práticas tradicionais com a terra, seu sustento, suas cotidianidades na culinária, artesanato, enfim, relações sociais e culturais.

A relação socioambiental é uma relação intrínseca no desenvolvimento das variedades crioulas por essas populações, as populações que trabalham com a variedade que está contida nas sementes, em função do seu uso e nas diversidades de uso e de temas de cultivo. Na agricultura camponesa tradicional, espaço onde os camponeses vivem e trabalham destaca-se a existência de uma coletividade rural que se apresenta em uma dupla natureza funcional. Primeiro esta agricultura valoriza o meio natural: os camponeses utilizam o território para a produção de alimentos visando o autoconsumo; e por outro lado, é também um espaço onde vivem, com suas crenças, tradições, constituindo modos de vida (GUIMARÃES, 2010, p.100)

Os mecanismos de reprodução da cultura imaterial passam por conhecimentos, da guarda da semente, como cultivar na terra, em que fase da lua é melhor o plantio, qual a madeira para secar a erva-mate para não pegar cheiro, o plantio adequado para não carunchar os feijões, os dias melhores para a colheita. Também os dias marcados para os santos de devoção e agradecimento pelas colheitas e sementes, os pratos culinários que se podem fazer com o resultado das colheitas, ou do que se pode extrair da natureza, da pesca, ou de suas hortas caseiras.

Para guardiões tradicionais, as sementes representam um elemento de sua subsistência, autonomia, qualidade de vida e permanência de suas práticas e cultura. Sem sua perpetuação, não existe continuidade da vida e equilíbrio natural dos ecossistemas.

Em relação à luta dos movimentos sociais para manter as sementes crioulas como patrimônio material, busca-se defender a produção de sementes livres de agrotóxicos e não

aceitar sementes transgênicas. Com esse movimento das várias organizações de guardiões de sementes crioulas, busca-se fortalecer a organização dos agricultores, reivindicando políticas públicas para a agricultura, soberania alimentar e sustentabilidade com práticas agroecológicas.

Um importante marco destas lutas em defesa das sementes crioulas, foi em junho de 2002, durante a Conferência Mundial da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), em Roma, Itália, onde a Via Campesina Internacional decidiu implantar a campanha “Sementes Patrimônio do Povo a Serviço da Humanidade”. Em janeiro de 2003 durante a realização do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre (RS), essa campanha foi lançada no Brasil. (CARVALHO, 2003, p.15).

Os objetivos desta campanha:

Garantir o direito de todos os agricultores familiares de produzirem suas próprias sementes “varietais”, de forma individual ou comunitária; – preservar e viabilizar a produção própria de sementes através da democratização da produção de sementes e da garantia do princípio da soberania alimentar, em todos os países e nas comunidades de todo o mundo; – garantir e difundir a produção de sementes saudáveis e adequadas ao meio ambiente de cada região; – evitar que a produção e o comércio de sementes sejam baseados apenas no lucro e na exploração econômica; – impedir a disseminação de sementes transgênicas para cultivos comerciais enquanto a comunidade científica não tiver condições de conhecer exatamente suas consequências para a saúde dos agricultores e dos consumidores e para o meio ambiente; – impedir que as empresas transnacionais obtenham o controle oligopolista da produção e da comercialização de sementes; – estimular, entre todos os agricultores familiares do mundo, a consciência da importância do cultivo de suas sementes; – pressionar para que a FAO e a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) declarem as sementes “varietais” patrimônio cultural de toda a humanidade; – pressionar para que o governo de cada país resista à imposição pelo capital monopolista internacional de leis de propriedade intelectual e de patentes sobre as sementes; – pressionar para que os produtos da agricultura, em particular os alimentos e as sementes, não sejam objeto da legislação e acordos sob a tutela da OMC (Organização Mundial do Comércio). (CARVALHO, 2003, p.15-16).

Os movimentos sociais em defesa das sementes crioulas, enquanto patrimônio da humanidade é extremamente importante como forma de luta e resistência a dominação da agricultura empresarial intensiva, contra os transgênicos, os agrotóxicos, e as sementes modernas. O trabalho que os guardiões fazem com as sementes crioulas resgata a identidade dos agricultores tradicionais, mantendo as práticas, as tradições culturais. O mapeamento geohistórico e reconhecimento dos saberes locais são de fundamental importância para que os guardiões de sementes nas comunidades tradicionais não desapareçam, pressionados pelas sementes modernas, carregadas de agrotóxicos e variedades modificadas tecnologicamente.



A conservação das sementes crioulas nas comunidades amostradas ocorre com grande respeito aos ancestrais, com o apoio de toda família, através das organizações de guardiões e trocas de sementes nas feiras regionais e principalmente pelas redes que os guardiões estabelecem a partir das relações com outros atores externos. O resgate da tradição de guardar sementes crioulas nestas comunidades, o levantamento geo-histórico, trouxe para a comunidade novas discussões a partir da troca de experiências empíricas e científicas. Alguns grupos nas comunidades passaram a discutir sobre as sementes transgênicas, sobre o uso prejudicial de agrotóxicos nas suas roças, a importância do trabalho familiar no processo de produção agrícola, a permanência dos jovens no campo, alternativas agroecológicas no combate as pragas ou na fabricação de fertilizantes naturais, técnicas de adubação natural, por exemplo. Essas alternativas estão sendo visualizadas pelas comunidades amostradas como uma maior liberdade e autonomia sobre a sua produção alimentar, e uma forma de “preservação da vida natural para o futuro”, segundo a fala do Sr. Antônio Silvestre Leite (Faxinal dos Galvão, 2020).

A partir de oficinas, debates, reuniões e visitas de intercâmbio em outras comunidades, acompanhadas pelo Grupo Interconexões da UEPG, os agricultores envolvidos nos projetos, e os acadêmicos, trocaram experiências com relação a:

- 1) técnicas de conservação das sementes, como guardar sementes de qualidade e em boas condições;
- 2) valor das trocas de sementes entre as comunidades e guardiões;
- 3) novas práticas de produção agroecológica com uso dos recursos naturais com o menor impacto possível para a natureza (mata, solos, rios);
- 4) conscientização dos agricultores de seus direitos de exigir maior apoio dos programas governamentais, e formação de associações comunitárias;
- 5) novas práticas de agroecologia, como plantios em agroflorestas, mandalas com sementes crioulas;
- 6) proteção dos recursos naturais - árvores nativas, nascentes de água, abelhas, matas nativas;
- 7) resgatar os conhecimentos culturais e saberes das ervas medicinais, receitas e práticas alimentares com as sementes crioulas;
- 8) reunir um número cada vez maior de variedades de sementes crioulas para a reprodução e troca entre os guardiões e as comunidades.

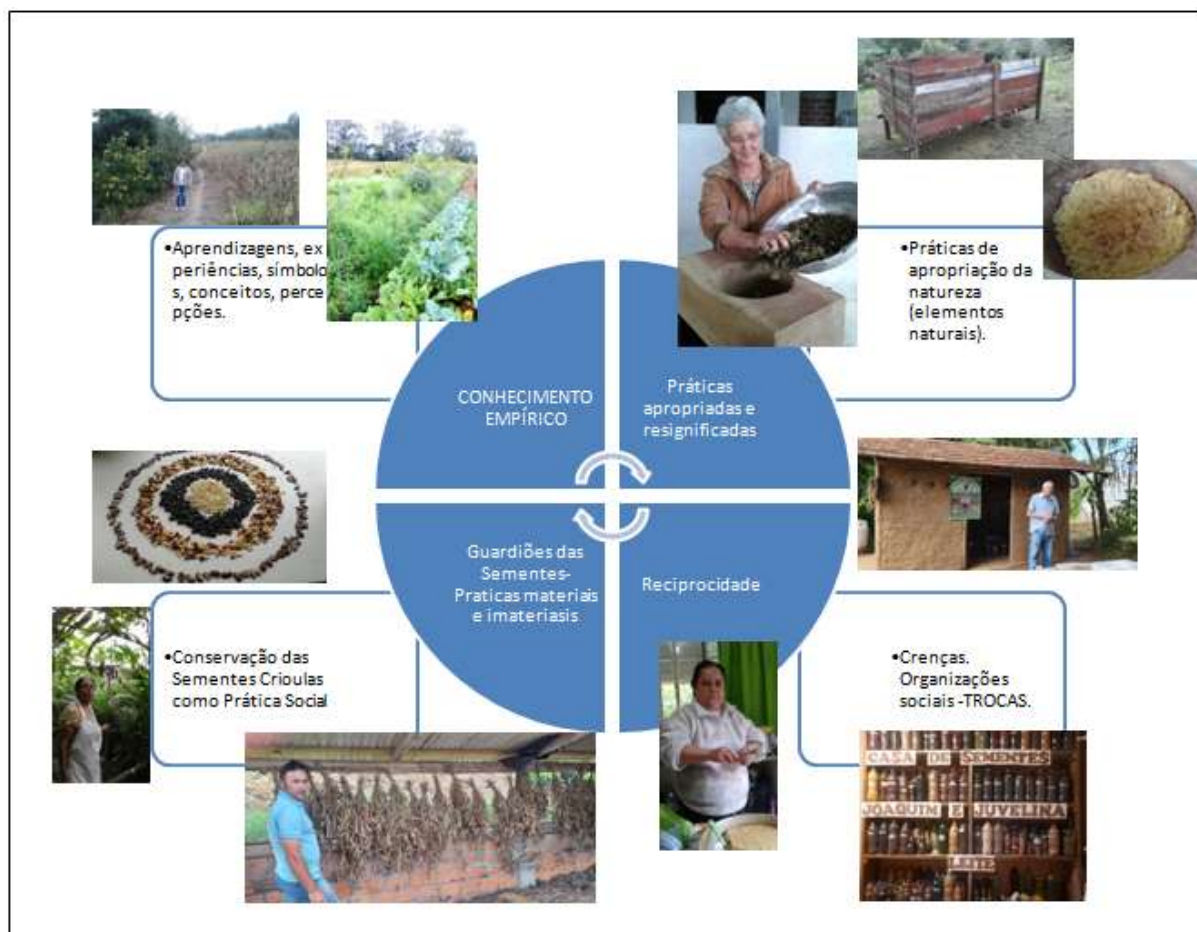
A diversidade de sementes tradicionais mantidas pelos guardiões das comunidades amostradas revela o enorme potencial de conservação existente nas comunidades tradicionais do Paraná, principalmente quando um número significativo de práticas agroecológicas e variedade de sementes adaptadas a estes sistemas no Estado estão relacionadas à sua riqueza cultural.

Os remanescentes indígenas, quilombolas, agricultores camponeses, caboclos, faxinalenses, caiçaras e outros povos tradicionais não respeitados sofriram até o século XX vários tipos de agressões e perseguições e, por isso, procuravam lugares longínquos e inacessíveis para viver e manter sua cultura. Isso não quer dizer que atualmente no século XXI não sofrem preconceitos e perseguições, mas existem também um maior número de movimentos de defesa em favor destas comunidades e de suas culturas ancestrais. O que destacamos é que essas comunidades detêm o grande arsenal de conhecimento da agrobiodiversidade e sistemas de manejo dos recursos naturais, bem como, seus valores, e identidades de agricultores tradicionais, a maior grandiosidade de cultura (i)material que se pode possuir. “O mais importante e grandioso biopoder das populações tradicionais está nos saberes, tecnologia, valores culturais e éticos” (PINHEIRO, 2003, p.311).

Para Sebastião Pinheiro(2003), somos nós que necessitamos de uma formação cidadã, com identidade e autonomia, para compreender os valores dos conhecimentos e sabedorias dos povos tradicionais. Devemos buscar os saberes tradicionais para corrigir as crises dos povos modernos, como a perda de valores humanos e ambientais, as crises da falta da água, do clima desregrado, da degradação da saúde (epidemias). Constatamos que Sebastião Pinheiro escreveu em 2003 o que ainda estaria ocorrendo com mais força em 2022, e ainda ele nos afirma: “qualquer camponês ou indígena latino-americano, africano ou asiático sabe e culturalmente tem presente que mais importante que a semente é o meio ambiente onde ela vai nascer”.

O meio ambiente natural e a semente como patrimônio cultural revela os conhecimentos empíricos dos guardiões, suas experiências, símbolos, percepções, suas práticas de apropriação da natureza e resignificadas em suas comunidades, a reciprocidade com as trocas de sementes, e a conservação destas sementes como prática social coletiva.

FIGURA 52 - Conhecimentos, saberes, práticas, fotografias, aspectos mais importantes da pesquisa.  
Ano 2018-2022



Fonte: A Autora.

A amostragem desta pesquisa não serve para mostrar o universo das sementes como um todo, mas como forma de avaliar a diversidade das sementes tradicionais a partir de uma pequena amostra em um banco de sementes e a formação de duas Casas de Sementes, bem como incentivar novos estudos que permitam no futuro um mapeamento completo do Estado do Paraná e conhecimentos mais amplos e aprofundados das sementes crioulas.

Se formos analisar as características sócioeconômicas relacionadas ao perfil de nossos agricultores tradicionais e agroecológicos amostrados no estudo, os dados nos mostram que são agricultores de regime familiar de produção com grande tradição agrícola. Suas propriedades fazem parte de agrossistemas compostos de cultivos consorciados ou em agroflorestas, com um número variado de espécies alimentícias, mas com a predominância do cultivo do feijão. A opção por manterem uma agricultura tradicional, a condição de estarem em regiões de maior isolamento, sofrerem marginalização por parte do modelo de agricultura

intensiva capitalista, foram fatores primordiais para manterem os recursos e práticas tradicionais das comunidades estudadas.

Porém, o desejo pela continuação de uma agricultura auto suficiente, com variedades de sementes crioulas, adaptadas ao clima atual, e que a produção satisfizesse o mercado de produtos agroecológicos, levou esses agricultores a inovações e interlocuções com as entidades acadêmicas de pesquisa para a reorganização de suas propriedades com prioridades principalmente ambientais, sociais e econômicas.

Alguns espaços dessas propriedades, através de uma valorização da autonomia familiar, dos recursos próprios da natureza (solos, matas, rios), com reflexões, ações, oficinas, cursos, foram orientados por agentes locais e comunidade científica a realizarem práticas agroecológicas de acordo com as características de cada comunidade, não apenas como forma de produção, mas como uma escolha de vida, mantenedora de suas práticas tradicionais com sementes crioulas.

Nesse perfil dos agricultores tradicionais encontramos os guardiões de sementes que são as pessoas com grande experiência e conhecimento empírico, em sua maioria agroecológicos, com idade um pouco mais avançada, que desejam a continuidade de seus trabalhos, dada sua importância social. Esses conhecimentos são de cunho cultural, ou seja, passados de geração em geração, sendo preciso definir ferramentas para reconhecer e apoiar o trabalho das comunidades tradicionais que conservam a agrobiodiversidade (SANTILI, 2009).

Esses guardiões tradicionais vêm desenvolvendo há décadas a técnica de guardadores e multiplicadores de sementes crioulas. Alguns iniciam essa atividade agora, como o caso de Antônio Silvestre leite e sua esposa. Para eles seus territórios têm como referência o tempo da natureza. Plantam, cuidam, observam o crescimento da planta e colhem os resultados de seu próprio trabalho, com significado simbólico e político, pois isso representa para os guardiões a manutenção, continuidade de suas sementes e de uma vida com mais dignidade e qualidade no campo. A semente crioula configura uma possibilidade de produzirem seus próprios alimentos e ainda de comercializar os excessos de sua produção, sendo uma alternativa para a melhoria da qualidade de vida dessas pessoas, além de retratar a cultura, o modo de viver de cada comunidade.

O banco e as casas de sementes crioulas destas comunidades amostradas se apresentam como alternativas agroecológicas ao modelo capitalista, e contribui para o enfraquecimento de dependência existente entre os camponeses e àqueles que se aproveitam de suas condições para terem algum benefício próprio. A formação deste banco e casas de

sementes trouxe novas discussões e trocas de experiências entre os agricultores e acadêmicos sobre a produção agroecológica, as práticas utilizadas e conscientização dos problemas sociais, ambientais, culturais, econômicos, causados pela compra e uso de agrotóxicos nas plantações, bem como, por meio de reuniões, encontros locais ou regionais, os camponeses através da metodologia da árvore de problemas e soluções, debateram outras experiências e alternativas naturais para a produção, fertilização do solo e combate aos insetos. Como resultado dos debates, os agricultores concordam que às sementes híbridas, transgênicas, e o uso dos agrotóxicos podem trazer prejuízo ao meio ambiente e a saúde dos mesmos. Esses debates, reuniões e engajamento em associações e troca de sementes contribuem para um aumento da participação das mulheres com seus plantios nas hortas próximas das casas, principalmente de condimentos e ervas medicinais, substituindo muitas vezes remédios que eram comprados nas farmácias.

Durante a pesquisa, percebemos que a guarda das sementes ou a troca de mudas de plantas e ervas medicinais contribuíram para a preservação da agrobiodiversidade local, como também para a troca do conhecimento. As sementes crioulas representam a preservação da memória dos agricultores tradicionais, pois é o resultado de muitas experiências em suas roças, na seleção e plantio das melhores sementes e sua reprodução. Para os guardiões elas tem significado de identidade, as sementes de Antônio, Fermina, Conceição, fazendo parte da história da família. “*Vieram com meu pai*”, “*Aprendi com meu pai*”, dizem, Fermina, Tereza. “A prática trans-geracional (que atravessa gerações), do guardianismo de sementes crioulas revela um valor-identidade de consistência auto-histórica, específica a cada constituição familiar” (OLANDA, 2015, p. 141).

Guardar as sementes crioulas e mantê-las por muitos anos na família representa o pertencimento, a resistência, autonomia, sair da invisibilidade, territorializar um espaço, demarcando com suas práticas e cultivos à agricultura tradicional. Agricultura esta que vêm de uma trajetória de vida, de histórias de respeito à natureza. Um manejo do ecossistema que não separa o ambiente natural e a técnica, a cultura e o ambiente, o que converge nas práticas agroecológicas (OLANDA, 2015).

Na resistência pela manutenção das sementes crioulas como patrimônio cultural (i)material, consideramos que há muita pesquisa ainda a ser desenvolvida. A amostragem realizada nos aponta a necessidade de mais trabalhos de pesquisa, coleta, identificação, e acima de tudo, que mais agricultores sejam incentivados a desenvolverem práticas de manejo associadas às variedades crioulas.

Um das dificuldades identificadas na pesquisa foi à permanência dos jovens no meio rural. O desinteresse das novas gerações, jovens entre 15 a 25 anos, se configura hoje num grande desafio à manutenção da agricultura familiar tradicional, o que inclui a preservação das sementes crioulas. Existe evidências que alguns jovens buscam alternativas, como estudar em colégios agrícolas e escolas de agroecologia para permanecer no campo, mas a desvalorização da agricultura na questão financeira, seu papel enquanto agricultor faz os jovens buscar alternativas econômicas diferentes. Verificamos essa realidade muito forte em Palmital dos Pretos, onde os jovens buscam trabalhar nas fazendas e empresas vizinhas da comunidade, ou mesmo na cidade de Ponta Grossa e Campo Largo.

As estratégias encontradas nas comunidades amostradas evidenciam a influência de projetos, escolas e universidades de agroecologia, que incentivam os jovens a permanecer no campo e desenvolver plantios orgânicos, agroecológicos, turismo rural. Tomamos como exemplo os jovens Arildo Portela (25 anos), Paulo Ricardo Leite (19 anos), que permanecem em suas propriedades desenvolvendo ações voltadas para a manutenção e reprodução das sementes crioulas. Outra estratégia foi o desenvolvimento de projetos com alunos do ensino fundamental I, na escola rural de Faxinal dos Galvão de resgate das sementes crioulas com suas famílias, desenvolvido pela professora Maria Janete Leite, com minha colaboração. A intenção do projeto é que as crianças desenvolvam ainda mais a valorização de sua comunidade e a identidade enquanto agricultores rurais.

Outra estratégia de conservação das sementes foi o projeto da RESA (Rede de Sementes da Agroecologia), enquanto parceira das comunidades tradicionais e do qual fazemos parte, com patrocínio do Ministério Público do Estado do Paraná, na distribuição de 30 toneladas de sementes crioulas no Estado do Paraná. Cada entidade, organização de agricultor, recebeu na segunda metade do ano de 2020 uma quantia de sacos de 10k de sementes coletadas e compradas dos agricultores tradicionais. As três comunidades amostradas nesta Tese receberam essas sementes, 100 sacos, num total de 1.000kg de sementes crioulas, para plantio e reprodução das mesmas.

Esta tese procurou demonstrar a riqueza das relações envolvidas entre os agricultores e as sementes e como elas influenciam a vida dos agricultores na esfera familiar, na vida em comunidade e na troca de sementes através das feiras. Essa influencia faz dos agricultores os principais agentes de conservação das sementes crioulas. A mediação da pesquisadora com as redes de sementes complementou esse processo e facilitou a organização do banco e das casas de sementes, mas principalmente o intercambio de conhecimentos. A própria pesquisadora

torna-se uma guardiã de sementes, como sujeito deste processo, na produção, reprodução e troca de sementes crioulas nas feiras regionais, plantando e reproduzindo as sementes em sua própria casa, num quintal urbano.

Para os agricultores participantes da pesquisa a semente crioula é a semente que é natural, é herança de seus antepassados, que carregam com elas os conhecimentos e as práticas tradicionais locais, as que têm permitido a sobrevivência do modo de viver dos agricultores que as mantêm. Elas são à base da sobrevivência da propriedade, alimentando a família e as criações. Dessa forma, elas expressam uma territorialidade, ocupam espaços muito mais amplos que apenas o território físico, a área física, elas ampliam e mantêm os vínculos dos agricultores com os atores externos a propriedade, estabelecendo uma rede de conhecimentos e práticas.

A principal dificuldade enfrentada nesta pesquisa foi o aspecto metodológico: como perceber as mudanças, transformações, territorialidades, através da história oral. Mas ao mesmo tempo foi a metodologia mais prazerosa e produtiva, pois a escolha metodológica de caráter etnográfico, me permitiu a percepção do que estava nas entrelinhas das histórias desses guardiões, por meio da observação das práticas cotidianas e conversas informais. Ajudou-me a registrar suas histórias de vida, suas espacialidades, interpretar suas percepções na guarda e reprodução dos agricultores, porém, é uma metodologia que exige muito trabalho, pois é preciso apropriar-se do conteúdo das entrevistas, das observações e do cotidiano com anotação em diário de campo junto com os aspectos teóricos.

Metodologicamente a tese defendeu a territorialidade tradicional que dá origem a uma rede de atores, a relação com outros atores (humanos e não-humanos) na agrobiodiversidade, valorização do conhecimento camponês, resistência, confiança, afetividade, a rede de sementes estabelecida com o projeto. Nesta relação entre Geografia e História, sendo o espaço geográfico historicamente produzido, constatamos também problemáticas, conflitos, pois os guardiões muitas vezes estão isolados, vivendo e reproduzindo suas sementes, mas nem todos conseguem fazer as trocas, se não existisse a interlocução dos projetos de pesquisa. Cada vez mais constatamos poucos jovens nestas comunidades com o intuito de continuação com a guarda destas sementes, bem como, de políticas públicas que contemplem ações benéficas aos guardiões de sementes.

Outro ponto negativo que constatamos no ano de 2022, na Comunidade de Palmital dos Pretos, que as sementes reproduzidas na propriedade de Alceu do Pilar, por Delair Moraes foram perdidas e não se reproduziu mais. Elas foram armazenadas de forma errada e

invadidas pelos carunchos. Perderam-se algumas variedades de feijões e não houve interesse por parte de Delair em plantar mais sementes, mesmo com a produtividade do solo.

Por outro lado, na Comunidade Sete Saltos de Cima, Augusta Marques que nos cedeu à semente do feijão vermelho miúdo ou rosinha no ano de 2018, e outras variedades de feijões, perdeu a variedade do feijão rosinha, por motivos de saúde e não conseguir mais plantar. Ao regressar ao campo em setembro de 2022, na comunidade de Sete Saltos de Cima na casa de Augusta, a pesquisadora conseguiu repassar a ela a variedade do feijão rosinha que foi reproduzido na Comunidade Faxinal dos Galvão, deixando-a muito feliz por poder recuperar sua variedade. A rede de reprodução que se estabeleceu com a pesquisa não permitiu a perda da variedade deste feijão.

Outro ponto positivo, a variedade de feijão cedido por Antônio Tibúrcio Maia em 2018, do feijão branco carioca, mesmo em pouca quantidade, umas 10 sementes foram guardadas esses quatro anos e no ano de 2022 foram plantadas apenas 4 sementes no quintal urbano da pesquisadora, sendo que a semente germinou e já está crescendo. Isto comprova que a semente crioula é mais resistente e precisa apenas de um solo fértil para se reproduzir. Embaixo da terra a semente gera vida, a terra fecunda, a vida floresce, forma uma nova geração de sementes a serem distribuídas e trocadas com novos guardiões.

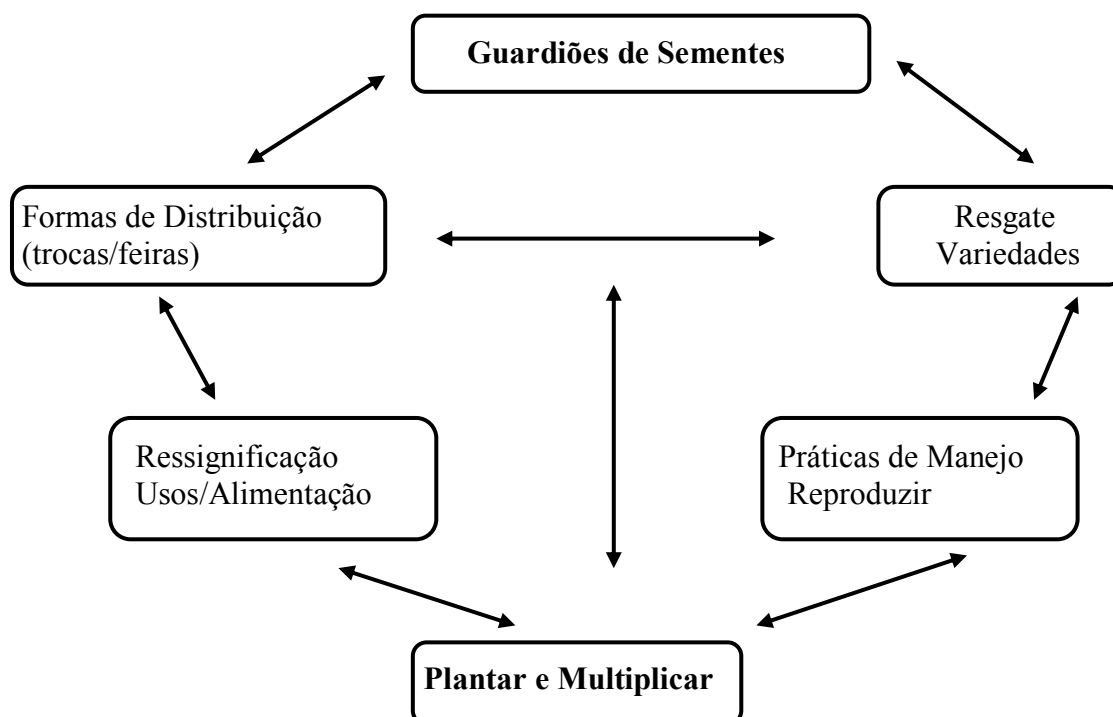
Encontramos nestas comunidades tradicionais, guardiões de sementes num rural cheio de geograficidades e historicidades, percepções grandiosas de histórias de vida, práticas cotidianas, simplicidades, belezas, mas também com problemas econômicos, sociais, políticos pelos quais passam nosso povo esquecido, os territórios e os silêncios da geografia humana, mas que fazem parte das subjetividades, ações dos sujeitos (humanos e não-humanos), das memórias de grupos não oficiais, não dominantes, como os quilombolas, faxinalenses, caiçaras, através de suas resiliências e resistências. As territorialidades, saberes, práticas desses povos esquecidos, enterrados, mal contados, banidos, mas que mesmo assim aparecem sob formas de relatos, memórias dos sujeitos, das sementes, formando uma totalidade multidimensional e multiescalar.

Como tema central, as sementes crioulas são atores que se reproduzem, sementes de batatas (tubérculos), sementes de feijão, milho, hortaliças, árvores frutíferas, árvores nativas, ervas medicinais. São consideradas crioulas porque se referem a características como pureza, antiguidade, por estar há gerações com as famílias. Para os guardiões das sementes, conservar a semente crioula se trata de resgatar, reproduzir (práticas de manejo), usar (alimentação), manter a existência (plantar e multiplicar), ressignificar, distribuir (trocas), se organizar



(associações). A conservação também é o que eles fazem para manter as variedades e como buscam apoio por meio de projetos (como o Interconexões e Feiras Regionais), como também aquilo que fazem para proteger as características da semente com as técnicas de armazenagem.

FIGURA 53 - Esquema da Dimensão Econômica/Social dos Guardiões de Sementes



Elaboração: Autora (2022).

Historicamente, os guardiões são aqueles que sustentaram a alimentação da humanidade, pois foram eles que, permitiram que a variabilidades das sementes não desaparecessem. Com este projeto de Tese, buscamos os guardiões de sementes das comunidades tradicionais amostradas, identificando-os, estudando sua natureza, sua identidade, sua territorialidade. Como resultados, encontramos poucos guardiões, normalmente isolado e que, ao desaparecer, leva consigo o conhecimento sobre o patrimônio valioso que mantêm, seu patrimônio cultural. Tais constatações nos levam à necessidade de apoiá-los, buscando formas de aproximação entre os mesmos e a comunidade acadêmica, valorizando-os e revelando-os à sociedade de modo a serem reconhecidos pelos saberes empíricos que possuem e o papel que desempenham.

A guarda destas sementes crioulas, a formação de um banco e das casas de sementes José Sarnick, Joaquim e Juvelina Leite, visa revelar o aumento da agrobiodiversidade e a

valorização da identidade local e cultural das comunidades tradicionais do Paraná. Em cada comunidade, a articulação entre as organizações dos agricultores e as diferentes instituições (movimentos sociais, instituições públicas e acadêmicas) foi responsável por passos decisivos na construção de alternativas à conservação da agrobiodiversidade local e da identidade dos guardiões de sementes crioulas.

O que identificamos como identidades comuns das comunidades tradicionais estudadas é a forma como os guardiões de sementes utiliza os recursos naturais, a água, a mata nativa, a necessidade de conservação das variedades crioulas de feijão e milho principalmente, valorização dos saberes “dos antigos”, memórias e práticas. Se percebe também uma grande preocupação nos cuidados ambientais, plantar de acordo com as leis ambientais e leis de comercialização destas sementes. Também identificamos a percepção das ressignificações na forma de pensar e agir da maioria dos guardiões, onde reproduzir as sementes crioulas possibilita a eles a viabilidade de suas propriedades, com as formas de cultivo mais pautadas na agroecologia orgânica. Salientamos que o objetivo desses guardiões multiplicadores é ter o selo de produção agroecológica, um dos objetivos do Projeto Interconexões, mas que ainda está em fase de estruturação e implementação. Esses guardiões e comunidades ao terem selos de produção agroecológica, agregam as suas sementes credibilidade e confiança para os multiplicadores dessas sementes.

A partir desta tese, temos muito a realizar, mas constatamos que o trabalho de arrecadação, resgate e multiplicação de sementes crioulas no Paraná está ainda em construção. No início deste século é que identificamos uma maior conscientização das práticas agroecológicas, de valorização das comunidades tradicionais e dos guardiões de sementes. Está cada vez mais difícil encontrarmos agricultores que mantêm através dos tempos estas sementes. Os que ainda resistem e as multiplicam, é resultado do trabalho de gerações de agricultores que selecionaram, multiplicaram e as compartilharam.

É necessário construir outras formas de organizações políticas locais, identificadas localmente e vinculadas às necessidades destes guardiões de sementes, à autonomia em cada uma de suas comunidades, ligadas a outras experiências de desenvolvimento. Constatamos historicamente, que alguns processos políticos presentes no Brasil e Paraná são sufocantes para os agricultores e que a organização política local pode facilitar os valores de cada comunidade e a conquista de melhores condições de vida para a maioria dos agricultores rurais, como mostramos com essa experiência das sementes crioulas. O desenvolvimento territorial, as territorialidades dos agricultores, não pode ser burocrático, centralizado,

político-institucional, precisa ser construído, participativo, reprodutivo, reconhecendo os diferentes atores e sujeitos, os interesses, anseios, necessidades, os tempos, territórios, temporalidades, territorialidades e a conquista de autonomia dos agricultores guardiões de sementes (SAQUET, 2007).

Como sujeito desta pesquisa e pesquisadora, acredito no desenvolvimento de futuros temas, que não puderam ser atendidos nesta tese: o processo de transição agroecológica das famílias envolvidas nas associações de guardiões; a formação das associações e organizações de guardiões de sementes e suas repercussões tecnológicas; maior aprofundamento da relação das sementes com as crenças e festas religiosas; a percepção do valor econômico das sementes para os agricultores; estudos sobre gênero, participação das mulheres nas associações de guardiões e nas práticas agrícolas; a saúde, o envelhecimento dos guardiões e a sucessão familiar entre os guardiões com os guardiões mirins; os conflitos entre as diferentes organizações e projetos dos próprios agricultores guardiões de sementes.

Finalizando quero destacar que nesta pesquisa, e aqui me reporto à fala do Professor Almir Nabozny <sup>117</sup> que os critérios, os conceitos, as teorias, os sujeitos, atores, são referentes de diálogos, não são verdades a priori, mas elementos constitutivos daquilo que seremos capazes de aprender no tempo e espaço da pesquisa. Desse modo o exercício que fizemos da percepção, da imaginação, da criação das memórias, práticas, vivências dos agricultores guardiões de sementes, foi imprescindível na relação com o campo científico, pressupondo que as teorias, os conceitos entre outros, também constituem referências de poder atinentes aquilo que pode ser dito e objetos que podem existir. As sementes crioulas, os organismos vivos, enquanto atores não humanos, os guardiões-agricultores, comunidades tradicionais, enquanto atores humanos se fazem presentes na medida em que passam a (re)existir e serem (res)significados. Nem sempre os conhecimentos, questionamentos, hipóteses, são esgotados no tempo e no espaço de um determinado trabalho institucional, acadêmico-científico. Trata-se de uma objetivação do real construído, construída em uma relação com o campo teórico e o campo de ação, em que os bons resultados podem ser novas perguntas.

---

<sup>117</sup> Aula da Disciplina de Metodologia de Pesquisa em Geografia. Doutorado em Geografia do PPGG/UEPG. 2018.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muñiz. O Objeto em Fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras – Revista de História da UFGD**. Dourados, MS, v. 10, n. 17. p. 55-67, jan/jun. 2008.
- ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba: Agropecuária, 2002. 592 p.
- ALTIERI, Miguel A.; NICHOLLS, Clara I. Diálogo de saberes: agroecólogos e agricultores por uma agricultura verdadeiramente sustentável. In: ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: AS-PTA, 2012. p. 159-182.
- ANDERSON, A.B.; POSEY, D.A. Manejo do cerrado pelos índios Kayapó. **Boletim do Museu Paranaense Emílio Goeldi**, Belém, série Botânica, v.2, n.1, p. 77-98, 1985.
- ARAÚJO, Cláudio Márcio, OLIVEIRA, Maria Cláudia S. L. de, ROSSATO, Maristela. O Sujeito na Pesquisa Qualitativa: Desafios da Investigação dos Processos de Desenvolvimento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Universidade de Brasília, Vol. 33, pp. 1-7.
- AURAS, Marli. Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla. Florianópolis/São Paulo, UFSC/Cortez, 1984. Apud POLI, Jaci. Caboclo: pioneirismo e marginalização. **Cadernos do Ceom**, 1985. Chapecó.
- BAGGIO, A.J.; CARPANEZZI, A.A.; GRAÇA, L.R.; CECCON, E. Sistema agroflorestal tradicional da bracinga com culturas agrícolas anuais. **Bol. Pesq. Florestal**, Colombo, n. 12, p. 73-82, jun. 1986.
- BAGNASCO, Arnaldo. **Trace di comunità**. Bologna: Il Mulino, 1999.
- BALÉE, W. Biodiversidade e os índios amazônicos. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Amazônia: etnologia e história indígena**. São Paulo: NHI, USP, 1993.
- BALHANA, A. P. et al. **História do Paraná**. Paraná: Grafipar, 1969.
- BARRIO, Angel B. Espina. **Manual de antropologia cultural**. Recife: Editora Massangana, 2005.
- BERNARD, H.R. **Research methods in cultural anthropology**. Newbury Park: Sage Publications, 1988. 520 p.
- BEVILAQUA, G. A. P. et al. Agricultores Guardiões de Sementes e Ampliação da Agrobiodiversidade. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-118, jan./abr. 2014.

BOEF, E. S. et al. (Org.). **Biodiversidade e Agricultores: Fortalecendo o manejo comunitário**. Porto Alegre: Editora L&PM, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **L'objectivation participante**. *Actes de La Recherche em Sciences Sociales*, n. 150, p.55, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A Queiroz, Edusp, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Sobre a tradicionalidade rural que há em nós. In: OLIVEIRA, Ariovaldo U. de, MARQUES, Marta Inês Medeiros (org.). **O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social**. São Paulo: Casa amarela; Paz e Terra, 2004. p. 121-131.

BROWN, J. S. & VENABLE, D. L. 1986. **Evolutionary Ecology of Seedbank Annuals in Temporally varying environments**. *American Naturalist* 127:31–47.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011. 219p.

CARVALHO, Alessandra Izabel de, BENATTE, Antônio Paulo. **História e Regiões**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2012.

CARVALHO, Horácio Martins. **O campesinato no século XXI: possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005. 405p.

CARVALHO, Horácio Martins (Org.). **Sementes patrimônio do povo a serviço da humanidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

CARVALHO, Silvia Méri, FLORIANI, Nicolas. (Org.). **Faxinal Taquari dos Ribeiros – Diálogos Interdisciplinares, Sustentabilidade e Etnoecologia**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2017. 264p.

CASADO, G. G., SEVILLA-GUZMÁN, E., MOLINA, M. G. **Introducción a la agroecología como desarrollo rural sostenible**. Madrid: Mundi-Prensa, 2000.

CASSOL, Kelly Perlin; WIZNIEWSKY, Carmen Rejane Flores. Saberes Tradicionais e Sementes: o caso da associação das sementes crioulas de Ibirama/RS. **Campo-território: revista de Geografia Agrária**, [s.i.], v. 10, n. 20, p.246-275, jul. 2015.

CASTELLS, M. **Materials for an exploratory theory of the network society**. *The British Journal of Sociology*, v. 51, n.1, p. 5-24, jan./mar. 2000.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I: as artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2009.

CLARINDO, M. F.; FLORIANI, Nicolas. As particularidades da reprodução do patrimônio cultural da comunidade quilombola de Palmital dos Pretos, Campo Largo – PR. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v.8, n.2, p. 423-443, jul/dez. 2014.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luiz F. Pimenta e Margareth C. A. Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Caminhos Paralelos e Entrecruzados**. São Paulo: Editora Unesp, 2018. 321p.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Território e corporação**: um exemplo. In: SANTOS, M; SOUZA, M.A.A.; SILVEIRA, M.L. Território, globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.

COSTA, Manoel Baltasar Baptista da. **Agroecologia no Brasil**: História, princípios e práticas. 1ª.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017. 141p.

CUNHA, Manuela C. da. Populações tradicionais e a Convenção da Diversidade Biológica. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 13, n. 36, p. 147-163, 1999.

DEMATTEIS, G. Alcuni relazioni tra l'ambito territoriale dei rapporti sociali e i caratteri della casa rurale, **Atti 19º. Congresso Geografico Italiano**, Como, vol. III, 1964, p.239-253.

DIAS, Leila Christina, SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (organizadores). **Redes, sociedades e territórios** [recurso eletrônico] - 3. ed., rev. e ampl. – Santa Cruz do Sul : EDUNISC, 2021.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'anna. **O Mundo caiçara: o olhar do pesquisador**. In: DIEGUES, A.C. (org.). Enciclopédia Caiçara – volume 1: O olhar do pesquisador.– São Paulo: Hucitec: NUPAUB: CEC / USP, 2004. P. 9.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'anna. **A Mudança como Modelo: O caso da Cultura Caiçara e a Urbanização**. In: DIEGUES, A.C. (org.). Enciclopédia Caiçara – volume 1: O olhar do pesquisador.– São Paulo: Hucitec: NUPAUB: CEC / USP, 2004.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'anna. A etnoconservação da natureza. In: DIEGUES, A. C. (Org.). **Etnoconservação**: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. 2. ed. São Paulo: Hucitec e NUPAUB, p. 1-46, 2000.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'anna et al. (org.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA-USP, 2000.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'anna. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.

DOMINGUEZ, O. C.; PESKE, S. T.; VILLELA, F. A.; BAUDET, L. **Sistema informal de sementes**: causas, consequências e alternativas. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2000. 207p.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**- uma história dos costumes. Rio de Janeiro, Zahar, 1984.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Pesquisa científica, conservação e utilização da Floresta com Araucárias**. 30/11/15 - Florestas e silvicultura. Disponível em: <http://www.embrapa.br>. Acesso em 23 de Junho de 2020.

ESCOBAR, A. Territórios de diferencia: la ontología política de los “derechos al territorio”. **Cuadernos de Antropología Social**. N. 41, 2015.

FERNANDES, J. L. **Arquivos do Museu Paranaense**: Contribuição à geografia da Praia de Leste. Vol. VI. Curitiba: Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná, 1947. Disponível em: [http://www.museuparanaense.pr.gov.br/arquivos/File/arquivos\\_do\\_mp\\_vol06\\_screen.pdf](http://www.museuparanaense.pr.gov.br/arquivos/File/arquivos_do_mp_vol06_screen.pdf).

FAJARDO, Sérgio, DANTAS, Jhonatan dos Santos (Org). **Geografia Agrária, ruralidades e territórios**: processos locais no espaço rural. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2018. 207p.

FARIAS MELO, J. C. .; ANDREOLI BITTENCOURT, N. .; ISAGUIRRE-TORRES, K. R. A Proteção da Agrobiodiversidade e os Registros ou Cadastros das Sementes Crioulas e Tradicionais. **Revista da Faculdade de Direito da UFG**, Goiânia, v. 44, n. 3, 2021. DOI: 10.5216/rfd.v44i3.62675. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revfd/article/view/62675>. Acesso em: 16 jan. 2023.

FEBVRE, Lucien. **La Tierra e la Evolución Humana**: Introducción Geográfica a la História. México: Union Tipográfica Editorial Hispano-Americana, 1955.

FERREIRA, A. D. D. et al. **Para pensar outra agricultura**. Curitiba: Editora da UFPR, 1998.

FLAVIO, Luiz Carlos. **A Geografia e os “Territórios de Memória”**. Volume 15 – Número 21– Jan/Jun 2013 – p. 123-142.

FLORIANI, Dimas, FLORIANI, Nicolas. Ecologia das práticas e dos saberes para o desenvolvimento local: territórios de autonomia socioambiental em algumas comunidades tradicionais do centro-sul do Estado do Paraná, Brasil. **Polis, Revista Latinoamericana**, N° 56. 2020. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/polis/v19n56/0718-6568-polis-19-56-34.pdf>. Acesso em: 20/06/2020.

FLORIANI, Nicolas et. al. Imaginários e práticas de reprodução socioecológica das florestas comunitárias tradicionais no sul do Brasil e do Chile. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v.13, n.1, p. 240-263, jan./abr. 2019.

FLORIANI, Nicolas et. al. Medicina popular, catolicismo rústico, agrobiodiversidade: o amálgama cosmo-mítico-religioso das territorialidades tradicionais na região da Serra das Almas, Paraná, Brasil. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 41, n. 2, p. 331-350, mai./ago. 2016.

FLORIANI, N., RIOS, F. T., FLORIANI, D. “Territorialidades alternativas e hibridismo no mundo rural”, **Polis [Online]**, 34, 2013. Disponível em: <http://polis.revues.org/8759>. Acesso em 17/06/2018.

FLORIANI, N. **Saberes e práticas de Territórios Agroecológicos**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2011.

FRAGA, Nilson César. **Território, Região, Poder e Rede: Olhares e Possibilidades conceituais de aproximação. Relações Internacionais no Mundo Atual**, Curitiba, n. 7, p. 9-31, 2007.

FRAGA, Nilson César. **Contestado- Redes no Geográfico**. Florianópolis: Insular, 2017. 204p.

GARWOOD, N. C. 1989. Tropical Soil Seed Banks: a Review. In: LECK, M.A.; PARKER, T. V.; SIMPSON, R. L. Eds. **Ecology of Soil Seed Banks**. New York: Academic Press. p. 149–209.

GOMES, Mércio P. **Antropologia: ciência do homem, filosofia da cultura**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

GOMES, Paulo Cesar da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato, CASTRO, Iná Elias de. **Geografia: conceitos e temas**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 356p.

GOMEZ-POMPA, A. Domesticando o Mito da Natureza Selvagem. In: DIEGUES, A. C. (Org) **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo. Hucitec, 2000.

GONÇALVES, M. A. **Comunidade do Guaraguaçu – História e Costumes: uma contribuição á memória e a identidade caiçara do Paraná**. Trabalho de Graduação (Licenciatura em História) – Setor de Ciências Humanas, FAFIPAR, Paranaguá, 2007.

GONÇALVES, Marilei de Fátima Ferreira. **Povos e comunidades tradicionais: relações da escola do/no campo**. Curitiba, 2017, 161p. Dissertação (Mestrado), Universidade Tuiuti do Paraná.

GRAZIANO NETO, Francisco. **Questão agrária e ecologia: crítica da moderna agricultura**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GRÍGOLO, Serinei César. **A renovação das estratégias de lutas na agricultura: o caso das festas das sementes crioulas no sul do Brasil**. Tese de Doutorado, Santa Maria RS, 2016, 294p.

GUANZIROLI, Carlos Enriquei, CARDIM, Silvia Elizabeth de C. S. **Novo Retrato da agricultura familiar: o Brasil redescoberto**. Brasília: Projeto de Cooperação Técnica Incra/FAO, 2000.

GUBERT FILHO, Francisco Adyr. **Levantamento de Áreas de Relevante Interesse Ecológico no Estado do Paraná**. Anais do II Congresso Florestal do Paraná - Instituto Florestal do Paraná, 136 -160, Curitiba, 1988.



GUBERT FILHO, Francisco Adyr. **O Faxinal - Estudo Preliminar**. ITCF, 37 - 41, Curitiba, 1987.

GUIMARÃES, R. R. **As estratégias de resistência camponesa: o movimento camponês popular na Comunidade Ribeirão em Catalão (GO)**. 2010. 166f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, Catalão, 2010.

GUIMARÃES, S.T.L. Valoração de Paisagens: campos de visibilidades e de significância. In: COSTA, E.B. da; BRUSADIN, L. B.; PIRES, M. do C.. (Org). **Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder**. 1.ed. São Paulo (SP): Outras expressões, 2012, v.1, p. 47-59.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004a.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **Geographia**, Niterói, UFF, Ano 9, n. 17, 19-46, 2007.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de Globalização. **Etc, espaço, tempo e crítica - Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 39-52, 2007.

HAESBAERT, Rogério. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S., **Território e territorialidades: teoria, processos e conflitos**. SP: Expressão Popular, 2009.

HAESBAERT, Rogério. **Regional-Global: dilemas da Região e da Regionalização na Geografia Contemporânea**. 2ª.ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2014 (2010). 210p.

HAESBAERT, Rogério. O território: De categoria de análise à categoria da prática num olhar latino-americano e integrador. In: DENARDIN, Valdir F. , ALVES, Alan R. **Desenvolvimento Territorial: olhares contemporâneos**. Londrina: Editora Mecenaz, 2019. 158p.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. 102p.

HARLAN, Jack R. Our vanishing genetic resources. **Science**, v. 188, p. 618-621, 09/05/1975.

HAURESKO, Cecília, CORREIA, Reginaldo de Lima, GOMES, Marquiana de Freitas Vilas Boas. **A Relação entre a Conservação Ambiental da Floresta com Araucárias e os Sistemas Faxinais no Paraná**. Mundo do Trabalho Revista Pegada – vol. 18 n.1, p. 131-151, Abril/2017.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan/jun. 2012.

JOLLIVET, Marcel, MENDRAS, Henri (dir.). **Les collectivités rurales françaises – 1: Étude comparative de changement social**. Paris, Armand Colin, 1971, 223p.

JORNAL de Guaraguaçu. **Reportagens Históricas da Família Salles Bittencourt**, 01/06/2001.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 1998. 257p.

LACOSTE, Yves. **A Geografia- isso serve, em primeiro lugar, para fazer guerra**. Trad. Maria Cecília França. 2 ed. Campinas: Papyrus, 1989.

LADEIRA, M. I. **Espaço Geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso**. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, USP.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003. 312p.

LANDER, Edgardo (org). **Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos**. En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005. p. 21-53.

LANGOWISKI, V. B. Contribuição para o estudo dos usos e costumes do praieiro do litoral de Paranaguá. **Cadernos de Artes e Tradições Populares**, Ano 1, n. 1, p. 77-101, 1973.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social** – uma introdução à teoria do Ator-Rede. São Paulo: Edusc, 2012. 400p.

LAVORATTI, C. **A produção familiar enquanto unidade organizacional: estratégias de reprodução dos agricultores de itaiacoca – Ponta Grossa/PR**. Curitiba, 1998. 162p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. p.423.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução: Tânia Pellegrini. Campinas: Papyrus, 1989.

LEWINSOHN, Thomas M., PRADO, Paulo I. **Biodiversidade brasileira. Síntese do estado atual do conhecimento**. São Paulo: Contexto, 2002.

LIMA, Ana Gabriela Morin de et al. **Práticas e Saberes Sobre Agrobiodiversidade: a contribuição de povos tradicionais**. Brasília/DF, IEB Mil Folhas, 2018. 198p.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Série Antropologia. N° 322. Brasília: DAN/UnB. 2002.

LOCKE, John. **Dois tratados do governo civil**. Lisboa: Edições 70, 2015.

LONDRES, Flavia. **Sementes Locais: experiências agroecológicas de conservação e uso.** A Associação Biodinâmica e o desafio da produção de sementes de hortaliças. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2014.

LORENZI, H. **Árvores exóticas no Brasil:** madeireiras, ornamentais e aromáticas. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2003. 368p.

LOUWAARS, Niels P. **Seeds of confusion: the impact of policies on seeds systems.** Wageningen, Holanda, 2007. Tese (doutorado), Wageningen Universiteit.

LÖWEN SAHR, Cicilian Luiza. **Os mundos faxinalenses da Floresta com araucária do Paraná: racionalidades duais em comunidades tradicionais.** Terr@Plural, Ponta Grossa, 2 (2): 213-226, jul./dez., 2008.

LÖWEN SAHR, C. L.; IEGELSKI, F. **O Sistema Faxinal no Município de Ponta Grossa:** diretrizes para preservação do ecossistema, do modo de vida, da cultura e das identidades das comunidades e dos espaços faxinalenses. Ponta Grossa, 2003. 108p (Relatório Técnico) – Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

LUZ, Pedro Fernandes Leite da, LUZ, Luciane da, ANACLETO, Gesiel. **Antropologia geral e da religião.** Indaial: UNIASSELVI, 2015. 208 p.

MAACK, R. **Geografia física do Paraná.** Rio de Janeiro: José Olympio 1968/1981.

MAGALHÃES, Pero de. **Tratado da terra do Brasil - História da Província de Santa Cruz,** Belo Horizonte, Itatiaia, 1980.

MARCONI, Marina de Andrade & PRESOTTO, Zelia Maria Neves. **Antropologia:** uma introdução. São Paulo: Atlas, 2001.

MARX, K. **A miséria da filosofia:** resposta à filosofia da miséria de Proudhon. Trad. Paulo Roberto Banhara. São Paulo: Escala, s/d. (Col. Grandes obras do pensamento universal, 77).

MASSEY, D. A global sense of place. **Marxism Today.** N. 38, 1991.

MASSEY, D. B. **Pelo Espaço:** uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312p.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **O campo do patrimônio cultural:** uma revisão de premissas. In: FÓRUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL: DESAFIOS, ESTRATÉGIAS E EXPERIÊNCIAS PARA UMA NOVA GESTÃO, 1., 2009, Ouro Preto. Anais do I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural. Brasília: IPHAN, 2009. v. 1. p. 25-40.

MIGNOLO, W. D. **Histórias locais / Projeto globais:** colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 505p.

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. **O descobrimento da Biodiversidade – a ecologia de índios, jesuítas e leigos no século XVI.** São Paulo: Edições Loyola, 2004. 183p.

MIRANDA, Tatiana M.; HANAZAKI, Natalia. Etnobotânica e antropologia: descobertas, questionamentos e dificuldades em uma pesquisa de campo. In: ARAÚJO, Thiago A. de S.; ALBUQUERQUE, Ulysses P. de. **Encontros e desencontros na pesquisa etnobiológica e etnoecológica: os desafios do trabalho de campo**. Recife: NUPEEA, 2009. p. 123-143.

MOONEY, Pat. Roy. **O escândalo das sementes: o domínio na produção de alimentos**. São Paulo: Nobel, 1987.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 350p.

MORO R. S., LIMA C. N. Vegetação arbórea do Faxinal Sete Saltos de Baixo, Ponta Grossa, PR. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v.6, n.1, p. 79-90, jan./jun.2012.

NEVES, Eduardo Góes. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NORA, Pierre. Memória colectiva. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (Orgs.). **A história nova**. Coimbra: Almedina, 1990.

OLANDA, Rosimeri Berguenmaier de. **Famílias guardiãs de sementes crioulas: a tradição contribuindo para a agrobiodiversidade**. Pelotas: 2015. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar, Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade de Pelotas, 2015.

OLIVEIRA, R. C. **Uso e manejo dos recursos nos arredores das residências de camponeses** – Estudo de caso na região da Morraria, Cáceres – MT. 166 f. Dissertação (Mestrado em Agricultura Tropical) – Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2006.

OLIVEIRA, J. **Entre plantas e palavras: modos de constituição de saberes entre os Wajãpi (AP)**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 318p.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo 2006, v. 26, nº 51, p. 115-140. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v26n51/07.pdf>. Acesso em: 30 de Setembro de 2020.

PEREIRA, R. E. **A consolidação de escolas unidocentes como políticas de educação para a zona rural no Estado do Paraná**. São Paulo: Annablume/Fundação Araucária, 2002.

PEREIRA, Viviane Camejo. **A conservação das sementes crioulas como prática de agricultores no Rio Grande do Sul**. 2017. 336 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

PEREIRA, Viviane Camejo, SOGLIO DAL, Fábio. **A Conservação das sementes crioulas: uma visão interdisciplinar da agrobiodiversidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020. 558 p.

PINHEIRO MACHADO B. 1968. Formação histórica. In: BALHANA AP., PINHEIRO MACHADO B. (Eds.). **Campos Gerais: Estruturas Agrárias**. Curitiba: Faculdade de Filosofia, Universidade Federal do Paraná, p.29-54.

PINHEIRO, S.; NASR, N. Y.; LUZ, D. **A agricultura ecológica e a máfia dos agrotóxicos no Brasil**. Porto Alegre: Edição dos Autores, 2000. 356p.

PINHEIRO, Sebastião. Sementes são o saber e a Liberdade. In: CARVALHO, Horácio Martins (Org.). **Sementes patrimônio do povo a serviço da humanidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

POLLAK Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POPPER, Karl R. **A Lógica da Pesquisa Científica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1972. 567p.

PRIORE, Mary Del; VENÂNCIO, Renato. **Uma história da vida rural no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAFFESTIN, Claude. A produção das estruturas territoriais e sua representação. In: SAQUET, Marcos Aurélio, SPOSITO, Eliseu Savério (orgs). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**, São Paulo: Expressão Popular, Unesp, 2009.

RAVEN, P. et al. **Biologia vegetal**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A. 1996. 728p.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1980.

RENK, Arlene. A Colonização do oeste catarinense: as representações dos brasileiros. **Cadernos do Ceom**, n. 1-8, 1995. Chapecó.

RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense**. Chapecó(SC): Argos, 2006.

RENK, Arlene. Para uma biografia da pequena propriedade rural no oeste catarinense. **História: Debates e Tendências**. v. 17, n. 2, jul./dez. 2017, p. 307-319.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. **Florestas anãs do sertão: o cerrado na história de Minas Gerais**. Belo Horiaonte: Autêntica, 2005.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. “O Eldorado do Brasil Central: ambiente, democracia e saberes populares no cerrado”, In: Horácio Martins de Carvalho. **O Campesinato no século XXI: possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 118-125.

ROBERTS, H.A. 1981. **Seed banks in the soil**. Advances in Applied Biology, Cambridge, Academic Press, v.6, 55 p.

ROCHA, C. H., WEIRICH NETO, P. H. Origens dos sistemas de produção e fragmentação dos Campos Gerais: os Campos Gerais do Paraná. In: MELO, M. S., MORO, R. S., GUIMARÃES, G. B. (Coord.). **Patrimônio Natural dos Campos Gerais do Paraná**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007, p. 171-179.

RODERJAN, C.V.; KUNIYOSHI, Y.S.; GALVÃO, F. As regiões fitogeográficas do Estado do Paraná. **Acta For. Bras**, Curitiba, n. 1, p. 1-6. 1993.

RULLANI, Enzo. Più locale e più globale: verso una economia postfordista del território. In: BRAMANTI, A. e MAGGIONI, M. (Org.). **La dinamica dei sistemi produttivi territoriali: teorie, tecniche, politiche**. Milano: Franco Angeli, 1997, p. 85-111.

SAHR, Wolf-Dietrich. **Signos e espaço mundos. A semiótica da espacialização na Geografia cultural**. In: GIL FILHO, S. e KOZEL, S. (org.) Da percepção & Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem, 2007, p. 57-79.

SANTILLI, Juliana. **Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores**. São Paulo: Peirópolis, 2009. 519p.

SANTILLI, J. A Lei de Sementes brasileira e os seus impactos sobre a agrobiodiversidade e os sistemas agrícolas locais e tradicionais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 7, n. 2, p. 457-475, 2012.

SANQUETTA. C.R. **Estudos ecológicos de longa duração: exemplo de aplicação para a Floresta Ombrófila Mista no Estado do Paraná, Brasil**. In: SANQUETTA. C.R. (org.) Experiências de monitoramento no bioma Mata Atlântica com uso de parcelas permanentes. Curitiba, 2008, Fundação Universidade Federal do Paraná, pp. 03-45.

SAQUET, Marcos A. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**. Porto Alegre/RS: EST Edições, 2003 (2001).

SAQUET, Marcos A. Proposições para Estudos Territoriais. **GEOgrafia**. Ano VIII, n. 15, p. 71-85, 2006a.

SAQUET, Marcos A. Campo-território: considerações teórico-metodológicas, **Revista Campo-Território**, n. 1, v. I, Uberlândia, 2006.

SAQUET, Marcos A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, Marcos A.; SPOSITO, E. (Org.). 1ª.ed. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, UNESP, Programa de Pós Graduação em Geografia, 2009. 368p.

SAQUET, Marcos A.; BRISKIEVICZ, Michele. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 31, p. 3-16, 2009.

SAQUET, Marcos A.; CANDIOTTO, Luciano Z. P.; ALVES, Adilson Francelino. Construindo uma concepção reticular e histórica para estudos territoriais. In PEREIRA, Silvia Regina; COSTA, Benhur Pinós da; SOUZA, Edson Belo Clemente de (Orgs). **Teorias e Práticas territoriais: análises espaços-temporais**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 53-68.

SAQUET, Marcos A. **Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial**. São Paulo: Outras Expressões, 2011. 128p

SAQUET, Marcos A. Por uma abordagem territorial: continuando a reflexão. In: SAQUET, Marcos. (Org.). **Estudos territoriais na ciência geográfica**. São Paulo: Outras Expressões, 2013. p. 47-74.

SAQUET, Marcos A. Territorialidades, relações campo-cidade e ruralidades em processos de transformação territorial e autonomia, **Revista Campo-Território**, Uberlândia, v. 9, n. 18, 2014a, p. 1-30.

SAQUET, Marcos A. Agricultura camponesa e práticas (agro)ecológicas. **Abordagem territorial histórico-crítica, relacional e pluridimensional**, Mercator, Fortaleza, vol. 13, n. 2, 2014d, p. 125-143.

SAQUET, Marcos A. Território, cooperação e desenvolvimento territorial: contribuições para interpretar a América Latina. In: SAQUET, M. e ALVES, A. (Org.). **Processos de cooperação e solidariedade na América Latina**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017a. p. 37-67.

SAQUET, Marcos A. **Consciência de classe e de lugar, práxis e desenvolvimento territorial**. Rio de Janeiro: Ed. Consequência, 2017b.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004. 821p.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985. 185p.

SANTOS, Milton. O Dinheiro e o Território. **GEOgraphia**, ano. 1, n. 1, 1999. São Paulo/USP. Disponível: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13360/8560>.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 6ª. ed. São Paulo: Editora da USP, 2002. 288p.

SILVA, Olavo B. de. **O Sopro da vida: Putakaryy Kakykary uma história para colorir de Kamuu Dan Wapichana**. São Paulo: Expressão Popular, 2019. 52p.

SOUZA, Marcelo Lopes de, 1963. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 320p.

SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Editora Hedra, 2010.

- STADLER, Cleusi T. Bobato. **Imbituva e suas Histórias**. São Leopoldo: Oikos, 2019. 381p.
- STADLER, Cleusi T. Bobato, SCHORNER, Ancelmo. Estudio de las comunidades tradicionales: los faxinales integración entre la escuela y las vivencias del alumno. **Estudios del ISHiR, Investigaciones Socio Históricas Regionales, Unidad Ejecutora en Red – CONICET**. Argentina, v. 4, n. 10, p. 05-22, 2014.
- STADLER, Cleusi T. B. **Imbituva- uma cidade dos Campos Gerais**. Prudentópolis: Gráfica Prudentópolis, 2005.
- STRACHULSKI, Juliano, FLORIANI, Nicolas. A Etnobotânica das Plantas indicadoras da qualidade das terras de subsistema faxinalenses ‘Terras de Plantar’. In: CARVALHO, Silvia Méri, FLORIANI, Nicolas. **Faxinal Taquari dos Ribeiros: diálogos interdisciplinares, sustentabilidade e etnoecologia**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2017. 139-158.
- STURION, J.A.; RESENDE, M.D.V. de. **Programa de melhoramento genético da erva-mate no Centro Nacional de Pesquisa de Florestas da Embrapa**. In: CONGRESSO SUL-AMERICANO DA ERVA-MATE, 1.; REUNIAO TECNICA DO CONE SUL SOBRE A CULTURA DA ERVA-MATE, 2.,1997, Curitiba. Anais. Colombo: EMBRAPA-CNPF, 1997. p. 285-298.
- TOLEDO, Victor M. BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. Tradução [de] Rosa L. Peralta. 1ª. ed. São Paulo: Expressão Popular-AS-PTA, 2015. 272p.
- TOLEDO, Victor M. BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, Editora UFPR, n. 20, p. 31-45, jul./dez. 2009.
- TOMMASINO, Kimiye. Território e territorialidade Kaingang. Resistência cultural e historicidade de um grupo Jê. In: MOTA, L. T. et al. (Orgs.) *Uri e Wãxi*. Estudos interdisciplinares dos Kaingang. Londrina: EDUEL, 2000.
- TÖNNIES, F. **Comunidad y asociación: El comunismo y el socialismo como formas de vida social**. Barcelona: Ed. Península, 1979.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.
- VAVILOV, N. I. **Centers of origin of cultivated plants, in Origin and Geography of Cultivated Plants**, Cambridge: Cambridge University Pres, 1926.
- VIDAL ANDRÉ, Rafael. **Diversidade das populações locais de milho de Anchieta e Guaraciaba, Oeste de Santa Catarina: múltiplas abordagens para sua compreensão**. 2016, 195p. Tese (Doutorado em Recursos Genéticos Vegetais) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2016.
- WACHOWICZ, Ruy. **História do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.



WANDERLEY, Maria de Nazareth. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: Horácio Martins de Carvalho. **O campesinato no século XXI: possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005.

WATZLAWICK, L.F.; ALBURQUEQUE, J.M.; SILVESTRE, R.; VALÈRIO, A.F. **Projeto Sistema Faxinal : implantação de parcelas permanentes**. In: SANQUETTA, C.R. (org.) Experiências de monitoramento no bioma Mata Atlântica com uso de parcelas permanentes. Curitiba, 2008, Fundação Universidade Federal do Paraná, pp. 177-210.

WILLEMS, E. **A Ilha de Búzios**. São Paulo: Nupaub/Hucitec, 2002.

ZUBACZ, Maria de Lurdes Rasinski. **Faxinais em Ivaí: de uma organização camponesa a comunitária às origens da periferia**. VOLUME I - Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Disponível em: [www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/2007](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/2007).

Entrevistas semiestruturadas

BISCHOF, Adalberto Bem-Hur (62 anos). **Entrevista** [set. 2019]. Entrevistador: Cleusi T. Bobato Stadler. Ponta Grossa: residência de Adalberto Bem-Hur Bischof, 2018. 1 gravador de áudio digital USB.

BITTENCOURT, Maria Tereza Freire (54 anos). **Entrevista** [nov. 2018]. Entrevistador: Cleusi T. Bobato Stadler. Guaraguaçu/Pontal do Paraná: residência de Maria Tereza Freire Bittencourt, 2018. 1 gravador de áudio digital USB. 19min47seg.

CHAGAS, Antônio Pires das (66 anos). **Entrevista** [jul. 2018]. Entrevistador: Cleusi T. Bobato Stadler. Faxinal Sete de Baixo/Ponta Grossa: residência de Antônio Pires das Chagas, 2018. 1 gravador de áudio digital USB.

CHAGAS, Otacília das (62 anos). **Entrevista** [jul. 2018]. Entrevistador: Cleusi T. Bobato Stadler. Faxinal Sete de Baixo/Ponta Grossa: residência de Antônio Pires das Chagas, 2018. 1 gravador de áudio digital USB.

CONSTANT, Claudiomiro (46 anos). **Entrevista** [set. 2019]. Entrevistador: Cleusi T. Bobato Stadler. Guaraguaçu/Pontal do Paraná: residência de Claudiomiro Constant, 2019. 1 gravador de áudio digital USB.

CONSTANT, Conceição Vieira Ramos (64 anos). **Entrevista** [nov. 2018]. Entrevistador: Cleusi T. Bobato Stadler. Guaraguaçu/Pontal do Paraná: residência de Conceição Vieira Constant, 2018. 1 gravador de áudio digital USB. 01h02min33seg.

COSTA, Fermina Rodrigues (75 anos). **Entrevista** [jul. 2018]. Entrevistador: Cleusi T. Bobato Stadler. Palmital/Campo Largo: residência de Fermina Rodrigues Costa, 2018. 1 gravador de áudio digital USB.

FERREIRA, Jesuvina Chagas (69 anos). **Entrevista** [jul. 2018]. Entrevistador: Cleusi T. Bobato Stadler. Faxinal Sete de Baixo/Ponta Grossa: residência de Jesuvina Chagas Ferreira, 2018. 1 gravador de áudio digital USB.

LEITE, Antônio Silvestre (47 anos). **Entrevista** [abr. 2020]. Entrevistador: Cleusi T. Bobato Stadler. Imbituva: residência de Antônio Silvestre Leite, 2020. 1 gravador de áudio digital USB.

LEITE, Maria Janete Ferreira (43 anos). **Entrevista** [abr. 2020]. Entrevistador: Cleusi T. Bobato Stadler. Imbituva: residência de Antônio Silvestre Leite, 2020. 1 gravador de áudio digital USB.

LIMA, Elenita Aparecida Machado de (57 anos). **Entrevista** [jul. 2018]. Entrevistador: Cleusi T. Bobato Stadler. Palmital dos Pretos/Campo Largo: residência de Elenita Aparecida machado de Lima, 2018. 1 gravador de áudio digital USB.

MAIA, Antônio Tibúrcio (86 anos). **Entrevista** [jul. 2018]. Entrevistador: Cleusi T. Bobato Stadler. Faxinal Sete de Baixo/Ponta Grossa: residência de Antônio Tibúrcio Maia, 2018. 1 gravador de áudio digital USB.

MAIA, Cacilda Inglês das Chagas (60 anos). **Entrevista** [jul. 2018]. Entrevistador: Cleusi T. Bobato Stadler. Faxinal Sete de Baixo/Ponta Grossa: residência de Alcides José Maia, 2018. 1 gravador de áudio digital USB.

MORAES, Arildo Portela (25 anos). **Entrevista** [jul. 2018]. Entrevistador: Cleusi T. Bobato Stadler. Palmital dos Pretos /Ponta Grossa: residência de Alceu do Pilar, 2018. 1 gravador de áudio digital USB.

OSTRUFK, Antônio (63 anos). **Entrevista** [set. 2019]. Entrevistador: Cleusi T. Bobato Stadler. Palmital dos Pretos /Ponta Grossa: residência de Antônio Ostrufk, 2019. 1 gravador de áudio digital USB.

SILVA, Domingas Ferreira da (93 anos). **Entrevista** [jul. 2018]. Entrevistador: Cleusi T. Bobato Stadler. Palmital dos Pretos/Campo Largo: residência de Domingas Ferreira, 2018. 1 gravador de áudio digital USB.

VIEIRA, Benjamim Marques Vieira (63 anos). **Entrevista** [set. 2019]. Entrevistador: Cleusi T. Bobato Stadler. Sete de Cima/Ponta Grossa: residência de Antônio Ostrufk, 2019. 1 gravador de áudio digital USB.

## 2. Leis

BRASIL. Decreto Presidencial nº 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007. Institui a **Política Nacional de desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm). Acesso em 20/01/2021.

BRASIL. **Lei de sementes**: Lei n. 4.727 de 13 de julho de 1965 (revogada). Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/l4727.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l4727.htm)>. Acesso em: 20/08/2019.

BRASIL. **Lei de sementes**: Lei n. 6.507 de 19 de dezembro de 1977 (revogada). Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1970-1979/L6507.htm#art11](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6507.htm#art11)>. Acesso em: 20/08/2019.

BRASIL. **Lei de sementes**: Lei n. 10.711 de 5 de agosto de 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.711.htm)>. Acesso em: 20/08/2019.

BRASIL. **Regulamentação do Sistema Nacional de Sementes e Mudas**: Decreto n.5.153 de 23 de julho de 2004. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5153.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5153.htm)>. Acesso em: 20/08/2019.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Sustentável. **Semiárido**: 600 bancos de sementes crioulas serão construídos até 2016. Disponível em <<http://www.mds.gov.br/saladeimprensa/noticias/2015/janeiro/semiarido-600-bancosde-sementes-crioulas-serao-construidos-ate-2016>>. Acesso 25/08/2019.

## APÊNDICE A – Roteiro de Questões



### ROTEIRO DE QUESTÕES


Nomes da família: \_\_\_\_\_

Município: \_\_\_\_\_


Comunidade Tradicional: \_\_\_\_\_

- 1- Como era a agricultura na época de seus pais, como faziam as roças?  
Que práticas realizavam e que sementes utilizavam?
- 2- Quais as mudanças que ocorreram na forma de produzir? O que mudou?
- 3- Como foi que conheceram as sementes híbridas, adubos químicos minerais, venenos, etc.? Vocês as utilizam?
- 4- Quais as sementes crioulas que vocês ainda têm? De onde vieram?  
Há quanto tempo mantêm estas sementes crioulas?
- 5- Como fazem para selecionar a sementes? Com quem aprenderam?
- 6- Por que mantêm as sementes crioulas? Qual a importância destas sementes?
- 7- Como avaliam o futuro para as sementes crioulas?
- 8- Quais os saberes que possuem das ervas medicinais ou temperos?


## APÊNDICE B - Selo de Identificação das Sementes Crioulas do Projeto e de Troca entre as Comunidades






*" A SEMENTE CRIOLA É UM CAMINHO QUE DESAPARECE SE NÃO REPLANTADA CONSTANTEMENTE" (Cleusi).*



**Projeto Doutorado em Geografia-PPGG-UEPG**  
SEMEANDO TERRITÓRIOS DA AGROBIODIVERSIDADE: SABERES, PRÁTICAS, POLÍTICAS DE NATUREZA EM COMUNIDADES RURAIS TRADICIONAIS DO PARANÁ. 2018-2022.



Orientanda: Cleusi T. Bobato Stadler  
Orientadores: Prof. Dr. Nicolas Floriani e Prof. Dr. Antônio Márcio Haliski  
Comunidades: Sete Saltos(Ponta Grossa), Palmital dos Pretos (Campo Largo), Guaraguaçu (Pontal do Paraná).  
Email: [cleusibobotost@gmail.com](mailto:cleusibobotost@gmail.com)



### TROCA DE SEMENTES

**GUARDIÃO:** \_\_\_\_\_

**Comunidade:** \_\_\_\_\_

**Localidade:** \_\_\_\_\_

**Ano:** \_\_\_\_\_

**Quem Reproduziu:** \_\_\_\_\_

APÊNDICE C - Exemplo de Coleta de Dados pelas Entrevistas Semiestruturadas  
 Antônio Ostrufk

**ROTEIRO DE ENTREVISTA**  
**SUJEITOS DA PESQUISA- "GUARDIÕES DAS SEMENTES"**

Município: Ponta Grossa Comunidade: Sítio Salinas de Lima

Data da entrevista:            /            /           

Nome do(a) entrevistado(a): Antônio Ostrufk, esposa de Fabiana Machado Teixeira

Idade: 65 anos

Naturalidade: Quarapuava Paraná

Quantas pessoas moram em sua casa? Números de componentes da família (que mora no local): 02 esposa eida

Quais suas respectivas idades? 47 anos

Ocupação dos filhos (se existirem): 02 filhas

Eles migram para cidade? Por quê? Sim Trabalham em empresas.

**SÓCIO-ECONÔMICO:** - Sobre o vínculo com a terra e produção:

Gostam de morar aqui? Por quê? Muito

Há quanto tempo moram aqui? 15 anos

De onde vieram? o que faziam antes de vir para cá? Imbituba Ponta Grossa Trabalhava no Sindicato

O que vocês produzem aqui? (criações e cultivos) Agri Cultura Horti frutas Tubérculos

Quais culturas são as principais, que dão mais renda? Horti frutas Tubérculos

O que é vendido? Verduras e legumes

Para quem é vendido, como? Listas individuais Direto ao Consumidor - PNAE

Que culturas são para o autoconsumo ("pro gasto")? Tudo milho feijão Verduras legumes, mandioca, batata doce

Sempre plantou essas para o autoconsumo ("pro gasto")? Sim

Você compra alimentos de fora da propriedade em mercados ou feiras? O que você compra? Arroz, feijão, sal, azeite, farinha

O que mudou de antigamente para agora no que vocês plantam? Mudou muito Tudo era

Faz trocas? Como? Sim Sementes, boxes de abelha, convencional, água coliga

Há quanto tempo exerce essas atividades? 15 anos

Usam máquinas e implementos? Não. Só manual

**SOBRE A PRODUÇÃO E USO DE INSUMOS EXTERNOS**

Usam venenos em algum cultivo? Não

E de onde vêm as sementes? Parte crioula. Parte comprada

O que acha das sementes híbridas? Não gosta

E das transgênicas? Não gosta e totalmente contra

Você usa sementes crioulas? Por quê? Sim. Pela segurança da produção e meio ambiente

Quais são as SEMENTES CRIULAS QUE VOCÊS AINDA TÊM? Milho vermelho. Feijão preto. F. Amarelo m. F. Casado Vermelho melancia Amarelo - ± 130 anos - Jo. mãe (fabia) Variedade (Grão)



Gostaria que seus filhos continuassem exercendo a(s) mesma(s) atividade(s)? Por quê? Sim, para ter uma melhor e de Agrocabo. f.o.

Você faz parte de alguma organização (cooperativa, sindicato, associação)? Qual? ASAECO

Como é a vida em comunidade? Tranquila.

Como você aprendeu a lidar com a agricultura, com as sementes crioulas e com a criação de animais? Com meu pai.

Você acha que as sementes crioulas trazem autonomia? Sim, sem dívida.

Em relação a o quê? a custo, qualidade e segurança alimentar.

Como você planeja o plantio e a colheita das sementes crioulas? Planta, armazenamento, umidade, sel em quantidade adequada. guarda na despensa, garrafa pet.

**SÓCIO-AMBIENTAL** - Sobre o vínculo com o rural e as sementes crioulas

**QUESTÕES AMBIENTAIS**

De quanto é a área em sua propriedade? 4 alqueires

E quanto é a área plantada ou com animais em cima? 1/4 e meia de planta. 25 litros.

Você tem agrofloresta? Por quê? Sim.

Que espécies de árvores você tem aqui? (frutíferas e não frutíferas, exóticas e nativas) - Lambari, manga, jaboticaba, guabiruba, pitanga, cereja preta, uvaia.

Qual a importância do mato/floresta/campo? floresta produção de madeira - flar.

Ele deve ser preservado? Por quê? Sim.

De onde vem a água que vocês usam aqui? Nascente.

E essa terra é boa? Por quê? Agua é boa. Tem que ter mais de 10% de matéria orgânica.

**1°. Roteiro: SOBRE AS SEMENTES CRIULAS**

Como você descobriu as sementes crioulas? Com a família, pai.

Como aprendeu a cultivá-las? Sabedoria - prática - teoria - conhecimento.

Quais as sementes que você mais gosta? milho - feijão.

Por que gosta mais destas? milho - queria fazer farinha.

Quais as mais fáceis de cultivar? feijão, arroz, milho.

Quais as mais difíceis? não tem, talvez a mandioca e batata doce.

Você segue as fases da lua para realizar o plantio/colheita? Por quê? para ser no plantio direto. solo compactado.

Tenta. As vezes não consegue - uma desestabilizado.

O que você faz com as sementes crioulas? (averiguar usos medicinais, espirituais, alimentação) Só para alimentação e medicinal.

**SOBRE A PRODUÇÃO DE SEMENTES CRIULAS- descrição das práticas**

Em que época você planta o milho? Como realiza o plantio? E a colheita? Setembro a Novembro - direto - quebra manual - palho em furto.

Em que época você planta o feijão? Como realiza o plantio? E a colheita? Setembro a Outubro. Colhe em janeiro. De 15/01 a 15/02.

Em que época você planta as abóboras, morangas, melancias, melões, abacaxis? Setembro / Outubro. 5ª colheita. 2ª colheita. Colho em maio.

Sindicato dos Trabalhadores Rurais do PG.  
 CETA - Centro de Estudos e Treinamento  
 em Agroecologia.

Nasceu em Guarapuava. Com 03 anos  
 veio p/ o Mato Queimado-Imbituba. Paulistas.  
 Apriaba. 08 anos começou a plantar milho,  
 feijão, abóbora, trigo, centeio, ervada,  
 arroz. Com 18 anos saiu do Roça.  
 Foi cidade. Voltou depois de 5 anos para  
 a lavoura. 1986 - foi p/ Teixeira Soares num  
 acampamento de sem-terra - casado - e/01  
 filho (Luciano). 1992 - veio p/ Ponto Grosso  
 e fazia tudo p/ consumo. Foi trabalhar num  
 projeto p/ criar Associações - **UAMPG** - União  
 das Associações de Moradores do PG. **Dai**  
 entrou nos Sindicatos - 1997 - PG. (fazia emodialise  
 renal - 1993  
 fez transplante.

1998 - começou a trabalhar e/01  
 agricultores - Itaipava no Região do Buscaia.  
 1999 - veio p/ o Mato Queimado - Sítio Sallas de Lima  
 comprou as terras do José Sarnick em 2003/04,  
 começou e/ Cida a trabalhar nas terras.



figo (mãe), faracatiã (mamão maturo),  
 umbuã, ura-mãe, araucãria, varana,  
 esperã de galo (fuda), pessegueiro bravo,  
 mimosa (mexicana), laranja, pêssego, pera,  
 ura, peroba, facarandã, leiteiro, mandurana,  
 açai, palmeira real, fucara, azeira, facai,  
 etc.

NO	CLASSIF	NO	CLASSIF	NO	CLASSIF

O presente formulário é destinado a ser preenchido pelo pesquisador, com o objetivo de registrar os dados coletados durante a pesquisa.

### SOBRE A CONSERVAÇÃO DAS SEMENTES CRIOULAS

Para você o que é conservar?

Qualidade, garantir o futuro alimentar, alimentos. Para manter a segurança alimentar.

Qual a importância da conservação das sementes crioulas para você? Por que conservá-las?

Sobre as entidades/instituições as quais você faz parte, qual o papel delas na conservação das sementes crioulas? O que eles fazem para ajudar?

Formação, orientação, ajudar sobre as genéticas e transgênicas.

O que faz com que você insista a produzir sementes crioulas? Não seria mais fácil optar pelas sementes transgênicas e híbridas?

São fracas, ameaça o meio ambiente, são caras. Transgênicas é muito ruim. Não é fato e faz mal a natureza e ao ser humano.

O que mais lhe preocupa em relação à conservação das sementes crioulas?

A vizinhança que planta transgênicos e cruza.

Como você armazena essas sementes crioulas?

Garrafa pet.

### QUAIS AS PRÁTICAS QUE MAIS UTILIZAVA OU UTILIZA COM O CULTIVO DAS SEMENTES CRIOULAS

Seijo e eiseo. Plantio na crescente e cheia para crescer - cresce mais. Minguante - não cresce muito, mas carrega muito.

QUADRO DE USOS DAS SEMENTES

VARIEDADE	USOS	FORMA DE USO	FORMA DE CONSUMO
Amarelo	Farinha	Alimentação	Alimentação
Branco	Farinha e farinha	Alimentação	Polenta - fuba

Cuculo:

Varietal/ tipo de semente

Usos/alimentação animal ou humana

Forma de uso/ Farinha / cru

Forma de consumo (polenta, bolos)

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS - DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - DOUTORADO EM GEOGRAFIA**

**Termo de consentimento livre e esclarecido (T.C.L.E.)**

Título da pesquisa: **SEMENTES CRIOULAS: SEMEANDO TERRITÓRIOS DA  
AGROBIODIVERSIDADE, PARTILHANDO SABERES, NARRANDO HISTÓRIAS, EM TRÊS  
COMUNIDADES RURAIS TRADICIONAIS DO PARANÁ**

Pesquisador responsável: Cleusi T. Bobato Stadler

Você está sendo convidado a participar da pesquisa, "Sementes Crioulas: Semeando Territórios da Agrobiodiversidade, partilhando saberes, narrando Histórias, em três comunidades rurais tradicionais do Paraná, que tem como objetivo principal, compreender a relação que determinados sujeitos – os "Guardiões das Sementes Crioulas" têm com seu território na agrobiodiversidade, no Faxinal de Sete Saltos, Quilombo Palmital dos Pretos e Guaraguaçu, e de que forma materializam, reproduzem e simbolizam essa agrobiodiversidade, dando sentido as suas territorialidades, o contexto de 2018 a 2022.

Esta pesquisa está sendo desenvolvida por meio do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Doutorado em Geografia, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), tendo como responsáveis a doutoranda Cleusi T. Bobato Stadler e o Prof. Dr. Nicolas Floriani (orientador) e Prof. Dr. Antônio Márcio Haliski (co-orientador). Ressaltamos que sua participação é voluntária e extremamente importante para o desenvolvimento desta investigação. Lembrando que nenhum nome será citado ou exposto na pesquisa sem o consentimento do entrevistado. As informações fornecidas pelos senhores nesta entrevista serão utilizadas apenas para fins acadêmicos científicos. Relembrando que a sua participação é de extrema importância. Desde já, agradecemos por sua disposição em participar.

Nome do participante: Antônio Ostrowski R.G.: 2.116.689-5

Antônio Ostrowski  
Assinatura do ENTREVISTADO

Cleusi T. Bobato Stadler  
Assinatura do Doutorando responsável pela pesquisa

Imbituva, 14 de Setembro de 2019

**APÊNDICE D - DECLARAÇÃO DE CUMPRIMENTO DE NORMAS ÉTICAS  
NA PESQUISA COM SERES HUMANOS**

Nós, abaixo assinados, declaramos que a pesquisa para o desenvolvimento da Tese intitulada: **SEMENTES CRIOULAS “UM SOPRO DE VIDA”: SEMEANDO TERRITÓRIOS DA AGROBIODIVERSIDADE, PARTILHANDO SABERES, NARRANDO HISTÓRIAS, EM TRÊS COMUNIDADES RURAIS TRADICIONAIS DO PARANÁ**, (PPGEO/UEPG) não foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, sendo que assumimos a responsabilidade pelo cumprimento de critérios éticos da pesquisa com seres humanos (Resolução nº 466/2012).

E, por ser verdade, firmamos a presente declaração.

Ponta Grossa, 30 de setembro de 2022



CLEUSI TERESINHA BOBATO STADLER

Orientanda PPGEO/UEPG



NICOLAS FLORIANI

Orientador PPGEO/UEPG



## ANEXO A – FOTOGRAFIAS DAS FONTES ORAIS E MOMENTOS DE PESQUISAS DE CAMPO.

Fonte: A Autora.

Casa de Sementes José Sarnick- 2018.



Semente de Capiá. Guaraguaçu. 2019.



Casa de Sementes Joaquim e Juvelina Leite. 2022.



Feijão Milico reproduzido por Maria Janete em 2022.



Cacilda Maia, em sua horta. 2022.



Maria Janete em Feira de Sementes da cidade de Guamiranga. 2022.



Claudiomiro Constant. Conceição Vieira Ramos Constant. Guaraguaçu/Pontal do Paraná. 2019.



Semente de Colorau (Urucum). Guaraguaçu/Pontal do Paraná. 2019.

Abacaxi nativo de Guaraguaçu. 2019.



Jesuvina Chagas Ferreira. Sete de Baixo. 2018.  
Entrevista e Diário de Campo.

Mandala de Sementes Quilombolas. 2018.







Milho Vermelho da Palha Roxa.  
Feijão Amendoim.



Ervilha Torta. 2028. Sete de Cima.

Antônio Silvestre Leite e Horta em Mandala Agroecológica. 2021.



Horta Orgânica. Acampamento de Castro. 2019



Semente de Cipó Mil Homens. Sete de Cima. 2022.





Início da Construção da Mandala de Sementes.  
08/10/2020. Antônio Silvestre Leite. Fax. Dos Galvão.



Esquema de Plantio da Mandala de Sementes. Desenho Paulo Ricardo Leite.

Banco de Sementes, pesquisadora e reprodução identificada de 28 variedades de Feijão. Fax. Dos Galvão.



Semente de Arroz. Elenita. Palmital dos Pretos. 2022.





Elenita. Palmital dos Pretos. Antônio Bernardo. Sete de Baixo. Milho no Cesto de Paiol. 2022.



Dr. Nicolas e Cleusi plantando sementes. 2019.

Feira Regional de Irati/PR. 2022. Exposição das Sementes pelo Projeto Interconexões.

